A VIDA LOUCA DA MPB

ISMAEL CANEPPELE



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Ficha Técnica

Copyright © 2015 Ismael Caneppele
Copyright © 2015 LeYa Editora Ltda.
Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19.2.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora.
Este livro foi revisado segundo o Novo Acordo Ortográfi co da Língua Portuguesa.
Preparação: Fernanda Mello
Revisão: Nina Lopes
Capa e ilustração: Rafael Nobre | Babilonia Cultura Editorial
CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ
C219v
Caneppele, Ismael
A vida louca da MPB / Ismael Caneppele. - 1. ed. - São Paulo : Leya, 2015.
ISBN 9788544102688
1. Música popular - Brasil - História e crítica. 2. Música popular -
Brasil - Humor, sátira, etc. I. Título.
15-26036 CDD: 784.500981
CDU: 78.067.26(81)
Todos os direitos reservados à
LEYA EDITORA LTDA.
Av. Angélica, 2318 – 13º andar
01228-200 – São Paulo – SP
www.leya.com.br

SEXO, DROGAS, MPB E ILUMINAÇÕES

Das formas mais diversas e por diferentes motivos, a heterogênea constelação da MPB, com estrelas (e alguns cometas) que vão dos anos 1930 aos 2000, teve vida louca. Vidas muito loucas e, quase sempre, abreviadas por mortes precoces. Personagens reais, que agora se encontram neste livro principalmente pelas carreiras brilhantes, atuações e obras que inspiram tantas outras vidas.

Em meio ao turbilhão de emoções, pressões, turbinados/detonados por drogas (legais e ilícitas), enfrentando preconceitos, amando e sofrendo muito, quebrando barreiras, esses dezessete artistas viveram intensamente, fundaram escolas, revolucionaram estilos, encantaram multidões e continuam sendo referência para qualquer um interessado na diversificada música popular brasileira.

São histórias, muitas com mais de uma versão na cada vez maior bibliografia musical brasileira, recontadas a partir de uma perspectiva distanciada, sem dourar as pílulas ou esconder os vexames.

Podem mudar as estações, as modas e as tecnologias, mas a essência complexa do ser humano continua a mesma, como mostra nesta obra o jovem escritor (e, tudo embaralhado, ator, roteirista, músico) Ismael Caneppele. Gaúcho cosmopolita, no início do século XXI, entrando em seus vinte anos, trocou a Lajeado natal por uma vaga numa peça que Gerald Thomas montava em São Paulo. Uma década e meia depois, novamente baseado no Rio Grande do Sul após temporadas em São Paulo e Berlim, ele roda o mundo, fisicamente e/ou através da carreira. Entre outros feitos, publicou quatro livros de ficção, textos em blogs e colunas na grande imprensa e foi roteirista (além de um dos protagonistas) do longa-metragem *Os famosos e os duendes da morte* (lançado em 2009, vencedor de dez prêmios no Brasil e no mundo, dirigido por Esmir Filho).

Desafiado a perfilar esses vidas-loucas, Ismael tanto mergulhou na história de algumas personalidades que fizeram a trilha de sua adolescência e juventude – contemporâneos como Cássia Eller, Renato Russo, Cazuza e Itamar Assumpção – quanto foi atrás de gente da qual tinha menos referências,

algumas vagas ou caricatas. Da hollywoodiana Carmen Miranda ao playboy assexuado carioca Mario Reis, passando pela antitética soturna e iluminada Maysa, pelo múltiplo e contraditório Vinicius de Moraes, pelo sambista protopunk Noel Rosa, pelo sambista-blues Nelson Cavaquinho, pelo fenomenal cantor e lamentável aliado da ditadura militar Wilson Simonal…

O retrato desses artistas, segundo Ismael, não cai na apologia da loucura pela loucura, sequer investe na condenação. Para o caso da droga, por exemplo, vale o ditado popular de que a diferença entre o remédio e o veneno está na dose. Seja legal ou ilegal, o segredo é saber usar. Tim Maia foi um que, definitivamente, nunca soube. Mas esse exemplo ruim até para usuários, irresponsável, doidão sem limites, sempre exagerando na dose e que poderia ter virado número nos índices de deliquência juvenil antes de começar a criar tão intensa e musicalmente, não é maior do que o artista. Estamos falando dele porque brilhou como o primeiro brasileiro a fundir samba e baião com o soul e o funk dos negros norte-americanos. De Racionais MCs a Criolo ou Emicida, não há quem esteja fora de seu raio de influência. Como Cazuza no pop brasileiro, que de mais uma dose de tudo, claro, sempre esteve a fim, até que seu trajeto cada vez mais ousado na arte e na vida foi podado pela aids. Aos 32 anos, o autodenominado Exagerado foi uma das vítimas da “tuberculose do fim do século XX”, numa possível conexão com Noel, que, nos anos 1930, ainda sem a penicilina, teve sua “peste cinzenta” potencializada pelo cotidiano de orgias.

No entanto, muito além desse paralelo natural e mórbido, Noel e Cazuza devem ser reverenciados como agudos cronistas de suas realidades, levando a poesia das ruas para as canções. Noel emburacou em noitadas regadas a muito álcool, alguma cocaína (que até ser proibida no Brasil em 1921 era vendida como remédio) e muito samba. Ou melhor, foi um dos inventores do samba urbano carioca, feito que, em outra quebra de paradigmas, ocorreu graças ao estreito convívio com artistas afro-brasileiros como Cartola e Ismael Silva. Algo impensável para um jovem da classe média branca no Rio de Janeiro daqueles tempos. Como estamos cansados de saber, a combinação de tuberculose e compromisso zero com uma vida regrada transformaram o Poeta da Vila no precoce (aos 26) precursor do Clube dos 27 – que reúne os roqueiros mortos nessa idade, numa lista que inclui Brian Jones, Jimi Hendrix, Janis Joplin, Jim Morrison, Kurt Cobain e Amy Winehouse.

Sob a ótica da política de guerra às drogas (cada vez mais contestada no mundo contemporâneo), Cazuza, Tim Maia, Renato Russo, Júlio Barroso e

Raul Seixas estariam entre as típicas vítimas do tráfico. Mas, para todos eles, o abuso do legalizado álcool teve papel tão ou mais nocivo. Já a partir do Poetinha, que, imerso no uísque e similares, muito viveu, amou e criou: “O melhor amigo do homem, o cachorro engarrafado”, segundo a máxima de Vinicius, também fez muitos estragos.

Limpa, e careta até para o álcool nos primeiros anos de sucesso, Carmen Miranda é um exemplo de como a medicina usada sem critérios pode ser letal. Já nos Estados Unidos, no auge do estrelato, quando se tornou a artista mais bem-paga do mundo, a fim de suportar o volume de trabalho a Pequena Notável passou a viver movida a drogas legais. Era remédio para dormir, acordar, emagrecer ou ter apetite, prender ou soltar o intestino, numa rotina macabra que antecipou em décadas a similar dependência e degeneração física que abreviou a vida louca de Elvis Presley e Michael Jackson. Por sinal, Carmen foi o primeiro caso de “*impersonator*” na cultura pop, fenômeno que depois prosseguiu com os mesmos The Pelvis (em sua fase final e mais caricata) e Jacko. Como Ismael escreve, revolucionária em muitos aspectos de sua carreira, atropelando preconceitos raciais e sexuais, Carmen continua viva em sua obra ou na pele de milhares de drag queens ao redor do mundo.

No campo do comportamento, outras três mulheres escaladas neste livro romperam muitos tabus. Dondoca destinada a viver sufocada no luxo de um casamento infeliz, a adolescente Maysa chutou o balde (e o sobrenome pseudo-aristocrático) para se firmar como a fabulosa intérprete imortalizada em disco. E ainda, quebrando um hiato de décadas, despontar como uma das grandes compositoras populares do Brasil. Mesmo tendo Chiquinha Gonzaga como pioneira – “Ô abre alas”, lançada em 1899, literalmente abriu caminho para as marchinhas carnavalescas –, só nos anos 1950, com o surgimento de Maysa, a canção popular brasileira ganhou nova compositora de sucesso e relevância. Para aguentar o tranco e se adequar aos padrões do *star system*, entornou quantidades industriais de droga legal, ingeriu infinitas pílulas nos 50 tons de tarjas pretas, abusou de remédios de emagrecimento e cirurgias.

Outra vítima de uma sociedade pra lá de machista, Dalva de Oliveira rompeu com o marido infiel (e parceiro nos palcos e estúdios) para cair na boca do povo. Roupa suja lavada em público através de muitas canções feitas sob medida para ela e contestadas pelas do ex, Herivelto Martins, antecipando para o bem e para o mal nossa época de *reality shows*. Escândalo e arte caminhando juntos, regados a porres e ressacas sem fim.

Mesmo vivendo numa sociedade bem mais aberta, na qual pôde assumir sem

véus a homossexualidade, Cássia Eller também não segurou a barra. Em dezembro de 2001, apesar do sucesso comercial e artístico, o coração frágil de nascença parou de bater, em parte devido a tantos abusos químicos e pressões emocionais. Mas seu exemplo de vida e arte só cresce desde então. A vitória de sua companheira, Eugênia, na disputa pela guarda definitiva do filho natural de Cássia com o avô materno do garoto criou jurisprudência para casos similares. Chicão foi criado pela mãe afetiva, reforçando os anseios de tantos casais homossexuais.

Drogas legais ou ilegais não foram o maior problema na vida de Itamar Assumpção. Ele sofreu mais com preconceito racial, que, cotidianamente, destrói o mito do homem cordial brasileiro, e com a rejeição do mercado à sua revolucionária música. Uma arte que, como acontece nesses casos, desde sua morte por câncer em 2003, não para de ser admirada. Talvez, como Ismael relata, a maior loucura do Nego Dito tenha sido a última década de vida, cercado da mulher e das filhas numa casa na periferia de São Paulo onde, além da música, cultivava inocentes e belas orquídeas.

Vale destacar ainda o foco que Ismael dá para personagens que tiveram sucesso restrito na vida, mas foram influências decisivas para seus contemporâneos e continuam sendo redescobertos pelas novas gerações. Cometas que deixaram rastros luminosos. Entre eles, Sérgio Sampaio, o capixaba que botou seu bloco em todo o Brasil, e o carioca planetário Júlio Barroso, que se perdeu de sua Gang 90 na selva de Sampa.

Mas chega de *spoilers*.

É hora de mergulhar nessas vidas loucas e apaixonantes!

Antônio Carlos Miguel, crítico musical, jornalista e poeta.

APRESENTAÇÃO

Entre muitos comentários e olhares sobre a música popular brasileira, poucos atentam especificamente à loucura de suas histórias. Nesse contexto, a trajetória das adições é convenientemente apagada, ou naturalmente esquecida. Temas focados no desenvolvimento específico dos vícios são raríssimos, por mais que, em vida, porres, escândalos e quedas tenham rendido farto material para a construção de mitos.

A ousadia de se debruçar sobre o lado escuro da vida na música brasileira partiu de Nelson Motta. Foi ele quem, preciso como Juliet Taylor, elencou essas dezessete figuras, misturando medalhões e malditos, todos gênios, para traçar um panorama etílico da música popular brasileira moderna. Nunca mortos em vida, mas todos ainda vivos depois de mortos. A *zombie walk* da MPB. Dezessete figuras que não contemplaram qualquer barreira entre a música e o vício, que mergulharam de cabeça na vida e perpetuaram um testemunho tatuado em cifras que ainda não desapareceram de nossos ouvidos, mesmo depois de mortos.

Mergulhei nessas vidas por meio de consultas a biografias, teses acadêmicas, revistas de fofoca, programas de rádio, histórias de ouvido, notas de jornais, vídeos no YouTube, e por aí vai. Investiguei um ponto de repetição. Uma mesma nota na polifonia dessas vozes. Haverá um lugar – ou um devir – onde todas essas vidas loucas se encontram? Além de geniais, são todos etílicos. Todos bebendo o último copo, talvez já sabendo que o último copo será sempre o próximo. Nessas vidas loucas, permanece a fuga arquitetada a partir da bombástica combinação entre bebida e talento.

Apesar da quantidade de pó, heroínas pontuais e caixas e mais caixas de comprimidos, o que persevera neles é o fascínio pelo álcool. Todos fizeram questão de escolher o mais traiçoeiro dos cavalos.

Impossível dizer quem venceu a batalha, se o homem ou o bicho. Mas quem mais saiu ganhando foi, sem dúvida, a música. E nossos ouvidos.

Gênios, fixaram novos paradigmas na cultura brasileira. Todos inventaram um novo jeito de cantar: o seu. Mergulhar nessas vivências é acompanhar o processo de luz, sempre com uma atenção especial às sombras. Escrever este

livro foi catalogar, a partir de uma farta produção já realizada, a hora em que a luz se apaga, o microfone é desligado e DO NOT DISTURB é colocado na porta. Mais do que a dor, fica a delícia dessas dezessete vidas, dessas dezessete obras fundamentais para se entender e pensar o Brasil a partir da sua música e dor.

Meu agradecimento especial vai ao amigo Antônio Carlos Miguel, que teve a ousadia de me colocar nesse lugar e a generosidade de acompanhar a escrita. Se Vinicius estava mesmo certo quando disse que “a vida é a arte do encontro, embora haja tanto desencontro pela vida”, encontrar Antônio Carlos e, através dele, Maria João Costa e Martha Ribas, foi a confirmação da frase do poeta.

Aos leitores, que leiam sem moderação.

CARMEN MIRANDA



Mais de cem anos após seu nascimento, em 1909, essa falsa baiana continua viva no imaginário popular. Em algum lugar do mundo, exatamente agora, deve haver uma bicha velha ou um *little monster* imitando Carmen Miranda em frente ao espelho. Ícone da cultura pop, sua persona abriu caminho para Elvis Presley, Michael Jackson, Madonna e, obviamente, Lady Gaga. Todos são suas crias. Primeira referência musical brasileira a rodar o planeta, Carmen foi também um ícone fashion. Praticamente inventou o salto plataforma, e além de popularizar o uso dos turbantes e da maquiagem pesada entre as recatadas *it girls* norte-americanas. Tornou-se um meme muito antes de o termo existir. Quase uma *drag queen*, o visual que ela mesma criou, e muitas vezes costurou, a transformou em um valioso produto de exportação.

Mas essa figura caricata e ao mesmo tempo genuína sempre dividiu os brasileiros, que até hoje vivem uma relação de amor e ódio com sua maior estrela. Carmen pode ser encarada tanto como um símbolo de afirmação e liberação da mulher quanto de submissão. Apesar de jamais ter esboçado qualquer opinião política, foi usada como instrumento de propaganda pelo Estado Novo e pela Política da Boa Vizinhança. Assim como Elvis e Michael, a pop star passou os últimos anos de vida dependente das anfetaminas para manter o pique, e dos soníferos para conseguir apagar. Morreu intoxicada. Todos os dias, sete dias por semana, Carmen trabalhava e também se drogava. Com supervisão médica, foi vítima da emergente indústria farmacêutica.

Pouco a pouco, a criatura sufoca a criadora. A fantasia brejeira e sacana de baiana estilizada se torna uma prisão estética. Filme após filme, show após show, repete *ad nauseam* as mesmas piadas. Apesar de perfeitamente inserida na sociedade norte-americana, diante das câmeras persiste a personagem da imigrante recém-chegada, deslumbrada com o mundo novo, mas incapaz de falar inglês. Os anos avançam, e ela insiste no mesmo. Figurinos, gestual, maquiagem. Nada muda. Ainda assim, ou talvez por isso, o mito sobrevive.

* * *

Portuguesa de nascença, Maria do Carmo Miranda da Cunha chega ao Rio de Janeiro com apenas um ano, em 1910. A mãe, abandonada pelo marido que

partiu para a América em busca de uma vida melhor, pega as duas filhas pequenas, Carmen e Olinda, e embarca rumo ao Brasil. Disposta a reunir a família, retoma o casamento e dá luz a nada menos do que seis crianças. O pai, seu José Maria, precisa se virar trabalhando como barbeiro. Dona Maria Emília, constantemente grávida, lava roupas para a vizinhança da Lapa.

Em 1925, no centro do Rio, o enorme casarão onde a família mora se transforma durante o dia em um restaurante que serve refeições para os trabalhadores da região. Carmen tem 16 anos, atende as mesas e ajuda na cozinha. Quer fazer sucesso, mas ainda não sabe como. Logo cedo, seguindo os passos da irmã mais velha, começa a trabalhar em um ateliê de costura e toma contato com o maravilhoso mundo das linhas, tecidos e bordados. É um universo do qual jamais se afastará, desenhando e, muitas vezes, costurando os próprios figurinos. Depois, troca o ateliê pelo emprego de balconista na luxuosa loja A Principal, voltada ao comércio de artigos finos para cavalheiros endinheirados.

Nessa época, a Fox do Brasil anuncia um concurso para eleger uma atriz e um ator brasileiros que ganharão contrato com Hollywood. Carmen, aos 18 anos, se inscreve, mas é desclassificada logo na primeira eliminatória. Seu rosto não tem o perfil roliço procurado pelos produtores. Também tenta uma vaga no filme *Barro humano*, dos cineastas Adhemar Gonzaga e Paulo Benedetti, novamente sem sucesso. Relatos da época contam sobre uma moça habituada às grossas camadas de maquiagem para esconder as espinhas.

A jovem e obstinada Carmen Miranda consegue um teste com o respeitado compositor Josué de Barros. Munida de audácia, canta para o próprio autor a música “Chora violão”, e Josué fica deslumbrado com a pequena. O sambista conquista o pai de Carmen e obtém o aval para ser seu tutor artístico. A partir de então, quase todas as manhãs, no porão do restaurante, Carmen e Josué ensaiarão exaustivamente. Depois, se sentarão à mesa com o patriarca, com quem almoçarão e discutirão os planos artísticos.

A parceria dá samba. Carmen logo fecha contrato com a recém-chegada gravadora alemã Brunswick, pela qual grava duas canções de Josué, “Não vá simbora” e “Se o samba é moda”. O disco de 78 rotações acaba não saindo, e o tutor bate à porta da RCA Victor. Com ajuda de Pixinguinha, funcionário da gravadora, Carmen Miranda emplaca um novo contrato, assinado pelo pai, já que ela ainda não completou 21 anos. Na divulgação, omitem sua nacionalidade portuguesa para evitar comparações com as cantoras de fado.

Em janeiro de 1930, a RCA lança seu primeiro disco e, ainda naquele mês,

Carmen retorna aos estúdios, gravando duas canções para o Carnaval. Entre elas, seu primeiro grande sucesso popular, “Taí”, de Joubert de Carvalho. Nas ruas do Rio, todos cantam a marchinha, que toca à exaustão nas rádios do Brasil. Pelo feito, a pequena recebe a enorme quantia de catorze contos de réis. O ano de 1930 será fechado com chave de ouro. Com mais de 28 músicas gravadas na RCA em apenas um ano de carreira, já recebe, ao lado do consagrado cantor Francisco Alves, o maior cachê do país. Carmen Miranda é um fenômeno. Não consegue dar conta dos pedidos de apresentações, fotos, reportagens e eventos. Quando perguntada sobre sua origem, decide não manter a mentira inventada pela gravadora e revela ser portuguesa. A declaração em nada abala a reputação da personalidade mais amada do Brasil.

Em 1931, um baque. A morte de Olinda, a irmã mais velha e seu modelo de conduta. A estrela desce ao inferno, cogita abandonar a carreira, mas é salva pela vontade de brilhar. Após três meses de luto, a Pequena estreia fora do Brasil, numa temporada em Buenos Aires. Sua vivacidade fora do comum remetia à cocaína, um tônico vendido nas farmácias até pouco tempo atrás e muito usado pelos artistas da época. Diferentemente de hoje, em que o pó vem acompanhado de todo um estigma, nos anos 1930 ele não era visto com tanto pudor. Mas, não, Carmen não cheirava, não fumava nem bebia. Ainda não tomava remédios. Estava limpa. Sua energia vinha unicamente da obstinada vontade de fazer sucesso.

Carmen era baixinha. Media 1,52. Em terra de mulatas, quase desaparecia.

Mas o palco que ela deseja é ocupado pelos que sabem ser grandes. Em 1934, aos 25 anos, a pequena vai ao sapateiro levando consigo o esboço de um sapato que, inspirado nos aparelhos ortopédicos, teria o poder de torná-la mais alta, sem o desequilíbrio e o incômodo provocados pelo salto agulha. Ela se apresenta em cima daquele estranho instrumento, antecipando o que Marilyn Manson faria seis décadas depois, ao glamorizar as vestes cirúrgicas. Graças à ousadia de Carmen, o salto plataforma se torna um clássico.

Encantada, continua a reinvenção do próprio visual, e enrola um pano em volta da cabeça, escondendo os cabelos castanhos claros. A pequena se torna longilínea. Notável. A primeira aparição desse novo visual é registrada no palco do Teatro Broadway, em Buenos Aires. Longe de casa, distante de seus conhecidos, ousa sem medo. É nessa mesma viagem que estreia ao lado do Bando da Lua. Justamente esses três elementos – Bando da Lua, uso de turbante e de sapatos plataforma – serão sua marca registrada. É importante ressaltar que, nessa fase inicial, sua cabeça ainda não carrega todos os

balangandãs que farão dela um ícone pop. A profusão de frutas e enfeites de plástico, coloridos e brilhantes, ainda espera para explodir.

Jovem, inteligente, linda e milionária, a moça é assediada de todos os lados. Carmen tem uma qualidade de estrela até então inédita no Brasil da primeira metade do século passado. A artista é um conjunto, não apenas uma cantora. Atua, canta, dança e inventa moda. No campo amoroso, envolve-se com alguns playboys, mas nenhum romance avança. Não tem tempo para isso.

* * *

O palco do Cassino da Urca é o Olimpo da música brasileira. Elegantérrimo, atrai endinheirados, cantores, atores e esportistas do mundo todo. Com o compromisso de realizar duas apresentações por noite e de não repetir o figurino vez alguma ao mês, Carmen fecha um voluptuoso contrato. Seu salário mensal gira em torno de trinta contos de réis. Somem-se a isso a venda de discos, incontáveis shows e campanhas publicitárias, Carmen já movimenta uma fortuna impensável para uma garota de sua idade.

A estreia no Cassino da Urca é arrebatadora. O lugar, que já era disputado, passa a atrair ainda mais personalidades, todas sedentas pela baixinha de gestos e olhos expressivos. Grandes nomes internacionais se comportam como verdadeiros fãs da portuguesa. Boquiabertos, fazem de tudo para desfrutar de sua companhia – nada pode dar mais status do que ter Carmen Miranda sentada em sua mesa após o show. Não são poucos os convites recebidos para brilhar nos Estados Unidos, mas ela esnoba todos.

Carmen já não é mais a única estrela da família. Aurora, sua irmã mais nova, também faz sucesso, cantando no rádio e gravando discos. Apesar de a imprensa alimentar uma possível disputa, as duas se dão muito bem, a ponto de juntarem as fortunas para comprar uma mansão na Urca onde abrigam a enorme família.

É para essa nova casa que, em outubro de 1938, Dorival Caymmi, então recém-chegado de Salvador, será levado. Em meio às filmagens de *Banana da terra*, os produtores enfrentam um impasse. Ary Barroso, compositor contratado para as canções da trilha, pede um valor alto demais pela cessão de na “Na Baixa do Sapateiro”. É quando alguém se lembra daquele jovem que já mostrava um samba dengoso nas rádios cariocas, “O que é que a baiana tem?”. Para a criação do figurino de baiana, Caymmi acompanha a cantora pelas lojas de Carnaval no centro do Rio. Carmen se sente livre para criar uma figura totalmente diferente. Torna-se carnavalesca. Autêntica, veste uma nova fantasia

sem deixar de ser ela mesma. A baiana de Carmen não é um personagem, mas o aprimoramento da própria persona.

Dorival Caymmi adora o clima e acompanha as filmagens de *Banana da terra*. Colado à câmera, o compositor ensina Carmen a ser baiana. É ele quem conduz a coreografia das mãos e as piscadelas, contribuindo para o nascimento de uma Carmen louca, colorida, brilhante, com ainda caras e bocas. Seus turbantes florescem, frutificam, explodem na tela. Nasce um ícone gay que será copiado, reverenciado e parodiado em todo o mundo.

Terminado o filme, Carmen se apropria da figura da baiana e a incorpora a seus shows. Coberta de frutas de plástico, miçangas, babados e lantejoulas, ainda equilibrada sobre um enorme par de plataformas, chama a atenção de todos, especialmente dos estrangeiros, sedentos por algo típico ou exoticamente brasileiro. Carmen é um banquete.

Em fevereiro de 1939, junto do lançamento de *Banana da terra*, Carmen completa 30 anos. Lee Shubert, um poderoso empresário norte-americano de teatro, assiste à eletrizante performance no Cassino da Urca. Apesar de não compreenderem as letras, o produtor e sua acompanhante, Sonja Henie, atriz de Hollywood e patinadora tricampeã olímpica, estão fascinados. À frente de uma gigantesca rede de teatros nos Estados Unidos e na Inglaterra, Shubert é um rato do showbiz, sabe tirar vantagem dos artistas que contrata e tem faro para o sucesso – faro que não irá falhar diante de Carmen.

A notícia de que Carmen Miranda irá para os Estados Unidos gera comoção nacional. O Brasil teme perdê-la para sempre. Talvez antecipando inconscientemente a falta que a estrela fará, a despedida ganha ares trágicos, com a cidade aos prantos. A chegada de Carmen ao navio *Uruguay* é acompanhada por uma população ensandecida, que invade a Zona Portuária para se despedir. O futuro nos Estados Unidos é absolutamente incerto. Assim como no primeiro ano de vida, quando atravessou um oceano para chegar ao Brasil, mais uma vez ela partia rumo a mares desconhecidos.

* * *

Durante a viagem, Carmen presta atenção nas norte-americanas a bordo e nota que quase todas são loiras. Disposta a ser diferente, pinta os cabelos de preto e transforma-se, assim, numa autêntica morena carioca. Ou numa falsa baiana. Sabe que precisa se diferenciar quando chegar à Broadway.

No desembarque nos Estados Unidos, a primeira surpresa: Manhattan a recebe com uma multidão de fotógrafos. Na entrevista coletiva, quando

perguntada sobre as palavras que sabe falar em inglês, dispara certeira: *"I say money, money, money, money!"* A empatia é imediata. Já no porto de Nova York, assim que pisa em solo norte-americano, nasce a Carmen Miranda comediante, personagem que assumirá a partir de então.

Seu musical de estreia na Broadway, *Streets of Paris*, é detonado pelos críticos, unânimes em apontar a única exceção: a participação deslumbrante da jovem brasileira. Na segunda semana em cartaz, o nome de Carmen, que estava listado em qualquer outro lugar no outdoor, passa a encabeçar o elenco. É quando nasce a alcunha por meio da qual será reconhecida mundialmente: *The Brazilian Bombshell* (A Granada Brasileira). Cantando e dançando de um jeito único, com roupas que nenhum ser humano em sã consciência teria coragem de usar, Carmen é um prato cheio. Figura que mistura fantasia com realidade, esse personagem que se confunde com a pessoa é a gênese de uma escola no showbiz que se mantém até nossos dias. Antes de Michael Jackson, Madonna e Elvis Presley, houve Carmen Miranda para ensinar como se faz.

A imagem da cantora começa a pipocar nas capas das grandes publicações norte-americanas. Na indústria de celebridades, o óbvio vem à tona: Carmen e Aloysio de Oliveira são um casal. Contudo, ser vista com um brasileiro pode fechar muitas portas. Para ser desejada, precisa ser acessível. Ter um namorado, justamente no momento em que começa a despertar a paixão de uma nação, é tudo de que não precisa.

Antes de encerrar a temporada na Broadway, a 20th Century Fox oferece à cantora e ao Bando um contrato em Hollywood. Mas, em função do sucesso de *Streets of Paris*, Carmen não pode viajar a Los Angeles para filmar. Assim, no começo de 1940, o estúdio transfere a produção de *Serenata tropical* para Nova York. Os norte-americanos estão aos pés da Pequena Notável, e Hollywood não pode perder tempo. Todos querem faturar com a brasileira. Sua presença é sinônimo de *money, money, money*. Carmen trabalha exaustivamente, e Shubert fatura alto.

* * *

Paralelamente ao filme e à peça, Carmen e o Bando da Lua cumprem uma exaustiva temporada de duas apresentações por noite num sofisticado restaurante de Manhattan. Aos poucos, a euforia passa e o corpo da estrela começa a dar sinais de cansaço. A praia da Urca, a brisa quente do Rio, o papo entre amigos, a vida familiar, o clima descontraído de um país sem indústria cultural feroz – tudo isso ficou para trás. Carmen agora é uma máquina e, como

tal, deve funcionar para produzir, mas precisa de energia para isso.

O sucesso é tanto que até mesmo as vitrines da popular loja de departamentos Saks, na Quinta Avenida, exibem manequins vestidas como a *it girl* Carmen Miranda. Uma farta linha de bijuterias inspiradas em seus balangandãs invade as lojas de uma costa à outra do país. As garotas norte-americanas querem imitar a latina. Seus turbantes são objeto de desejo entre as modernas. Todas se equilibram sobre plataformas. Os produtos são até pirateados, atestando ainda mais seu sucesso. Carmen Miranda é garota-propaganda da Ford, da pasta dental Kolynos, de marcas de cerveja e até de um curso de inglês. Na Decca, uma das principais gravadoras da época, grava de uma só vez seis canções: “Mamãe eu quero”, “Bambu bambu”, “O que é que a baiana tem?”, “South american way”, “Marchinha do grande galo” e “Touradas em Madri”.

Estressada, perde peso e desmaia durante as filmagens de *Serenata tropical*. É quando aparece a fórmula mágica. Antes que sucumba ao cansaço e faça a engrenagem à sua volta perder dinheiro, é apresentada à benzedrina, droga bastante popular no meio artístico norte-americano. Carmen, que jamais tinha experimentado qualquer aditivo, turbina o organismo com doses cavalares de motivação. Está deslumbrada com os efeitos dos químicos. Sente nascer uma nova mulher, mais segura, focada e cheia de energia. Onipotente, é capaz de tudo. Não só ela, mas o Bando da Lua inteiro começa a usar as bolinhas mágicas. Doidões, cantam e dançam. Os norte-americanos deliram. Para contrabalançar os efeitos e conseguir apagar depois dos shows, usa os poderosos soníferos Nembutal e Seconal. Assim como o cantor Michael Jackson faria anos mais tarde, a estrela aspira a dormir. E a sonhar.

Em junho de 1940, Carmen retorna ao Brasil para uma temporada de descanso. A chegada também causa enorme comoção. Uma multidão a espera no porto. Políticos, autoridades, amigos, familiares e jornalistas. Muitos jornalistas. Policiais tentam conter o tumulto, mas a então capital federal para. Flores são jogadas das janelas dos edifícios por onde passa o cortejo da estrela. Chegando em casa, na Urca, a polícia é obrigada a cercar a propriedade, para que a população não invada. Nos dias seguintes, Carmen Miranda recebe a visita de seus compositores e amigos. Precisa descansar, mas não consegue, a excitação é maior.

Se trouxe a mágica benzedrina na bolsa? É possível que sim.

* * *

Carmen é convidada a retornar ao Cassino da Urca para um evento beneficente envolvendo aliados do governo Getúlio Vargas. Quando surge no palco, cumprimenta a plateia com um estranho *"Good night people"*, e abre a apresentação cantando "South american way" e "Disseram que eu voltei americanizada". Mas a audiência está gélida, e assim prossegue. O cassino está tomado por políticos sisudos ligados ao Estado Novo. Aos prantos, Carmen deixa o palco em meio ao show. Não sabe que o Brasil, cada vez mais aliado à Alemanha nazista, vê os Estados Unidos como inimigo crescente. Carmen representa o sucesso norte-americano, e acaba por levantar suspeitas na plateia formada por grandes figurões nacionalistas. Em outubro, desiludida e abalada, retorna aos Estados Unidos levando a mãe e dois irmãos, Odila e Mocotó.

A produção do segundo filme em Hollywood, *Uma noite no Rio*, tem início. Logo a força de vontade de Carmen chama atenção. Ligadona, mesmo tendo que vestir pesados figurinos, está sempre disposta para o trabalho. Será a benzedrina fazendo efeito mais uma vez? Pontualíssima, é sempre a primeira a chegar. O diretor Irving Cummings a apelida de *one take girl*, por jamais errar em frente às câmeras. Sem falar inglês, estuda a sonoridade de cada frase antes de repeti-la em cena. Além disso, com dificuldade para seguir uma coreografia preestabelecida, pois nunca estudara dança, pede ao diretor que a deixe livre.

É Carmen quem rouba a cena na festa do Oscar de 1941. Logo depois, com apenas um filme lançado, deixa sua marca na Calçada da Fama, em Hollywood. Sua performance é parodiada e imitada ao redor do mundo, para os mais diversos fins.

Tudo vai bem. Ela está ambientada ao clima quente da Califórnia, e sofre sempre que precisa retornar à fria Nova York. Em Manhattan, ainda ligada a Shubert, deve cumprir a temporada de *Sons o' fun*. Além dos ensaios, o empresário fecha dois shows por noite durante três meses, antes da estreia na Broadway. Anfetaminas e soníferos precisam ser consumidos mais do que nunca. Carmen segura firme, mas o Bando da Lua não aguenta o pique. Hélio e Vadeco abandonam o grupo e retornam ao Brasil. Da formação original, restam apenas três.

* * *

Finalmente, Carmen rompe com Shubert e assina um contrato de exclusividade com a Fox, prevendo dois filmes por ano. Apesar de estar menos sobrecarregada profissionalmente, seu corpo segue dependendo da mesma quantidade de remédios. Importante lembrar que, na época, a indústria

farmacêutica era uma atividade recente, e pouco se sabia sobre os efeitos colaterais provocados por tantos químicos. Na Hollywood dos anos 1940, a única certeza era a de que a vida devia ser curtida sob o efeito constante de alguma droga.

Carmen volta à Costa Oeste para gravar *Minha secretária brasileira*. Enfim aparece sem as plataformas, balangandãs ou turbantes. Decidida a viver na Califórnia, compra uma casa em Beverly Hills, onde mora com a mãe, Aurora e o cunhado. Num quarto no andar de baixo fica Aloysio, seu *affaire*. Carmen é profundamente ligada ao rapaz. Os dois chegaram juntos aos Estados Unidos e venceram longe de casa. Mas antes que o casal pudesse assumir o romance, Walt Disney contrata o brasileiro como seu assessor pessoal para projetos latino-americanos. Aloysio deixa o Bando, a casa e a vida de Carmen. Após cinco anos juntos, ela sofre a primeira solidão. Logo em seguida, o rapaz se casa e tem um filho com outra mulher. Carmen amarga a perda de mais um amor. Seu corpo clama por filhos. Deseja seguir os passos da irmã, Aurora, e constituir uma família. Está cansada de ser só, de ser apenas uma cifra, um nome brilhante no disputado *casting* de Hollywood. Ou um corpo que só sabe dançar sob o efeito de algum poderoso excitante. Seus sonhos se transformam, sem que haja indícios de que serão realizados.

Enquanto isso, no Brasil, Carmen é ridicularizada até mesmo pelos jornalistas de quem acreditava ser amiga. A crítica esculhamba praticamente todas as suas produções. Mesmo a distância, lê tudo o que sai a seu respeito. Não entende como pode ser tão hostilizada na própria casa. Não compreende o motivo de tanto desprezo. Porém, o que mais a incomoda agora é seu nariz. Em 1943, aos 34 anos, escondida da mãe e da irmã, submete-se a uma desastrosa cirurgia plástica.

A operação, rudimentar, é feita em casa. A cicatrização é lenta. Para piorar ainda mais o quadro, Carmen precisa filmar *Entre a loura e a morena (The gang's all here)*. Às custas de uma prótese artificial, ostenta um nariz perfeito, feito de cerâmica. O filme é um sucesso, talvez o ponto alto de sua carreira, mas Carmen Miranda está perdida. Quando terminam as filmagens, volta a operar o nariz. A prótese serve para a tela, não para a vida. A cirurgia, aparentemente simples, acaba gerando sérias complicações. O fígado sofre uma grave infecção, combatida com doses cavalares de antibióticos e transfusões de sangue. Suas chances de vida são mínimas. Carmen passa semanas à beira da morte. Os executivos da Fox se preparam para o pior.

Passado algum tempo, Carmen se recupera e volta para casa. O fato é

abafado na imprensa. Meses depois, retorna aos estúdios atuando em *Quatro moças num Jeep*. Terminadas as filmagens, volta à mesa de cirurgia para uma terceira intervenção nasal. Assim como Michael Jackson anos depois, ostentar um nariz finíssimo é sua maior obsessão.

* * *

Após essa passagem, Carmen começa a enfrentar dificuldades para ser encaixada nas novas tramas da Fox. Sua figura ficou datada. Já não exala mais a mesma juventude. Tornou-se uma senhora, mas ainda não sabe se comportar como tal. Seu coração apresenta problemas. Uma forte arritmia a deixa preocupada. Os médicos receitam descanso, mas tudo o que ela faz é abusar de soníferos e estimulantes. Escapando da vigilância, cria uma rede de profissionais que podem lhe oferecer todas as receitas médicas necessárias. Disposta a melhorar a saúde, torna-se fumante. As campanhas de cigarro vendem o vício como um excelente tônico para os pulmões. Fumar faz bem. Influenciada pela filha, até mesmo dona Maria decide cuidar da saúde e começar a fumar. Apesar de estar em frangalhos do ponto de vista físico e emocional, Carmen Miranda é a mulher que mais ganhou dinheiro nos Estados Unidos, e possivelmente no mundo, em 1944. Foram mais de 200 mil dólares. Apenas 36 homens faturaram mais do que ela naquele ano.

Em 1945 é só festa. Com o fim da Segunda Guerra, muitos brasileiros começam a chegar a Hollywood levando anotado o telefone da casa de Carmen Miranda. Pode parecer estranho, mas seu número é divulgado exaustivamente pela imprensa brasileira. Se hoje as celebridades reclamam das constantes invasões de privacidade, naquela época, Carmen parece não se incomodar. Ela se esbalda com os presentes que os conterrâneos trazem – sacos de feijão, quilos de farofa, metros de linguiça e cachaça, muita cachaça. Mas Carmen ainda não aprendeu a beber. Seu barato, por enquanto, são as bolinhas.

Entre os muitos brasileiros que frequentam a casa de Carmen está Vinicius de Moraes. Enviado pelo Itamaraty para trabalhar no Consulado brasileiro, o poeta logo vira amigo da estrela, que, como ele, tem o hábito de manter a casa sempre aberta. Os dois passam as noites conversando. Vinicius, com seu copo de uísque na mão, estranha o fato de aquela mulher feita jamais consumir uma única gota de álcool.

A casa de Carmen Miranda em Beverly Hills pode ser uma festa, mas sua vida profissional apresenta sinais preocupantes. A Fox agora lhe oferece apenas pequenas participações em filmes B. Seu nome já não é mais um trunfo capaz

de atrair público. Antes de ser demitida, Carmen toma as rédeas, rompe seu contrato e se transforma numa das primeiras artistas independentes de Hollywood.

Apesar de desejar ardentemente ser mãe e constituir uma família, Carmen não consegue manter relacionamentos duradouros. Praticamente todos os homens que se aproximam acabam passando um tempo de festa ao lado da estrela para depois se afastar e se casar com outra mulher. Diante disso, Carmen inveja Aurora, sua irmã, que, mesmo sendo uma estrela internacional, vive um casamento de sucesso, com filhos e um marido presente. São muitas as desilusões, a última delas com um jovem ator de Hollywood com quem se envolve, e que desaparece subitamente para, como de costume, reaparecer casado com outra mulher pouco tempo depois. Arrasada, Carmen encontra consolo num assistente de produtor, fracassado e desinteressante. Na realidade, o cara é asqueroso. Apesar disso, é sua única possibilidade de, aos 38 anos, se tornar mãe.

Dave Sebastian investe pesado quando percebe que a estrela está disponível. Não demora muito para que, carente, ela caia na lábia do conquistador. O casamento, obviamente com comunhão total de bens, acontece poucos dias após o pedido. Antes da cerimônia, Carmen descobre que o noivo é judeu. A Igreja Católica, da qual é participante ativa, não abençoa o enlace, mas acaba cedendo após insistência do noivo. Assim, o fracassado assistente de produtor se casa com uma das mulheres mais ricas do mundo. De quebra, abocanha metade de sua fortuna.

* * *

Já nos primeiros dias de casada, o marido a pertuba com o entra e sai de brasileiros na casa. Autoritário, tenta controlar as visitas, sem sucesso. Carmen nutre enorme carinho por seus fãs e não permite que sejam maltratados por ninguém. As portas devem continuar abertas, e assim permanecem. No entanto, ela passa a maior parte do tempo fora, trabalhando sem parar. Quando está em casa, dorme, entupida de soníferos. Logo, Sebastian e Gabriel, marido de Aurora que também mora na residência, enfrentam-se. O clima pesa. Sem saber o que fazer, Carmen viaja e passa um tempo sozinha em Nova York. Sabe que errou. Não devia ter se casado. Mas, católica fervorosa, sequer cogita a separação. O que Deus uniu, somente a morte pode separar.

Em Nova York, encara mais uma exaustiva temporada no cinema Roxy. Desde o começo da vida profissional, aos vinte anos, Carmen jamais teve um

período de férias. Nunca recarregou as baterias. Contudo, nesta temporada, precisa inverter completamente o relógio biológico. O primeiro show, logo ao meio-dia, a obriga a acordar por volta das oito da manhã, justamente quando costumava ir dormir. No Roxy, faz uma apresentação a cada intervalo entre as sessões dos filmes. São quatro performances diárias, uma a cada duas horas, sempre com exaustivas trocas de figurinos. Assim, durante o dia, os soníferos dão lugar aos excitantes. As bolinhas de benzedrina descem aos montes. Só assim para não sucumbir em cena. Aos poucos, o cansaço toma conta. Dor e estafa são suas companheiras inseparáveis. O organismo não aguenta, e ela desmaia em cena. O diagnóstico é uma infecção intestinal causada por vírus. Seu sistema imunológico está à beira de um colapso.

O marido Sebastian voa até Nova York e leva Carmen de volta para Hollywood. Em casa, ele demite Frank, o produtor que livrara a estrela de Shubert no passado. Se Frank ganhava 10%, Sebastian passa a ganhar 15% de tudo que a mulher fatura. Essa divisão é no mínimo estranha, uma vez que os dois vivem um casamento com regime de comunhão total de bens.

Agora, como empresário, Sebastian passa a negar todos os convites que os grandes estúdios fazem para Carmen. Ganancioso, anuncia que bancará as produções da esposa. Mal sabe ele o custo de um filme. Sequer sonha com o esquema milionário que envolve a produção, a finalização e a distribuição cinematográfica. O marido desperdiça os melhores convites, muitos dos quais Carmen nem chega a tomar conhecimento. Junto das drogas legalizadas, ele é peça fundamental para a decadência da estrela.

Sebastian também seria o responsável pela capitulação de Carmen ao álcool. Primeiro, ele a ensina a preparar o suave Alexander, no qual ela logo se vicia. Quando começa a engordar, percebe a bomba calórica que é o drinque e parte para o uísque. A força da bebida acorda uma nova mulher. De uísque com soda, passa para o com gelo, até chegar ao cowboy, o último estágio. O topo etílico. Agora são remédios para dormir, remédios para acordar e álcool para viver. Ou para suportar a existência.

Arrependida de ter entregado a vida nas mãos de Sebastian e decidida a retomar o controle, visita a MGM, quando aceita o convite para filmar *Meu príncipe encantado (A date with Judy*), ao lado de Elizabeth Taylor. Nas telas, surge uma nova Carmen, mais sofisticada, com penteados e figurinos elegantes. Tem 39 anos, mas a imprensa anuncia 34.

Contratada pela primeira vez para fazer shows na Europa, embarca num navio decidida a se livrar dos remédios e do álcool. Em alto-mar, tenta dormir,

mas não consegue. Está esgotada, e o cérebro não desliga. Sucumbe aos soníferos, mas mesmo assim não consegue apagar. Exausta, delira, treme e entra em pânico. Em Londres é apresentada a um novo estágio das armas para dormir: os tranquilizantes injetáveis. Neste caso, o Demerol, à base de morfina – um poderoso e perigoso narcótico e analgésico.

Em meio a tudo isso, Carmen descobre estar grávida. Ter filhos é seu maior sonho. Nas nuvens, cancela os compromissos para se dedicar integralmente à maternidade. Repousa, come bem e consegue passar dias sem remédio. Está tomada pela vida. Mas um aborto espontâneo acaba com suas esperanças. Os médicos são unânimes: Carmen não tem nem jamais terá condição de ser mãe. Seu organismo está profundamente comprometido em função de anos de maus-tratos. A benzedrina age diretamente no útero, causando danos irreparáveis. Por não conseguir se opor à moral e à religião da época, que condenam o divórcio, ela e Sebastian seguem casados socialmente, porém separados de fato.

O clima na casa se torna insuportável. Sem conseguir lidar mais com a situação, a irmã e o cunhado de Carmen se mudam. Algum tempo depois, Aurora e dona Maria voltam para o Brasil. Pela primeira vez, aos 42 anos, Carmen Miranda está completamente sozinha nos Estados Unidos.

Sem entrar num *set* de filmagens há quase dois anos, Carmen faz a primeira temporada em Beverly Hills, cantando no elegante Ciro’s para uma plateia lotada. Na sequência, sem descanso, parte em uma caravana por 43 cidades norte-americanas. Sem largar os remédios, começa a sofrer sequelas. Em casa, bebe uísque sem parar. O marido é visto constantemente com outras mulheres, mas a crença católica fervorosa de Carmen a impede de acabar com a farsa do casamento.

Em frangalhos, filma *Morrendo de medo (Scared stiff)*. Não se trata apenas de seu pior filme, mas também do último. A mãe sente que a filha segue um caminho irreversível de autodestruição e retorna aos Estados Unidos. Tudo que Carmen mais precisa agora é de repouso, mas a Europa lhe chama para uma longa turnê. São muitas cidades, infinitas trocas de roupas, cerimoniais e fãs enlouquecidos dispostos a tudo para arrancar um pedaço da estrela. As doses de Seconal aumentam proporcionalmente às doses de benzedrina. Carmen faz tudo o que os médicos proíbem.

No fim de 1953 os tremores se tornam visíveis. Já não é capaz de segurar nada nas mãos. Internada por Sebastian em Nova York, passa uma semana sedada na cama de um hospital. Depois, é despachada de volta para casa em Hollywood. O repouso não surte efeito algum. Carmen segue com tremores,

crises de choro, pânico e uma necessidade absurda de estar sob o efeito de algum tóxico – já não sabe o que é ficar limpa. A receita dos médicos, então, é o eletrochoque. São muitas e intensas as sessões, que acontecem num curto intervalo de tempo, mas a depressão não melhora. Aos poucos, lapsos de memória fazem Carmen esquecer até mesmo as letras de seus maiores sucessos. Em casa, sofre constrangedoras crises de ausência diante de visitas. A confusão mental é cada vez maior. Sem alternativa, passa os dias deitada, abatida, sem ver ninguém. A residência agora é comandada por Sebastian, que dirige um batalhão de médicos e enfermeiros. Dona Maria não pode fazer nada além de obedecer.

Aurora, mesmo a distância, percebe o perigo que a irmã está correndo e pega um voo rumo à Califórnia. Quinze dias depois, Carmen é carregada para dentro de um avião e retorna ao Brasil após catorze anos exilada. Já não fica em pé, e chora sem parar. A viagem de trinta horas é exaustiva, com direito a crises de tremores, ausência mental e insônia. Ao chegar ao Rio, ainda no avião, recebe uma dose cavalar de Dexedrina. A estrela desembarca radiante para enfrentar a multidão que a espera.

* * *

Os médicos brasileiros se espantam diante do estado de saúde de Carmen Miranda. Ela é proibida de assumir qualquer compromisso profissional, deve repousar sem interrupção. Uma unidade de tratamento intensivo é montada na sua suíte do Copacabana Palace. Visitas estão proibidas. Ninguém entende o que pode estar acontecendo com a Pequena Notável, sempre tão cheia de vida nos filmes norte-americanos. Imediatamente forma-se um aglomerado de jornalistas nas portas do hotel. O retorno de Carmen é um anticlímax. Os brasileiros esperavam que, com ela, retornasse também o clima de festa, mas o que volta é um corpo intoxicado e doente.

Após algumas semanas de absoluta reclusão no mais sofisticado hotel do país, Carmen começa a receber a imprensa e os amigos mais próximos, sem reconhecer muitos deles. Aos poucos, é autorizada a fazer pequenos passeios. Nos shows em que comparece como espectadora, quase sempre é convidada a subir ao palco, onde recebe uma estrondosa ovação e canta alguns de seus sucessos. Amor, respeito e consideração é o que a cidade mais dedica à sua filha. Contudo, a intensa vida social começa a torná-la vulnerável aos excessos. Para não comprometer sua recuperação, Carmen é enviada para a Região Serrana, para um retiro durante o Carnaval. Após dias sob intensa vigilância, a

Pequena consegue escapar do hotel em que está hospedada. Livre, sozinha e com uma garrafa de uísque debaixo do braço, Carmen carnavaliza pelas ruas da cidade.

* * *

No dia 1º de abril, contra a sua vontade, deve retornar aos Estados Unidos. Dave Sebastian, o estranho híbrido de marido e empresário, a espera. Por sorte, o avião sofre uma pane e não pode decolar. O voo é cancelado. Pela primeira vez, após catorze anos, Carmen finalmente regressa à casa onde passou a melhor fase da sua vida.

Voltar à casa é voltar à primeira metade dos anos 1930, quando cantava no Cassino da Urca, tomava banho de sol e descansava nas areias quentes do Rio de Janeiro. Por três dias, Carmen volta ser apenas a filha de dona Maria. Mas o idílio logo termina, e ela embarca rumo à morte dura e fria no Hemisfério Norte.

Desobedecendo todas as ordens médicas de repouso, em menos de três semanas Carmen retorna aos palcos. Dave Sebastian, o marido, precisa faturar. Talvez intuindo que logo a fonte de renda sofreria uma pane, o empresário suga ao máximo a engrenagem da estrela. Em uma das apresentações, Carmen desaba, após um súbito apagão. Mas, apesar do susto, o show tem que continuar – e continua. Sebastian é quem escala os médicos responsáveis por manter o pique induzido de Carmen. Ao que tudo indica, ela já não tinha mais vontade própria. Sem a mãe e a irmã por perto, está sozinha vivendo o seu pior inferno em Beverly Hills. Poucos dias depois, sofre uma nova queda, dessa vez em casa, quebrando um dos dedos. Na metade do ano, a depressão e as inconstâncias de humor voltam com tudo. Carmen esquece as letras de suas músicas com cada vez mais frequência. Em meio à crise, viaja para Cuba, mas não descansa nada. Durante quinze dias cumpre três apresentações diárias. Quarenta e cinco performances consecutivas para um corpo à beira do colapso é desumano demais. O marido suga ao máximo o que resta de forças na mulher.

A *popstar* já não consegue mais se concentrar em nada. Sozinha nos Estados Unidos, chora e não sai da cama. Tem dificuldades para comer. O marido, incansável, fecha mais um show na televisão norte-americana. Durante a transmissão ao vivo, os joelhos da mulher fraquejam e ela é amparada pelo colega de cena. Apesar do susto, segue cantando números que exigem extremo fôlego. Após o show, turbinada por um coquetel de estimulantes, ainda encontra forças para receber alguns convidados em casa e realizar mais uma

performance íntima, regada a fartas doses de uísque. Ninguém sabe que aquele será seu último canto. Entre os íntimos, dança, conversa e gargalha, tomada por um surto eufórico quimicamente estimulado. É seu último sopro de vida. Por volta das 2h30 da manhã, despede-se dos remanescentes e sobe as escadas para se recolher. Dia 5 de agosto de 1955. Carmen tem apenas 46 anos. Enquanto se prepara para dormir, um enfarto fulminante apaga para sempre o brilho da maior estrela que o Brasil já produziu.

Assim como foi sua vida, também sua morte é destaque na imprensa mundial. Uma semana depois, o corpo chega ao Rio. Carmen pode finalmente descansar na cidade quente que a viu crescer. O enterro da Pequena assume proporções estratosféricas. O cortejo é seguido por mais de meio milhão de pessoas. Carmen não se tornou mãe, mas sua morte deixou órfã uma geração acostumada à felicidade.

NOEL ROSA



Noel foi um *protopunk* do seu tempo. O samba dos anos 1930 era o que o *punk rock* viria a ser décadas depois: moderno, transgressor e alimentado por uma autodestruição que conduz à genialidade. Muito jovem, Noel Rosa contraiu tuberculose, morrendo prestes a completar os perigosos 27 anos, simbólico no mundo do rock. Isso quer dizer que Noel antecipou a história do temido Clube dos 27, que, a partir do fim dos anos 1960, incluiu nomes como os dos músicos Brian Jones, Jimi Hendrix, Janis Joplin, Jim Morrison, Kurt Cobain e Amy Winehouse… O Poeta da Vila, como era conhecido, foi tão intenso, revolucionário e autodestrutivo quanto cada um deles.

Doidão, Noel Rosa viveu a boemia como se não houvesse amanhã. E, de fato, não havia. Sua música nasceu do encontro com o *bas-fond* da Lapa, território de putas, viados e traficantes. Frequentava assiduamente as primeiras comunidades de sambistas nos morros do Rio. Na Mangueira, foi amigo de Cartola, um preto cachaceiro e vagabundo para os padrões da época. Aracy de Almeida, cuja fama de sapatão se espalhava no meio musical, era sua intérprete mais querida. No bairro do Estácio, foi parceiro de Ismael Silva, um sambista de sexualidade ambígua.

Mesmo sem saber que morreria tão cedo, viveu intensamente. Trocou a estabilidade do curso de Medicina pela incerteza da vida na música popular. Noel chutou o balde e ajudou a formatar o samba urbano que, a partir dos anos 1930, virou sinônimo do Brasil moderno. Sempre à frente de seu tempo, seus sambas permanecem vivos até hoje.

* * *

A mãe, dona Martha Medeiros, sempre se lembraria daquele 11 de dezembro de 1910 como seu segundo aniversário. Na ocasião, mãe e filho correm sério risco de morrer. O parto, realizado em casa e a fórceps, é extremamente complicado. Apesar de ter salvo a vida de ambos, o instrumento não é bem-encaixado na cabeça do bebê, o que acaba por causar traumatismo e afundamento maxilar, bem como a paralisia de parte do rosto da criança. Mesmo assim, aos dez meses, um rechonchudo Noel Rosa vence a edição de 1911 do Concurso de Robustez Infantil, promovido pela Nestlé.

À medida que ele cresce e passa a ter que mastigar, a hipoplasia na mandíbula se acentua. A parte esquerda da face se desenvolve normalmente, enquanto a direita sofre uma sensível atrofia. O rosto do menino fica cada vez mais desproporcional. Nas diversas consultas a que vão, os médicos são unânimes em afirmar que o problema é irreversível. Mesmo assim, a mãe concorda em investir a considerável quantia de 600 mil réis para um ortopedista realizar uma intervenção cirúrgica. Mas o procedimento acaba trazendo ainda mais problemas ao garoto de seis anos. Principalmente na escola, onde é apelidado de Queixinho. A fim de facilitar a vida do filho, dona Martha prepara alimentos moles, que não exigem muita força na mastigação.

Prestes a completar dez anos, Noel vive sua grande transformação. Transferido da pequena escola mantida pela mãe para o Ginásio São Bento, vizinho ao cais do porto, um novo mundo se abre. A cidade do Rio é um banquete, cheia de cores, sons, cheiros e diferentes tipos que tomam conta das ruas. Noel trafega nos bondes, vaga pelas praças e espia dentro dos misteriosos cafés, descobrindo deslumbrado a vibração da cidade no comecinho dos anos 1920. Sabe que a rua será o seu lugar. Nos bares, sente o cheiro da bebida, presta atenção aos homens apoiados no balcão, conversando com belas mulheres ou discutindo entre si. Quer fazer parte daquilo tudo. Deseja ardentemente crescer.

É nas tertúlias domésticas promovidas pela mãe que acontece a iniciação musical do pequeno. O primeiro instrumento que lhe cai nas mãos é um bandolim, com o qual acompanha dona Martha, familiares e amigos pelos saraus e pelas festas. Corajoso, ousa encarar o violão, que é vinculado à classe dos malandros e boêmios, bastante malvisto na sociedade. Com apenas 15 anos é um exímio violonista prestes a cair na orgia do samba.

Noel circula pelos bilhares desde cedo, adepto de um bom copo e de uma longa serenata. Se hoje vender bebida para menores de idade é crime, na época qualquer criança podia ir até um balcão e se embriagar com o que bem entendesse. Seus ouvidos de poeta, sempre atentos, prestam muita atenção na fala dessas pessoas misteriosas que a boemia lhe apresenta. Absorve o tom coloquial, as gírias e a forma de falar. Mais tarde, tudo isso será usado em suas letras e fará dele o mais moderno dos sambistas. Noel é uma espécie de Cazuza do seu tempo, revolucionário por cantar as angústias e as maravilhas de uma geração que habita as ruas e que conhece a sarjeta como ninguém. Ele incorpora a transgressão, bebendo, cheirando e fumando qualquer coisa que lhe é oferecida, para depois transformar cada experiência em obra de arte.

O bar Ponto de Cem-Réis, na esquina da rua Sousa Franco com o Boulevard 28 de Setembro, em Vila Isabel, é o escritório do poeta. Se pensarmos na Nova York dos anos 1970, aquele seria uma espécie de CBGB, ponto famoso por reunir a escória maldita da vanguarda local. No Ponto de Cem-Réis, entre cigarros e copos de cerveja, os doutores se misturam a operários, apostadores, bicheiros, bandidos e putas. O violão corre solto. Há sempre um novo samba nascendo. É nesse lugar que muitos compositores brancos, filhos da classe média, abrem os ouvidos para o que é feito pelos pretos e pobres. Atentos, aprendem a copiar a pegada e a batida do violão. Nesse e em outros bares do Rio, também acontecem negociatas envolvendo compositores menos favorecidos. Geralmente um branco de classe média, sonhando em ter seu nome na boca do povo, acaba por comprar a parceria com algum sambista do morro.

Tal diversidade social, misturando classes e etnias, ajuda a explicar o fato de a Vila Isabel ter se transformado em um dos mais prolíficos celeiros da música brasileira de todos os tempos. É lá que os seresteiros filiados à tradição musical do século XIX encontram sambistas oriundos de morros como Mangueira, Salgueiro e Macacos. Essa mescla musical é fundamental para que Noel transite entre diferentes estilos e vertentes. Antropofágico, come todas as influências que aparecem para depois vomitar o resultado no violão.

Noel Rosa ama e é amado nos morros e nos subúrbios. Faz amigos, inspira sambas, forma parcerias e se apaixona por tantas mulheres quanto seu coração de poeta consegue abrigar. Sabe protagonizar o seu tempo. Não cansa de transformar tudo o que a vida pode lhe oferecer em música – arranca prazeres do cotidiano, precipita acontecimentos. Assim como os *punks* décadas depois, sua poesia menospreza os abastados das zonas centrais e dos bairros mais elegantes. O que alimenta sua música são os pobres, as favelas, os pretos, os mercados e as senhoras lavadeiras. A voz do seu samba é a voz do morro. Sua paixão por esse universo é tão verdadeira, que as letras que cria incorporam não apenas as gírias, como também a prosódia das camadas mais populares.

O convívio com as classes baixas faz Noel adotar em suas letras não o português, mas o que ele chamaria de idioma português-brasileiro. Repleto de inspiração, incorpora o erro gramatical à métrica musical e faz dele seu estandarte. Na verdade, o poeta sequer cogita chamar esse novo jeito de falar de erro. Ele entende a língua como um organismo vivo, que sempre foge das regras para ser melhor compreendida. É essa língua viva, mutante, constantemente em fuga, que o sambista tenta captar e apreender em suas

músicas. Por ser a voz do fraco, torna-se forte. Aliás, se hoje o *rap* se distingue na canção popular por incluir um novo jeito de falar, oriundo da periferia, na música, o samba de Noel fazia o mesmo. Noel é um MC de seu tempo.

* * *

Em 1927, aos 16 anos, Noel Rosa presta os exames finais de bacharelato no Colégio São Bento, mas, obviamente, acaba reprovado. A orgia fala mais alto. Para o adolescente, a boemia é muito mais importante do que os estudos. É nas rodas de samba que produz, não na carteira escolar. Os assuntos da sala de aula não têm a poesia que o violão inspira. E, cada vez mais mergulhado na música popular, distancia-se dos planos da mãe, que deseja ver o filho formado em Medicina. Em 1928, Noel Rosa é reprovado novamente. Afinal, como bom aluno da vida, não encontra tempo para a escola.

O poeta segue no colégio, mas a mãe, professora, decide fazer uma manobra para facilitar a vida escolar do filho, conseguindo uma autorização para que ele realize as provas em outra instituição, menos rígida. Nem assim Noel é capaz, e acaba sendo reprovado pela terceira vez. Com isso, um desânimo toma conta do rapaz, e ele cogita o suicídio. Trata-se de um episódio que permanece obscuro em sua biografia até hoje, mas é importante notar que os impulsos suicidas são um tema recorrente em seu pensamento e em sua obra. Além disso, seu pai levará a cabo esse instinto, suicidando-se em uma casa de internação algum tempo depois.

Em 1930, aos 19 anos, tenta, sem sucesso, entrar na Faculdade de Medicina. Mas, sem se dar por vencido e disposto a trazer alguma alegria à mãe, empenha-se e, no ano seguinte, consegue uma vaga. No entanto, apesar da efervescência do ambiente acadêmico, as rodas de samba continuam sendo muito mais interessantes. Enquanto a faculdade é um espaço destinado quase que exclusivamente aos brancos, filhos das classes mais altas e esnobes por natureza, o morro aglomera tudo o que a sociedade não consegue absorver. Na universidade, o lugar do negro é limpando banheiro e varrendo o chão da sala de aula. Já no morro, é o porta-voz de uma geração. O centro das atenções.

Paralelamente à vida escolar, Noel faz parte do Bando dos Tangarás, conjunto que toca ritmos regionais e goza de grande simpatia entre a classe média da época. Os Tangarás se orgulham de seus empregos convencionais e de cursarem faculdade. Fazem questão de deixar claro que, apesar do péssimo estigma que pousa sobre os artistas, são diferentes, não vadios. Como a maioria dos integrantes prefere preservar a própria identidade, cada componente

escolhe um pseudônimo – Braguinha, por exemplo, é conhecido como João de Barro. Contudo, ao contrário dos colegas, Noel Rosa não aceita se esconder. Essa escolha revela menos uma rebeldia e mais o apreço, sem qualquer temor, pela música popular brasileira.

Mas dona Martha se preocupa com o filho. Sua vida boêmia, suas companhias e seus hábitos não condizem com o que se espera de um rapaz de bem. Certa vez, disposta a impedir que o poeta deixasse a casa para ir a uma festa, esconde todas as roupas dele. Quando os amigos batem à porta, Noel grita da janela: *"Com que roupa eu vou?"* A frase fica em sua cabeça, quase como um mantra. Dias depois, ao passar próximo a um quartel, escuta o Hino Nacional Brasileiro e acaba tendo a ideia para a melodia do samba. Nasce ali um de seus maiores sucessos, mas que a princípio encontra resistência para ser gravado.

Diante das constantes negativas, Noel procura Cartola, a quem mostra o samba. Cartola afirma que "Com que roupa?" poderia ter sido composto por qualquer grande sambista do morro. Por fim, Noel consegue emplacar a composição para o Carnaval de 1931, obtendo um enorme êxito e vendendo cerca de 15 mil discos, uma cifra bastante alta para a época. E o sucesso o impressiona: caminhando pelas ruas da cidade em festa, deslumbra-se ouvindo sua música cantada pela multidão. Finalmente chega onde deveria estar: na boca das pessoas. Pela primeira vez, sente-se plenamente satisfeito e seguro do caminho que decidiu trilhar. Está realizado.

O início dos anos 1930 é um divisor de águas para o poeta. É quando o rapaz feio, franzino e sem queixo se vê envolvido com nada menos do que cinco mulheres ao mesmo tempo. Afinal, suas músicas e sua fama o tornam belo. A primeira das cinco paixões é Clarinha, Clara Corrêa Neto, um amor de adolescência para quem compõe "Não morre tão cedo", música que jamais irá gravar. Mas o romance com Clarinha é abalado pela descoberta de que o poeta mantém um caso com Fina, Josefina Teles Nunes. É para ela que escreve o clássico "Três apitos". Outra paixão do começo dos anos 1930 é Júlia Bernardes, a Julinha. Chegada num copo, é dada a grandes escândalos, como quebrar o violão do sambista e até mesmo tentar o suicídio publicamente nas águas de um riacho. A quarta mulher é Lindaura, com quem se casa por obrigação para se livrar da cadeia. Mas seu coração pertence mesmo à Ceci, uma menina de 16 anos, dançarina do Cabaré Apolo, na Lapa, para quem escreve "Dama do cabaré".

Em 1931, ano em que ingressa na Faculdade de Medicina tão sonhada pela

mãe, o prolífico Noel Rosa já dispõe de mais de vinte músicas gravadas, muitas já recebidas com razoável sucesso, como o divertido samba “Gago apaixonado”, além do clássico “Com que roupa?”. Pode-se afirmar, dessa forma, que a única coisa que a Faculdade de Medicina rendeu a Noel foi o samba “Coração”, ainda assim com erros anatômicos.

Em seus sambas, é comum notar um constante lamento pela chegada do dia. O nascer do sol nunca é bem-recebido pelo poeta, como se a vida real, o cotidiano, encerrasse a atmosfera de sonho das noites, quando tudo é possível. Assim como os *junkies* contemporâneos se escondem da luz do dia para seguir na loucura das drogas, Noel também sente que o nascer do sol traz uma certeza frustrante de que a realidade sempre vence esse mundo onírico acessado por meio dos tóxicos. Cocaína, álcool, lança-perfume, maconha… o cardápio de drogas que circula naquele meio é vasto.

Cabe lembrar que a Lapa, ponto de encontro da boemia na época, é um lugar refinado, com ótimos bares e cabarés, frequentado por artistas da estirpe de Candido Portinari, Manuel Bandeira e Heitor Villa-Lobos. Toda a intelectualidade brasileira frequenta a região. Ainda assim, o lugar tem essa capacidade, que conserva até hoje, de agregar também os malditos. A Lapa sempre foi democrática. É como cantaria Caetano Veloso no disco *Zii e Zie*, já na década de 2000: “Lapa, *cool* e popular.”

Aos 21 anos, Noel Rosa passa a integrar o grupo Ases do Samba, ao lado de Ismael Silva, entre outros. O reconhecimento musical e os muitos convites de trabalho que aparecem são incompatíves com os exaustivos estudos na faculdade. Assim, no final do primeiro ano letivo, o samba vence a disputa com a medicina, e o Poeta da Vila passa a se dedicar somente à música. Agora já não precisa mais se preocupar em acordar cedo, nem em decorar nomes complicados de partes desconhecidas do corpo humano. As longas horas na sala de aula, rodeado de brancos esnobes, finalmente ficaram para trás. O poeta está satisfeito com sua escolha – isso porque ainda não sabe que irá morrer cedo e que curtir a vida é o melhor que pode fazer.

* * *

Os programas de rádio pagam cachês miseráveis, mas o prestígio e o prazer de cantar falam mais alto. Apesar de certos sambistas conseguirem alguns trocados fazendo shows em clubes e salões, muitos optam por se apresentar de graça pelo simples prazer de fazer aquilo de que gostam, como é o caso do Bando dos Tangarás. Quem sabe fazer dinheiro com música nesse momento é

Francisco Alves. Já que goza de imenso reconhecimento entre as gravadoras e emissoras de rádio, frequentemente se aproxima de outros compositores oferecendo alguma facilidade em troca de ter seu nome incluído na autoria da canção. Em períodos de extrema pindaíba, Noel o procura para lhe oferecer um samba por alguns trocados, quase sempre usados para comprar cerveja, pó ou o que mais a situação puder oferecer.

Não é somente Francisco Alves que tem o hábito de comprar sambas de outros compositores e declará-los seus. O próprio Noel Rosa afirma ter vendido canções para outros artistas pelo simples prazer de ver uma composição sua tocando nas rádios. Também é comum a venda de parcerias para compradores que sequer têm algum vínculo com música – comerciantes, donos de restaurantes e até mesmo de hospedarias chegam a ceder seus serviços pela coautoria de algum samba. Nessa época, em troca de um Chevrolet usado e cheio de problemas, o Poeta da Vila cede 50% de todos os seus rendimentos em shows e direitos autorais para Francisco Alves. Consciente da exploração à qual é submetido, declara: "O empresário explora o trabalho dos cantores e das cantoras. O proxeneta explora o trabalho das mulheres perdidas, com o seu prejuízo moral. Qual destes empresários é mais criminoso?"

Contudo, apesar de o nefasto comércio de parcerias correr solto, muitos encontros geram de fato sambas inesquecíveis. Com Cartola, Braguinha e Lamartine, Noel cria clássicos do cancioneiro popular. Com Vadico, depois pianista de Carmen Miranda nos Estados Unidos com o Bando da Lua, cria as inesquecíveis "Feitiço da Vila" e "Conversa de botequim", entre tantas outras. E ainda com André Filho ("Filosofia"), Orestes Barbosa ("Positivismo") e Heitor dos Prazeres ("Pierrot apaixonado").

Em abril de 1932, junto aos Ases do Samba, então com Mario Reis, Francisco Alves, Lamartine Babo e o pianista Nonô, Noel Rosa embarca no navio *Itaquera* rumo à Porto Alegre. Na cidade, trata logo de despistar os colegas playboys. Enquanto Francisco Alves e Mario Reis escolhem as companhias e os lugares mais refinados, Noel se embrenha pelos inferninhos da capital gaúcha. A noite de estreia dos Ases do Samba em Porto Alegre acontece no Cine Teatro Imperial. Na primeira fila estão dois soldados. Um deles é Lupicínio Rodrigues, de apenas 17 anos, alistado pelo pai contra sua vontade, para retirá-lo da farra. Contudo, o encontro entre Lupicínio Rodrigues e Noel Rosa não acontece nos elegantes camarins do disputado teatro, mas totalmente ao acaso, ainda na mesma noite.

Noel convence Mario Reis e Francisco Alves a vagar sem rumo pela cidade.

O passeio começa logo no Beco do Oitavo, o *bas-fond* da cidade, cheio de cabarés, tabernas e cortiços – tudo de terceira categoria. Seguem perambulando, bebendo e cantando até a Cidade Baixa. Lá, entram numa taberna na praça Garibaldi. Lupicínio está por ali e, nessa noite histórica, teria arrancado de Noel Rosa um atestado de qualidade: “Esse garoto é bom. Esse garoto vai longe.” Francisco Alves, sem perder tempo, pede que Lupicínio o procure quando estiver no Rio de Janeiro – anos mais tarde, gravará “Nervos de aço” e “Esses moços”. Depois do encontro na taberna, todos ainda seguem juntos para um cabaré, onde teriam assistido ao show da famosa transformista gaúcha Haimond.

Por volta de 1932, Noel já é um compositor e cantor conhecido. É comum as pessoas da plateia se espantarem com sua figura, seu queixo retraído e sua estatura franzina, mas o espanto não dura muito tempo. Assim que começa a tocar e a cantar, Noel se transforma, chegando inclusive a arrancar suspiros. Ele opta por trajes bem-cortados e mantém os cabelos penteados às custas de muita brilhantina. Imagens da época revelam um Noel estiloso, que continua sendo absolutamente moderno. Mesmo assim, sua colega de farra e intérprete preferida, Aracy de Almeida, relata episódios em que Noel andava aos farrapos, mais parecendo um mendigo.

* * *

Noel Rosa arranca inspiração até mesmo de desavenças com os colegas. Em 1933, Wilson Baptista, outro gênio do ritmo que começava a virar sinônimo de Brasil, lança “Lenço no pescoço”, exaltando a malandragem em versos como *Meu chapéu do lado/ Tamanco arrastando/ Lenço no pescoço/ Navalha no bolso*. Incomodado com o samba ostentação de Wilson, Noel retruca em “Rapaz folgado”, cantando que um malandro de verdade não assume ser malandro nem exibe a posição.

A disputa, acompanhada pela imprensa e pelo público, esquenta. Da parte de Noel, ainda renderia dois de seus maiores clássicos: “Feitiço da Vila” e “Palpite infeliz”. No entanto, um golpe baixo desferido por Wilson, explorando o defeito físico do rival em “Frankenstein da Vila”, encerraria a competição. Em gesto nobre, Noel prefere não responder.

Aos 23 anos, um balde de água gelada. O rapaz de vida louca é obrigado a se casar com Lindaura, uma menina de apenas 13 anos. Acusado pela mãe da moça, é chamado a depor a um delegado, respondendo por sedução de menores. Contra Noel, pesa o fato de haver “raptado” Lindaura e tê-la mantido

longe de casa por uma noite inteira. A única saída é o casamento. E, se descumprir a ordem judicial, enfrentará a cadeia. Lindaura passa a morar com a mãe de Noel, que, mesmo casado, não abandona a boemia.

Noel fuma o tempo inteiro, bebe sem parar e se alimenta muito mal. Sua vida sexual segue o mesmo ímpeto, e ele dorme com tantas mulheres quanto seu corpo é capaz. Logo cedo, aos 25 anos, contrai a temida tuberculose e, com ela, uma lesão em ambos os pulmões. A notícia cai como uma bomba, pois tuberculose é o grande mal que acomete aqueles que levam uma vida desregrada. Trata-se de uma doença estigmatizada e sem cura, com óbito certo. Mais do que a morte do corpo, o diagnóstico confirma a morte de um estilo de vida. Aquele que deseja sobreviver à doença precisa mudar radicalmente seus hábitos. É preciso matar a boemia para preservar o organismo. O médico de Noel é bastante pessimista e o adverte de que, caso abandone o tratamento, terá no máximo dois anos de vida. O rapaz se apavora. A morte está a seu lado, muito mais perto do que poderia imaginar.

Noel Rosa decide se cuidar. No início de 1935, viaja com Lindaura para Belo Horizonte, onde passa uma temporada de repouso no ar frio e seco das montanhas. Longe da orgia, engorda doze quilos e consegue apresentar uma sensível melhora em seu quadro. Em setembro daquele ano, retorna ao Rio com um aspecto bem mais saudável. Sua mãe está radiante e agradece a Lindaura pelo apoio no tratamento. Todos acreditam que o rapaz encontrou seu prumo e se tornou um homem respeitável.

A família respira aliviada. Só que o poeta está desiludido. Nada pode ser mais angustiante do que a rotina doméstica e o cuidado com a saúde. O *rehab* termina quando Noel fica sabendo que, durante sua estada em Minas Gerais, Ceci o procurou na casa da mãe. Transtornado pela revelação, o músico chuta o balde, abandona o tratamento e foge para a Lapa. Precisa encontrar a musa de seus versos. Prefere dois anos loucos, cercado de mulheres, bebidas, cigarro e samba, a sobreviver longe do meio que tanto ama. É jovem demais para se comportar como velho. Não sabe ter medo da morte. Ainda há muito samba a ser feito. Tantas rodas onde cantar. Tanta coisa a ser vivida. O mundo se abre para ele, mas o corpo, doente, já não consegue dar conta.

Quando chega na Lapa, Noel é recebido com festa pelos amigos de bar, especialmente por Ismael Silva e Aracy de Almeida, que não desconfiam da real gravidade de sua doença. Também reencontra Ceci, irada por ter sido chamada de “fingida” no samba “Só pode ser você”. Noel se declara apaixonado, mas a dançarina se limita a ordenar que ele vá procurar sua esposa.

Incansável, Noel faz de tudo para seduzir a moça. Por fim, Ceci acaba na cama, usando uma máscara cirúrgica para se proteger da tuberculose. Nesse mesmo período, Lindaura descobre estar grávida. A temporada em Belo Horizonte é responsável pelo ocorrido, mas, antes que possa dar à luz aquele que seria o primeiro e único filho do sambista, a mulher sofre um aborto.

* * *

Sua grande paixão sempre foi Ceci, a "Dama do cabaré". Após reencontrá-la na Lapa, Noel a convida para jantar na Taberna da Glória. No restaurante, a moça depara-se com o rapaz rodeado de garrafas, sozinho e pensativo. Sua saúde está péssima, ambos sabem disso. Aos 26 anos, percebe a vida chegando ao fim. Ao tocar a testa do compositor, Ceci percebe que ele está ardendo em febre e o repreende por tomar cerveja gelada. Rápido, sem perder a piada, Noel chama o garçom e pede uma cerveja bem quente. Como *punks*, os dois bebem até se acabar e depois seguem para um hotel. Mas ele não se deita ao lado dela. Teme contaminá-la com a doença. Assim, passa a noite sentado, contemplando o sono da musa. Ao amanhecer, revela que agora tem uma certeza, a de que sua vida chegou ao fim. É quando compõe "Último desejo".

Noel está cansado, sempre febril e praticamente sem conseguir respirar. Com Lindaura, tenta passar outras temporadas na serra fluminense, primeiro em Friburgo e depois em Piraí, mas seus últimos meses são na casa da mãe. Ele sofre à medida que a morte se aproxima. No entanto, não é dado a queixas. Sente-se cada vez mais incomodado por exigir tamanha atenção dos outros. Não quer expor suas dores para os familiares e amigos. Prefere fazer samba, e é nesse estado que compõe "Eu sei sofrer".

No dia 4 de maio de 1937, já sem forças, em sua casa em Vila Isabel, Noel pede ao irmão, que vela sua cabeceira, que o vire para outro lado. Ao fazer isso, sua mão bate sobre a mesa de apoio. É a última batucada. As batidas do coração diminuem, até parar.

* * *

Morto aos 26 anos, o Poeta da Vila deixa um legado de mais de 250 canções, muitas das quais se tornaram clássicos da MPB, além de uma vida curta, mas inteiramente dedicada ao samba. Mais de cem anos após seu nascimento, suas composições continuam sendo gravadas por cantores contemporâneos com grande sucesso. Diante de uma morte tão prematura, paira a pergunta: quantos

sambas imortais teria criado Noel se não tivesse nos deixado tão cedo?

MARIO REIS



Um burguês meio parasita? Um esnobe que passou boa parte da vida recluso em hotéis e clubes de luxo? Ou a velha história da família rica que perde tudo, mas, graças à rede de influências, consegue manter certo *status*? Mario Reis sempre foi elite. Ao mesmo tempo, foi o cantor que melhor captou o espírito popular do nascente samba, gênero que vinha dos morros e da periferia do Rio para invadir a casa e a vida da classe média branca. Foi o rapaz que trocou o sucesso e a "orgia", termo então mais associado à boemia do que ao sexo, por um emprego como funcionário público.

No Brasil dos anos 1930, os sambistas enfiavam tanto o pé na jaca, bebendo, fumando, cheirando e, muitas vezes, traçando praticamente tudo o que estivesse à frente, que acabavam carregando um pesado estigma: ser sambista era quase uma maldição social. Nesse contexto, Mario Reis foi um mauricinho. Mais do que playboy e *bon-vivant*, um solteirão de alma feminina. Os adjetivos eram muitos. Na imprensa, corria a suposta fama de afeminado. Ele viveu imerso tanto em mistério e segredo quanto em fofocas. Já no fim da vida, tornou-se uma lenda urbana do Rio de Janeiro. Quase uma Greta Garbo. Mantinha-se sempre recluso, nunca indo além do Jockey e do Country Club e morando no Copacabana Palace.

Sempre distante dos colegas músicos, Mario fomentou toda uma mitologia em torno de si. Lendas contam que o músico morreu virgem. Outros relacionam sua timidez com as mulheres a um problema que teria no pênis, uma suposta glande embutida. Além disso, as bocas mais venenosas nunca cansaram de verter boatos sobre sua sexualidade. Mas o fato é que quase nada se sabe, se soube ou se saberá sobre Mario Reis na intimidade.

Apesar de morar na orla da baía de Guanabara, sua verdadeira praia era a piscina do Copa, onde passava as tardes sorvendo doses e mais doses de Vat 69, seu uísque preferido, e jogando conversa fora com colegas da alta burguesia carioca. Ainda que não fosse dado a escândalos e a porres homéricos, bebia todos os dias, começando à tarde e seguindo até a alta madrugada. Assim, ao longo da vida, seu fígado sofreu um castigo lento e ininterrupto.

* * *

Mario Reis nasce no último dia do ano de 1907, na cidade do Rio de Janeiro. Sempre foi o protegido de uma tradicional família da classe alta. Sua mãe, descendente da nobreza, e seu pai, um burguês bem-sucedido, querem prover aos dois filhos, os Reizinhos, o máximo de conforto e segurança.

Aos sete anos, Mario é matriculado no concorrido Instituto Lafayette, onde permanece até concluir o ginásio. Durante a adolescência, recebe uma farta mesada, que lhe permite aproveitar a vida sem preocupações.

Apesar de ser um dos melhores partidos da cidade, não é pelas garotas que se apaixona, mas pelo futebol. Seu pai, presidente do clube América, consegue encaixá-lo na equipe juvenil, da qual acaba capitão. Mario está sempre cercado dos mais disputados mancebos da sociedade carioca. No entanto, prestes a completar 18 anos, seu interesse pelo esporte esfria. Como um artista quando jovem, precisa se isolar para tentar entender o que acontece na intimidade. O grupo de rapazes é substituído pelo violão. Mas o adolescente não está só, tem a música como companhia.

Mario habita os metros quadrados mais caros do Rio, porém gosta de eventualmente se aventurar entre a plebe. É no meio do povo que ele pode deixar de ser um alvo do disputado mercado de casamentos da época para ser uma pessoa comum. Tomado pelo ímpeto de liberdade, frequenta bailes populares, interessado por esta nova música que está nascendo. Acompanha de perto os sambistas do morro. Longe da Zona Sul, pode descansar da figura criada nos salões da alta burguesia. Junto do povo, pouco importa quem foi ou quem será. Imerso na cidade, tudo se torna agora.

Mario Reis faz aulas particulares de violão, apresenta-se em festas familiares e nos saraus promovidos pelo clube América. Muitos estranham, mas gostam daquele jeito elegante de cantar. *Blasé,* parece não ter a preocupação de ser ouvido. Sua presença é magnética. Mario é o tipo raro de cantor que sabe não gritar.

Mas essa vida tranquila não dura muito tempo. Aos 18 anos, torna-se órfão de pai. Com a mãe enferma e sem ter nada além de sua casa, o *bon-vivant* está numa pior. Tudo o que resta da herança é perdido na Bolsa de Valores. Falido, pela primeira vez precisa procurar emprego. É quando seu tio, o poderoso industrial Guilherme da Silveira, entra em cena. Preocupado com seu futuro, encaminha o sobrinho para a Faculdade de Direito. Em 1926, Mario Reis se torna colega de Ary Barroso. Nenhum dos dois ainda sabe disso, mas três anos mais tarde, Mario será o primeiro intérprete a gravar o ainda desconhecido compositor e pianista.

Enquanto estuda para ser advogado, Mario toma aulas de samba com Sinhô, em sua casa. Sinhô é um caso à parte. Um mito da música brasileira. Banguela, autodenomina-se o “Rei do Samba”, ainda que em suas mãos o novo gênero esteja mais próximo do maxixe. É esse rei quem dá aulas particulares de canto ao príncipe falido. O velho compositor quase não tem dinheiro, apesar da fama e dos discos gravados, e se encanta com o tom coloquial que o jovem bem-nascido imprime às suas canções.

Aos 21 anos, Mario é convidado por Sinhô a gravar algumas faixas, sem compromisso. Trata-se apenas de um teste, pois, nesse momento, os estúdios brasileiros estão passando por uma transformação. Os novos aparelhos vindos do exterior não exigem mais que os cantores imprimam um tom operístico para que a voz fique sulcada na matriz de cera. Antes dessa nova tecnologia, era preciso gritar. O microfone elétrico é uma novidade e poucos sabem manejá-lo. Mas Mario, acostumado a cantar na intimidade de sua casa, jamais impostou a voz. Não está viciado nos métodos antigos de gravação. É ele quem possui o melhor timbre e a melhor técnica para o novo sistema. Assim, antes mesmo de se profissionalizar, Mario já é o arauto de uma nova tecnologia.

No dia do teste, o rapaz se aproxima do microfone mais do que qualquer outro cantor de sua época o fez. Vai sem medo. Diante do objeto fálico, adota um tom confessional e faz nascer o novo jeito de cantar no Brasil. Mario Reis já é um clássico – um clássico moderno e contemporâneo. Sussurrante para os padrões da época, grava “Que vale a nota sem o carinho da mulher?” e “Carinhos de vovô”, ambas de Sinhô. A gravadora, entusiasmada, decide lançar comercialmente o cantor.

Mas Mario não se deslumbra com o primeiro convite para gravar. Tem uma reputação social a ser mantida. É um rapaz de berço e sabe a importância de seu nome. E, se a fama popular não é vista com bons olhos entre os endinheirados da época, a fama de sambista é execrada. Por fim, acaba por aceitar, sem grandes pretensões de sucesso. No entanto, ao contrário do que poderia supor, sua voz sussurrante deslumbra a todos no estúdio. Infelizmente, as matrizes dessas primeiras gravações acabaram se perdendo.

O canto suave de Mario Reis chega inaugurando uma escola. A popularização do microfone elétrico traz consigo uma nova safra de artistas, cuja frente é puxada por Mario. Em 1928, com o samba “Jura”, de Sinhô, faz um estrondoso sucesso, tanto de público quanto de crítica. Em poucas semanas, vende 30 mil cópias, quantidade quase impensável para os padrões da época. O jovem, até então tratado como estudante amador, passa a ameaçar os intérpretes

já estabelecidos. Mario deixa de ser um novato interessante para se tornar um verdadeiro perigo. Afinal, essa atitude vocal moderna condena uma série de cantores conhecidos a soar ultrapassados.

* * *

Mario Reis é a figura mais incensada do Rio de Janeiro. Aos 21 anos, é tratado como o novo modelo de samba e inspiração para as gerações futuras. Ostenta três discos gravados, sucesso e dinheiro. Finalmente, após a morte do pai, começa a enfiar a mão na grana outra vez. Sem mais depender da mesadinha familiar, das sobras da herança ou da boa vontade do tio, Mario agora pode gastar por conta própria. Deu certo na vida, muito antes de concluir o curso de Direito. E sua primeira extravagância é comprar um luxuoso carro Buick.

A fama é estrondosa: Mario vende discos como ninguém. No entanto, jamais pisou num palco profissional. Provavelmente, é o primeiro artista a se tornar famoso apenas gravando disco, sem precisar atuar no teatro de revista, em bailes ou shows. Sua fortuna vem exclusivamente de sua voz, desse novo jeito de cantar. Logo o rapaz estreia nos disputados programas de rádio, o que lhe cai como uma luva, fazendo com que seja convidado a voltar mais vezes aos estúdios.

É Mario quem veste o samba de *smoking* e inaugura a canção moderna no Brasil, o que, anos mais tarde, desembocaria na bossa nova. Mas esse posto de "mais moderno" desperta a inveja dos seus pares. Talvez por isso a fama de afeminado tenha começado a se espalhar pela cidade. O sucesso de suas gravações incomoda e o machismo mostra a sua pior face. Porém, a arte fala mais alto, e Mario não se deixa calar. Mesmo no centro das atenções e vulnerável aos ataques, comunica à família que se dedicará exclusivamente à música.

O sucesso não para de crescer. Mario troca o Buick prata por um Plymouth azul conversível. Nas horas vagas, torra o dinheiro em noitadas com os Silveirinhas, seus dois primos *bon-vivants*. Ao lado da dupla, muito antes da *socialite* Paris Hilton, Mario faz parte de uma das primeiras levas de celebridades endinheiradas do showbiz. Bebe sem parar, cheira moderadamente e não parece nem um pouco disposto a se engatar com mulher alguma.

Entretanto, quando tudo volta ao normal, um novo abalo desestabiliza a vida do rapaz. Agora é Sinhô quem morre de tuberculose, doença que ceifa a vida de muitos artistas e boêmios, assim como a aids faria no final do mesmo século. Mario está novamente órfão, dessa vez de seu pai musical. Sinhô era o

principal compositor tanto para Mario Reis quanto de Francisco Alves. A dupla sente um baque. Mario precisa se reinventar. Desorientado, sem um mestre a seguir, seus discos fracassam.

Disposto a recuperar seu lugar na música brasileira, Mario troca o samba por versões de sucessos hollywoodianos. Sem êxito, decide concluir o curso de Direito e consegue estágio num escritório de advocacia, enquanto também estuda para concursos públicos. Não é somente Mario Reis quem sofre com a morte de Sinhô. Francisco Alves também começa a flertar com o fracasso. Mas, safo que é, o astro da música procura Mario e propõe uma parceria. Precisam unir forças e tentar alavancar, juntos, suas carreiras em decadência.

Os dois começam a se encontrar na luxuosa residência de Francisco Alves. Incansável, a dupla ensaia até de madrugada um sem-número de sambas arrematados no Estácio a preço de banana. É Mario Reis quem frequenta esses bares ao pé do morro, sempre de ouvidos atentos às novidades que brotam das rodas mais inesperadas. Quando escuta um samba, faz questão de pedir que o compositor o repita, até gravar na memória. À noite, apresenta-os a Francisco, que decide comprar os que mais lhe agradam, sempre pedindo em troca seu nome na autoria.

Em setembro de 1930, gravam a primeira canção em dueto, “Deixa essa mulher chorar”, de Sylvio Fernandes, o Brancura. Mal chega às lojas e o primeiro disco da dupla conquista a todos. Em seguida, “Se você jurar”, de Ismael Silva e Nilton Bastos, com o nome de Francisco Alves também nos créditos como compositor, é outro sucesso estrondoso. A estratégia do experiente e esperto Chico deu certo. A dupla aconteceu.

Finalmente, Mario estreia nos palcos, após muitos discos gravados. Jovem e bem-apessoado, elegante nos gestos, sua presença é um sucesso. As mulheres caem aos seus pés. Cantando ao vivo, muitas vezes em lugares sem amplificação, finalmente comprova ser capaz de competir de igual para igual com Francisco Alves. Mas o sucesso tem seu preço e obriga Mario a abandonar o que mais gosta: o Jockey Club. O cantor passa a viver uma fase de menor reclusão social, chegando a reunir alguns compositores e amigos em sua casa para noites regadas a bastante bebida, pó e fumo.

É altíssimo o assédio sobre o rapaz bonitão e bem-sucedido. São muitas mulheres e muitos homens aos seus pés. Apesar do cerco, ele evita envolvimentos amorosos. Nunca é visto com ninguém. Essa capacidade de ocultar qualquer informação sobre a vida íntima aumenta ainda mais as insinuações sobre sua sexualidade. Ser gay não pegava nada bem. Artistas

como Cazuza, Cássia Eller e Renato Russo, gays assumidos, só fariam sucesso no final do mesmo século, quase setenta anos depois.

Apesar da fama de afeminado, há quem defina Mario como um conquistador inveterado, incapaz de ser fiel a uma única mulher. Em 1931, ele se aproxima de Carmen Miranda, participando de várias recepções em que são fotografados juntos. O boato de um namoro circula e nenhum dos dois se preocupa em negar. Para Mario, é um alívio. Finalmente pode calar a boca dos fofoqueiros de plantão. No entanto, nunca se soube se de fato aconteceu algum envolvimento mais íntimo entre eles. Juntos, o afeminado e a *drag queen* do samba gravam duetos definitivos.

Nesse mesmo ano, Mario e Francisco Alves são convidados para uma temporada em Buenos Aires ao lado de Carmen. O sucesso na capital argentina obriga o trio a prorrogar por mais um mês a estada, com duas apresentações diárias. O Teatro Broadway, que tem quase 3 mil lugares, lota todas as sessões. De Buenos Aires, seguem para Montevidéu. Carmen e Mario estão cada vez mais íntimos. Aos amigos, ele revela amar a Pequena Notável.

O cineasta Júlio Bressane, realizador do filme *O Mandarim,* inspirado na vida do sambista refinado, conta que Mario Reis, Noel Rosa e sua turma costumavam caminhar cerca de dez quilômetros nas madrugadas, percorrendo o trecho que ia da Cinelândia até o Leblon movidos a uísque, pó e samba. Por sinal, a cocaína era um hábito bastante comum entre os jovens de classe alta na década de 1920. Amigo do cantor nos anos 1960, Nelson Motta comenta que Mario Reis dizia que “um tequinho nunca fez mal a ninguém”. Apesar de gostar da droga, Mario gosta ainda mais do seu corpo e, vaidoso, não permite que o vício estrague a sua beleza.

Em 1932, Francisco Alves impõe um ritmo feroz de trabalho a Mario Reis. São shows, gravações, viagens... O rapaz de 25 anos não tem descanso. Está cada vez mais distante do hedonismo que tanto lhe agrada e é obrigado a cumprir uma extenuante agenda com o grupo Ases do Samba, ao lado de Noel Rosa, Francisco Alves, Romualdo Peixoto e Pery Cunha. A bordo do navio *Itaquera*, navegam até o sul do país e cantam sem parar. No fim do ano, Francisco e Mario entram juntos num estúdio pela última vez, gravando quatro composições na Odeon, entre elas o clássico “Fita amarela”, de Noel Rosa.

Cansado das artimanhas do parceiro, Mario Reis aceita o convite de Pixinguinha e assina um contrato de quatro meses com a concorrente RCA Victor. Finalmente, o rapaz está livre das garras do velho Francisco. Mas, pouco a pouco, Mario perde o gosto pela música.

* * *

Em 1933, por sugestão do tio, Mario Reis presta concurso para fiscal do jogo na Prefeitura do Rio de Janeiro. É aprovado e concilia o trabalho como funcionário público com algumas gravações em estúdio. Mais do que nunca, leva uma vida dupla. Trabalha durante o dia e canta à noite. Já que "um tequinho nunca fez mal a ninguém", o elegante sambista pode recorrer à companheira cocaína para manter o pique.

Mesmo sem se dedicar com afinco à carreira, é contratado pela disputada Rádio Mayrink Veiga. E, sob a alcunha de "Bacharel do Samba", arranca suspiros, principalmente entre as ouvintes mais recatadas. Apesar da aura *blasé* cada vez mais forte, seus discos continuam em alta. "Agora é cinza" é o grande sucesso do Carnaval de 1934. Em 1935, "Rasguei minha fantasia" repete a dose e vai parar nas telas do cinema, em *Alô, Alô, Carnaval*. Dirigido por Adhemar Gonzaga, o filme é mais um sucesso de público. Por mais que Mario queira se afastar da fama, a realidade é que a fama não quer se afastar dele. Na sequência, o funcionário da prefeitura recebe mais um convite e, ao lado de Carmen Miranda, protagoniza o longa-metragem *Estudantes*. Para atrair ainda mais publicidade, os produtores do filme vendem Carmen e Mario, dupla nas telas, como um casal na vida real.

Em Porto Alegre, ao lado de Carmen para o lançamento do filme, Mario revela o plano de abandonar definitivamente a vida artística. Ninguém o leva a sério. A declaração soa mais como um capricho de estrela do que uma decisão madura. Nessa mesma época, sua mãe adoece novamente e precisa retornar à clínica psiquiátrica. Em seguida, a casa da família é desfeita. O irmão se casa e Mario passa a morar sozinho em um apartamento na Zona Sul.

Mario se torna perfeccionista ao extremo. Ele se irrita com os técnicos, acentuando ainda mais a fama de estrela, esnobe e *blasé*. Parece simpático e animado diante das câmeras, mas torna-se mal-humorado assim que o filme para de rodar. No *set*, reclama de tudo. Deixa os estúdios sempre correndo para cumprir seus horários como fiscal do jogo. Ninguém consegue explicar o que ele pretende com tal emprego, uma vez que a música segue lhe proporcionando excelentes rendimentos. Além disso, recusa-se a promover o filme, a ser fotografado e a conceder entrevistas. Entre seus pares, rola o jargão "Mario Reis não se mistura". E não se mistura mesmo.

Depois do Carnaval, Mario não é mais visto socialmente. Nem mesmo atende ao telefone. Seu endereço é mantido em segredo. Produtores,

empresários e jornalistas tentam localizá-lo, sem sucesso. Se na indústria do entretenimento praticamente tudo se copia, esse afastamento voluntário de Mario parece não encontrar paralelo com nenhum outro caso. Guardadas as devidas proporções, antecede até mesmo ao sumisso da atriz sueca Greta Garbo que, em 1941, por vontade própria, se afasta de Hollywood e dos holofotes para viver longe da fama. A saída de cena de Mario Reis leva um tempo para ser percebida pelo grande público. Não se trata de uma aposentadoria anunciada, como tantos artistas fizeram depois.

* * *

Aos 28 anos, livre de seus compromissos como artista, Mario frequenta a casa do tio e, desfrutando da pequena fortuna conquistada com a música, esbanja ao lado dos primos, os irmãos Silveirinha. O jovem milionário mora sozinho, em um enorme apartamento a duas quadras do mar. Em Copacabana, torna-se adepto do esporte e da vida saudável. Mesmo assim não abandona o copo nem as eventuais carreirinhas de pó. Apesar do gosto pelos alteradores de consciência, consegue se controlar.

Finalmente Mario Reis começa a usar de sua influência no mundo político, ao tomar posse como oficial de gabinete do prefeito da cidade do Rio de Janeiro. Esperto, convence até mesmo o presidente Getúlio Vargas a visitar as instalações da tecelagem Bangu, pertencente ao seu tio, Guilherme da Silveira. Frequenta o Jockey Club mais do que nunca, atraído pela sala de jogos, onde permanece até altas horas da noite envolvido em apostas arriscadas, fartas doses de uísque e conchavos políticos. Convive com figuras cada vez mais poderosas. Músicos, sambistas e cantores fazem parte de uma realidade que ficou para trás.

Em 1939, após três anos longe dos estúdios e palcos, vê-se obrigado a atender a um pedido de Darcy Vargas, mulher do ditador Getúlio. Sob pressão, participa de um evento beneficente no Teatro Municipal do Rio, no qual também estão Lamartine Babo, Ary Barroso, Dorival Caymmi, entre outros. A crítica saúda o retorno do artista, que também volta aos estúdios e às paradas de sucesso com “Joujoux e balangandãs” e “Voltei a cantar”, ambas de Lamartine, e “Deixa essa mulher sofrer” e “Iaiá Boneca”, as duas de Ary. Em meados de 1940, ainda lança um compacto pela Columbia, mas, naquele ano, o que comemora é ter sido finalmente aceito como membro do disputadíssimo Country Club de Ipanema, o mais refinado clube carioca. Para Mario Reis, estar no Country significa não precisar estar mais em lugar algum. Novamente

desaparece das vistas do público para se fechar nos salões da alta burguesia.

* * *

Os anos seguem com o rapaz se transformando em um homem feito. Aquele artista conhecido nacionalmente agora é quase anônimo. Seis anos após o sumiço de Mario cantor, seu tio Guilherme é nomeado ministro da Indústria e do Comércio pelo presidente Dutra. A Tecelagem Bangu passa a ser comandada pelos primos Joca e Silveirinha – os playboys cresceram e agora precisam mostrar trabalho. Mario, no conforto do Country e do Jockey Club, está cada vez melhor de vida. Seu dinheiro é todo empregado em ações na Bangu. Quanto mais a empresa prospera, mais sua situação melhora. Agora se dedica apenas a aproveitar tudo o que a vida pode lhe oferecer.

Mario Reis já tem 45 anos. Hedonista declarado, persiste recusando todo e qualquer envolvimento amoroso. Ninguém entende o que o leva a repelir as mulheres de forma tão veemente. Aos mais íntimos, mostra-se indisposto a dividir os prazeres de sua existência com outra pessoa. Nos saraus na casa do primo Joaquim, Mario se apresenta cantando Noel Rosa, Ismael Silva e tantos outros sambistas da época. É ele quem inaugura o conceito de *VIP* (*Very Important Person*). Somente ricos e influentes podem se dar ao luxo de testemunhar seu canto. Muito do que apresenta a esse pequeno grupo de eleitos jamais será gravado, perdendo-se com o tempo.

Em 1951, a Greta Garbo carioca volta a dar as caras. A convite de Braguinha, Mario Reis deixa os salões da alta burguesia e grava três discos com músicas de Sinhô pela gravadora Continental. No ano seguinte, mais duas faixas, entre elas um samba de Ary Barroso, a marcha “Flor tropical”. Como era de se esperar, o retorno dura pouco e ele retoma a vida (antis)social, restrita ao circuito Country-Jockey-Copacabana Palace.

* * *

João Gilberto é aclamado o reinventor do samba em 1958. Todos são unânimes em apontá-lo como a mais moderna atitude vocal na música popular brasileira. No centro das atenções, o pai da bossa nova declara que Mario Reis é uma de suas maiores influências. Se não fosse por ele, não haveria bossa nova como a conhecemos hoje. Mesmo assim, o cantor segue recluso, sem dar qualquer declaração à respeito.

Mario só voltará a gravar entre 1960 e 1971, quando fará três LPs, trazendo

releituras de antigos sucessos com pontuais novidades. É o caso de *Mario Reis canta suas criações em Hi-Fi*, de 1960, que, em meio a clássicos de Sinhô, Noel, Ary e João de Barro, apresenta uma canção inédita de Tom Jobim, “Isso eu não faço, não”, e outra de Tom e Vinicius, “O grande amor”. Após o lançamento, volta a se recolher nos clubes e no serviço na Prefeitura do Rio.

Mario leva a vida com tamanha discrição que nos impede de imaginar como seria sua rotina fora do circuito da música e sua relação com os colegas de trabalho na Prefeitura. Não se sabe nem mesmo se ele chega a ser assediado nesses empregos convencionais, ou se seu rosto já tinha sido esquecido, como parece ser o seu desejo.

* * *

A classe artística, cada vez mais politizada, entende que Mario é um membro da direita conservadora interessado em assuntos da elite, e prefere ignorar seu trabalho artístico. Assim, Mario vive seus dias no trajeto do Copa até o Jockey, e vice-versa. Bebe constantemente, mas não é dado a escândalos nem a grandes arroubos emocionais, como costuma acontecer com alguns bêbados famosos, como Vinicius, Cazuza, Renato Russo e Maysa. Elegante, embriaga-se mantendo a pose.

Seu último disco, *Mario Reis* (Odeon), de 1971, abre com “Cansei”, de Sinhô, e traz duas músicas de Chico Buarque, “A banda” e “Bolsa de amores”. A segunda fica de fora, proibida pela Censura. Mas, nesse caso, a perseguição não se dá sobre Mario, e sim sobre Chico Buarque. Do ponto de vista da ditadura militar, é este quem precisa ser calado, mesmo que a letra não tenha aparentemente nada de político. Mario, que nunca foi de elogiar outros músicos publicamente, saúda Chico como o melhor compositor vivo.

As gravações de seu último disco duram cerca de um mês. Pela primeira vez na carreira, grava com *playback*, não com uma orquestra tocando ao vivo dentro do estúdio. Faz uma pequena temporada de três apresentações no Golden Room do Copacabana Palace. O público joga flores no palco. Apesar de uma vida inteira dedicada a fugir da arte, Mario segue adorado, lembrado e festejado. Essa apresentação é gravada e transmitida pela Rede Globo, mas a fita é apagada para reutilização interna. Da mesma forma como as matrizes do primeiro disco, também os registros de seu show de despedida são destruídos.

Nos últimos dias de vida, já sessentão, Mario leva uma rotina bastante comedida. Sua casa é o Copacabana Palace, onde mora num pequeno quarto, na companhia apenas de seu gato. Dorme cedo, por volta das 9h30 da noite, e

acorda antes de o sol nascer. Mesmo com recursos, vai de ônibus ao Jockey e ao Country Club. Mario também frequenta o próprio apartamento, que mantém fechado e sem ninguém morando. Lá, guarda coleções de livros, obras de arte e muitas recordações. Com a morte do tio e a queda das ações da Tecelagem Bangu, a boa vida sofre um abalo. Ele passa a depender apenas da aposentadoria da Prefeitura, mas não perde a pose. É especialista nesse quesito.

Mario vive como um eremita, isolado no Copacabana Palace, com pouquíssimas pessoas, talvez nenhuma, tendo acesso à sua intimidade. Eventualmente, canta no palco do Country ou no bar do hotel, sempre para poucos, alguns conhecidos sambas de Noel, Ismael e Sinhô. Suas aparições são disputadas por jornalistas e fotógrafos, que buscam uma imagem qualquer do misterioso artista. Mas a Greta Garbo de Copacabana não cede fácil aos apelos da fama. Nunca cedeu.

Os dias começam a perder o sentido. Sozinho, sem família, sem um grupo de amigos presentes ou uma carreira para administrar, a depressão o abate. O corpo também começa a falhar e os sintomas não param de aparecer, mas Mario tem medo de médicos, pânico de hospitais e retarda ao máximo uma consulta. Quando finalmente é atendido, já não tem volta. Os últimos meses são de lenta agonia, até o fim, em 5 de outubro de 1981, aos 73 anos. A causa da morte é descrita como insuficiência renal aguda, embolia pulmonar e septicemia.

A estrela sai de cena, mas seus discos continuam vivos.

ORLANDO SILVA



A alcunha de “Cantor das Multidões” atribuída a Orlando Silva não era nenhum exagero. De fato, ele foi uma das primeiras figuras brasileiras a provocar verdadeira histeria entre as fãs. Enlouquecidas, agarravam e rasgavam suas roupas quando ele saía do palco ou deixava o auditório em que se apresentava – isso quando conseguia sair. No auge do sucesso, as cidades por onde passava eram obrigadas a declarar feriado municipal no dia dos shows, tamanho o transtorno que a presença do rapaz causava na logística local.

Eram cenas que antecipavam em quase duas décadas o fenômeno de Cauby Peixoto e, em seguida, de Roberto Carlos. Sucesso que se deve ao talento nato que Orlando soube desenvolver apesar de todas as adversidades de uma vida miserável e marcada pela tragédia. Por mais que o repertório, os arranjos e o estilo do cantor possam soar datados, Orlando Silva ainda é referência para muitos intérpretes.

O sucesso transformou o garoto tímido, mulato e manco no objeto de desejo das meninas. Orlando soube aproveitar a fama, caprichou na elegância e traçou todas que apareceram. Até que começou a afundar. Incapaz de lidar tranquilamente com o sucesso, torna-se amante de um bom trago e, em seguida, da perigosa morfina. De origem muito humilde, poderia ter ficado até a aposentadoria sentado em um banco de cobrador de ônibus, mas, mesmo com a metade de um pé amputada, consegue se levantar e virar o intérprete mais popular do Brasil nos anos 1940, quando se torna o Cantor das Multidões.

* * *

Orlando Silva nasce no subúrbio do Rio de Janeiro, em Engenho de Dentro, no dia 3 de outubro de 1915. Naquele tempo, era rua Augusta número 25, hoje é General Clarindo. O pai toca violão no conjunto de Pixinguinha, Os oito batutas, que muitas vezes ensaia na casa da família. Desde cedo o menino se habitua com flauta, cavaquinho, violão, pandeiro... É muito provável que, ainda criança, tenha escutado, entre as inúmeras canções, o tema instrumental “Rosa”, composto em 1917, e música preferida de sua mãe. Orlando a gravaria vinte anos depois, com letra de Otávio de Souza. Marisa Monte atualizaria a canção em seu segundo disco, “Mais”.

Quando o menino ia para a escola, entre os cadernos e livros levava também um folhetinho com letras de modinhas. Na hora do recreio, depois de comer a merenda, estudava as músicas que, mais tarde, entoaria dos galhos mais altos da amoreira de dona Noemia, a vizinha. Orlando chega da escola e corre para a imensa árvore. Passa horas devorando as frutas e cantando. A vizinhança grita pelas janelas, pedindo suas músicas preferidas. Para aprender, ele as escuta no rádio do vizinho, pois sua família é muito pobre. As apresentações do prodígio nas festinhas da comunidade são a recompensa.

Orlando nunca estudou canto. Aprende com facilidade, manejando tons e adaptando as músicas para sua tessitura vocal. “Tudo isso é nato”, diria ele anos depois. O cantor admite que, talvez, a única escola que seguiu tenha sido a de Tito Schipa, o famoso tenor italiano. Entre as aventuras da infância, consta o dia em que um vizinho seu, funcionário da segurança do Teatro Municipal, aproveitando que o famoso tenor se apresentaria na casa, leva o pequeno Orlando para conhecê-lo. Para Tito Schipa, canta “Lágrimas”. Após a apresentação informal, o astro aconselha o garoto a jamais estudar canto: “Se você estudar, irá perder toda essa beleza.”

Apesar do refinamento artístico, Orlando Silva cresce em uma residência sem luz elétrica nem água encanada. No entanto, mesmo com a precariedade do lar, sua mãe, dona Balbina, é zelosa com a higiene e com a alimentação da família. O pai morre de gripe espanhola quando o menino tem apenas três anos, deixando uma viúva com sérios problemas para dar conta da criação dos três filhos pequenos. No Brasil de 1920, dona Balbina dispõe apenas dos seus rendimentos como lavadeira para sustentar toda a família.

Alguns anos depois, a mãe conhece o guarda municipal Julio Nunes de Oliveira, com quem terá mais quatro filhos. Contudo, o destino desse casamento é tão trágico quanto o do primeiro. Julio morre louco, internado na casa de saúde Dr. Eiras. Orlando agora é órfão tanto de pai quanto de padrasto. Assim, o trabalho entra cedo em sua vida. Atua como aprendiz de sapateiro, operário em uma fábrica de cerâmicas, entregador de marmitas, estafeta da Western, até chegar a entregador de encomendas na elegante Casa Reunier. Mas em agosto de 1932, aos 16 anos, sofre um acidente que lhe deixará marcas para toda a vida. A caminho do trabalho, o adolescente toma um bonde na praça da República. Salta de um carro em movimento, cai e prende a perna nos trilhos. O reboque vem à toda. Orlando consegue puxar a perna, mas o pesado veículo passa por cima de seu pé esquerdo. Os médicos precisam amputar quatro dedos de Orlando e deixam o corte aberto para que a sangria não

infeccione toda a perna. O inferno persiste pelos quatro meses em que o rapaz permanece internado na enfermaria. Para aplacar as terríveis dores, são receitadas doses diárias de umas das mais perigosas – e viciantes – drogas, a morfina.

* * *

Orlando passa o ano seguinte em casa. Enquanto se recupera do trauma, decora os grandes sucessos que tocam nas rádios. É obrigado a usar muletas por quase dois anos, até conseguir driblar a deficiência. Magricela e sem traços marcantes, é um adolescente triste e melancólico, incapaz de vislumbrar qualquer possibilidade de futuro feliz. Vaidoso, faz o possível para melhorar sua aparência, pois sabe que o mundo é mais fácil para os belos.

Assim que consegue se equilibrar sem a ajuda das muletas, Orlando calça um par de alpargatas e sai à procura de trabalho. Arranja um emprego como cobrador de ônibus, mas tem grande dificuldade para calcular o troco, além de passar a maior parte do tempo cantando. Os passageiros se deliciam com suas melodias e as meninas começam a se interessar pelo rapaz. Orlando percebe, então, que cantar o torna mais bonito. E são muitas as pessoas que o estimulam a bater na porta das rádios. Dessa forma, ao perceber que a voz é sua única alternativa para melhorar de vida, decide investir na carreira de cantor de rádio.

Aos poucos, Orlando perde a timidez para se apresentar em serestas e festas de família, e começa a se levar a sério, ensaiando com afinco nas horas vagas. Cada vez mais seguro de sua voz, canta na empresa onde trabalha para os colegas motoristas e cobradores. Os pequenos recitais ao fim do expediente viram rotina. O rapaz de apenas 18 anos sabe que precisa estar preparado para a sorte do destino, e não desperdiça nenhuma oportunidade de melhorar sua técnica.

Acompanhado do irmão, Orlando bate na porta de praticamente todas as emissoras de rádio do Rio. Só que ninguém se interessa por aquele rapazote franzino, moreno, manco e, ainda por cima, vestindo o uniforme cáqui da empresa de ônibus. Mas, apesar de ser rejeitado, não se dá por vencido. Por sorte, um vizinho do subúrbio, impressionado com sua personalidade musical, apresenta o rapaz ao cantor Luís Barbosa, que o convida a conhecer um estúdio de rádio. Em junho de 1934, pisa pela primeira vez naquele que será o seu *habitat*.

Ao chegar à Rádio Cajuti, os produtores se espantam com a idade de Orlando Silva. Apesar de ter 18 anos, é pequeno, não passa de 1,67m e pesa 55 quilos.

A aparência é de uma criança que ainda não se desenvolveu. Lá, ele é introduzido a uma sala de ensaio apertada, onde dois músicos jogam conversa fora. Ali está Bororó, compositor que, anos depois, assinaria clássicos gravados por Orlando, como “Da cor do pecado” e “Curare”. Todos fumam sem parar. Ao ser questionado sobre o que pretende cantar, o rapaz pede ao músico que conduzirá a audição que escolha algo de seu agrado, pois Orlando conhece praticamente todas as letras de cor. Quando o magricela começa a cantar “Céu moreno”, de Uriel Lourival, o espanto é geral. Ao final do número, Orlando, que até então mantinha os olhos cerrados, é surpreendido por aplausos e gritos de aprovação.

O mais animado de todos é Bororó, que resolve investir no jovem talento e, já no dia seguinte, apresenta seu afilhado a Francisco Alves, então o maior cantor do Brasil. Aos 36 anos, sem filhos, Francisco também é conquistado pelo rapaz e se afeiçoa paternalmente por Orlando Silva. Aquele cantor mirradinho parece despertar um instinto paternal nos homens mais velhos. Assim como Bororó, Francisco deseja protegê-lo. Sabe que a voz do pupilo, aos 18 anos, ainda está em processo de amadurecimento, e que será preciso esperar mais um pouco para lançá-lo no concorrido mercado musical. Para garantir algum dinheiro, Orlando participa do coro em algumas gravações da RCA Victor, adquirindo experiência no uso do microfone.

Um ano depois, sob a orientação cuidadosa de Francisco Alves, Orlando Silva grava o primeiro compacto pela RCA. A dupla comemora o feito no Cassino da Urca, o ponto mais sofisticado do Rio nos anos 1930. Lá, o rapaz do subúrbio, tímido e franzino, com apenas 19 anos, é apresentado à alta roda carioca. Entre os incontáveis brindes com personalidades e poderosos, o mais especial se dá com Carmen Miranda, que o saúda, dando-lhe as boas-vindas ao mundo da música. O rapazote cai no choro, tomado de emoção. Carmen até se interessa por ele, mas o menino nem é capaz de perceber o flerte da estrela.

Ainda em junho de 1935, Orlando é apresentado a Assis Valente e Noel Rosa, seus grandes ídolos. Com eles, passa uma noite memorável, perambulando por bares e tabernas do Rio. O trio canta em todas as bibocas que entra, aproveitando a vida como se não houvesse amanhã. Para Noel, de fato, não há. Orlando fica fascinado. Sente-se parte desse grupo de *outsiders* bem-sucedidos.

* * *

A estratégia da RCA é lançar Orlando Silva aos poucos, para que o público vá

se acostumando com sua voz, e para que os compactos que gravou não encalhem nas lojas. No fim de 1935, depois de atestar seu apelo popular, é convocado para registrar dois sambas para o Carnaval do ano seguinte, um claro sinal de que a gravadora confia em seu potencial de vendas. Em “Orgia”, de Waldemar Costa e Waldomiro Braga, e “Ponto de interrogação”, de Murilo Caldas, Orlando Silva é acompanhado no estúdio, pela primeira vez, por uma grande orquestra, a Diabos do Céu, regida por ninguém menos que Pixinguinha, que o viu nascer. Em janeiro de 1936, volta ao estúdio para mais um disco de Carnaval, agora com “Se a orgia acabar” e “Viva a liberdade”, ambas da dupla Roberto Roberti e Arlindo Marques Jr. Nessas gravações, Orlando Silva descobre uma nova voz, mais aguda, da qual se valerá sempre que for chamado para animar os festejos de Momo.

O ano de 1936 é agitado. O rapaz assina o primeiro contrato com uma rádio, a Transmissora Brasileira, que, dois anos depois, passará a se chamar Rádio Globo. A parceria lhe rende uma considerável quantia mensal, além de assegurar a veiculação e difusão de suas músicas, turbinando a venda dos discos, que ganham novas tiragens para dar conta de um mercado que consome Orlando Silva com surpreendente entusiasmo. Francisco Alves, exultante com a novidade, convida Orlando para um dueto. Juntos, cantam “Foi ela”, de Ary Barroso.

Então, ao lado do maestro Radamés Gnattali, Orlando começa a procurar repertório para os próximos três discos, já encomendados pela RCA. Cabe lembrar que os discos da época traziam apenas duas faixas. De Noel Rosa, recebe o samba “Pela primeira vez”, escrito em parceria com Cristóvão de Alencar. Aconselhado por Noel, decide apostar em sambas e canções alegres, escolhendo três músicas de J. Cascata, “História joanina”, “Mágoas de caboclo”, em parceria com Leonel Azevedo, e “Tristeza”, com Cristóvão. De José Maria de Abreu e Francisco Matoso, seleciona “Cancioneiro” e “Fui feliz”.

Ao contrário dos primeiros discos, que levaram certo tempo para chegar às lojas, esses três lançamentos são logo disponibilizados para venda. Turbinado pelo seu programa de rádio, Orlando passa a ter um apelo comercial cada vez maior. Pouco a pouco, se torna objeto de desejo não apenas das fãs, mas também de compositores, ávidos por ter uma de suas músicas gravadas pelo ídolo emergente. No meio de tanta euforia, a generosidade de Francisco Alves ainda consegue lhe surpreender. O maior cantor do Brasil o convida para jantar com o presidente Getúlio Vargas, ocasião em que Orlando canta “Pálida

morena”, de Laurindo de Almeida. Ao final da récita, Getúlio, não sendo capaz de conter a emoção, abraça o jovem cantor, agradecido por como ele canta as coisas do Brasil. Mas a maior surpresa musical ainda está para acontecer.

O país vive a expectativa da estreia da Rádio Nacional, que se tornaria a maior emissora do Brasil, a primeira a cobrir todo o território com suas poderosas ondas sonoras. Praticamente todas as grandes estrelas da música brasileira são contratadas pela emissora, entre elas, Orlando Silva. Na noite de lançamento, Orlando canta “Caprichos do destino”, do estreante Claudionor Cruz, em arranjo monumental de Radamés Gnattali. A música, em tom dramático, arranca lágrimas. Orlando Silva inaugura um estilo. Em casa, os ouvintes acreditam que uma explosão toma conta do estúdio, dada a intensidade dos aplausos que o cantor, de apenas vinte anos, arranca da plateia.

Em 1937, Orlando apresenta pela primeira vez em seu programa de rádio a canção “Lábios que beijei”, de J. Cascata e Leonel Azevedo, adaptada por Radamés, com músicos da grande orquestra da Rádio Nacional e da Orquestra Sinfônica Brasileira. Em seguida, os telefones da Nacional não param de tocar, com ouvintes querendo falar com o cantor. A gravadora também passa a receber pedidos desesperados de lojistas exigindo a gravação de “Lábios que beijei”.

A RCA precisa armar um esquema especial de produção para gravar, prensar e distribuir o compacto desta canção em tempo recorde. E consegue. Em poucos dias, o território brasileiro inteiro é atendido pela demanda que o cantor criou. O disco quebra todos os recordes. É a maior vendagem da história de uma única matriz. A voz de Orlando começa a fazer não apenas a própria fortuna, mas também a dos empresários, da gravadora e dos donos de lojas de discos. “Lábios que beijei” se torna a canção mais executada por emissoras de rádio e casas noturnas do país.

Diante do enorme sucesso de Orlando Silva, a Rádio Nacional renegocia seu contrato, propondo-lhe um programa solo nas noites de domingo. O rapaz ocupa o horário nobre da mais importante emissora, e o público passa a tratá-lo como uma verdadeira celebridade, querendo não apenas ouvi-lo, mas tocá-lo, beijá-lo e arrancar suas roupas... As mulheres burlam a segurança a fim de se aproximar do ídolo. Com medo de ser linchado pelo descontrole das fãs, Orlando é obrigado a armar estratégias para escapar da emissora sem ser visto.

Em meio ao sucesso das composições contemporâneas que lança, existem duas músicas de Pixinguinha, quase esquecidas há mais de vinte anos, que fascinam o jovem cantor. Uma delas é “Rosa”, a preferida de sua mãe quando

ainda era um tema instrumental chamado “Enunciação”. A letra de Otávio Souza imortaliza o choro. A outra é “Carinhoso”, com seus versos que atravessam os tempos. Em uma sessão histórica para a música brasileira, Orlando grava dois clássicos de uma tacada só. A força daquelas duas canções do passado, praticamente esquecidas, é estratosférica. A interpretação de Orlando é tocada pela morte recente e precoce do amigo Noel Rosa, de apenas 26 anos. No estúdio, Pixinguinha está comovido. Duas canções praticamente mortas renascem através do jovem artista. Quando o disco é lançado, a euforia é tamanha que as lojas não conseguem atender à demanda do público. Não há estoque que dê conta.

Assim, Orlando é o cantor mais vendido, comentado e festejado do país. Estima-se que, para cada disco vendido de outro artista, cinco seus sejam consumidos. Curiosamente, as vendagens de seus colegas começam a despencar. Ao que tudo indica, o público está abdicando de seus antigos ídolos para se dedicar exclusivamente a Orlando Silva. As duas febres do momento, “Rosa” e “Carinhoso”, atravessam o ano tocando e vendendo sem parar, até que, em outubro, Orlando lança mais um hit. “A última canção”, de Guilherme Pereira, e “Lágrimas de rosa”, de Dante Santoro e Kid Pepe, surpreendem novamente um mercado já acostumado com o sucesso. Nesse disco ousado e moderno, Orlando sussurra um trecho da música, não cantando, mas recitando parte do poema. O público enlouquece. As mulheres ficam ainda mais descontroladas. Orlando se torna o primeiro *MC Melódico.*

Em 1938, finalmente estreia a tão aguardada, e adiada, turnê de Orlando pelo Brasil. Aconselhado por Francisco Alves, o cantor escolhe os melhores empresários do ramo para ajudarem na empreitada. A primeira apresentação acontece em Santos, causando delírio popular, com ruas congestionadas, mulheres enlouquecidas e todo tipo de estratégia para burlar as fãs. Inclusive, ingressos são vendidos no mercado negro, fato desconhecido até então. Ainda em Santos, surge um convite irrecusável para Orlando se apresentar em São Paulo, para onde o cantor segue, adiando o retorno ao Rio.

Na capital paulista, ele deve cantar nos estúdios da Rádio São Paulo. No entanto, no trajeto até a emissora, é surpreendido pelas ruas do centro da cidade, completamente congestionadas de fãs e admiradores que aguardam sua chegada. Sensibilizado com a massa humana disposta a tudo para lhe ver cantar, Orlando pede à direção da rádio que providencie um sistema de som e realiza o concerto no balcão em frente à calçada. O sucesso obriga a direção a prosseguir com a temporada por mais um mês. Nunca, até então, um cantor

brasileiro havia sido tão bem pago por uma série de apresentações.

Nessa mesma noite, após o show de estreia, o cantor é recepcionado na confeitaria Vienense, onde conhece o escritor Oswald de Andrade, um dos criadores da Semana de Arte Moderna de 1922. A pedido de Oswald, Orlando canta “Lábios que beijei” para uma plateia embevecida. No dia seguinte, na segunda apresentação da temporada paulistana, o fenômeno se repete e as ruas do centro ficam novamente tomadas de fãs. Ao sair da rádio, Orlando decide atravessar a massa humana, mas acaba sendo atacado pelas mulheres, que arrancam pedaços de suas roupas, até que o cantor precisa ser resgatado pelos seguranças.

O auditório da rádio paulista é pequeno para a demanda de público, e a temporada é transferida para o Teatro Politheama, na região do Brás. No dia da primeira apresentação, há o mesmo tumulto, com ruas fechadas e tomadas por fãs. Novamente a organização precisa providenciar caixas de som para o público poder ouvir o concerto do lado de fora da casa. O bairro para. Fãs são socorridas. Um cordão de segurança é montado por policiais para que o cantor possa entrar e sair do teatro.

De volta ao Rio, a popularidade de Orlando já ultrapassa a de qualquer outro cantor. Ele não pode mais circular pela cidade e suas aparições precisam de um planejamento de segurança de forma que as fãs não o despedacem, literalmente. E tudo isso na tenra idade de 22 anos. Apesar do imenso sucesso popular, Orlando Silva continua um cantor sofisticado, com afinado apuro estético para escolher o repertório, e sem disposição para fazer concessões a fim de agradar o mercado.

Vale dizer que nesse mesmo ano o cantor conhece Mário Lago, um artista que vem traçando uma linha poética simples e elegante. E Orlando Silva grava “Enquanto houver saudade” e “Nada além”, de Mário Lago e Custódio Mesquita. Assim, o que parecia impossível acontece: o disco supera em popularidade o fenômeno “Lábios que beijei”. “Nada além” passa a ser o seu maior cartaz, a maneira encontrada para inaugurar o canto moderno no Brasil e de enterrar de vez as formas antigas e empostadas de cantar.

O Carnaval de 1939 consolida ainda mais o já sedimentado posto de cantor mais popular do país. Enquanto a maioria dos intérpretes dispostos a emplacar um hit carnavalesco precisaria percorrer uma romaria de apresentações em programas de rádio e shows para divulgar suas músicas, Orlando consegue emplacar seus sambas praticamente sem esforço algum. É nesse ano que o Carnaval consagra a marchinha que será símbolo dos festejos de Momo durante

décadas, o clássico “A jardineira”.

Orlando Silva não para de gravar. Canta três vezes por semana na Rádio Nacional, além de viajar incessantemente para os mais distantes locais do Brasil, sempre recebido com enlouquecida euforia. Está definitivamente consagrado como o Cantor das Multidões. Torna-se o artista mais bem pago em décadas ao se apresentar em Campinas pela fortuna de dez contos de réis, aproximadamente 15 mil dólares, em uma única noite.

Sua popularidade segue se expandindo, até a mitológica noite paulistana, em janeiro de 1940. Orlando tem uma apresentação marcada na Rádio Cruzeiro do Sul, no centro da cidade. Já no fim da tarde, a população se aglomera no entorno do prédio. Logo, cerca de 150 mil pessoas congestionam a região – levando-se em conta que São Paulo possui, então, cerca de 900 mil habitantes, pode-se deduzir que um sexto da população deixou suas casas para tentar alguma espécie de contato com o ídolo.

Na madrugada dessa fatídica noite, após o show consagrador, Orlando sofre com agitação e insônia em seu quarto de hotel. Literalmente não consegue apagar. Pede para o serviço de quarto enviar alguma assistência médica, já que se encontra angustiado, temendo por seu estado de saúde. Alguns biógrafos acreditam que o vício na morfina possa ter começado nessa noite, quando, após rápida consulta, um irresponsável enfermeiro teria lhe aplicado uma injeção da perigosa substância.

* * *

O ritmo de viagens de Orlando é alucinante, fazendo-o passar mais tempo dentro de aviões do que nos palcos. Com enorme vitalidade, consegue estar no Rio nas noites de quinta-feira, onde apresenta-se ao vivo na Rádio Nacional, viajar por inúmeras cidades brasileiras e ainda gravar os muitos discos que não cansam de chegar ao mercado. Em pleno Carnaval de 1942, Orlando Silva já está em estúdio para os lançamentos de junho e julho. Mas alguma coisa na esfera íntima do cantor parece em descompasso com a excelente fase profissional. Orlando está infeliz.

Além disso, o cantor se sente desvalorizado na RCA Victor e cogita uma troca de gravadora. Cada vez mais alcoolizado, em poucos meses rescinde todos os seus contratos profissionais, mantendo apenas o vínculo com a Rádio Nacional. Mas os primeiros dias de “liberdade” são estranhos. Sente uma angústia, um medo de algo que não sabe exatamente o que pode ser. As manhãs se perdem no sono, as tardes no vício e as noites na angústia. Aflito, pensa em

procurar o padrinho, Francisco Alves, mas acaba desistindo. Volta ao conhaque, que bebe cada vez mais.

Conta a lenda que, antes de sua última gravação na RCA, Orlando se aplica uma generosa dose de morfina. Canta “Terra boa”, de Ataulfo Alves e Wilson Baptista. Depois, “Faixa de cetim”, de Ary Barroso. Mas, antes de “Quero dizer-te adeus”, revela aos músicos que aquela será a sua última canção na casa. O espanto é geral. Orlando prefere gravar sem ensaio. A emoção toma conta do estúdio.

Finalmente sem contrato, o rapaz pode passar um tempo curtindo a vida ao lado da namorada, a atriz Zezé Fonseca. Contudo, o idílio não dura muito. O escritor Ruy Castro conta que, nesse mesmo ano, Orlando passa a sofrer de um sério problema dentário. Trata-se da “guna”, uma gengivite ulcerativa necrosante aguda, também conhecida como “piorreia”. As dores são lancinantes devido à infecção nas fibras que ligam os dentes aos ossos. Para tentar aplacar tal sofrimento, muitos dentistas recorrem a uma oclusão, lixando os dentes para diminuir a pressão sobre a arcada.

No caso de Orlando, acredita-se que o procedimento tenha sido malfeito, causando a exposição de parte dos nervos dentários, o que teria provocado dores ainda mais insuportáveis. Inclusive, há uma corrente no samba que crê que somente a partir desse episódio Orlando tenha retornado à morfina, a substância experimentada na adolescência, em doses controladas, quando fora vítima do acidente com o bonde.

Na época, a morfina era vendida sob controlada prescrição médica, mas, mesmo assim, podia ser comprada no mercado clandestino. Desesperado, Orlando pensa que a droga é a única maneira de aplacar seu sofrimento. O Cantor das Multidões descobre uma dupla de traficantes na Lapa e se torna seu cliente mais assíduo. Na medida em que o vício cresce, mais caro é o preço cobrado pelos criminosos, chegando a valores astronômicos por uma única dose.

Alguns acreditam que a namorada, Zezé Fonseca, tenha estimulado o vício dele, mas o fato é que ela tentou desesperadamente salvá-lo da dependência, chegando a se internar com ele. Nesse mesmo momento, Orlando é obrigado a extrair todos os dentes superiores e substituí-los por dentadura, o que compromete sua emissão vocal. Na tentativa de abandonar a morfina, mergulha ainda mais fundo no álcool, piorando a situação. No fim, Zezé já não suporta mais tanta autodestruição e acaba saindo da vida do cantor. Enquanto isso, Orlando é visto sempre bêbado, desleixado, perdendo compromissos

importantes e incapaz de cantar.

* * *

As primeiras gravações na nova casa, a Odeon, são providenciadas para o Carnaval de 1943. De João de Barro e Alberto Ribeiro, grava “Adolfito mata-moros”, e “Lealdade”, de Wilson Baptista e Jorge de Castro. Porém, sua voz já não é mais a mesma. O público percebe, e sua popularidade despenca. Depois de se recompor do susto, Orlando tenta voltar a gravar com a qualidade esperada, mas, dos oito discos lançados ao longo do ano, nenhum repete seus êxitos na RCA. Nos dois anos seguintes, sua voz ainda conserva um pouco da qualidade que o consagrou, apesar dos abusos do álcool e da droga. Seus compactos mais recentes permanecem nas prateleiras, pois o público prefere os sucessos da fase inicial. Já as turnês ficam cada vez mais escassas. Orlando Silva se torna, pouco a pouco, um intérprete comum. Próximo dos 30 anos, o jovem prodígio dá lugar a um homem amargurado, constantemente embriagado e drogado.

Nem mesmo Francisco Alves consegue ter acesso ao afilhado. Orlando está completamente afastado dos amigos. Descuidado com o repertório, grava canções banais, sem qualquer brilho especial. Em 1946, sofre o pior baque de sua carreira, quando a Rádio Nacional o dispensa de seu disputado elenco. No ano seguinte, não consegue lançar mais do que sete compactos, todos absolutamente medianos. E nesse mesmo ano se casa com Maria de Lourdes Souza Franco. Em 1948, Orlando grava apenas três canções. E, no ano seguinte, a gravadora Odeon o dispensa, encerrando sua carreira.

A mulher se dedica com afinco a arrancá-lo da degradação moral à qual Orlando está entregue. Com muito custo, consegue interná-lo e tratar sua dependência do álcool. Quanto à morfina, acredita-se que jamais a tenha abandonado, podendo ter trocado a substância pelo Demerol, um sintético que causa o mesmo efeito. Orlando não conta apenas com a ajuda da dedicada Maria de Lourdes, mas também do padrinho, o incansável Chico Alves. Mesmo assim, é um homem triste.

A morte de Francisco Alves, em setembro de 1952, é outro baque. O Brasil vem abaixo com o acidente de carro que tirou a vida do cantor. E a Rádio Nacional, para homenagear o Rei da Voz, decide convidar seu afilhado para um programa especial. Assim, por meio da morte de seu incentivador mais entusiasmado, Orlando Silva retorna à rádio numa antológica participação. Amparado pela emissora, retoma um pouco do sucesso e assina com a

Copacabana, com quem grava discos de alguma relevância artística. Três anos depois, volta à Odeon, onde consegue agradar o antigo público. E, em 1959, integra mais uma vez a RCA. É quando grava a sua fase mais melancólica.

Nas décadas de 1960 e 1970, Orlando segue gravando, mas sem o brilho dos primeiros anos da carreira. Poucos meses após registrar o último trabalho pela RCA, sofre uma isquemia cerebral. Em 7 de agosto de 1978, tendo deixado um legado de centenas de canções e uma revolução no canto popular brasileiro, Orlando Silva, o Cantor das Multidões, cala-se para sempre.

DALVA DE OLIVEIRA



Dalva de Oliveira jamais cantou rock, mas levou uma vida de roqueira. Sem medo dos excessos, afogou-se na dor e na bebida. Viveu até o limite. Foi do estrelato à decadência. E, mesmo que hoje seu estilo vocal e repertório soem distantes, sua luta empreendida contra o machismo permanece absolutamente atual. No entanto, mais de meio século depois do sucesso, seu nome é pouco lembrado e seus discos quase não são ouvidos. Ainda assim, Dalva foi um dos maiores fenômenos da música popular brasileira nos anos 1940 e 1950. De personalidade fortíssima, pertence a uma linhagem feminina que começa com Chiquinha Gonzaga, uma das mães da canção popular, passando por Carmen Miranda e, posteriormente, incluindo nomes como Maysa, Elis Regina, Cássia Eller, entre tantas outras divas punks.

Dalva foi vítima do conservadorismo, mas soube enfrentá-lo ao romper com o marido e parceiro, Herivelto Martins. As brigas públicas do casal, usadas como publicidade na carreira de ambos, antecipou, para o bem e para o mal, nossa época de celebridades. No caso deles, escândalo e arte, sucesso e delírio caminhavam juntos. Assim, Dalva não foi uma cantora de protesto, mas desnudou as íntimas revoluções da alma. Como intérprete, conseguiu cantar a própria história por meio das músicas que os compositores escreviam especialmente para ela. E foram muitos os homens que falaram através da sua voz: a personalidade de Dalva fez nascer versos de força única na canção popular brasileira. Nomes como Ary Barroso, Nelson Cavaquinho e Ataulfo Alves compuseram sambas memoráveis inspirados em sua vida nada íntima.

* * *

A menina vem ao mundo como Vicentina, no distante ano de 1917, na pequeníssima cidade de Rio Claro, interior de São Paulo. Caso houvesse nascido homem, seu nome teria sido Vicente, em homenagem ao cantor Vicente Celestino. Porém, à medida que Vicentina cresce, o pai, seu Mário, tocador de clarinete e boêmio convicto, desdenha do gênero da filha e passa a chamá-la de Vicente. Acompanhado de sua menina com jeito de moleque, o homem cumpre a ronda dos bares na cidade. Ainda criança, Vicente/Dalva aprende a beber cachaça, e se sente em casa nas mesas de bar. Para os bêbados

e vagabundos, canta os sucessos de Vicente Celestino, o artista que inspirou seu nome. Enquanto isso, a mãe, dona Alice, se dedica à criação das três filhas mais novas: Lila, Margarida e Nair.

O talento da menina é gritante. Em busca de melhores chances, a família deixa o interior e se muda para São Paulo, onde Vicentina recebe aulas de canto lírico e se apresenta em programas de calouros. Essa inclinação lírica permanecerá durante todo o auge de sua carreira, mas será uma das primeiras perdas que sua voz irá sofrer, em decorrência do álcool e da melancolia. Quando a pré-adolescente Vicentina percebe que o nome de batismo não condiz com a estrela que pretende ser, decide se chamar Dalva de Oliveira.

Tomada de coragem, inscreve-se no temido programa de calouros de Ary Barroso. Após a apresentação, o cantor e apresentador, implacável, sentencia: "*Volte imediatamente ao tanque, de onde nunca deveria ter saído. Vá lavar roupa! A senhora jamais deveria abrir a boca para cantar*." A humilhação é um baque, e Dalva cai em profunda tristeza. Pela primeira vez, ousa duvidar daquele que é o seu maior sonho: cantar. Tempos mais tarde, quando ela já era conhecida e amada pelo público, o mesmo Ary Barroso escreve a belíssima "Folha morta", como pedido de desculpas pelo erro cometido. O compositor se redime por ter reprovado a caloura, mas, involuntariamente, também faz uma previsão sombria da vida que Dalva acabaria tendo: "*Vivo à margem da vida/ Sem amparo ou guarida/ Oh, Deus como sou infeliz.*"

Mas voltemos um pouco. Estamos em 1936. A paulista Dalva de Oliveira, com apenas 19 anos, tenta a vida no Rio de Janeiro, onde trabalha num pequeno teatro no bairro de São Cristóvão. A família, conservadora, continua em São Paulo, aflita com o rumo tomado por sua mais estimada filha. Certo dia, ela conhece um rapaz franzino, que se apresenta como palhaço e cantor da dupla circense Preto e Branco. Seu nome é Herivelto Martins. Ambos se apaixonam, um pela voz do outro. E a aproximação cresce, até culminar na noite em que Herivelto e Dalva cantam juntos pela primeira vez. A química é imediata, incontrolável e explosiva. Assim, Dalva e Herivelto passam a ensaiar exaustivamente, obtendo resultados cada vez melhores. Com a parceria artística, a paixão se intensifica. Juntos, tornam-se cada vez mais confiantes. Herivelto dirige Dalva, de modo a encaixá-la na dupla já formada com Nilo Chagas. Com ela, o Preto e Branco vira o Trio de Ouro.

Apaixonados e miseráveis, Dalva e Herivelto decidem morar juntos, dividindo um precário quarto alugado na praça Tiradentes. É um escândalo para a época e, a fim de proteger a família da tristeza, a moça solteira mente

aos pais, dizendo já estar casada com o rapaz. Tudo é fome e miséria, até que, em 1937, o Trio de Ouro grava um compacto pela RCA Victor. Nesse mesmo ano nasce o primeiro filho do casal, Pery Ribeiro. A situação melhora um pouco, mas ambos seguem sem conseguir pagar o aluguel de uma casa para morar. Assim, a família habita pequenos quartos alugados, nos quais Dalva sempre encontra um jeito de cozinhar para o filho, além de lavar, passar e engomar os trajes que ela e o marido vestirão nos vários shows realizados em palcos mambembes da periferia carioca. Muitas vezes, sem conseguir pagar nem mesmo um quarto, são obrigados a morar em grandes salões de velhos casarões, dividindo espaço com outras famílias de miseráveis. Mas, mesmo em condições tão degradantes, o casal não cansa de receber seus amigos e parceiros com muita dignidade, entre eles Dorival Caymmi.

Dalva de Oliveira é uma mulher cheia de leite, capaz de alimentar tanto o próprio filho quanto outras crianças do cortiço, cujas mães não conseguem amamentar. Sem ter com quem deixar o pequeno Pery, não são poucas as vezes em que sobe ao palco com o filho nos braços. Enquanto canta, o pequeno mama em seus seios. Mas o tempo de vacas magras não é longo. Em 1938, o Trio de Ouro começa a se apresentar nas rádios, um significativo passo em sua carreira. O casal aluga um casebre, infestado de ratos e baratas, e Dalva convida as mulheres da família para morar com eles. Dormem todos juntos num só cômodo, dividido por lonas de circo. No ano seguinte, com mais um filho a caminho, Dalva e Herivelto enfim se casam oficialmente.

* * *

Aos poucos, a vida vai melhorando. Vaidoso, Herivelto adquire um carro e aluga um bom apartamento no Rio Comprido, onde vive apenas com a família, sem as agregadas da mulher. A residência do casal se torna ponto de encontro de importantes figuras da música brasileira. E o Trio de Ouro, cada vez mais conhecido, é convidado a se apresentar no luxuoso Cassino da Urca e em importantes programas de rádio. Disparam as vendagens de seus discos. Em 1941, ganham contrato fixo com o Cassino e, em seguida, mudam-se para uma nova residência, no elegante bairro da Urca.

No apartamento do casal, reúnem-se nomes como Grande Otelo, Linda Batista, Orlando Silva, Nelson Gonçalves e Dorival Caymmi, cujas composições o Trio de Ouro faz questão de lançar, sempre com enorme sucesso. Nessa mesma época, Herivelto compõe “Ave Maria no morro”, um hit instantâneo na voz de Dalva. Francisco Alves, o Rei da Voz e maior astro de

sua época, impressiona-se com o talento da cantora e a convida para uma série de duetos, formando com ela um dos pares mais marcantes da canção brasileira.

Em 1942, Orson Welles chega ao Brasil para dirigir vários documentários. A aproximação com o casal é imediata, e o genial cineasta norte-americano convida Herivelto e Grande Otelo para serem seus assistentes nas filmagens. A residência da família se torna um porto seguro para Welles, amante das macarronadas de Dalva de Oliveira. Depois, com o dinheiro recebido dos produtores norte-americanos, Herivelto compra uma casa de veraneio na Ilha do Governador. Orson Welles se encanta pela residência, onde passa longas temporadas bebendo e curtindo a tranquilidade em frente ao mar. Quando a verba norte-americana para as filmagens chega ao fim, o cineasta tenta convencer Dalva, Herivelto e também Grande Otelo a se mudarem para os Estados Unidos, onde prevê um grande sucesso para o trio. Mas eles preferem continuar no Rio, desfrutando de sua já consolidada carreira artística.

O Trio de Ouro excursiona pelo Brasil, com cada vez mais êxito. É Herivelto quem seleciona o repertório, ensaia as vozes, define os arranjos e cuida até mesmo dos figurinos, do cabelo e da maquiagem da esposa. É ele também o responsável pelo controle financeiro do trio, lidando com os contratos e pagamentos. Nilo, o terceiro integrante, sempre recebe os honorários justos, mas Dalva de Oliveira não vê a cor do dinheiro. E mais: quanto mais o casal enriquece, mais violenta se torna a relação. Não são poucas as vezes em que Dalva é levada ao pronto-socorro para tratar os ferimentos causados pela fúria do marido. Mas ela não fica para trás, também mandando Herivelto algumas vezes para o hospital.

Em 1941, Dalva engravida novamente, mas a criança não chega a nascer. Numa das brigas, Herivelto enche a mulher de socos e pontapés, depois a empurra da enorme escada da sala, causando o aborto do filho. Como castigo, Dalva guarda o feto dentro de um vidro com álcool e o deixa exposto no banheiro da casa. Quando as visitas perguntam sobre o estranho objeto, a cantora afirma que ele serve para que Herivelto não se esqueça do que fez.

Aos poucos, ela começa a se cansar de ter a casa sempre tomada pelos amigos do marido. Após as exaustivas apresentações no Cassino da Urca, é obrigada a voltar para a residência a pé, sozinha, e cozinhar para o bando de homens famintos. Além disso, depois de servir o jantar, é incumbida de preparar as camas para aqueles que, bêbados demais para voltar para casa ou sem ter para onde ir, acabam passando a noite ali. Em paralelo às humilhações

dentro do lar, Dalva começa a perceber os vestígios das noitadas do marido. São evidências encontradas no carro, como absorventes, fios de cabelo, manchas de batom e bijuterias que não são suas. Com a relação já bastante desgastada, Herivelto conhece uma aeromoça. Em 1947, o casamento de Dalva está dividido: seu marido oscila entre a casa da amante, a tal aeromoça gaúcha, e a da família, que compartilha com a mulher e os dois filhos. A naturalidade com que Herivelto leva a situação é constrangedora, chegando a apresentar a "outra" para os amigos mais próximos como sua nova mulher.

Apesar da vida extraconjugal, o casamento ainda dura cerca de três anos. Tanto Dalva quanto Herivelto temem o que poderá acontecer com o Trio de Ouro caso oficializem a separação. Mas, já cansada de esperar que o marido resolva a própria situação, a mulher se encontra com a rival e trata do caso. Dalva admite não ter mais intenção alguma de continuar com o casamento. Seu amor-próprio a impede de seguir ao lado de um cafajeste.

Em 1949, já com o desquite encaminhado, o Trio de Ouro viaja ao lado de Dercy Gonçalves para uma temporada na Venezuela. As apresentações são um fiasco. No terceiro dia, Dercy, produtora e protagonista do espetáculo, abandona o compromisso e foge para o Brasil. O elenco fica sem cachê e não sabe como resolver a situação num país estrangeiro. Assim, sem terem como pagar a conta do hotel e nem mesmo as passagens de volta, Herivelto e Dalva passam a procurar trabalho em Caracas. O Trio de Ouro, absolutamente desconhecido na Venezuela, é obrigado a se desmembrar e, cada um por si, precisa encontrar onde fazer seus shows. Dalva é a mais assediada dos três, tendo relativa facilidade para arrecadar o dinheiro que permitirá seu retorno ao Brasil. Mesmo com o processo de separação iniciado e sem dormirem no mesmo quarto, os problemas continuam: Herivelto continua o possessivo de sempre, chegando ao ponto de, novamente, partir para a agressão física motivada por uma crise de ciúmes.

Na volta ao Brasil, o avião os leva até Belém, onde o sucesso do Trio de Ouro é estrondoso. Lá, alugam uma grande casa para passar cerca de três meses na região, fazendo inúmeros shows e restabelecendo a vida financeira. Ainda que morem juntos, Dalva segue distante, pois sabe que a amante espera por Herivelto no Rio. O marido sofre com essa nova Dalva, cada vez mais segura de si. Cansado, decide que precisa retornar ao Rio e organizar a vida. Já Dalva prefere permanecer em Belém, onde dá início a uma série de apresentações solo. Quando recebe o primeiro pagamento, desanda a chorar. Nunca tinha visto tanto dinheiro. Um dinheiro que, a partir de agora, será somente seu.

* * *

Com 32 anos, Dalva de Oliveira deixa Belém e retorna ao Rio. Precisa enfrentar a realidade. Ao chegar em casa, descobre que o marido já não mora mais lá. Sem se deixar abalar, ela grava o primeiro sucesso solo, "Tudo acabado", de J. Piedade e Oswaldo Martins e, com essa canção, dá o pontapé para que se inicie uma série de lavação de roupa suja em público. "Tudo acabado entre nós/ Já não há mais nada/ Tudo acabado entre nós/ Hoje de madrugada/ Você partiu e eu fiquei/ Você chorou e eu chorei." Mordido com o sucesso da ex-mulher, Herivelto procura os jornais para difamá-la. Entre detalhes sórdidos – alguns mentirosos –, afirma que Dalva recebia amantes na residência do casal. A separação é um tormento para toda a família e um prato cheio para a imprensa marrom, sedenta por novidades sobre a vida dos artistas. Assim, parte do público vibra com a separação de Dalva e Herivelto, devidamente exposta na mídia nacional.

Agora, sozinha, a estrela de Dalva de Oliveira brilha ainda mais. A mulher fecha um ótimo contrato com a gravadora Odeon, além de ser convidada a integrar o estrelado elenco da Rádio Nacional. Seu primeiro disco, *Tudo acabado*, é um sucesso. Meses depois, mais um arrasa-quarteirão é lançado: com a canção "Que será?", Dalva se consolida como uma das maiores estrelas da canção brasileira. Por outro lado, cada vez mais incomodado com o sucesso da ex-mulher, Herivelto lança "Caminho certo", uma resposta clara e direta para Dalva, em parceria com David Nasser. A letra volta a insistir na traição: "*Eu deixei o meu caminho certo/ E a culpada foi ela/ Transformava o lar na minha ausência/ Em qualquer coisa/ Abaixo da decência*."

Indignados com o golpe baixo do marido, compositores como Nelson Cavaquinho e Ataulfo Alves escrevem uma série de sambas-resposta para Dalva gravar, o que deixa Herivelto ainda mais furioso e inspirado. Não apenas o mercado de notícias fatura com a separação, como também o fonográfico. Só que, no fim, essa rivalidade acaba isolando Herivelto dentro do meio musical. A maioria dos artistas, conhecendo o comportamento do ex-marido, nutre forte compaixão por Dalva. Desiludido com os colegas compositores, o homem responde com "Falso amigo".

Em 1951, já dois anos após a separação, Herivelto não larga o osso. Em parceria com o jornalista David Nasser, publica 22 artigos no *Diário da Noite* nos quais volta a escancarar a sua relação, sempre difamando a ex-mulher e ex-companheira musical. Mas o resultado não é nada benéfico para o autor das

acusações. Seu novo Trio de Ouro, agora em formação com Raul Sampaio e Noemi Cavalcanti, é fortemente rejeitado pelo público. Devido à postura agressiva de Herivelto, já não emplaca sucesso algum. Mas enquanto ele amarga o fracasso, a carreira de Dalva decola como nunca.

No auge do conflito, o ex-casal se apresenta simultaneamente na praça Tiradentes, no Rio de Janeiro. Herivelto está com a nova formação do Trio de Ouro, e Dalva canta sozinha. O sucesso da estrela é tamanho que ela precisa entrar e sair do Teatro Recreio sempre escoltada pela polícia, chamada para tentar conter os ânimos dos fãs enlouquecidos. Depois, com bastante dinheiro na conta, enfileirando sucessos consecutivos nas paradas e um horário somente seu na Rádio Nacional, Dalva decide comprar a primeira casa própria.

Solteira, a estrela agora é abertamente cortejada por muitos homens. O ator Procópio Ferreira é um que costuma ajardinar os camarins da cantora com uma profusão de flores. Ele também envia um piano para o novo lar da diva e presenteia Dalva com um automóvel Austin zerinho. O namoro é aceito pelos filhos da cantora, principalmente pela amabilidade com que o homem trata os meninos, enchendo-os de presentes que os pais jamais foram capazes de oferecer. Contudo, apesar dos insistentes pedidos de casamento, Dalva não aceita o pai de Bibi Ferreira. É Tito Clemente, conhecido como o “Fred Astaire Argentino”, quem fisga o coração dela.

* * *

Tito é filho de uma bem-sucedida família de artistas portenhos e tem um refinamento com o qual Dalva não está acostumada. Em 1952, eleita a Rainha do Rádio, ela embarca para uma série de shows por Lisboa, Madri, Barcelona e Londres, onde chega a se apresentar para a rainha Elizabeth. É durante a temporada europeia que Dalva e Tito se casam na igreja de Montmartre, em Paris.

Mesmo casada, a pressão segue imensa. São muitas viagens, gravações, apresentações em rádio e muitos shows. Dalva não tem a menor chance de descansar e curtir as conquistas de sua carreira. Para aliviar o estresse, passa a fazer uso do conhaque com cada vez mais frequência. A paixão por Tito, com quem está casada, leva-a para uma temporada em Buenos Aires, onde consegue alguns momentos de paz. Depois disso, o marido abandona a carreira portenha, muda-se com Dalva para o Rio e passa a trabalhar como seu empresário.

No Brasil, a rigidez com que Tito tenta conduzir a vida pessoal e profissional de Dalva encontra forte resistência por parte da cantora. Numa tentativa de

aliviar a tensão entre os dois, em 1954, eles adotam a pequena Gigi, batizada como Dalva Lúcia. Apesar das boas intenções, as brigas não cessam. Tito luta para manter a mulher longe das garrafas, sem sucesso. É a filha quem sente mais de perto os malefícios causados pelo alcoolismo de Dalva, cujo temperamento se transforma radicalmente sob o efeito da bebida. Em 1965, após catorze anos vivendo juntos, Tito desiste e retorna para a Argentina. A pequena Gigi, com 11 anos, escolhe acompanhar o pai, deixando Dalva ainda mais desamparada. Mesmo sendo constantes as tentativas de manter algum contato com a filha e o ex-marido, todas as portas são fechadas. As muitas cartas que envia à menina são prontamente destruídas antes de chegar até ela. A partir de então, o conhaque será sua companhia inseparável.

* * *

Na noite de 19 de agosto de 1965, o Oldsmobile de Dalva de Oliveira perde o controle no Túnel Novo, em Copacabana, e mata quatro pessoas. Nuno, Manuel Nuno Carpinteiro, seu novo namorado, com quem depois se casaria, está ao volante. Ao que tudo indica, os dois discutiam por causa do flerte de Dalva com outro rapaz.

Dalva de Oliveira permanece em coma durante alguns dias, após sofrer um afundamento do maxilar e uma fratura na bacia. Seu rosto ganha uma cicatriz significativa que, mesmo depois de vários cirurgias, jamais desaparecerá. Dalva está profundamente abalada. Após o acidente, já não é mais a mulher bonita e desejada que um dia foi. Muito deprimida, desaparece dos palcos e se afunda na tristeza e no álcool. A premonitória canção escrita por Ary Barroso, “Folha morta”, nunca fez tanto sentido como nesse momento.

Não tendo mais a quem recorrer para saldar as imensas dívidas, Dalva de Oliveira vai até a gravadora Odeon atrás de um adiantamento. Sabendo que a artista está praticamente acabada, os executivos aceitam ajudá-la financeiramente, mas apenas se ela assinar um documento abrindo mão de todos os direitos futuros que seus discos já gravados poderão lhe render. Sem alternativa, Dalva entrega os pontos e perde os maiores sucessos de sua carreira para a companhia.

O baque financeiro é enorme, mas ainda pior é o baque moral. A atitude da gravadora deixa claro que a cantora jamais será capaz de pagar o empréstimo e, consequentemente, de retomar o sucesso. Além disso, com o rosto desfigurado e sem o apoio de seus empresários, seu fígado adoece. Para piorar, os amigos não lhe dão chance alguma. Está sozinha. Depois, no México, onde passará

uma temporada acompanhando o primogênito Pery, Dalva é convidada a dar uma canja em um elegante restaurante. Já embriagada, a voz não obedece. Chora abraçada ao filho fora do palco. Mas nem tudo são problemas: no Brasil, sua gravação de “Máscara negra” começa a fazer certo sucesso.

No começo de 1970, já com mais de 50 anos, Dalva volta a experimentar momentos alegres em sua carreira, sendo escalada em festivais e programas de TV. Mesmo assim, o álcool fala mais alto e muitas vezes a impede de cantar. Convidada pelo cantor Lúcio Alves a se apresentar na TV Tupi, sua presença é vetada quando o apresentador percebe que, prestes a entrar ao vivo, Dalva está de pileque. Não apenas aquela participação é cancelada, como ela também fica proibida de pisar na emissora.

Paralelamente às apresentações que, pouco a pouco, volta a realizar, Dalva faz visitas frequentes ao hospital, onde se submete a punções para retirar líquido do abdômen. A cantora sofre de um quadro adiantado de cirrose hepática. Um dia, assim que deixa o hospital, sem sequer passar em casa antes de ir para o estúdio, grava “Bandeira branca”, um clássico retumbante que explodirá em todo o Brasil e se perpetuará pelos carnavais, perdurando até hoje com enorme sucesso. No entanto, esse êxito pouco altera seu destino, cada vez mais infeliz. O filho Pery Ribeiro conta que, em Salvador, contratada para um show, Dalva precisou ser resgatada num boteco, completamente embriagada, na companhia de todo tipo de gente. Tempos depois, mais uma apresentação na TV é cancelada – Dalva, que seria a convidada de honra, recebendo homenagens por sua carreira, está novamente de pileque e acaba impedida de entrar em cena.

O aspecto físico de Dalva é cada vez mais degradante. Não apenas pelas marcas do acidente em seu rosto, mas também pelas marcas da bebida. A cirrose toma conta, acabando com o que sobrou de sua beleza. Mas, apesar dos problemas que enfrenta, segue casada com Nuno, cerca de vinte anos mais jovem. De secretário particular, ele passa a namorado e companheiro nos últimos anos de sua vida.

Em 1972, Dalva é internada na Casa de Saúde Arnaldo de Morais com um quadro de cirrose hepática avançado. Sofre hemorragias, o que exige dos amigos uma predisposição para doar sangue. Até mesmo os fãs ajudam a cantora. Aliás, seu boletim médico se torna público, ocupando lugar de destaque na imprensa. Com isso, os admiradores reaparecem e fazem plantão na porta do hospital. Com o intuito de ajudar a saldar as enormes despesas médicas, colegas artistas fazem doações. Mas o estado da cantora é muito

grave. Ela fica em coma por dois dias. Quando acorda, está lúcida. Então, vinte dias antes do óbito, os médicos anunciam a morte clínica. Não há mais nada a ser feito para salvá-la. Quadros de coma se sucedem e todos esperam por sua morte. Dalva de Oliveira agoniza num leito de hospital.

Após um coma de três dias, a cantora acorda na manhã de 30 de agosto de 1972. É seu último despertar. Nesse mesmo dia, por volta das cinco horas da tarde, aos 55 anos, a voz que embalou o país se cala para sempre. *Bandeira branca*. A estrela Dalva já não pode mais.

NELSON CAVAQUINHO



Nelson Cavaquinho é gato de rua. Um vira-lata. Gênio, faz parte dessa linhagem punk de sambistas que vivem a liberdade às últimas consequências. Flana pelas ruas do Rio, bebe muito, canta mais ainda e não se importa nem um pouco com as convenções sociais da época. Desajustado e vagabundo, cantou a boemia que tanto viveu. E foi um dos maiores que nossa música já produziu. Imortalizou o violão que, apesar do apelido, tocava muito mais do que o cavaquinho. Dedilhando com apenas dois dedos, o polegar e o indicador, entrou para o *hall of fame* do samba. Sua musicalidade pode até soar tosca aos ouvidos desatentos, mas, assim como o folk de Bob Dylan, mostra-se profundamente rica quando contextualizada num panorama maior.

Nelson sempre teve medo da morte e fugiu dela de todas as maneiras. Atrasou relógios para escapar da hora maldita, cantou a angústia de estar cada vez mais perto do fim e foi um dos primeiros a forjar a presença constante do fatal na música brasileira. Até mesmo o amor por um cadáver teve espaço em seu samba. Mas, de forma irônica, viveu intensamente. Quis viver. Escapou de duas pragas que assolaram o Brasil na primeira metade do século XX: a gripe espanhola e a terrível tuberculose. Era o tipo de cara que saía de casa para comprar cigarros e só voltava quatro dias depois. Um vagabundo assumido que chegou a trabalhar como policial por imposição do pai. Seu reconhecimento como gênio não aconteceu cedo, mas, ainda assim, teve direito a desfrutar da fama antes de morrer. De alguma forma, como pediu no samba “Quando eu me chamar saudade”, uma de suas muitas parcerias com Guilherme de Brito, recebeu suas *flores em vida*. Sem dúvida, a loucura de seu enredo está na quantidade de álcool consumido, mas também na capacidade de não ser engolido pela ganância do mercado musical. Mais do que isso, a loucura de Nelson Cavaquinho foi ter desejado e conseguido ser fiel ao próprio samba.

* * *

Este escorpiano de 28 de outubro de 1911 habita as águas mais profundas. Também é carioca de família muito pobre, com uma mãe incansável. É ela quem cuida dos seis filhos, e ainda trabalha como lavadeira. O pai toca tuba na banda da Polícia Militar. Nas tardes quentes de domingo, a família costuma

receber a visita de um tio violinista que anima os saraus em casa. Nelson, criança, tenta acompanhá-lo, munido de um “instrumento” construído por ele mesmo, que consiste em uma caixa de charutos com alguns arames esticados. É um cavaquinho de sucata. Desde que se conhece por gente, o menino é apaixonado por cavaquinho. Sem ter um instrumento para tocar, por emprestado a quem quer que seja, até que um senhor português, comovido por sua paixão pela música, lhe dá de presente seu primeiro cavaquinho.

Apesar das dificuldades, a infância é bastante divertida. Vive livre pelas ruas da cidade, passa os dias soltando pipa, correndo atrás de balão e jogando bolinha de gude. Aos sete anos, contrai a temida gripe espanhola, que, em 1918, provoca uma epidemia mortal no Rio. Assim, morte e vagabundagem fazem parte do seu repertório de vida desde cedo. A extrema pobreza o obriga a abandonar a escola no terceiro ano do primário e, ainda criança, é forçado a trabalhar numa fábrica de tecidos. Depois, transferem o menino para ser auxiliar de eletricista. Na década de 1920, as leis trabalhistas permitiam manter uma população de semiescravos infantis, com praticamente nenhum direito. Mas, mesmo com tantas obrigações, o pequeno foge para a rua da Conceição, onde assiste a performances que o transformam. O céu se abre. Inferno nunca mais. Fascinado, sabe bem o que será quando crescer: sambista!

Nelson é acostumado a mudar de bairro, com a família sempre buscando um aluguel mais barato. Na Gávea da época, um local ainda operário, o adolescente acompanha conjuntos de choro por bares e tabernas. Sempre de violão em punho, entoa a voz rouca nos botequins. É um jovem de alma grisalha. Desde cedo, consegue se tornar amigo de sambistas respeitados, como Brancura, Edgar e Camisa Preta. Além disso, é fascinado pela perícia dos grandes mestres do cavaquinho, com quem aprende truques e batidas, sempre nas ruas, nas mesas de bar ou em bancos de praça. Assim como o funk, anos depois, o samba também é a língua do fraco. É a voz do desajustado. Um ritmo marginal por excelência. E já nessa época, Nelson adquire o costume que será sua marca registrada até o fim da vida, que consiste em tocar com apenas dois dedos, o polegar e o indicador direitos. Sua batida, baseada nas cordas baixas, funda um estilo que os colegas batizarão de “galope”. Mais do que técnica, aliás, sua aproximação com as cordas é instintiva. É nessa época que ganha o apelido que o acompanhará por toda a vida. Nelson Antônio da Silva se torna simplesmente Nelson Cavaquinho.

* * *

Apaixonado pela boemia, ele logo cai na armadilha do sexo antes do casamento. Aos 20 anos é obrigado a se casar com Alice, tão jovem e inexperiente quanto ele. Noel Rosa, nessa época, sofre a mesma pressão por parte do pai da namorada e também cede ao matrimônio forçado. Nascem três filhos, sem que ele consiga se manter em emprego algum. O desespero é a sua companhia. Não sabe ser pai de uma família. Mesmo triste, Nelson toca. E chora. Levar uma existência regrada é a morte da arte. A vida real é um peso insuportável. Por sorte tem o samba, no qual se refugia nos momentos de angústia. Mas os amigos de seu pai se unem para salvar o rapaz e conseguem um posto como cavalariano na Força Pública. Para entrar no Exército, alteram o nascimento de Nelson para 1910. Ele sucumbe e se enquadra – ou tenta.

Nessa função, Nelson patrulha os bares do morro. Deve colocar ordem nesses ambientes. Boêmio inveterado, a ocupação lhe cai como uma luva. Então, em vez de patrulhar, Nelson Cavaquinho frequenta os botecos, bebendo e cantando com os principais sambistas da época. Cartola, Zé da Zilda e Carlos Cachaça são seus principais companheiros. Mas, quando chega bêbado no regimento, segue direto para a cela. Vai da cadeia para a mesa de bar, da mesa de bar para a cadeia. Essa é a rotina do cara. Mesmo assim, é um ótimo soldado. Nada autoritário, concilia muitos conflitos no morro, pois entende a alma da comunidade.

Um episódio envolvendo o Nelson Cavaquinho cavalariano e seu inseparável animal é clássico no mundo do samba. No dia em que conhece Cartola, fica tão deslumbrado que esquece o cavalo na porta da birosca sem nem mesmo amarrá-lo. Ao final do expediente, o bicho volta sozinho para o quartel. Quando se dá conta do acontecido, o soldado Nelson descamba morro abaixo, desesperado. Mais uma vez, segue direto para a cadeia. Como relembrou anos depois, ia tanto em cana que se acostumou: “Era tranquilo, ficava lá compondo. Entre as músicas que fiz no xadrez está ‘Entre a cruz e a espada’.” Antes de ser expulso da corporação, consegue uma licença e cai na farra. Em casa, após alguns cavaquinhos e violões quebrados, Alice termina o casamento. Nelson está finalmente livre para a música e para a boemia.

Seus sambas começam a atrair a atenção dos colegas. Na praça Tiradentes, Zé da Zilda e Noel Rosa conversam sobre “Devia ser condenada”. Composto na Mangueira, arranca elogios e faz sucesso nas rodas da cidade. Noel quer conhecer o autor. Já ouviu falar de Nelson e pressente que ali habita um gênio parecido com o seu. Aos 21 anos, levado por Cartola e Carlos Cachaça, é apresentado a Noel Rosa, que se desmancha em elogios ao novato. Aliás,

Cartola e Carlos Cachaça são os dois compositores que mais estimulam a carreira de Nelson Cavaquinho, apresentando-o aos influentes da música e elogiando os bons sambas que compõe. São muitas as canções em que Nelson rasga o coração para a Mangueira. Apesar dessa paixão, nunca chegou a fazer parte da ala dos compositores da Estação Primeira. Mas, em 1935, vence o concurso para samba-enredo e tem sua música cantada pela escola na avenida.

* * *

Nelson tem 28 anos quando Alice, a ex-mulher e mãe dos seus três filhos, morre. Agora viúvo, a fatalidade o assusta. Não pode mais perder tempo. Tomado de coragem diante da vida, larga de vez o emprego na Polícia Militar para se dedicar somente à música. Contaminado pela tristeza, pela dor e pelas frustrações, carrega para a composição tudo o que sente. Aos poucos, constrói sua identidade e fica conhecido como o sambista da melancolia e da morte. Mesmo assim, jamais se deixará aprisionar pela tristeza. Sabe dosar a dor com momentos de extrema alegria. É nesse ano de luto, livre da Polícia, que ele consegue emplacar a primeira composição gravada, “Não faça vontade a ela”, na voz de Alcides Gerardi.

Nelson compõe e toca incessantemente, mas jamais se dedica ao lobby do samba. Nunca investe em redes de contatos nem se aproxima de gente influente com a intenção de emplacar alguma composição. Sua loucura é permitir que a vida siga seu fluxo. Só se aproxima dos outros por afeto. Nelson não força a barra. Não bate na porta das rádios nem alimenta a ambição do sucesso a qualquer preço. Seus poucos rendimentos vêm da venda de sambas, uma prática comum na época. O sambista troca o crédito na parceria por uma noite na hospedaria, um prato de comida ou alguns trocados para comprar cerveja. E são tantas vendas que, um único samba seu, chega a ter dezessete parceiros. No entanto, essa prática impede Nelson de compor com seu grande mestre, Cartola, que se nega a correr o risco de ter o mérito de sua criação pulverizada entre tantos compradores.

Seu principal parceiro é o letrista Guilherme de Brito, que conhece no café São Jorge. Nelson já é um sucesso *underground* e, quando Guilherme passa de manhã pelo botequim, há sempre um aglomerado de gente em volta de uma das mesas. Depois, voltando tarde da noite, pois trabalha o dia inteiro, ele revê Nelson, ainda na mesma mesa, com seu inseparável violão, tocando em troca de cervejas. Fã incondicional do sambista, Guilherme toma coragem e se atreve a lhe apresentar a primeira parte de um samba. A composição se chama

“Garça”. Nelson adora e logo termina a segunda parte da música. Desde então, até o fim da vida, a dupla manterá o trato de criarem juntos. A entropia é perfeita: Nelson Cavaquinho e Guilherme de Brito se tornam um só, como uma espécie de Mick Jagger e Keith Richards do samba.

Gregário por natureza, Nelson tem muitos outros parceiros. Um deles é Alcides Caminha, um funcionário público que, como só divulgou-se recentemente, usava o pseudônimo de Carlos Zéfiro para desenhar quadrinhos pornográficos que circularam de forma clandestina no Brasil entre os anos 1950 e 1970. Por sinal, Caminha é um dos parceiros da dupla Nelson e Guilherme no clássico “A flor e o espinho”. A composição nasce um dia, quando Guilherme de Brito volta de uma festa tarde da noite e se senta num bar na Praça XV. Completamente entregue à madrugada, escreve a primeira parte da letra, cheia de tristeza e melancolia. *Tire esse sorriso do caminho, que eu quero passar com minha dor* é um dos versos mais doloridos da música popular brasileira. Em seguida, ele apresenta a letra para Nelson, que cria a melodia para esse hino do cancioneiro popular. A letra, sombria, reafirma a melancolia e a constância da morte em sua temática.

Assim como Renato Russo no fim do século, os temas mais pesados e sombrios da existência são recorrentes no repertório de Nelson. Isso porque o compositor se considera um homem muito próximo da fatalidade. Suas músicas sempre falam de morte, Deus e amores fracassados. Há uma aura romântica, gótica e mística. Uma poética que reflete esse tempo em que muitos jovens morrem de tuberculose. Aliás, anos mais tarde, Cazuza, outro poeta maldito da música brasileira, vai resgatar o samba “Luz negra”. A composição, mesmo antiga, reflete as angústias de uma juventude diante da tragédia da aids no auge dos anos 1980. Assim, tratando das dores da alma, ele se torna atemporal.

Ainda que leve muitos sustos, ele não vive com medo. Num fim de tarde, após três dias e três noites na rua tocando sem parar, bebendo todas e sem comer nada, o artista retorna para casa e descobre que, nesse meio-tempo, sua mãe morreu e foi enterrada. Mais do que lamentar, Nelson faz o acontecimento alimentar a sua arte. Abraça tudo o que a existência lhe apresenta, por mais trágico que possa ser. É uma espécie de Baudelaire do samba, com sua voz rouca e sem fôlego, sempre morrendo um pouco ao final de cada verso. Em “Depois da vida”, uma de suas mais belas criações, a obsessão pela morte ousa flertar com a necrofilia: “É pena que uns lábios gelados como os teus/ Não sintam o calor que eu guardei nos lábios meus/ No teu funeral estás tão fria assim/ (…) Eu te esperei minha querida/ Mas só te beijei depois da vida.”

* * *

Na década de 1950, Nelson troca o cavaquinho pelo violão. Mesmo assim, não muda o nome artístico nem a maneira de tocar, usando apenas o polegar e o indicador. Nelson fere as cordas com os dedos, inventando uma técnica que impressionará grandes instrumentistas da nova geração, como Paulinho da Viola e Egberto Gismonti. Além disso, sua personalidade marcante pode ser reconhecida a quilômetros de distância. Nunca fez música por encomenda nem gosta de samba-enredo, apesar de ter criado alguns. Sempre à margem, é um artista radical: "Acho horrível você ter de fazer aqueles lá-lá-lá e oba-oba obrigatórios na linha melódica das escolas de samba. Faço músicas para tirar as coisas de dentro do coração. E foi assim desde o dia em que fiz meu primeiro samba."

Mesmo com excessos e bebedeiras, Nelson sempre teve uma forte resistência física, chegando a passar quase uma semana sem voltar para casa, apenas flanando pelas ruas do Rio, dormindo em mesas de bar e comendo praticamente nada. Nesses *tours de force* pela boemia, o violão é seu parceiro inseparável, sempre cantando sambas novos e antigos. Em mesas de desconhecidos, é Nelson quem domina os assuntos e conduz a cantoria. Afinal, das músicas que escolhe cantar, todas são suas. Jamais reverencia outros sambistas. Compreende muito bem sua importância na música popular brasileira e dedica todo o tempo às próprias composições.

Após uma breve viuvez, Nelson acaba encontrando a companheira que estará ao seu lado para o resto da vida. É Durvalina, uma garota com vocação para mulher de sambista. Trinta anos mais jovem, é ela quem cuida da casa. A princípio, estranha os sumiços do companheiro, mas, como ele sempre volta, respeita seu ímpeto vagabundo. Porém, entre o primeiro e o último, Nelson teve muitos amores. Um dos mais intensos é Lígia, talvez a grande paixão do sambista. Lígia é uma mendiga que dorme na praça Tiradentes aos pés da estátua de Pedro I, um dos locais prediletos de Nelson. Os dois costumam beber até as últimas. Depois, dormem abraçados ao relento. Segundo o parceiro Guilherme de Brito, "ele só se chegava a essa gente assim". O amor atinge um ponto tal que Nelson tatua o nome de Lígia no ombro direito, motivo de sua canção "Tatuagem", que diz: "*O meu único fracasso/ Está na tatuagem do meu braço*."

O mercado fonográfico é regido pelo poder de fogo das rádios, mas Nelson faz o menor esforço para participar de seus programas. Tampouco bajula os

populares *disc jockeys*. No entanto, essa rebeldia gera muitos problemas financeiros. E é seu parceiro Guilherme de Brito que, com um pouco de tino comercial, se dedica a pelo menos recolher os parcos direitos autorais das canções. As coisas parecem ir de mal a pior, até que, na segunda metade da década de 1950, Nelson começa a se tornar *cool*. Súbito, passa a ser moderno cantá-lo. Gravações de seus sambas começam a pipocar, alçando o marginal à condição de artista respeitado. Dalva de Oliveira, por exemplo, grava "Palhaço", e Elizeth Cardoso, "Amor que morreu" – elas são as duas maiores vozes do Brasil. Já Ruth Amaral canta "Garça" e Raul Moreno escolhe "A flor e o espinho". Em 1958, Roberto Silva registra "Notícia" e "Degraus da vida". Além disso, nos anos 1960, Nara Leão imortaliza "Pranto de poeta", mais uma parceria com Guilherme de Brito.

Por ser bastante popular, Nelson é convidado a compor uma canção para ser entoada nas assembleias de trabalhadores grevistas. Assim, sem mudar o estilo, o sambista apresenta uma composição arrastada, bem do seu jeito. Esse episódio retrata a incapacidade que Nelson tem de fugir da própria essência para se adaptar às demandas do mercado. Apesar de estar por dentro dos acontecimentos políticos do Brasil, não os trata diretamente em suas composições. Prefere os temas atemporais. Aqueles que dizem respeito às emoções e aos conflitos humanos.

Com a inauguração do restaurante Zicartola, de dona Zica e Cartola, no centro do Rio, Nelson Cavaquinho se apresenta em público pela primeira vez. Se antes apenas cantava em mesas de bar, agora sobe ao palco ao lado de Cartola, Nuno Veloso, Zé Kéti, Elton Medeiros e Jorge Santana. Assim, Nelson é da linhagem de figuras como Leonard Cohen e Vinicius de Moraes, que só foram estrear nos palcos quando eram homens feitos, e com uma farta produção já composta. Mas, apesar do respeito que tanto a juventude quanto a velha guarda lhe dedica, Nelson não se leva a sério. Para ele, o músico, por mais genial que seja, é sempre um cara disposto a tudo para não precisar trabalhar.

Contudo, os anos 1960 seguem com Nelson a todo vapor, e o reconhecimento aumenta. Elizeth Cardoso grava "Vou partir" e "A flor e o espinho", no LP *Elizeth sobe o morro*. No disco seguinte, *Quatrocentos anos de samba*, a estrela grava "O meu pecado". Um ano depois, o escritor, cronista e compositor Sérgio Porto, o Stanislaw Ponte Preta, idealiza um LP inteiro dedicado à obra de Nelson Cavaquinho, cantado por Thelma Soares. Com arranjo de Radamés Gnatalli, Nelson grava três músicas: "Cuidado com a

outra”, “História de um valente” e “Rei sem trono”. Também apresenta o show *A voz do povo*, ao lado de Moreira da Silva e João do Vale. No entanto, apesar do clima de devoção no meio artístico, Nelson ainda não foi convidado a gravar um disco cantando os próprios sambas.

Já Guilherme de Brito, seu mais fiel parceiro, leva uma vida bem diferente da maioria dos sambistas. Enquanto Nelson é um boêmio inveterado, Guilherme é um homem regrado. Nelson sempre fugiu de qualquer trabalho regular que estivesse fora da criação artística, enquanto Guilherme trabalha desde jovem, aposentando-se, em 1966, como mecânico de máquinas de calcular. Nelson, por outro lado, vive com o pouco que recebe. Sempre que alguma grana cai em sua mão, faz compras em uma feira, mas a cesta chega vazia em casa, pois, generoso, sai distribuindo os alimentos pelo caminho. Outras vezes, investe todo o rendimento na gandaia. Um caso que corre no mundo do samba conta que, certa vez, Nelson “molhou” a mão de uma bela garota em troca de uma noite juntos. Mas, prestes a entrar no quarto, descobriu que se tratava de uma travesti. Aos amigos, contava que, como o pagamento já havia sido efetuado, deitou-se na cama e aproveitou o investimento.

* * *

Nelson já está maduro, com dificuldades financeiras cada vez maiores, e seus amigos tentam conseguir algum emprego convencional para ele. Afinal, respeito e reconhecimento não enchem a barriga de ninguém. Assim, Nelson Sargento, compositor da Mangueira, tenta empregá-lo como pintor de paredes, mas o gênio do artista o impede de se dedicar a qualquer outra coisa que não seja a música. Não tem jeito: durante toda a vida, Nelson Cavaquinho é acusado de boemia e vagabundagem, mesmo sendo um dos maiores sambistas de seu tempo.

Aos 56 anos, o compositor é convidado a gravar seu depoimento no Museu da Imagem e do Som, um dos maiores sinais de respeito ao seu trabalho. Ainda vivo, sabe que será imortal. Nesse depoimento declara que sua maior paixão é compor samba e ajudar ao próximo. Também aponta Chico Buarque e Baden Powell, ao lado dos mangueirenses Pelado e Padeirinho, como os melhores compositores dessa geração. Entre as novas intérpretes, destaca Nara Leão e Maria Bethânia. Sobre Elizeth Cardoso, fala “ela sempre soube dizer bem as minhas músicas”.

Agora, Nelson Cavaquinho frequenta os bares da Zona Sul, alegando que os da Lapa “estão muito cheios e tumultuados”. Ao lado de Cartola, Clementina

de Jesus e Carlos Cachaça, grava o LP *Fala Mangueira*. E Paulinho da Viola engrossa o time dos admiradores de Nelson, gravando “Não te dói a consciência”. Depois disso, sua personalidade marginal e, ao mesmo tempo, popular atrai a atenção do cineasta Leon Hirszman, que transforma o sambista em tema de um curta-metragem. Nelson Gonçalves, uma das maiores e mais populares vozes do país, ainda grava “Eu não sei por quê”, uma parceria com Anatalício Silva. E Elizeth Cardoso escolhe “Vou partir”, feito com Jair do Cavaquinho. A popularidade de Nelson não para de crescer.

Inconfundível, rouco e áspero, ele grava o primeiro disco somente seu em 1970, já aos 59 anos, pela gravadora Castelinho. *Depoimento do poeta* já nasce um clássico. No álbum, bate um papo informal com Elizeth Cardoso, Oswaldo Sargentelli e com a cronista Eneida de Morais. A gravação tem o clima descontraído das conversas de botequim e das rodas de samba, mas, infelizmente, logo sai do mercado após a falência da gravadora.

A rouquidão de Nelson é marcante. Tragadas, cigarros, noites e mais noites ao sereno forjam o seu cantar. Seu tom lembra outros grandes trovadores, como Bob Dylan, Serge Gainsbourg e Lou Reed. Mais do que cantores, são poetas, contadores de histórias, cronistas das dores do seu tempo. A voz carrega uma história, e a personalidade que canta é mais importante do que a técnica. Nelson é uma das vozes com personalidade mais marcante que a música brasileira já produziu. Fiel a si mesmo, consegue se manter acima de qualquer julgamento: “A minha voz, você sabe, é rouca mesmo. Mas o… como é mesmo o nome daquele homem lá, da América do Norte? Ah! O Armstrong. Ele também era rouco. Há pessoas que gostam muito mais da minha voz do que a de muitos cantores por aí. Não sei por quê. Acho que é porque eu sinto. Eu tenho sentimento quando canto.”

Em 1972, Nelson é convidado a fazer mais um LP, desta vez pela RCA Victor. Nas sessões de estúdio, em São Paulo, o sambista comprova que seu estilo de gravar não mudou. Logo transforma o local em uma autêntica roda de samba, aproveitando a ocasião para celebrar um encontro com a velha guarda paulistana. No dia, o cantor chama os mais respeitados músicos, instala mesas de botequim, serve cachaça e cerveja, e a gravação corre solta, novamente recheada de papos, improvisos e samba da melhor qualidade.

Mesmo com a fama, Nelson Cavaquinho segue cantando nas ruas. Não apenas em botequins, mas também em bancos de praça, animando o trabalho de feirantes que preparam o comércio para o dia seguinte, os bêbados na volta para casa e os mendigos que vagam pela madrugada. As ruas alimentam sua

poesia. Nelson sabe que não pode se afastar do povo. É, e quer continuar sendo, um autêntico vira-lata. Esse é seu diferencial. Ele testemunhou o sucesso de muitos compositores e percebeu o estrago que a fama e o dinheiro causaram em seu samba, por isso teme perder o alimento de suas composições. Nelson continua cantando por aí, especialmente para aqueles que, assim como ele, também vivem a noite.

Um ano após o segundo LP, lança o terceiro álbum pela respeitada gravadora Odeon, *Nelson Cavaquinho*. O disco se torna ainda mais importante, por trazer a primeira gravação da voz de Guilherme de Brito. Em dueto com o amigo, Nelson canta "A flor e o espinho", "Se eu sorrir", "Quando eu me chamar saudade" e "Pranto de poeta". Um clássico. Nesse mesmo ano, Fernando Faro, diretor e criador do *Ensaio*, da TV Cultura, convida Nelson para participar de seu programa. Mas, ao desembarcar no aeroporto de São Paulo, vindo do Rio, Nelson se perde na cidade. Como não sabe para onde ir, acaba entrando em um botequim na Barra Funda, bairro onde fica a emissora. O dia vai passando, e nada de Nelson chegar. O pessoal da TV fica enlouquecido. O celular ainda não fora inventado e não havia como localizar o maluco.

Por sorte, um publicitário amigo de Faro entra no bar e reconhece o artista. Nelson conta que deve seguir até a sede da TV Cultura para a gravação do programa, mas não faz a menor ideia de como chegar até lá. O publicitário consegue enfiar o sambista em um carro da emissora a tempo de chegar à gravação. Assim, o programa se torna outro clássico. A mítica performance encerra com "Folhas secas". Nelson sai de cena devagar, acompanhado pelo coro cantando "*e assim vou me acabando...*".

Nesse mesmo ano, o pai de Nelson morre, obrigando-o a cuidar da irmã e de todos os sobrinhos pequenos. Já em 1974, a Continental relança seu primeiro LP, *Depoimento de poeta*. Além disso, muitos intérpretes escolhem suas músicas para gravar, entre eles Paulo César Pinheiro, Beth Carvalho e Clara Nunes. Afinal, Nelson é uma unanimidade no mundo do samba. Uma lenda viva, que sobreviveu para contar sua história. Felizmente o vagabundo vive o bastante para ver sua poesia ser reverenciada e seu nome entrar para a história da música popular brasileira.

Aos 66 anos, Cartola o convida a participar do seu disco *Verde que te quero rosa*. O samba escolhido para o dueto entre esses dois mitos é "Pranto de poeta", mais um dos clássicos derivados da parceria entre Nelson e Guilherme de Brito. Nesse mesmo ano, grava com Guilherme, Candeia e Élton Medeiros o disco *Quatro grandes do samba*, pela RCA Victor. Em 1985, um ano antes de

morrer, participa do disco-tributo *As flores em vida*, cantando quatro faixas. As demais composições são interpretadas por nomes como Chico Buarque, Paulinho da Viola, Beth Carvalho, João Bosco e Toquinho. Por fim, o disco em sua homenagem é lançado com uma grande festa na Quadra da Mangueira. Todos querem Nelson.

O interessante é que jamais se saberá, ao certo, quantos sambas foram compostos por Nelson Cavaquinho no decorrer de sua vida. Há quem diga que sua produção chegue perto de mil canções – obviamente, a maioria delas jamais gravada. Outro ponto que permanece uma incógnita diz respeito às parcerias. Não se sabe exatamente quais foram reais e quais foram compradas por aproveitadores ávidos por aparecer às custas do talento do sambista. Sobre esse hábito, ele declara: “Era coisa da época. Alguns desses meus parceiros me ajudaram muito nos momentos difíceis e eu dei parceria como forma de retribuir o que eles haviam feito. César Brasil, por exemplo, era gerente de um hotel onde, sempre que estava sem dinheiro, eu dormia sem pagar nada. Naquela época também não existia direito autoral, e a música rendia o que o parceiro pagava.”

Aos poucos, o sambista das ruas envelhece. Com medo de ter problemas de saúde, abandona a bebida e o cigarro, não passa mais as noites em claro nem desaparece por dias seguidos. Mas continua com o violão. Todos os dias, abraça-o carinhosamente, com o estranho hábito de tocá-lo quase na vertical. A velocidade com que compõe diminui, mas persiste até o fim.

* * *

Nelson, um dos mais importantes criadores que a música brasileira já produziu, cantor de alma rasgada, compositor incansável e instrumentista único, morre uma semana após comemorar a vitória da Mangueira no Carnaval de 1986. Apesar da grande produção artística, sempre foi rebelde, um verdadeiro artista em estado puro, que queria apenas ter a sua arte cantada e, sobretudo, cantá-la. Na madrugada do dia 18 de fevereiro, aos 74 anos, vítima de um enfisema pulmonar, Nelson Cavaquinho passa a se chamar saudade.

Tempos depois, em 2011, a Mangueira dedica todo o desfile a um de seus maiores admiradores. Com o enredo “O filho fiel, sempre Mangueira”, a escola mergulha na própria história para homenagear Nelson Cavaquinho, que faria cem anos se estivesse vivo na ocasião. Antes de entrar na Sapucaí, o ator Milton Gonçalves lê um poema em homenagem ao sambista, arrancando lágrimas dos velhos compositores. Os principais amigos de Nelson, como

Cartola, Carlos Cachaça e Zé da Zilda são lembrados em um imenso carro alegórico. As baianas entram vestidas de *Folhas secas*. Nelson está vivo. O poeta não morreu.

VINICIUS DE MORAES



VINICIU

O que dizer sobre aquele que proferiu a sentença: “O uísque é o melhor amigo do homem, é o cachorro engarrafado”? No entanto, mesmo que a frase sugira um sujeito solitário, Vinicius de Moraes teve muitos amigos e sempre preferiu beber bem-acompanhado. O Poetinha, como foi apelidado publicamente, é um personagem complexo, um poço de contradições. Na faculdade, foi membro ativo do Caju, o Centro Acadêmico de Estudos Jurídicos e Sociais, ligado à esquerda, mas também cursou o CPOR, Centro de Preparação de Oficiais da Reserva. Durante o Estado Novo, chegou a trabalhar como censor, mas logo desencantou. E, a partir de 1964, passa a ser detestado pela ditadura militar.

Para entender a grande quantidade de casamentos que teve, outro verso seu, “o amor é eterno enquanto dura”, é bem revelador. Vinicius foi trocando de paixão. Sem pensar nas consequências, preocupando-se apenas com o agora, mergulhou fundo na vida. Amou as mulheres, mas, nos dias de hoje, sob a ótica do politicamente correto, muito do que apaixonadamente escreveu pode soar machista. Em “Receita de mulher”, dispara: “Que me desculpem as muito feias. Mas beleza é fundamental.” O mesmo vale para algumas de suas letras, como “Eu sei que vou te amar”, parceria com Tom Jobim, ou “Minha namorada”, com Carlos Lyra, que mereceriam o adjetivo de ridículas. Ridículas como diria Fernando Pessoa, sob o heterônimo de Álvaro de Campos: “*todas as cartas de amor são ridículas* (…) *mas, afinal, só as criaturas que nunca escreveram cartas de amor/ são ridículas*.”

Letrista excepcional, Vinicius também criou sozinho a música de pelo menos dois clássicos, “Medo de amar” e “Valsa de Eurídice”. Soube trocar a literatice, em que muitos poetas resvalam nas incursões pela música, por um texto coloquial, como a legítima canção popular pede. Na época, essa opção incomodou muitos de seus colegas acadêmicos. Contudo, ao trocar a poesia exclusivamente escrita pela musicada, fez escola. Mais de trinta anos após sua morte, sua influência não para de crescer.

* * *

Vinicius nasce bem no meio de uma tempestade tropical, em 19 de outubro de

1913. Conta a lenda que o bebê era tão feio que até sua mãe se assustou. Mas carinho e amor dos pais nunca faltaram. Aliás, ele foi o escolhido para ser quem receberia a melhor educação, matriculado no colégio Santo Inácio, onde estuda a elite carioca. Aos sete, por imposição do avô materno, é batizado na maçonaria. E precoce, aos 14, compõe, com seus colegas de escola, os irmãos Haroldo e Paulo Tapajós, "Loura ou morena" e "Canção da noite", composições que soam bastante eróticas. Já aos 19, publica o primeiro poema numa revista católica, conservadora e careta, chamada *A Ordem*.

Aos 24, tem início a sua série de casamentos. Vinicius ultrapassa marcas históricas, como a de Elizabeth Taylor, com seus oito casamentos e sete maridos. Na indústria do espetáculo, talvez só se equipare a ele a atriz e socialite Zsa Zsa Gabor, que também bateu a marca de nove matrimônios. Contudo, além dos oficiais, Vinicius teve dezenas de casos e paixões.

A primeira das nove musas é Beatriz Azevedo de Melo, a Tati, uma menina rica, educada em Paris e muito bem-relacionada. Sua família é próxima de Monteiro Lobato, que batiza uma personagem de *As reinações de Narizinho* com o nome de Tati, em sua homenagem. É o pintor Candido Portinari que percebe o interesse mútuo do jovem casal e trata de aproximá-los. Tati, mais interessada nos modernistas, ainda não tinha lido a obra de Vinicius, mas já ouvira falar muito em seu nome. Logo o romance se torna público.

Os pais de Tati temem pelo futuro da filha mais nova, entregue a um jovem que se ocupa em ser poeta, e proíbem o relacionamento. Nessa mesma época, Vinicius é premiado com uma bolsa do Conselho Britânico e convidado a estudar literatura e língua inglesa em Oxford. O que seria motivo de felicidade se transforma em desespero: o artista está embriagado de amor, mas é obrigado a partir. Então, Tati e Vinicius se casam a distância, por procuração, escondidos da família. A jovem convence os pais a passar uma temporada em Londres, sozinha, onde se hospeda em um pequeno apartamento no Chelsea. Vinicius foge todas as noites de Oxford, pega o último trem para Londres e dorme com ela. Seu quinto livro, *Cinco elegias*, é gestado nesse período de noites insones, fugas arriscadas e paixão. Muita paixão.

Prestes a retornar casado para o Rio de Janeiro, Vinicius escreve um de seus mais famosos poemas, o "Soneto da fidelidade", obviamente dedicado a Tati. A viagem de volta ao Brasil, no início da Segunda Guerra, é tensa. O barco navega com todas as luzes apagadas para não despertar a atenção de possíveis inimigos. Mesmo assim, o fogo do jovem casal não se apaga. Mais tarde, Tati dirá à Susana, a primeira filha do poeta: "Você foi feita no mar."

De volta ao Rio, a moça, acostumada ao luxo da alta burguesia, é obrigada a morar num pequeno apartamento na Gávea. Vinicius luta para sustentar a família, trabalhando como crítico de cinema e estudando para ingressar no Itamaraty. No entanto, atendendo ao chamado do escritor Mário de Andrade, Vinicius abandona Tati e Susana para passar uma longa temporada em São Paulo, trabalhando na idealização da revista *Clima*.

Em 1942, nasce Pedro, seu único filho homem. Vinicius está tenso, tem uma família para sustentar. Viver custa caro e, para piorar de vez as coisas, o poeta fracassa no exame para o Itamaraty, que o ajudaria a melhorar de vida. Mas, decidido, não se deixa abalar. Estuda com ainda mais afinco e consegue ser aprovado no ano seguinte.

Quando completa 30 anos, Vinicius é funcionário do Itamaraty, estagiando na Divisão Cultural da Secretaria do Estado. Finalmente, alcança a tão sonhada estabilidade financeira. A partir daí, eufórico, abre a casa para os amigos e funda um modo de vida que será sua marca. São infinitas as madrugadas regadas a papo, uísque e cigarros, ao lado de intelectuais como Manuel Bandeira, Rubem Braga, Di Cavalcanti e Cícero Dias, para citar alguns dos assíduos frequentadores da residência. Recém-casados, Sérgio e Maria Amélia Buarque de Holanda também se tornam íntimos. Este fluxo é o que mais dá prazer ao poeta: a conversa fiada, as visitas inesperadas, a descoberta de uma nova pessoa e de um novo mundo. Vinicius é movido a encontros.

Aos domingos, o casal frequenta a residência de Aníbal Machado, crítico de arte e escritor, onde cruza com figuras como Portinari, Guignard, Tônia Carrero, Albert Camus e Pablo Neruda. Nessa época, o escritor norte-americano Waldo Frank desembarca no país decidido a conhecer o Brasil a fundo. Em um encontro com o chanceler Osvaldo Aranha, pede ao governo que disponibilize o diplomata Vinicius de Moraes para acompanhá-lo na missão. O pedido é aceito, e os dois escritores viajam juntos pelo Nordeste brasileiro. A aventura dura aproximadamente quarenta dias. Como está em missão oficial como “guarda-costas” de Waldo Frank, o governo exige que o poeta viaje armado. E assim, mais do que mostrar o país ao escritor estrangeiro, Vinicius descobre seu próprio Brasil. E bebe todas. Em Salvador experimenta a comida da Bahia e vê, pela primeira vez, aos 31 anos, uma luta de capoeira. Em Recife, é apresentado ao poeta João Cabral de Melo Neto. Desse modo, essa imersão na cultura nacional o leva a esboçar a primeira ideia de *Orfeu da Conceição*, que será a sua obra mais famosa.

Ainda casado com Tati, Vinicius conhece sua segunda paixão. É uma arquivista do Itamaraty, com quem encerra as jornadas de trabalho bebendo todas. Não demora para a família da moça descobrir o romance e exigir o casamento. Assim como Noel Rosa e Nelson Cavaquinho, Vinicius também sucumbe à imposição dos futuros sogros e termina com Tati para se casar com Regina. Mas ela logo se cansa da vida com o poeta e o expulsa de casa. Diante disso, os amigos não sabem mais de que forma tranquilizar Vinicius. Hostilizam Regina, tentando convencê-lo a voltar para Tati. No entanto, antes que precise escolher entre as duas paixões, o Itamaraty lhe oferece uma vaga de vice-cônsul na Califórnia. O rapaz aceita e leva Regina consigo. Em solo norte-americano, propõe viverem juntos. A moça quase cai na lábia do poeta, chega a pedir transferência para a Embaixada norte-americana, mas, em cima da hora, desiste da aventura. É preciso vocação para ser mulher de Vinicius.

O poeta passa um ano sozinho na Califórnia, temporada em que se aproxima da cantora Carmen Miranda. A mansão da estrela em Beverly Hills está sempre aberta. E, ali, as quentes tardes à beira da piscina, bem como as longas madrugadas na sala, dão ao poeta a clara sensação de estar em casa. Juntos, Carmen e Vinicius dividem a saudade do Brasil. Cansado da solidão, convence Tati a lhe dar uma segunda chance, e consegue.

Acompanhada dos filhos, Susana e Pedro, ela desembarca em Los Angeles, recebida com festa na plataforma da estação. O Bando da Lua, grupo que acompanha Carmen Miranda em suas apresentações e em seus filmes norte-americanos, oferece um show de boas-vindas à família.

Essa temporada nos Estados Unidos é prolífica não apenas no campo social, mas também no criativo. É lá que, impressionado com a destruição causada pela terrível bomba atômica, Vinicius escreve “Rosa de Hiroshima”, poema que será musicado pelo grupo Secos & Molhados anos mais tarde, sendo imortalizado na voz de Ney Matogrosso. No tempo dedicado à família, Vinicius decide cruzar o país de carro, partindo da Califórnia até Nova York, ao lado de Tati, Susana e Pedro. No entanto, o patriarca apaga ao volante e o veículo sai da estrada. Por sorte, tudo não passa de um susto e a viagem continua. Apesar das tentativas de manter o casamento, a relação com Tati termina no início de 1950. Nessa mesma época seu pai morre e, após quatro anos em Los Angeles, Vinicius de Moraes retorna ao Brasil.

* * *

De volta ao Rio, solteiro e deslumbrado com a cidade, circula pelas mais

variadas rodas, sempre munido de seu inseparável copo de uísque e conversando por horas com quem estiver por perto. Nesse *tour de force* pela boemia, conhece Lila Bôscoli, irmã de Ronaldo Bôscoli e bisneta de Chiquinha Gonzaga. Lila é a terceira musa do poeta. A menina de 19 anos e o diplomata de 37 se encantam um pelo outro. É o escritor Rubem Braga, outro amante do trago, quem apresenta o casal: “Esta é Lila Bôscoli, este é Vinicius de Moraes... E seja o que Deus quiser!” Após a primeira noite de amor com Lila, Vinicius escreve o poema “A hora íntima”.

Apesar da paixão por Lila, ele vive tempos difíceis, de pouco dinheiro e muita angústia. Mesmo assim, não para de produzir. Nem de beber. Bebe cada vez mais. Toma uísque sem parar. O melhor amigo do homem, o “cachorro engarrafado”, está sempre ao seu lado. Vinicius é desses poetas de alma romântica que não encontram sentido na vida sóbria. Inclusive, há quem diga jamais ter visto o artista sem um pingo de álcool.

Embriagado ou não, escreve crônicas e críticas de cinema para o jornal *Última Hora*, além de circular entre artistas e intelectuais. A rotina o deixa cada vez mais incomodado, especialmente com o Itamaraty. Não suporta essa vida dupla. Não aguenta mais ter que vestir terno e gravata praticamente todos os dias. Está cada vez mais farto da diplomacia.

Em 1952, é designado a participar, como delegado brasileiro, de grandes festivais de cinema, como Cannes, Berlim, Locarno e Veneza. Vinicius deve estudar a organização desses eventos e pensar em um modelo nacional. Contudo, é a vida boêmia desses encontros entre artistas do mundo inteiro que fascina o poeta. De alma cigana, ele se mistura facilmente em cada lugar visitado. Ainda nessa época, nasce Georgiana, sua terceira filha, a primeira do relacionamento com Lila Bôscoli. Depois disso, escreve o correio sentimental “Abra o seu coração”, no semanário *Flan*, assinando com o pseudônimo de Helenice. Também compõe o samba “Quando tu passas por mim” e fecha o ano viajando para Paris, onde permanecerá até 1957, como segundo-secretário na Embaixada brasileira.

Na capital francesa, Vinicius frequenta diariamente o bar Anglais, no hotel Plaza Athenée. Apesar da vida agitada, boêmia, repleta de amigos artistas e mulheres bem-nascidas, o poeta confessa a Di Cavalcanti: “Sinto-me descendo aos infernos.” Seu corpo já começa a sofrer os efeitos dos anos de bebida, sem trégua alguma. Não apenas o fígado, mas também o sistema nervoso central parece estar comprometido. Suas mãos tremem. A angústia toma conta. Já não consegue mais se desligar da bebida. Mesmo querendo, já não é capaz de parar.

Assim, angustiado, tranca-se na cozinha e liga o fogão. Aspira o gás que exala pelo ambiente. E quase consegue morrer. No fim, sua vida é salva pela sogra, que estava hospedada na residência do casal e arromba a porta. Quando Lila retorna ao lar, Vinicius se agarra a ela e, apaixonado, declara todo o seu amor, escrevendo o "Soneto do amor total".

"*A vida é a arte do encontro, embora haja tanto desencontro pela vida*", escreveu ele. E foi um encontro casual que fez com que sua arte atravessasse as fronteiras do nosso país, reverberando pelos lugares mais distantes. Isso porque, em Paris, conhece o produtor Sacha Gordin, à procura de uma história para filmar no Brasil. No fim da noite, já devidamente alcoolizado, o poeta lembra-se da peça *Orfeu da Conceição*, escrita há muitos anos, na qual adapta o mito grego para o ambiente de uma favela carioca.

De volta ao Rio, consegue financiamento para a montagem teatral da peça. Mas Vinicius precisa urgentemente de um parceiro para compor a parte musical da obra. E, após receber um não de sua primeira investida – o compositor Vadico, que fora parceiro de Noel Rosa –, ele pensa em Tom Jobim, que parece ser o cara ideal: jovem, bom de copo, ótimo de papo e, ainda por cima, amante da poesia de Drummond. Vinicius de Moraes decide arriscar no rapaz e convida o jovem pianista para musicar a peça. A resposta de Jobim se tornaria folclórica anos depois: "E tem um dinheirinho nisso?" Tem.

Em apenas quinze dias, a dupla compõe as músicas de *Orfeu da Conceição*. Ao lado de Tom, surge um novo Vinicius. Ao lado de Vinicius, o jovem Tom inicia sua escalada para se consagrar como um dos mais influentes compositores da música popular brasileira. A partir de então, Vinicius continuará se cercando de jovens parceiros, numa lista que passa por Carlos Lyra, Baden Powell, Francis Hime, Edu Lobo e Toquinho, entre outros. Assim, como compositor, cultivou a arte do encontro, sempre munido de um bom "cachorro engarrafado".

* * *

Vinicius tem 43 anos. Já não suporta mais o Itamaraty. Em troca da estabilidade, sente que consumiu a melhor época da sua juventude. Não consegue interpretar o papel do diplomata, não tem mais saco para isso, mas as contas não param de chegar. Filhos, ex-mulheres, a própria subsistência – as obrigações são infinitas. E, nesse momento, nasce Luciana, sua quarta filha. Incansável, o poeta vara as madrugadas com Tom Jobim, arrancando canções do piano e bebendo muito uísque. Apesar das dificuldades, ambos estão

radiantes.

Em 25 de setembro de 1956, *Orfeu da Conceição* estreia no Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Enquanto isso, em Paris, Sacha Gordin consegue levantar o dinheiro necessário para dar início às filmagens da versão cinematográfica. Contudo, o produtor revela a necessidade de o roteiro passar pelo crivo de outro profissional, a fim de torná-lo mais acessível às audiências internacionais. Desse modo, Jacques Viot é contratado para assinar a readaptação da obra. Enfim, em 1959, Vinicius assiste à primeira sessão de *Orfeu negro*, como foi batizado o filme dirigido por Marcel Camus, no Palácio do Catete, ao lado do presidente Juscelino Kubitschek. Furioso, o poeta deixa a sala antes mesmo de o filme terminar. Jamais suportará o exotismo forçado da produção. Mesmo assim, sua história vence a Palma de Ouro em Cannes e o Oscar de melhor filme estrangeiro.

Em seguida, de volta à França, Vinicius amarga o fim do amor por Lila. Tristíssimo, destila doses cavalares de palavras melancólicas com as quais compõe versos fatalistas. Em “A perdida esperança”, despede-se da amada ao mesmo tempo em que diz adeus a Paris. Mas, logo, tem vez uma nova paixão. É Lucinha, Maria Lúcia Proença, cujo tio é seu mestre de juventude, Octávio de Faria.

* * *

Vinicius é transferido para a Embaixada do Uruguai, o que obriga o poeta a viver na ponte aérea Rio-Montevidéu. Quando está no Brasil, os dois apaixonados, Lucinha e Vinicius, precisam se esconder, pois ela é casada. Mas, após o desquite da amada, ele se transfere para o apartamento dela, no Parque Guinle, transformando o local no ponto de encontro entre amigos e admiradores. É lá que Baden Powell se instala por três meses, enquanto a dupla compõe os afro-sambas. Bebem uísque de manhã até a noite, preparando o repertório daquele que será um dos mais importantes discos da música popular brasileira. Lançada em 1966, a obra abre novos caminhos após a revolução formal da bossa nova.

Em 1963, mais um casamento termina. E, novamente embriagado pela liberdade, o poeta aproveita as festas, as mesas de bar e os encontros com amigos. Prestes a completar 50 anos, deixa a casa de Lucinha para voltar a morar com a mãe. No entanto, pouco tempo depois, conhece Nelita de Abreu Rocha, com quem foge para a Europa num acontecimento digno de cinema.

Isso porque Nelita, aos 20 anos, está comprometida com um boa-pinta *high*

society, parceiro de Francis Hime. A princípio, a estudante da PUC não sente nada pelo poeta cinquentão. Mas, após testemunhar a paixão de uma de suas melhores amigas por Vinicius, também se apaixona por ele. Os dois passam a se encontrar às escondidas, mas o namorado da garota descobre e ameaça matar Vinicius e Nelita, para depois se suicidar. Assustado, o poeta decide fugir com a amada, pedindo outra transferência para o Itamaraty. A sorte lhe oferece mais uma vez Paris. Melhor impossível, e Nelita embarca na aventura. Assim, Tom Jobim é o motorista que conduz a dupla em fuga, e Otto Lara Resende e Fernando Sabino fazem a escolta em outro carro. No aeroporto, Nelita entrega uma carta de despedida que deve ser levada a seus pais, mas ninguém sabe ao certo onde a tal carta foi parar.

* * *

Enquanto seus amigos de juventude esfriam o amor pelo álcool, vencidos pelo organismo envelhecido, o vício de Vinicius só cresce. Seus jovens parceiros podem ainda acreditar que um porre não fará tanto mal, mas quem já têm a sua idade sabiamente se torna cada vez mais abstêmio. Para piorar a situação, Vinicius descobre o Pernod, bebida preferida de Rimbaud, naturalmente feita à base de absinto. Se o uísque já causava estragos terríveis em seu corpo, o Pernod consegue ser ainda mais nocivo. Pobre Nelita. Os porres do marido se tornam insuportáveis. Trinta anos mais nova, não sabe lidar com os caprichos de um velho beberrão. Dessa maneira, a complicada temporada parisiense não dura muito. Em 1964, com o golpe militar, Vinicius é obrigado a retornar ao Rio.

O regime ditatorial pega pesado com o poeta, enquadrado como bêbado e artista. A partir de então, os militares o obrigam a se apresentar nos palcos vestindo sempre terno e gravata. Também está proibido de receber qualquer cachê pelas apresentações artísticas, o que provoca um rombo em seu apertado orçamento. Na verdade, a rigidez é fortíssima sobre todos os artistas e intelectuais. E Vinicius só consegue escapar devido ao “bom comportamento”. Para os militares, ele não passa de um bêbado.

Em 1965, Vinicius vence os dois primeiros lugares do I Festival de Música de São Paulo. O primeiro prêmio é para “Arrastão”, parceria com Edu Lobo, cantada por Elis Regina, e o segundo para “Canção do amor que não vem”, feita com Ary Barroso, gravada por Elizeth Cardoso. Em seguida, começa uma fase de estreita ligação com Minas Gerais. Vinicius pede ao Itamaraty que coloque seu cargo à disposição do governo mineiro. E, com artistas locais,

idealiza o Festival de Arte de Ouro Preto.

O ano de 1968 se inicia com a morte da mãe de Vinicius e tudo piora, até culminar com a instauração do AI-5, Ato Institucional Número Cinco, um dos mais terríveis episódios da história moderna brasileira. Os militares atropelam definitivamente a democracia, mandando e desmandando no país. Artistas, intelectuais e qualquer figura que se oponha ao estado golpista são perseguidos e torturados. São incontáveis os desaparecidos. No fim, Vinicius é exonerado do cargo junto ao Itamaraty, em uma demissão exigida diretamente pelo presidente Costa e Silva. Afinal, o AI-5 extingue de vez todos aqueles que são vistos como alcoólatras, subversivos, corruptos e homossexuais. Mas a aposentadoria compulsória à qual Vinicius é submetido parece não envolver perseguição política, apenas comportamental.

Apesar dos tempos sombrios, sua carreira artística continua em alta. E, depois das parcerias com Tom e Baden, Vinicius encontra outra alma gêmea no compositor e violonista paulistano Toquinho. “Tarde em Itapuã” está entre os clássicos iniciais da nova dupla, canção apresentada em setembro de 1969 num show para estudantes em Salvador. Diante da música, a plateia vem abaixo – não há sinal melhor de que estão no caminho certo.

Em 1970, nasce a quinta filha de Vinicius, Maria Gurjão de Moraes, fruto do envolvimento com Cristina Gurjão. O poeta tem 57 anos. Durante a gestação, conhece Gesse Gessy, atriz baiana que será sua sétima musa, e que o guiará pelos ritos do candomblé.

A cerimônia de casamento, três anos após o início do namoro, é preparada por Gesse como uma surpresa para a festa de aniversário de 60 anos de Vinicius. O ritual inclui uma espécie de cortejo nupcial, encabeçado por Jorge Amado e Zélia Gattai. Por imposição da noiva, todos vestem branco. Há ainda atabaques, flores coloridas, um banquete e muitas pessoas especiais. O poeta fica intimidado, sem saber reagir. No altar, que mais parece um palco, dado o tom teatral imposto por Gesse, a atriz faz um corte no pulso de Vinicius e, em seguida, com a mesma faca, corta a própria carne. Depois, selam o pacto de sangue, unindo as feridas. “Agora já não é mais Vinicius quem se casa com as mulheres, são elas que se casam com ele”, é o comentário que corre à boca pequena. Diante disso, seus amigos mais próximos e mais conservadores não compreendem o que está acontecendo.

Por outro lado, como de costume, a paixão torna Vinicius bastante prolífico. Ele retorna a Roma, onde grava com Sergio Endrigo e Giuseppe Ungaretti, o mais popular poeta italiano. Realiza, ainda, duas temporadas em Lisboa, uma

ao lado de Baden Powell e outra com a fadista Amália Rodrigues. Lança em Portugal a *Antologia portuguesa*. Contudo, apesar de as portas da Europa estarem cada vez mais abertas para ele, é a Bahia, com a musa Gesse Gessy e o candomblé, que o seduz. A ausência do pecado e, consequentemente, da culpa na religião africana, a exuberância dos rituais, a leveza das relações, tudo o fascina. Vinicius troca a Gávea por Salvador.

O "branco mais preto do Brasil" constrói uma casa em Itapuã. Nesse momento, questionado sobre liberdade, é certeiro: "Liberdade é poder cagar de porta aberta." Vale dizer que a parceria com Toquinho desperta um Vinicius quase infantil. Os dois enveredam por composições como "A tonga da mironga do kabuletê", que, em nagô, traduzido por Gesse, seria "o pelo do cu da mãe". Em 1972, grava com Toquinho o disco *Per vivere un grande amore*, em Roma, apresentando-se no Teatro Sistina e depois no Lírico de Milão. Mas, enquanto arrebentam na Europa, no Brasil a dupla mergulha no circuito dos diretórios acadêmicos. Ou seja, fora do país os dois cantam para as elites. Aqui, para os jovens em formação. E dormem em lugares improvisados, fazendo shows em palcos precários. No entanto, apesar dos muitos problemas técnicos, são tratados como entidades. Conhecendo o poder que exercem sobre os jovens estudantes, a Censura vigia a dupla de perto, causando problemas a eles: em Recife, por exemplo, Vinicius é proibido de pisar no palco do teatro onde se apresentaria.

Já o casamento com Gesse começa a se desgastar em 1975, quando, em Buenos Aires, Vinicius conhece a jovem portenha Marta Rodriguez Santamaria. São quase quarenta anos de diferença entre os dois. Para ela, ele escreve "O soneto de Marta". A menina consegue passar uma temporada com o poeta na Europa, o que sela o fim do casamento com Gesse. Juntos, vagam pelo mundo durante dois anos, até que Marta encerra o romance.

* * *

Em 1978, na França, Vinicius de Moraes conhece quem seria sua última mulher, Gilda Mattoso. Diabético, segue uma dieta restrita e é submetido a aplicações diárias de insulina. Aos 65 anos, parece cansado de viver. Aparenta ser mais velho do que é. Afinal, o álcool o castigou. Mas o encontro com Gilda tem poder medicinal. Apaixonado, declara-se para a nova musa, que entra em pânico, mas, por fim, entrega-se ao amor. Assim, os dois retornam ao Rio e constroem uma casa na Gávea, onde passam a morar juntos.

O fim dos anos 1970 é marcado por um Vinicius bastante debilitado. Está

inchado, sedentário e intoxicado por uma vida de excessos. Além disso, sofre de crises hepáticas, não faz atividade física alguma nem cogita abandonar o álcool. Até quando é internado consegue se encontrar com amigos, com quem vira noites debatendo seus assuntos preferidos e afagando o "cachorro engarrafado".

No fim de 1979, decide embarcar numa aventura com Gilda. Sem noção da própria saúde, planeja uma extenuante viagem de carro de Paris a Atenas. Já na estrada, as constantes crises renais o envergonham profundamente. Preocupada com o estado do poeta, Gilda decide parar em Perúgia, onde residem amigos do casal. Lá, Vinicius apresenta os primeiros sinais de uma temida e assustadora confusão mental. Diante disso, os especialistas italianos são unânimes em indicar o retorno imediato ao Brasil.

Vinicius é levado ao avião numa cadeira de rodas. No voo, sofre fortes alucinações. Para desespero da esposa, está incapacitado de se alimentar sozinho. Desembarca no Rio, sendo diretamente conduzido à Clínica São Vicente, onde permanece internado. Após um tempo, melhora. Em 17 de abril do ano seguinte, é operado na Casa de Saúde São José, para a colocação de uma válvula na cabeça. "A vida assim é muito chata", reclama o poeta para sua última musa. Já bastante debilitado, Vinicius retorna para casa na companhia de Gilda e de mais duas enfermeiras, que se revezam nos cuidados ao doente. Percebendo que o fim está próximo, o poeta procura apoio na psicanálise. Mas, apesar da saúde frágil, não se afasta da bebida.

Em 6 de julho de 1980, três dias antes da partida, Vinicius faz questão de oferecer um banquete aos médicos que o "curaram". No dia seguinte, pergunta à sua mãe de santo: "Mãe, é verdade que vou morrer?" Sábia, ela responde que o poeta é imortal.

Na terça-feira, 8 de julho, trabalha ainda com Toquinho nas canções do disco infantil *A arca de Noé*. Na última noite, Gilda acorda de madrugada com ruídos na cozinha. Vinicius e Toquinho requentam o jantar e, depois, continuam embarcados na *Arca.* Com o dia já quase nascendo, exausto, decide tomar um banho quente em seu lugar preferido. Pouco antes das sete da manhã, a empregada acorda Toquinho e depois Gilda. Vinicius de Moraes está morto na banheira.

MAYSA



Maysa poderia ter sido apenas uma dondoca fina, típica filha da elite, casada com um herdeiro de sobrenome poderoso na capital industrial e financeira do Brasil. Mas, provida de um dom musical fabuloso, a garota radicalizou e optou pela arte. Maysa compôs canções definitivamente incorporadas ao imaginário brasileiro. Tomou porres homéricos e protagonizou escândalos que entraram para a história da música popular. Hoje pode parecer fácil, mas, em uma sociedade machista como a dos anos 1950, ela foi corajosa ao extremo.

A estreia de Maysa como compositora acabou com um longo hiato de quase meio século de silêncio feminino. Desde Chiquinha Gonzaga, não existiu uma grande compositora popular no Brasil. Diferentemente de outras cantoras de vida louca, como Dalva de Oliveira e Carmen Miranda, Maysa é compositora, além de cantora – e das melhores. Ao lado de Dolores Duran, Rita Lee, Joyce, Suely Costa, Angela Rô Rô e Marina Lima, e, mais recentemente, Pitty, Marisa Monte e Vanessa da Mata, Maysa faz parte do primeiro time de autoras da música popular brasileira.

Ela foi a grande estrela do samba-canção e explodiu como a cantora da fossa, um estilo que será ultrapassado pela solar bossa nova a partir de 1958. No auge de sua carreira, foi a intérprete dos sonhos dos jovens bossa-novistas. E entrou com tudo no “Barquinho”, com direito a um conturbado namoro com Bôscoli, então noivo da musa suprema da bossa nova, Nara Leão. Anos depois, torna-se rival declarada de Elis Regina, quando a gaúcha se casa com o letrista de o “Barquinho” e de tantos outros clássicos desse estilo musical.

Assim como Carmen, porém sem o mesmo sucesso, Maysa foi uma intérprete internacional. Realizou temporadas na Argentina, fez parte da trilha sonora de produções francesas, morou e se casou na Espanha, além de ter sido a primeira cantora brasileira a se apresentar na televisão japonesa. Com menor repercussão, lançou disco e fez show nos Estados Unidos. Arriscando-se em outro idioma, ainda gravou *Ne me quitte pas*, o clássico do belga francófono Jacques Brel. Sua versão foi usada pelo cineasta espanhol Pedro Almodóvar na trilha sonora de *A lei do desejo*, de 1987, aumentando o interesse póstumo pela obra dessa brasileira cosmopolita.

* * *

Maysa Figueira Monjardim nasce no dia 6 de junho de 1936, no bairro de Botafogo, Rio de Janeiro. Filha da socialite Inah Figueira e de Alcebíades Monjardim, então reeleito deputado estadual pelo Espírito Santo, a menina atravessa a primeira infância migrando de um palacete para outro. Aos oito, é matriculada no internato Sacré-Coeur de Marie, na capital paulista, período ao qual, mais tarde, irá se referir como "a pior experiência de minha vida". Nesses oito anos longe do convívio familiar e vigiada pela presença autoritária das freiras católicas, Maysa se transforma em uma moça pronta para a sociedade. Ainda interna, compõe duas canções, "Adeus" e "Marcada". Ela é fluente em francês e inglês, fuma escondido nos banheiros do internato e já sabe bem o que quer: bebericar um bom uísque, tocar violão, namorar e, acima de tudo, participar dos saraus promovidos pelos pais, dois *bon-vivants* bem conhecidos na noite paulistana.

Logo no começo dos anos 1950, o pai de Maysa adquire uma bela cobertura na rua Rêgo Freitas, no centro de São Paulo, onde reúne a nata da boemia. São longas noites regadas a álcool e música, com a elite reunida para discutir e apreciar arte. Assim que deixa o internato, Maysa retoma o violão e aprimora a voz. Começa a criar as próprias composições, enquanto mergulha no universo de artistas como Frank Sinatra, Linda Batista, Isaura Garcia e Dorival Caymmi, estreando logo nos saraus promovidos em sua residência. Como Mallu Magalhães meio século depois, Maysa é uma compositora adolescente, corajosa e cheia de coisas para falar.

A princípio, a menina de 15 anos opta por não mostrar músicas de sua autoria, cantando temas como "Nick Bar", de Dick Farney, "De cigarro em cigarro", de Luiz Bonfá, e "Folha morta", que Ary Barroso havia composto especialmente para Dalva de Oliveira, e cuja letra também servirá como uma luva para o destino de Maysa. São seus pais, bastante avançados para a época, quem insistem para que a filha apresente aos convidados as canções inéditas, compostas na época do internato. Liberal, os dois permitem que a filha adolescente beba, fume em público e saia da cama a hora que quiser.

* * *

Odete Nugés Matarazzo é uma das primeiras enfeitiçadas pelo canto da sereia Maysa. A aristocrática dama não demora a levar André Matarazzo, de 33 anos, para conhecer a adolescente de voz intensa e figura enigmática. No entanto, apesar da aura de artista que logo paira sobre si, Maysa é uma menina recém-saída do Sacré-Coeur, ignorante dos interesses sexuais e inexperiente no

convívio social. Por outro lado, André, dezoito anos mais velho, não faz o tipo atlético. Longe disso: ostenta acentuada calvície, protuberante barriga e um bigode de gosto bastante duvidoso. Fuma, bebe e não parece praticar esporte algum. No entanto, a falta de atributos físicos é apenas um detalhe diante do patrimônio herdado. Ele é um dos homens mais ricos do Brasil e, encantado, pede a mão da adolescente em casamento. Os pais da moça concordam e a cerimônia é marcada para 24 de janeiro de 1954, antecedendo em uma noite a inauguração oficial da Catedral da Sé, em São Paulo.

A boda é cinematográfica. A cerimônia, registrada em película, é um dos eventos sociais mais importantes da época, e o Brasil acompanha pela televisão o enlace do dissonante casal. Celebrando a união do milionário com a garota de 18 anos, está o arcebispo D. Carlos Motta. Na plateia, o governador de São Paulo, Lucas Nogueira Garcez. “Casei quase menina”, recordaria Maysa anos depois. Mesmo antes de se tornar famosa como cantora, ela já é uma personalidade social conhecida nacionalmente.

Depois disso, apesar dos muitos convites recebidos pelo badalado casal, Maysa prefere ficar em casa, sozinha, acompanhando os musicais pela televisão, escutando discos na vitrola, compondo e tocando em seu inseparável violão. Em 1956, carrega uma pesada barriga de grávida. Ainda assim, continua se apresentando para uma restrita plateia de privilegiados que toma conta da cobertura de seus pais, disposta a tudo para testemunhar o talento da jovem cantora.

Numa dessas noites, o pai de Maysa entra em casa acompanhado do produtor musical Roberto Côrte-Real e do músico do Bando da Lua, que então segue com Carmen Miranda pelos Estados Unidos, Zezinho. A partir desse encontro, a vida de Maysa muda radicalmente, como a cantora recordou anos depois:

> *Foi em uma festa na casa de meu pai enquanto esperava o meu filho Jayme. Eu já estava casada, portanto. Tocava o violão bem afastado do meu corpo, pois havia engordado uns quarenta quilos. Roberto Côrte-Real me ouviu, e perguntou de quem eram as músicas que eu estava cantando. Eu disse que eram minhas. Ele perguntou se eu gostaria de fazer um disco. André, meu marido, que estava ao meu lado, deu um pulo e gritou: NÃO!*

Apesar da tentativa do marido de barrar a carreira da mulher, Roberto Côrte-Real vai em frente. O produtor convence José Scatena, seu sócio no pequeno estúdio de gravação de *jingles*, a lançar a menina pela gravadora que acabam de criar, a RGE. No entanto, ainda que os empresários estejam otimistas, as

coisas não são nada fáceis para a moça. Dentro de casa, ela precisa convencer o marido e sua aristocrática família a aceitar uma artista como parte do clã. Maysa sofre todo tipo de antagonismo. Por fim, mesmo grávida, consegue impor seu desejo e recebe o consentimento de Matarazzo para gravar um disco após o nascimento do bebê.

* * *

Conta a lenda que o escritório da RGE, que já era pequeno, ficou ainda menor na hora de combinar os detalhes do contrato de Maysa com a gravadora. O local é tomado pela comitiva da jovem senhora Matarazzo. No encontro, por imposição da família, decidem que a publicidade em torno do disco não deverá revelar qualquer fotografia com o rosto da cantora, bem como nenhuma alusão ao sobrenome Matarazzo. Na capa, apenas um austero letreiro, como convém à dama da sociedade.

Nessa mesma reunião fica decidido que todo o lucro das vendas do disco será integralmente doado ao Hospital do Câncer, por intermédio de Odete, cunhada da artista. Assim, nenhum centavo vai para Maysa. Entre a alta sociedade, corre o maldoso boato de que o conde Chiquinho Matarazzo, pai de André, prefere que a nora, antes de se aventurar no meio profissional, estude canto em Milão para se tornar a substituta de Maria Callas no Metropolitan.

Ao contrário do esperado, tamanho cuidado e controle acabam por prejudicar as vendas das quinhentas cópias em dez polegadas, contendo oito músicas inéditas escritas entre a adolescência e o casamento de Maysa. Nos meses seguintes ao lançamento, em novembro de 1956, as canções não obtêm receptividade alguma junto ao público. Mas a pequena gravadora decide não perder o valor investido, e aposta no lançamento de Maysa no Rio.

Como esperado, o sucesso na capital da República é imediato e estrondoso. Mesmo com o esforço da família para manter a vida da cantora privada, Maysa é um fenômeno tanto de crítica quanto de público. A gravadora está radiante. Aos 21 anos, o poder da sua voz e das suas composições coloca o Brasil inteiro aos seus pés. Mas, aos poucos, a imprensa começa a divulgar notícias negativas a respeito do descontrole da artista. Boatos sobre uma suposta tentativa tripla de suicídio, em que ela teria tentado cortar os pulsos, abrir o gás do banheiro e ingerir comprimidos tóxicos, aumentam ainda mais o interesse em torno de sua enigmática figura. Depois, os rumores são desmentidos, pairando sempre um mistério em torno da sanidade mental da cantora.

O fato é que Maysa é pop. Mas toda essa popularidade acaba por abalar de

vez sua estrutura familiar. Opondo-se aos pais, termina o casamento com o nobre Matarazzo. Para evitar um desgaste social ainda maior, a guarda do filho é concedida a Maysa. A partir de então, Jayminho passa a ser criado pelos avós maternos. O desquite acontece sem grandes atritos ou escândalos. “Perdi o sobrenome, mas, em troca, ganhei a fama”, diria.

Separada, Maysa come e bebe cada vez mais. Nos programas de televisão para os quais é convidada, proíbe que filmem seu corpo e veste somente preto para disfarçar os muitos quilos a mais. Troca os dias pelas noites. Começa a aparecer bêbada na TV, várias vezes se apoiando em elementos do cenário para não cair. Sua boca apresenta os primeiros vincos que, mesmo sorrindo, deixarão seu rosto com uma constante tristeza. A imprensa carrega na tinta marrom, escolhendo os elementos mais obscuros da artista para trazer à tona. Seu alcoolismo é tratado como notícia de interesse público. As noitadas são reportadas quase diariamente nas colunas.

Em meio à onda de boatos, em 1958, a RGE lança *Convite para ouvir Maysa No 2*, agora com fotografia da cantora na capa e que será sua mais emblemática canção: “Meu mundo caiu”. A letra, escrita aos 21 anos, atesta sua maturidade artística e emocional, além de prever o destino trágico que viverá: “*Meu mundo caiu/ E me fez ficar assim/ Você conseguiu/ E agora diz que tem pena de mim/ (…) Se meu mundo caiu/ Eu que aprenda a levantar*.” No entanto, se seu mundo doméstico caiu, no mundo lá fora sua popularidade não cansa de aumentar. Maysa agora comanda um programa semanal na TV Record, seus discos vendem como água e ela é constantemente chamada para cantar, dar entrevistas e posar para fotos. No meio desse turbilhão de emoções, o câmera Salvador Tredicci imortaliza seu olhar oblíquo, em close hiperfechado. Ela adora. O close impede que o público veja como está gorda.

Com a vida a mil, abusa de tudo. Fuma demais, bebe demais, come demais e ama demais. No fim do ano, perde o controle do Fusca que dirige e bate na traseira de um caminhão em Copacabana. “Maysa, bêbada e ferida, foi atendida em pronto-socorro”, é a manchete dos jornais no dia seguinte. A cantora sobrevive, mas não sai ilesa. Do lado esquerdo do rosto, logo abaixo do queixo, uma grande cicatriz a marcará para sempre e deixará ainda mais carregado o seu já pesado semblante.

A partir daí, são incontáveis mesas de bar, infinitas bebedeiras, muitas parcerias e grandes amizades. Entre elas, Dolores Duran ocupa um lugar especial no coração de Maysa. As duas artistas trocam confidências e logo se tornam muito amigas. Ambas são mulheres de palco, compositoras, em

processo de separação e com filhos pequenos. Mas logo chega outubro de 1959. Dolores Duran volta para casa com o dia claro, animada após uma noite de farra. Antes de se deitar, brinca com a filha pequena e depois pede à empregada que não a acorde. Pretende dormir até morrer. E é exatamente isso o que acontece. No quarto, é vítima de um infarto fulminante. Com a perda da amiga, o mundo de Maysa novamente volta a cair. Aos 23 anos, é complicado entender a morte.

Nesse mesmo ano, ainda abalada e de luto, a garota enfrenta um longuíssimo voo de quase sessenta horas até o Japão. Maysa deve ser a primeira artista brasileira a se apresentar na televisão nipônica. Com os cabelos curtos e bagunçados, fumando, está tensa. Antes de cantar, avisa ao público que seu samba não tem nada a ver com o Carnaval. Depois, entoa “Meu mundo caiu” e “Manhã de Carnaval”. No fim da apresentação, já bastante irritada, revela que os arranjos usados no playback foram gravados no Japão e não representam o samba-canção feito no Brasil.

* * *

Se antes Maysa precisava de apenas duas doses para enfrentar o público, agora são industriais as quantidades de vodca ou uísque, antes e depois das apresentações. Irritadíssima, exige da plateia silêncio absoluto. E, para isso, não raras vezes lança mão de ofensas, chegando mesmo a arremessar sapatos ou até o microfone na direção do tagarela: “Faço de tudo para defender o meu espaço.”

Em 1959, Maysa cumpre uma bem-sucedida temporada no famoso Cassino Estoril, em Portugal. São dez dias de casa lotada e mídia na porta do camarim. Diante disso, a brasileira se declara apaixonada pelo país. Em seguida, parte para Paris, com intenção de se dedicar a um livro de poesias. Mas passa quatro meses na cidade, bebendo muito e comendo demais. Logo o dinheiro acaba, o que a leva à casa noturna La Louisianne, onde canta pela primeira vez “Ne me quitte pas”. Longe de casa, torna-se a pantera de Paris, vagando pelas ruas escuras em busca de algo que a surpreenda. Depois, volta ao Brasil pesando mais de noventa quilos, com dentes estragados e olheiras profundas. Seu riso está cada vez mais nervoso. “Voltei outra”, declara aos jornalistas que a recebem no aeroporto. As manchetes são ainda mais sensacionalistas.

Os anos 1960 começam trazendo uma Maysa gorda, sofrida e rica. Está em litígio com a RGE, alegando receber menos do que merece. Além disso, cansada do corpo que não corresponde ao seu ideal de beleza, submete-se a

uma violenta cirurgia plástica no rosto e na barriga. O pós-operatório é lento, delicado e doloroso. As cirurgias estéticas utilizam técnicas hoje consideradas rudimentares, como o corte da gordura no lugar da sucção. E, assim, Maysa elimina quase vinte quilos. Depois, em estado de convalescença, correndo risco de morte, termina de escrever os 25 poemas que pretende reunir no livro, nunca publicado, *Os comigos de mim*, título inspirado em Álvaro de Campos. Durante o pós-cirúrgico, precisa viajar ao Rio, para tratar de detalhes sobre um novo contrato. Leva a tiracolo a enfermeira, mas, mesmo assim, aproveita a viagem para cair na gandaia.

O Réveillon de 1960 para 1961 merece ser lembrado. A festa acontece no apartamento alugado que divide com o namorado da época, o ator argentino Duilio Marzio. No entanto, enquanto a noite avança, Maysa passa a lançar objetos como cinzeiros, copos e bibelôs em várias direções, atingindo alguns de seus convidados. Para piorar, na manhã de 1º de janeiro de 1961, Duilio acorda com um incêndio no quarto. Maysa dorme com um cigarro entre os dedos e põe fogo no colchão.

Nesse ano, a cantora ainda fecha contrato com a gravadora Columbia, atual Sony Music, e compra um belo apartamento de frente para o mar, em Copacabana. Em seguida, muda-se para o Rio, cidade onde nasceu. É quando Ronaldo Bôscoli, jornalista, compositor, descendente de Chiquinha Gonzaga e namorado oficial de Nara Leão, surge em sua vida. A química é imediata. E Bôscoli se oferece para mostrar suas novíssimas canções, todas já prometidas para Nara Leão, musa absoluta da bossa nova.

Depois, Bôscoli e Menescal são pegos de surpresa quando a poderosa cantora, com uma das maiores vendagens do país, decide dedicar todo o seu disco de estreia na Columbia à bossa nova, trazendo várias canções da dupla. “Barquinho”, lançado em 1961, reúne a turma toda de Nara Leão na capa: a bordo, Maysa está cercada por Ronaldo Bôscoli, Roberto Menescal, Luizinho Eça, Bebeto e Helcio Milito. Todos navegando na mesma direção. O álbum é um sucesso e a cantora decide manter a mesma banda nos shows. É mais uma chance para estar perto de Ronaldo Bôscoli. Juntos, viajam para uma temporada em Buenos Aires onde o show será testado.

Na capital portenha, com tratamento de celebridades internacionais, ficam hospedados no requintado hotel Alvear, cuja reputação de um dos dez melhores do mundo a dupla Maysa e Ronaldo Bôscoli está disposta a incendiar. Literalmente. Longe de casa, o casal explode bombas pelos corredores, sorve quantidades voluptuosas de uísque, desfila travestido pelos salões e gargalha.

Os dois gargalham muito. O tempo todo. E brigam. Jantando num restaurante bastante requintado, Maysa apronta das suas. Ao perceber um garçom se aproximar com a bandeja cheia, a cantora pega uma bomba e joga no chão. Apavorado, o garçom lança tudo para o alto. Os clientes saem correndo, menos a mesa dos brasileiros. Maysa e sua gangue são imediatamente expulsos do local.

Ainda em Buenos Aires, disposta a amarrar de vez seu amor, ela telefona para Bôscoli fingindo se passar por uma amiga de Nara Leão, e lhe pergunta sobre seus planos. Ele, então, diz que pretende se casar com Nara tão logo termine a temporada com "*la gorda*". Enfurecida, Maysa se atraca aos sopapos com o compositor a tal ponto que perde uma prótese dentária. À noite, é obrigada a se apresentar usando uma substituição de chiclete entre os dentes. De volta ao Brasil, Maysa anuncia à imprensa que vai se casar com Bôscoli. A estratégia não funciona, mas pelo menos consegue separá-lo definitivamente de Nara.

* * *

Já no início de 1962, Maysa desaparece dos holofotes e se refugia em Buenos Aires, onde se interna em uma clínica de reabilitação com a ajuda da sonoterapia, método experimentado anteriormente. Após 45 dias amarrada a uma cama e presa em um quarto com janelas gradeadas, a cantora deixa a clínica para conversar com um jornalista. Só que, depois da entrevista, ela vai ao cinema, sai para comer algo e acaba por retornar ao seu conhecido caos. No dia seguinte, desembarca no Rio magra, bela, rica e bêbada.

Chega ao fim o contrato com a Columbia e Maysa volta para a RGE – e, consequentemente, à fossa. Lança "Canção de amor mais triste", que traz uma visceral gravação do *standard* jazzístico "Round about midnight", do mestre Thelonius Monk, arranjada por Erlon Chaves. Em seguida, faz uma turnê por Nova York, Lisboa e Paris, onde conhece Miguel Azanza, um belga naturalizado espanhol, com quem passará a morar na Espanha a partir do ano seguinte, acompanhada do filho Jayme.

Em 1964, é avisada sobre a morte de André Matarazzo, pai de seu filho, agora com oito anos. Maysa permanece reclusa na Espanha, com Azanza. Em dezembro de 1965, retorna ao Brasil. O marido vira também empresário, montando com ela a produtora artística Guelmay (mistura dos nomes Miguel e Maysa), fadada ao fracasso. Depois, ela estreia um programa na TV Record que dura apenas três semanas. E, em setembro de 1966, aos 30 anos, disputa o

II Festival Nacional da Música Popular, na TV Record. Porém, a estrela é desclassificada antes da segunda eliminatória, e Nara Leão, seu antigo desafeto, vence o festival cantando “A banda”, de Chico Buarque.

Maysa não se dá por vencida. Seu próximo passo é o I Festival Internacional da Canção, promovido pela TV Rio, no Maracanãzinho. Nele, consegue o terceiro lugar interpretando “Dias das rosas”, de Luiz Bonfá e Maria Helena Toledo. Após a premiação, quando os concorrentes se reúnem para comemorar no bar 706, Maysa bebe todas. Elis Regina está no mesmo lugar, acompanhada de Ronaldo Bôscoli, sua antiga paixão. Maysa provoca: “Gauchinha de merda, você não canta nada!”, ao que Elis revida com “Não me provoca, sua pinguça!”. O próximo passo é uma garrafa de Chivas arremessada na direção de Elis, salva por Roberto Menescal, que consegue desviar o objeto da cabeça da cantora.

Depois disso, sem muito o que fazer no Brasil, Maysa retorna com Azanza à Espanha, onde permanece isolada nos intensos anos de 1967 e 1968. Enquanto o Brasil consagra Caetano Veloso, Glauber Rocha, Gilberto Gil e Os Mutantes, Maysa está longe, perdendo o barquinho da história.

* * *

Em 1969, Maysa retorna ao Brasil. O apresentador de televisão Flávio Cavalcanti a convida para participar do júri de seu programa de calouros. Nesse mesmo ano, a TV Record lhe oferece um programa semanal nas noites de sábado. Além disso, Maysa também se apresenta no Canecão durante dois meses, lotando a casa com um público estimado em mil pessoas por noite. Já a capa do disco dessa temporada, lançado pela Copacabana, traz Maysa e Jayme, numa clara tentativa de aproximar sua imagem à figura materna. Ela não quer mais estar ligada a escândalos e bebedeiras. E, assim, o show começa com a voz de Manuel Bandeira, recitando um poema escrito especialmente para ela.

Em agosto de 1970, a cantora aceita ser repórter do programa *Dia D*. Logo no começo de sua carreira jornalística, consegue um furo histórico: cobrir o julgamento de Charles Manson. Maysa entrevista o advogado daquele que se autoproclamava a reencarnação do Messias. Mas ela não prepara pergunta alguma e o homem acaba por repreendê-la em frente às câmeras. Como repórter, a cantora é um fiasco. É quando ela anuncia que gostaria muito de ser atriz. Nesse mesmo ano, engata um romance com Laerte, um de seus câmeras do programa *Dia D*.

O envolvimento tem fim trágico, marcado pela morte de Laerte após a

ingestão de um coquetel alucinógeno, no qual mistura álcool com os comprimidos para emagrecer de Maysa. Nesse período lança ainda o disco *Ando só numa multidão de amores*, pela Philips. Quando convidada a participar do programa *Som livre*, da Rede Globo, impõe uma condição: só cantará se for chamada para atuar numa das próximas novelas da emissora. A exigência é aceita e, para melhor aparecer no vídeo, Maysa faz um retoque na clínica de Ivo Pitanguy. Assim, estreia em *O cafona*, de Bráulio Pedroso. Sua personagem se chama Simone e tem uma história semelhante à dela. Casada com um industrial e cansada da vida de socialite, a mulher está sempre com um copo de uísque na mão e passa os dias escutando Maysa. Em seguida, o sucesso nas telinhas a faz prosseguir com mais duas novelas: *Bel-Ami*, de 1972, de Odyr Fraga, e *Bravo!*, de Gilberto Braga e Janete Clair em 1975. A experiência na televisão ainda a motiva a enveredar numa peça, estreando em *Woyzeck*, de Georg Büchner, no Teatro Casa Grande.

Em 1974, é convidada a acompanhar o Festival Abertura, produzido pela Rede Globo no Teatro Municipal de São Paulo. Quando volta da gravação a bordo do trem que parte diariamente às onze horas da noite, da capital paulista para o Rio, conhece Gal Costa. Maysa, que três anos antes havia declarado à imprensa ser “um absurdo a Philips editar um álbum duplo com Gal Costa”, referindo-se a *Fatal – Gal a todo vapor*, vira amiga íntima da cantora baiana. Gal é uma das últimas pessoas a ter acesso frequente a Maysa. Inclusive, alguns meses depois, as duas surgem juntas no programa *Fantástico*. Gal canta “Resposta”, de Maysa, que canta “Coração vagabundo”, de Caetano Veloso e imortalizada na voz de Gal no LP de estreia, “Domingo”. Nesse ano, Maysa também grava seu último disco, *Maysa*, no qual se destacam duas canções de Dolores Duran, “Castigo” e “Fim de caso”.

* * *

Já com a carreira estagnada, sem perspectiva artística alguma, a cantora se entrega à psicanálise e terapia em grupo. Assim, o penúltimo ano de sua vida é marcado pela temporada na boate Igrejinha, uma pequena casa de shows, com capacidade para oitenta pessoas, no coração do Bixiga, em São Paulo. Nesse período, Maysa vive um romance com o maestro Julio Medaglia, seu último caso e derradeiro parceiro musical. O show estreia em 18 de novembro de 1975, com roteiro escrito por Roberto Freire. Uma curiosidade é que, na tentativa de manter Maysa sob os holofotes sem escapulir para as partes escuras do palco, como aconteceu nas primeiras noites, o banco da cantora é

pregado ao chão. A temporada no Igrejinha é um sucesso, prorrogada até o verão de 1976.

Maysa está turbinada por doses cavalares de moderadores de apetite. Ela já não os toma com o intuito de driblar a fome, mas, principalmente, como alucinógenos. Luiz Carlos, proprietário do Igrejinha, lembra o quanto ela abusava dos remédios, a ponto de chegar espumando à casa de shows, o que o levou a ligar para o pai da cantora, no Rio. Quando termina de relatar os problemas pelos quais a estrela vem passando, o pai de Maysa desliga o telefone sem dar resposta alguma. Assim, a temporada paulistana encerra seu ciclo de shows. Apesar do palco pequeno e sem orquestra, o sucesso de público, que forma filas intermináveis, comprova que Maysa termina a carreira no ápice.

Nos últimos meses de vida, ela se dedica à pintura na casa de Maricá, balneário na Região dos Lagos, no Rio. O lugar é um refúgio onde a cantora se esconde sempre que possível. Lá, pinta, fuma, bebe... e telefona para alguns amigos que também dormem tarde, como Gal Costa. A eles, fala sobre seus medos e suas angústias. Tenta se acalmar, mas não consegue. Em 22 de janeiro de 1977, liga para o pai e avisa que passará em sua casa no meio da tarde, antes de voltar para Maricá.

Maysa chega atrasada na casa dos pais, às 16h. Alcebíades e Inah insistem para que a filha pegue a estrada de volta apenas no dia seguinte. A estrela, então, belisca um pedaço de queijo, alguma fruta e um pouco de leite. Seu estômago sofre para digerir sólidos. Ela fuma mais um cigarro. Aliás, fuma sem parar, come pouco e dorme mal. Emagrece às custas de Minifage, medicamento que já saiu do mercado. Seus pais dizem: “Maysa, você tem certeza de que não é melhor viajar amanhã de manhã?” Ao que responde: “Não! Vou agora.”

A filha se despede dos pais, deixa o passarinho de estimação aos cuidados da família, liga o motor da Brasília azul-clara e parte. Passa pela lagoa Rodrigo de Freitas, atravessa o túnel Rebouças e bota uma fita cassete de Frank Sinatra antes de pegar a ponte Rio-Niterói. Dirige a quase noventa quilômetros por hora. O carro ganha velocidade. Já na ponte, alucinada, percebe estar invadindo a pista do meio. Bruscamente direciona o carro para a pista da direita. Só que a Brasília perde o controle e atravessa as duas pistas à esquerda. Às 17h51 o carro desgovernado bate na murada central da ponte. O assento é ejetado e o volante atinge seu tórax. Ela tem costelas quebradas, lesões na cabeça, fraturas expostas nas pernas e nos braços. Maysa morre antes da chegada do resgate.

Seu caixão é lacrado e o corpo é coberto inteiramente por rosas vermelhas. A cantora é enterrada no jazigo 245-c, quadra 30, do cemitério São João Batista, à uma e meia da tarde de 23 de janeiro de 1977. Tem apenas 40 anos.

WILSON SIMONAL



Wilson Simonal talvez tenha sido o maior intérprete que o Brasil já teve, mas pisou feio na bola. Na fase mais dura da ditadura, era inadmissível alguém se aliar aos órgãos de repressão, ainda mais sendo artista. Então, por mais talentoso que fosse, as portas se fecharam quando veio a público o seu provável envolvimento com os militares. Além disso, aos ouvidos mais politizados, não soava nada bem o sucesso de "País tropical" enquanto o Brasil vivia uma verdadeira guerra civil. No auge do sucesso, Wilson foi a ostentação em pessoa, incomodando muita gente. Bem antes do funk ostentação, Simonal já esbanjava sucesso, carros de luxo, loiras, joias, roupas e dinheiro. Muito dinheiro. Contudo, terminou a vida deprimido, bêbado e pobre.

Apesar do trágico fim, hoje o grande artista começa a ser reconhecido. O melhor de sua obra em disco está disponível num box de CDs; sua biografia foi escrita pelo competente Ricardo Alexandre; shows e tributos têm sido organizados pelos filhos Max de Castro e Simoninha; e um musical sobre a personalidade, escrito por Patrícia Andrade e Nelson Motta, estreou em 2015 no Rio. São provas de sobra de que, por trás da personalidade fraca, havia um grande cantor.

* * *

O parto da cozinheira Maria Silva de Castro, no Hospital Escola São Francisco de Assis, no Rio de Janeiro, é extremamente arriscado. Mesmo assim, Wilson Simonal nasce saudável, fechando o Carnaval de 1938. Após o nascimento, mãe, pai e filho voltam à modesta residência no bairro do Rio Comprido, onde dona Maria sofre com o marido namorador. Logo, a mulher expulsa o homem de casa e passa a criar o pequeno sozinha. No entanto, no Brasil dos anos 1940, a vida não é nada fácil para uma negra, pobre, analfabeta, mãe e, ainda por cima, separada. Mas, sem se dar por vencida, trabalha como cozinheira em uma casa de família, matriculando o filho no internato público. Pouco tempo depois, o ex-marido reaparece pedindo perdão, e Maria engravida mais uma vez.

Assim que nasce Roberto, o segundo filho do casal, o pai repete o feito e abandona a família. Maria, então, retoma o trabalho de doméstica e matricula o filho mais novo em uma creche pública, enquanto Wilson Simonal segue para

outro internato, agora na Tijuca, onde sofre pesadas humilhações e castigos. Mas, a partir dos nove anos, a vida do menino apresenta uma pequena melhora. Sua mãe é promovida à cozinheira e pode morar com os dois filhos em um barraco na favela da Praia do Pinto, no Leblon. O local é precário, sem água encanada e com esgoto a céu aberto. Falta tudo, mas a família está unida.

Ainda adolescente, Simonal consegue dois empregos para ajudar nas despesas da casa – um como mensageiro da Western Union e outro como auxiliar de guarda de trânsito. Aos 16 anos, seu maior passatempo é cantar no parque de diversões, para deleite das pequenas plateias. Depois, prestes a completar a maioridade, alista-se no Exército, onde seu talento musical é logo descoberto. Promovido a diretor da banda, Simonal também é convidado para apresentações particulares na casa de seus superiores.

Em seguida, com um grupo de amigos, ele forma os Dry Boys, fazendo relativo sucesso em festas e programas de televisão. Sua presença no palco é magnética, destacando-se no grupo. Já o repertório consiste basicamente em covers de sucessos norte-americanos, cujas letras em inglês o rapaz decora baseando-se na sonoridade. Pouco a pouco, ganha confiança musical e, cansado do Exército, para desespero da mãe, abandona a carreira militar.

Nessa mesma época, dona Maria deixa o Leblon e se muda para a distante Nova Iguaçu. Simonal tenta a vida como cantor, percorrendo bares e casas noturnas, sem muito sucesso. Várias vezes não consegue pegar o trem de volta para casa e precisa dormir na rua. Mas o tormento não dura muito. Aos 23, consegue a primeira oportunidade profissional como *crooner* do conjunto Guarani. Paralelamente, segue se apresentando com os Dry Boys nos programas de TV de Carlos Imperial, mas o grupo logo se desfaz.

No entanto, sua voz começa se tornar conhecida na noite carioca. A conceituada boate Drink o convida a ser fixo na casa e, lá, ele realiza sua primeira gravação. “Tem que balançar” e “Olhou pra mim” fazem parte do LP *Isto é Drink*, de 1962. Mas, apesar do relativo sucesso, Simonal segue pobre, sem grana nem mesmo para o smoking que deve vestir nas apresentações. Contudo, logo tira a sorte grande. Cauby Peixoto precisa cancelar uma apresentação na Rádio Nacional, e Wilson é chamado às pressas para substituir a grande voz do Brasil. Num dos mais disputados microfones do país, canta “Stella by starlight” e “Georgia on my mind”. O sucesso é tanto que os executivos da disputada emissora acabam contratando o jovem cantor.

* * *

Aos 24 anos, Simonal começa a namorar Tereza Pugliesi, loira bonita, descendente de portugueses e ex-namorada de seu chefe, Carlos Imperial. Como ela é menor de idade, só pode assistir às apresentações do namorado pela televisão. Uma noite, a menina o procura na boate Drink e, como é barrada, Wilson vai até a calçada conversar com ela. Uma viatura da polícia, passando por ali, dá uma dura no artista, que explica ser o cantor da casa e se dispõe a ir até o camarim pegar os documentos. Ainda assim, os homens da lei o prendem e o levam para a delegacia. Negro, está acostumado a sentir na pele o peso da discriminação racial no Brasil.

Depois disso, Carlos Imperial consegue um teste para Simonal na poderosa gravadora Odeon. O encantamento é instantâneo, e o rapaz emplaca logo de cara um polpudo contrato de cinco anos. Cada vez mais disputado, ele troca a Drink pelo Top Club, casa mais voltada ao público jovem. E é lá que aprende a beber o uísque *cowboy* – era abstêmio até então. Sempre puro e sem gelo, era ideal para aquecer as cordas vocais antes das apresentações. Mas esse hábito adquirido na juventude jamais será abandonado e, futuramente, o levará a uma existência degradante, bem como a uma morte sofrida.

Após cinco compactos na Odeon, lança em 1963 o primeiro LP, *Tem algo mais*. O sucesso “Balanço zona sul”, de Tito Madi, acalma a gravadora, ainda incerta sobre a capacidade comercial do rapaz. Melhorando de vida, Simonal exige que a mãe abandone o trabalho como cozinheira na casa da crítica teatral Bárbara Heliodora. Ela já pode ser sustentada pelo filho famoso. Mas, apesar de fazer sucesso no Top Club, o cara sonha mesmo é com o Beco das Garrafas, reduto boêmio em Copacabana, frequentado pelas pessoas modernas do Rio e onde reina o samba-jazz, uma versão mais ritmada e instrumental da bossa nova. Convidado por Miele e Ronaldo Bôscoli, ele estreia, ao lado de Marly Tavares e do Bossa Três. Simonal hipnotiza a todos, dando uma amostra do grande *showman* que virá a se tornar pouco depois.

No Beco, Wilson aprende tudo sobre jazz, bons conhaques e presença cênica. Seu tutor é o mítico bailarino norte-americano Lennie Dale, que, anos depois, seria o idealizador e líder dos Dzi Croquettes. Assim, Simonal deixa de ser um mero *crooner* para se transformar num artista de fato. É nos palcos apertados do Beco que ele testa o repertório do segundo álbum, o clássico *A nova dimensão do samba*, que traria sucessos como “Nanã”, de Moacir Santos, e “Lobo bobo”, de Carlos Lyra e Ronaldo Bôscoli. Em meio à crescente popularidade, a loira Tereza descobre estar grávida. Sem muita certeza, o jovem casal arrisca um casamento. Os dois passam a dividir um minúsculo

quitinete em Botafogo, onde nasce seu primeiro filho, o hoje também cantor Simoninha.

* * *

É janeiro de 1965. Simonal estreia na TV Tupi o semanal *Spotlight*. Logo São Paulo está aos seus pés. Assim, a família do cantor se transfere para um grande apartamento na avenida Paulista. Nesse mesmo ano, ele lança dois álbuns arranjados por Eumir Deodato, *Wilson Simonal* e o mítico *S'imbora*. Em seguida, aceita o convite da TV Record e, em março de 1966, participa ao lado de Elis Regina e Jair Rodrigues do programa *O fino da bossa*. Apresenta-se por quase um ano como convidado em diversas atrações da casa, até finalmente estrear um programa solo, *Show em Si... monal*. Interessante notar que, se em meados dos anos 1960 a televisão abria espaço para negros como Simonal e Jair Rodrigues, hoje, meio século depois, inexiste um apresentador afrodescendente de sucesso na grade da TV aberta.

Em 1966, mais um sucesso. É a regravação de "Meu limão, meu limoeiro", composta em 1937 por José Carlos Burle e que, na década de 1950, ganharia letra em inglês do norte-americano Will Hot, dando origem ao tema "Lemon tree". Assim, Simonal se consagra de vez como um dos grandes ídolos do Brasil, e inicia a parceria com um conjunto musical exclusivamente seu, o Som Três, liderado pelo pianista César Camargo Mariano, que depois foi músico, arranjador e marido de Elis Regina. Esse grupo o acompanha nas gravações de discos, shows, turnês e no programa de televisão. E então, no ano seguinte, chega ao mercado o fenômeno "Nem vem que não tem", canção de Carlos Imperial, lapidada por César Camargo Mariano. É aí que Simonal se torna um símbolo. O homem que todos querem ser. Um milionário, que coleciona carros importados. Safo, ainda inventa gírias que serão repetidas em todo o Brasil. É o próprio rei da pilantragem.

Já no Rio, em cartaz com o show *Mugnífico*, faz a plateia delirar. Mas, apesar da festa, também faz pensar. Inspirado, compõe "Tributo a Martin Luther King", um de seus poucos sucessos com forte carga política, e que, inicialmente, será vetado pela Censura. Sem se dar por vencido, passa mais de três meses tendo que dar explicações aos militares, até conseguir permissão para cantar a música.

No Festival da TV Record, em 1967, sua voz é a mais disputada. Pela primeira vez na história dos festivais, um mesmo artista defende três músicas diferentes: "Balada do Vietnã", de Elizabeth Sanches; "Belinha", de Toquinho

e Vitor Martins; e “O milagre”, de Nonato Buzar. Apesar da empolgação com que o intérprete é recebido, nenhuma das três canções é classificada. Nesse mesmo ano, lança *Alegria, alegria!!!*, o primeiro disco inteiramente no estilo da pilantragem, que consiste em um ritmo quadrado de quatro por quatro, com guitarra, bate-papo no estúdio, gritos, palmas e coros despretensiosos. Além disso, uma plateia de pilantras acompanha a gravação. O disco solidifica o artista popular com apurado refinamento estético.

Depois disso, Simonal estreia o show *Horário nobre*. Com ele, a crítica endossa o trabalho e o público delira. Virtuose, canta George Gershwin e Cole Porter sem qualquer acompanhamento musical. E “Tributo a Martin Luther King” se torna ainda mais impactante, cantada logo após o assassinato do grande líder negro. No palco, Simonal se diz contrário à ditadura militar, criticando a agressão sofrida pelos atores do musical *Roda viva*, em São Paulo. Na metade do ano, lança mais um clássico, “Sá Marina”, de Antônio Adolfo e Tibério Gaspar. Já no fim de 1967, embarca para a França. Sua passagem rende uma apresentação na televisão local e alguns shows no Olympia, em Paris. Em dezembro, nasce a primeira filha do casal Wilson Simonal e Tereza, Patrícia Pugliesi de Castro.

* * *

Aos poucos, a pose de *bon-vivant*, ostentando carros, casas, trajes, discos bem-sucedidos, shows lotados e programas de televisão, começa a incomodar. Diante de um ídolo onipotente e deslumbrado com o próprio sucesso, tem início uma campanha para encontrar seu ponto fraco. O Brasil sofre as consequências do AI-5, com artistas presos e censurados, o que leva muitos a assumirem uma posição cada vez mais crítica à ditadura. E, com exceção da ode a Martin Luther King, a produção de Wilson Simonal se mantém afastada de questões sociais e políticas, o que é malvisto na classe artística. Assim, seu show seguinte, *De Cabral a Simonal*, repleto de pilantragem, sem audácias jazzísticas ou momentos de consciência racial, não agrada à crítica.

Em 1969, o empresário Ricardo Amaral, rei da noite, consegue com a Shell um contrato de um milhão de dólares para uma turnê de Sérgio Mendes & Brasil’66. O grupo, baseado nos Estados Unidos, é um sucesso mundial, e finalmente estreará no país. Para aumentar ainda mais o apelo do show de encerramento, no estádio do Maracanãzinho, o elenco é engrossado por Mutantes, Jorge Ben, Gal Costa, Marcos Valle, Simonal, entre outros. Escalado para ser a penúltima atração, antes do internacional Brasil’66, Simonal apela

para seus maiores sucessos. Obviamente, o público vem abaixo. Ele é dono da multidão e transforma os 30 mil espectadores num coro particular dividido em três grupos de 10 mil vozes cada. Resumindo, Wilson Simonal jantou Sérgio Mendes.

Assim, a equipe de marketing da Shell sai do ginásio com um novo garoto-propaganda. A única exigência do departamento comercial é que ele não seja dado a escândalos, drogas ou polêmicas. No jantar de negociações, surge acompanhado da elegante Tereza e do bem-vestido filho, Simoninha. A cúpula brasileira da multinacional delira. Precisam de Simonal para ganhar de vez o jovem consumidor brasileiro. O contrato é o maior já assinado por um artista em território nacional. O rapaz pobre, filho da doméstica analfabeta, está por cima da carne-seca.

A Shell também decide investir na seleção brasileira de futebol, concentrada para a Copa de 1970, no México. Com Pelé à frente, a empresa associa dois fenômenos populares: o maior jogador e o maior cantor do Brasil. É a dupla de ouro do ufanismo nacionalista. Assim, enquanto intelectuais e artistas sofrem pesada repressão, Pelé e Simonal exibem ao mundo um país tropical feliz e em constante festa.

O cantor, agora, vira empresa. A fim de melhor administrar seus rendimentos, cria a Simonal Produções Artísticas. A equipe, enxuta, é comandada por Ruy Brizolla, companheiro do cantor nas intermináveis noitadas. Já o publicitário João Carlos Magaldi é o consultor artístico, sem qualquer vínculo contratual. Então, empolgado, Simonal se muda com a família para uma luxuosa cobertura em Ipanema, de frente para o mar. A residência é seu maior orgulho. É o símbolo de ter dado certo na vida. E não economiza um centavo: tudo em sua casa é do bom e do melhor. A ostentação atinge o ápice.

Quatro meses após a consagração apoteótica, o cantor retorna ao Maracanãzinho para o encerramento do Festival Internacional da Canção. Mais uma vez, a maior plateia brasileira vem abaixo diante de sua apresentação. A Rede Globo transmite o show para todo o Brasil, e uma emissora alemã, para a Europa. No total, estima-se uma audiência de 100 milhões de espectadores. Seus discos agora vendem em torno de 600 mil exemplares. Além disso, sua imagem está estampada nos postos Shell e “País tropical”, de Jorge Ben, bomba em todas as rádios na voz de Simonal, que entra em 1970 como a personalidade mais influente do país.

Dono da bola, viaja com a seleção brasileira para a Copa do México, onde realiza uma sequência de shows, além de animar os craques. Com os jogadores,

institui a “batucada da sorte” sempre antes das partidas. A seleção se torna tricampeã, aumentando ainda mais o seu prestígio. Todos são unânimes em ressaltar a importância do cantor na conquista do título. Não há mais limites para ele.

Depois de tudo isso, Wilson Simonal está cada vez mais perigosamente longe da realidade. Vive cercado de guarda-costas, assessores e funcionários inúteis. Aos poucos, começa a perder o foco artístico. Por fim, seu fiel grupo de músicos, o Som Três, se dissipa, até abandoná-lo de vez. Após um ano, a Simonal Produções está afundada em dívidas, e oficiais de Justiça começam a confiscar seus bens, motivados por contas nunca pagas. Às pressas, Simonal contrata um jovem contador, Raphael Viviani, incumbido de tentar fechar o balanço do primeiro ano da empresa. Ao analisar a contabilidade, o rapaz se impressiona com a quantidade de gastos pessoais e empréstimos a amigos. E, quando percebe que nem mesmo as contas de seu luxuoso apartamento em Ipanema tinham sido pagas, Simonal decide tomar o rumo dos negócios da própria empresa, afastando tanto Brizolla quanto Magaldi, seus dois amigos e homens de confiança.

Ainda em 1970, lança “Que cada um cumpra com o seu dever”, de sua autoria, e “Brasil, eu fico”, de Jorge Ben. Ambas têm forte teor nacionalista, reforçando o bordão militar “Brasil, ame-o ou deixe-o”. Assim, enquanto Caetano Veloso, Gilberto Gil e Chico Buarque amargam um exílio forçado, os versos cantados por Wilson Simonal podem ser lidos como apoio à ditadura. Diante disso, a crítica cai de pau, e o público o ignora. Os problemas de Simonal começam a pipocar na imprensa, ávida para anunciar a tão esperada queda do artista. Para coroar a fase de mau agouro, o cantor perde o luxuoso apartamento em Ipanema, afundado em prestações nunca pagas. O contador Raphael Viviani, que fora chamado para reorganizar a empresa, acaba demitido, mas, sentindo-se injustiçado, move um processo trabalhista contra o cantor. Simonal fica indignado e decide procurar os amigos militares. Quer fazer justiça com as próprias mãos. Ou com os próprios contatos. É essa a sua falha trágica.

* * *

Pouco antes da meia-noite do dia 24 de agosto de 1971, Viviani é acordado em seu apartamento por dois policiais que, se dizendo a serviço do cantor, levam-no para o escritório da Simonal Produções. Como ele não cede às pressões, é transferido para a temida sede do Dops, no centro de São Paulo, onde fica um

tempo preso em local escuro, ouvindo gritos de torturados em salas próximas. Depois, é interrogado sobre suas atividades políticas. Diante de todas as negativas quanto a qualquer participação na causa comunista, o interrogador passa a investigar a atuação do rapaz na Simonal Produções. Mesmo sob tortura física, Viviani nega qualquer relação com um possível desfalque nas contas da produtora. O contador passa então a ser submetido a choques elétricos na língua e na ponta dos dedos, aos quais resiste, só concordando em assinar um termo de culpa quando os policiais ameaçam sequestrar também sua esposa e seus filhos.

Com a declaração de culpa devidamente assinada, Viviani é solto, mas a sessão de tortura foi traumática. Quando chega em casa, depara-se com a esposa reclamando seu sumiço para um advogado e um policial. Depois disso, é incentivado por todos a registrar queixa contra Wilson Simonal, expondo publicamente as torturas sofridas a mando de um dos mais populares artistas brasileiros. O fato é um prato cheio para a imprensa, que não cansa de relatar o escândalo envolvendo um cantor popular e sua ligação com a ditadura militar brasileira. Inclusive, a repercussão chama a atenção da alta cúpula do Dops, que pede a investigação imediata do ocorrido nas instalações da divisão. O que o Brasil quer saber agora é o que liga um cantor popular e seus problemas profissionais ao órgão de segurança nacional montado para caçar opositores ao governo.

O estrago está feito. Começa a queda de Simonal. É a lenta agonia daquele que foi o cantor brasileiro de maior sucesso em sua época – tanto sucesso que não se deu conta do abismo que abriu. Quando é chamado a depor na delegacia, chega sorridente, posa para fotos e nega ser o mandante do sequestro. Só que, no relato, reitera ser um homem de direita, colaborador do regime militar e amigo próximo de policiais do Dops. Desobedecendo ao pedido de sigilo, o relato ainda é divulgado para a imprensa. O semanário de oposição *O Pasquim*, na época a publicação mais lida do país, publica uma *charge* sugerindo que a única forma de Simonal arrancar aplausos dos fãs novamente será cometendo suicídio em cena.

Afinal, o efeito junto à opinião pública é devastador. O homem que vendia 600 mil discos agora encalha nas lojas. O samba não convence, a pilantragem ficou ultrapassada e o movimento *black* não o aceita. As coisas em casa também se complicam. Após uma briga violenta, Tereza é internada com o corpo tomado por hematomas e, claro, a notícia chega à imprensa. Em novembro de 1974, Simonal tem a prisão decretada. Preso na sede do Dops, no

centro de São Paulo, voa para o Rio, onde é levado até a carceragem de Água Santa em um camburão. Acaba sendo condenado por violência e extorsão, art. 158. A sentença prevê pena de cinco anos e quatro meses em regime fechado. Assim, um dos mais populares artistas do Brasil passa a dividir cela com outros quatro criminosos. Mas, nove dias após ser preso, um *habeas corpus* consegue sua liberdade. Os juízes decidem que Simonal pode cumprir a sentença fora das grades. Dessa forma, no fim do ano, está com todas as obrigações resolvidas com a Justiça, mas, frente ao público, sua condenação será perpétua.

Mesmo livre, a prisão jamais sairá de Simonal, pois a pena moral continuará. Fora das paradas de sucesso e dos grandes palcos, a vida familiar sente os efeitos. Tereza sofre cada vez mais com suas crises psicológicas, sendo internada constantemente para tratamento. Enquanto isso, o consumo de álcool de Simonal corre solto, e seus casos extraconjugais também não cessam, abalando ainda mais a já conturbada relação com a esposa. Simonal entra, assim, em um acelerado processo depressivo. Bebe sozinho, amargurado, lembrando as glórias do passado.

* * *

Em 1985, realiza uma temporada numa pequena boate no Leblon. O público comparece e o cantor pode usar o microfone não apenas para exibir seus maiores sucessos, mas também para negar o envolvimento com o Dops e exigir provas sobre sua ligação com a ditadura. Nesse período, canta “Faz parte do meu show”, do jovem compositor Cazuza. Descontrolado, chega a beber uma garrafa inteira de uísque numa única noite. Só assim para suportar tamanho fracasso. Diante disso, os médicos são unânimes em exigir que Wilson abandone o álcool, mas ele não é capaz de permanecer sóbrio.

A bebida toma conta de seus dias e a voz o abandona definitivamente. Assim, a década de 1990 começa com um Simonal ainda mais triste. Logo cedo sai de casa para beber em botequins de beira de calçada, acompanhado de populares igualmente entregues ao vício. Sem dinheiro, abandona o uísque e cai na cachaça. Obsessivo, quer provar a qualquer custo não ter estado a serviço da ditadura militar, tarefa tão difícil quanto recuperar o prestígio artístico. Em março de 2000, acontece a última apresentação de Wilson Simonal, no clube Memphis, em Moema. Nos solos de trompete, perde o fôlego e precisa ser socorrido no palco. Ao final, consegue se manter sóbrio e educado.

Em 4 de abril, Wilson Simonal é internado com crise de pressão alta. Mas o quadro logo evolui para degeneração hepática. Sentindo que a morte se

aproxima, o cantor ainda declara seu amor à Tereza. E manda chamar um jornalista, a quem pretende contar toda a verdade. Novamente repete a mesma história, afirmando nunca ter sido informante do Dops. Pouco antes de morrer, recebe a visita de Geraldo Vandré, compositor de “Pra não dizer que não falei de flores”, vítima de perseguição da Censura durante a ditadura. A visita do ilustre militante serve para Simonal se sentir redimido sobre sua participação no regime militar.

No entanto, sua situação piora ainda mais. As últimas palavras ditas em vida são “a verdade vai aparecer”. Depois, entra em coma, estado em que permanece por três dias. Em 25 de junho de 2000, com 62 anos, morre de falência hepática um dos melhores e mais populares cantores que o Brasil já conheceu. Apesar das polêmicas que jamais serão resolvidas, sua importância na música popular brasileira permanecerá para sempre.

TIM MAIA



Tim Maia sempre se disse um praticante assíduo do triatlon, uma maratona incansável de pó, uísque e maconha. Esporte só para profissionais. Era um touro indomável, que abusou das drogas com consequências desastrosas. Quando se fala dele, é fácil cair no discurso condenatório e moralista, tanto quanto ficar na louvação desse personagem pouco, ou bem, caricato. Assim, Tim virou um exemplo para usuários, e também um não exemplo. Era, afinal, o cara que sempre exagerava. Como qualquer outra coisa, as drogas dependem de como são usadas. E isso, definitivamente, o Síndico não sabia fazer. Mas, apesar do vício, das *bad trips* e da pindaíba, o cantor atravessou todas as fases com certo bom humor. Foi o seu melhor crítico. Irônico, via de fora a própria existência. Tim era um frasista exuberante, um disseminador de gírias que permaneceram após sua morte.

Muitas vezes cercado de incompetentes ou aproveitadores, Tim Maia foi ficando cada vez mais controlador. Após brigar e reatar com as principais gravadoras brasileiras, tornou-se independente, no entanto, mais perdeu do que ganhou com essas experiências como executivo na indústria do disco. O cara sempre beirou os excessos. Foi se mantendo artista aos trancos e barrancos. Mesmo sendo um cantor insuperável, inventor de um inconfundível balanço, teve uma discografia irregular.

Estúdios e maquinários precários nunca deram conta da sonoridade esperada, e Tim foi se cansando. Foi se dando por vencido. Assim, naipes de metais e cordas foram sendo trocados por teclados que já soavam datados na época. Mas mesmo assim produziu grandes momentos nas duas últimas décadas de carreira, de volta à pegada irracional, que sempre foi a marca do irresistível personagem. Entre outras coisas, esses discos confirmavam o cantor imbatível num gênero em que foi pioneiro, o samba-soul carioca e universal. E também no funk, disco, repente, forró e o diabo a quatro. Ou bossa nova, choro e jazz, como nos projetos com Almir Chediak.

Tim também falava demais, sem noção do quanto se expunha. A fimose que operou, a obesidade que o impedia de ver o pau, a impotência... Disparou contra os poderosos, o jabá e a Rede Globo. Atirou a esmo. Muitas vezes tinha razão, mas, nem sempre compreendido, acabou isolado. Esse Tim irresponsável

e doidão, que poderia ter virado número nos índices de deliquência juvenil, não era maior do que o artista. De Racionais MCs a Criolo ou Emicida, não há quem esteja fora de seu raio de influência.

* * *

Sebastião Rodrigues Maia é o último dos seis filhos de dona Maria Imaculada e seu Altivo. Nascido em 28 de setembro de 1942, passou a infância no bairro da Tijuca, mais precisamente na pensão do pai, onde se hospedavam viajantes em passagem pelo Rio. Desde cedo, Sebastião precisou trabalhar e, ainda criança, foi responsável pela entrega de marmitas para a vizinhança. Não levou muito tempo para o gordinho de 11 anos já ficar conhecido no bairro todo como Tião Marmiteiro. É dessa época o encontro com Erasmo Carlos, poucos anos mais velho, que o desmascarou comendo parte das viandas que deveriam ser entregues aos clientes. Munido de um cano de ferro, Tião Marmiteiro não se faz de rogado e põe o Tremendão para correr.

Aos 13, Tim consegue se livrar das marmitas e passa a pingar por empregos no centro do Rio. No entanto, o que gosta mesmo de fazer é batucar. Só pensa em bateria, dia e noite. Então, sua mãe, fervorosa carola, com seu irmão mais velho, praticamente um padre, convence o pároco a adquirir uma bateria para a banda da igreja, cujo baterista é o filho caçula, Tião. Para agradecer o apoio do padre, Sebastião se torna coroinha e forma a banda Os Tijucanos do Ritmo, que embala as quermesses e eventos paroquiais. Mas após um ano, com a bateria devidamente destruída por um ataque de fúria de quem a tocava, a banda chega ao fim.

Depois, um novo instrumento vai parar nas mãos de Tião, pois Antônio, o mesmo irmão mais velho, retorna de Roma trazendo um violão de presente. Logo Sebastião monta uma nova banda para, na sequência, brigar com todos e quebrar, mais uma vez, o próprio instrumento. Assim, sem bateria e violão, o que lhe resta é uma cômoda jogada fora pela vizinha. Passa a batucar na madeira, encantado com a reverberação. E, com as cordas que sobraram do violão quebrado, improvisa um baixo acústico. Tal qual Nelson Cavaquinho fizera nos primeiros anos de vida musical, Tim Maia também arranca do lixo seu primeiro instrumento.

Quando o pai percebe o talento do filho, investe num violão novo e em aulas de canto. Logo Tião está na roda outra vez, se apresentando em quermesses e pequenas festas locais. Por meio de Erasmo Carlos, que já tem 17 anos, e a quem ensina os acordes básicos do violão, conhece o também adolescente

Jorge Ben. Nessa mesma época, Roberto Carlos, um moleque vindo de Cachoeira do Itapemirim, é apresentado a Tião como candidato a uma vaga em The Sputniks, banda que o grupo de garotos acaba de montar. Roberto fica hipnotizado pela batida do violão do gordinho da Tijuca. Em seguida, o futuro Rei é aceito e entra para a banda. Mas um clima tenso ronda os ensaios.

Isso porque The Sputniks cai nas graças do empresário e apresentador Carlos Imperial, que os lança no seu *Clube do Rock*, um quadro semanal apresentado por ele na TV Tupi. Mas a banda termina logo no primeiro show televisionado, com uma tremenda briga entre Roberto Carlos e Tião na porta da emissora. No fim de semana seguinte, Tião assiste pela TV, indignado, a apresentação solo de Roberto Carlos, o "Elvis Presley Brasileiro", como é apelidado pelo apresentador. Irado, não deixa barato, e decide ser o "Little Richard Brasileiro". Tião procura Imperial e o obriga a engolir uma versão de "Long Tall Sally". O apresentador gosta do que ouve, mas não aceita que o gorducho se apresente como Tião. Eles precisam encontrar um novo nome e, certeiro, o esperto empresário batiza o rapaz de Tim. Assim, o inesperado acontece: o gordinho está no ar!

* * *

Em 1958, sem patrocínio, Imperial encerra o programa, deixando Tim na rua da amargura. Antes de completar 17 anos, ele parte rumo aos Estados Unidos, onde pretende estudar televisão. Chega à pequena Terrytown, um vilarejo à beira do rio Hudson, e é adotado por uma família local. Lá, passa a ser conhecido como Jimmy, the Brazilian, e trabalha num estabelecimento comercial ainda inexistente no Brasil, um tal de supermercado. Longe de casa, fuma o primeiro baseado e descobre a cena musical, emplacando o conjunto vocal The Ideals. Terrytown fica pequena. Nova York, *here we go*.

Em 1963, com três amigos a bordo de um carro roubado, Tim Maia atravessa nove estados norte-americanos, efetuando pequenos furtos nas cidadezinhas por onde passa. Durante a viagem, é preso cinco vezes, por agitação, bebedeira, roubo de combustível e, no fim, posse de substâncias ilegais. Quando está detido, envolve-se em confusão com outro bandido e, aos 21 anos, é deportado para o Brasil. Ao chegar, safo, já tem uma mentira na ponta da língua: inventa para a família que fugiu dos Estados Unidos a fim de escapar da Guerra do Vietnã.

Esse estranho Brasil onde Tim desembarca está na mão dos militares. Erasmo e Roberto Carlos são famosos e brilham na televisão. Tim ainda está

sozinho, sem amigos, namorada ou qualquer perspectiva. Para piorar as coisas, é pego roubando pela polícia. Enquadrado por furto sem violência, é condenado a passar dez meses na penitenciária Lemos Brito. Preso, escuta pelo rádio o sucesso dos amigos de adolescência.

Quando sai da prisão, Tim vai para São Paulo atrás dos companheiros do The Sputniks. Mas não consegue ajuda de Roberto e Erasmo e, nessa fria e gigantesca cidade, fica amigo dos três malucos da Pompeia, Rita, Arnaldo e Sérgio. Ou, simplesmente, Os Mutantes. Nessa ocasião, toma ácido e vaga loucão pelas ruas. E se vira como pode. Passa por uma bateria de testes e emplaca no elenco do programa *Quadrado e redondo*, uma tentativa da TV Bandeirantes de fazer frente à Record. Só que a atração não emplaca.

* * *

É o ano de 1967, e Tim está perdido no Rio de Janeiro. Por acaso, fica sabendo que Roberto Carlos está na cidade e parte para o hotel do astro. Novamente não consegue falar com o amigo de adolescência, mas não sai de mãos abanando: acaba entregando uma fita cassete com duas composições próprias. No fim, Roberto ouve a fita e gosta. Empolgado com o talento do gordinho da Tijuca, começa a recomendá-lo às pessoas certas. Assim, Tim é contratado pela CBS para gravar o primeiro compacto, só que a produção é um fracasso total. Ele não consegue reproduzir em estúdio a intensidade e a clareza de seu som, e deixa a CBS tão rápido quanto entra.

Um tempo depois, animado com a música soul, Roberto Carlos pede algo do gênero para Tim, que compõe “Não vou ficar” – finalmente um sucesso! As portas se abrem para o cantor. Depois, também incentivado por Rita Lee e Erasmo, André Midani, chefão da Philips, contrata Tim. Enquanto aguarda vaga no estúdio, ele escreve obsessivamente. Entre os clássicos dessa safra estão “Azul da cor do mar” e “These are the songs”, canção que também é divisora de águas, porque Nelson Motta, que produzia o novo disco de Elis Regina, convida Tim para dar uma passada no estúdio. Ele chega com seu violão e solta “These are the songs”. Fascinada com a música, Elis começa a cantar junto, a banda entra com tudo e Nelson aperta o *rec*. No instinto, a obra ganha corpo. Esta é a canção, aquela é a cantora, e o dueto com o até então desconhecido Tim apresenta um novo ídolo ao Brasil.

Enfim no estúdio para gravar o tão sonhado primeiro LP, o perfeccionista Tim sofre demais. A mesinha tosca de apenas quatro canais não dá conta de tanto som. É muito timbre, muita textura diferente para ser usada, infinitas

reverberações. Ele sabe o que procura e insiste, driblando a precariedade. Lançado em 1970, o estouro é nacional. O gordinho da Tijuca agora é um ídolo pop! O Teatro da Praia, onde está em cartaz, transborda. E a maconha corre soltinha no camarim. A plateia sente o cheiro, obviamente. O soul explode. Mas logo os policiais dão uma dura – apesar da marofa e da leseira, nenhuma ponta é encontrada.

* * *

O gordo está com 28 anos. Deslumbrado com o sucesso, começa a namorar Janete e se muda para um apartamento no Leblon, onde cria Tula e Tila, duas pastoras-alemãs. A grana não para de entrar. Convidado pela Associação Brasileira dos Produtores de Cacau, ele cria o *jingle* "Chocolate". O que seria apenas uma peça publicitária logo vira mais um hit. Mas os caretas torcem o nariz: "Chocolate" está muito mais para o apelido das barrinhas de haxixe que começam a chegar ao Brasil, do que para o doce.

Em 1972, Tim decide fazer um exílio voluntário. Viaja para Londres com Janete, pois quer conhecer o lugar onde estão Caetano Veloso, Hélio Oiticica, Gilberto Gil e Jorge Mautner. Encantado com a cidade, aluga um apartamento e mergulha de cabeça na vibração londrina. A doideira não tem fim, com direito a LSD, haxixe e cocaína.

De volta ao Brasil, Tim Maia é o maior vendedor da Philips. Doidão e deslumbrado com o sucesso, testa os limites do seu poder dentro da gravadora – chega a distribuir ácidos para os executivos e põe abaixo o escritório do todo-poderoso André Midani. O gordo apronta, o público delira e seu show bomba no Teatro Opinião. A grana, obviamente, corre solta.

Separado de Janete, Tim vai morar com a banda numa casa na estrada da Barra. Apesar da farra, segue apaixonado pela ex-mulher, que encontra por acaso, algum tempo depois. Gentil, convida-a para conhecer sua residência. Mas, naquela mesma madrugada, Janete é internada num hospital com o corpo coberto por escoriações e hematomas. "Apanhei como nunca", declara. O delegado intima o cantor a depor. No horário marcado, ele comparece abraçado à amada, dizendo: "Ela caiu da escada, doutor." Janete confirma e o casal deixa a delegacia de braços dados, sob *flashes* da imprensa.

Na época, Tim está com graves problemas de peso e tira sarro de sua situação nas entrevistas que concede: "O problema do gordo é que, quando ele beija, não penetra. E quando penetra, não beija." Ansioso para emagrecer, interna-se em uma clínica, onde passa alguns dias, mas logo foge para uma churrascaria.

Senta-se à mesa ao meio-dia para sair pouco depois das oito da noite. “Fiz uma dieta rigorosa, cortei álcool, gorduras e açúcar. Em duas semanas, perdi 14 dias”, fala.

Em fins de 1974, com seus sucessos tocando nas rádios de todo o país e com a promessa de gravar um álbum duplo, Tim Maia troca a Philips pela RCA Victor. O cantor também termina o casamento com Janete e se encanta por Geísa, uma menina de 17 anos, que logo o abandona. Sozinho, compõe compulsivamente baladas românticas e temas de amor. Larga o ácido e descobre a mescalina. Depois, com o fim da gravação do disco, Geísa volta para Tim, mas está grávida de um craque de futebol que a abandonou. Tim acolhe a mulher e o bebê, tornando-se padrasto do menino Léo. Enquanto ainda está amamentando, cercada de cuidados, Geísa engravida do segundo filho. O pai agora é Tim Maia.

* * *

O disco duplo de Tim está pronto e gravado, faltando apenas as letras. É quando o cantor toma uma forte dose de mescalina e vai visitar um amigo, Tibério Gaspar. Ao chegar em sua casa, o homem está no banho e a mescalina começa a fazer efeito. Enquanto Tim espera, cai em suas mãos o livro *Universo em desencanto*. Assim, a próxima parada de Tim é Belford Roxo, mais especificamente a casa de Manoel Jacintho Coelho, psicógrafo dos livros e mestre dos rituais da doutrina Racional, uma filosofia que prega sermos todos filhos de um mundo superior, localizado em outro planeta. A única forma de retornarmos ao nosso verdadeiro lar seria por meio da Energia Racional, conquistada com a abolição total dos alteradores de consciência.

Nessa primeira visita, Tim permanece por três dias na modesta igreja, lendo o livro *Universo em desencanto* e aprendendo sobre o processo pelo qual passará antes de ser resgatado pelos discos voadores. Em seguida, no show de abertura do Teatro Bandeirantes, em São Paulo, o músico fala pela primeira vez em público sobre a doutrina Racional, pedindo aos fãs que leiam *Universo em desencanto*. O cantor, agora, é um fiel seguidor e empenhado obreiro da igreja comandada por Manoel Jacintho. A partir daí, leva letras de músicas para o mestre e, com ele, adapta versos e compõe novas canções para melhor explicar a cultura Racional. Seguindo a ordem do desapego, também doa todo o mobiliário do seu apartamento, restando apenas um colchão.

E mais: limpa todos os demônios. Assim, obriga a banda de onze músicos a se converter à doutrina e proíbe álcool, maconha, ácido e cigarro nos camarins.

Carne vermelha nem pensar e sexo, só para procriação. Ele ainda muda o nome da banda para Seroma Racional e fareja o hálito e examina as pupilas dos músicos antes de começar os ensaios. Mas, sem os baseados, é o fim da larica. Tim Maia, pela primeira vez na vida, perde peso.

A voz logo sente os efeitos da vida saudável. Seu canto ganha textura, ele aprimora os timbres e potencializa vibratos. Aos 32 anos, Tim Maia está no auge. Mas, apesar de ser musicalmente irretocável, a gravadora não aceita o disco duplo. Portanto, de posse das fitas gravadas, Tim cria, ao lado do guru Manoel Jacintho, a Seroma Discos, mandando prensar quinhentas cópias de *Racional*, que serão vendidas nos dias de shows. A obsessão pela cultura Racional se torna cada vez mais intensa, a ponto de Tim andar sempre com roupas brancas e livros sobre a doutrina. Quando recebe a visita de amigos, pede que eles troquem de roupa no mesmo instante. E um novo figurino, impecavelmente branco, é exigido daqueles que se aproximam. Logo o músico está nas ruas, batendo de porta em porta, apresentando seu disco e a cultura Racional, a fim de aumentar o rebanho de seu Manoel. Tim e banda percorrem ruas do centro e de Copacabana, entoando hinos da igreja. Por questões dogmáticas, a banda Seroma só pode realizar apresentações gratuitas. Então, canta na penitenciária de Niterói, com o sol à pino e lágrimas nos olhos.

Três dias antes de completar 33 anos, Tim Maia acorda com três desejos irreprimíveis. Comer carne sangrenta, beber um trago e fumar um baseado. Ele deixa a seita para trás. Entra em seu antigo apartamento, arranca as roupas brancas e grita aos quatro ventos, profanando o nome do mestre caído, Manoel Jacintho. A banda dá graças aos céus, pois Tim está de volta. Antes de seguir em frente, ordena que os exemplares restantes de *Racional volumes I* e *II* sejam destruídos, valorizando o produto que, anos mais tarde, se tornará uma das maiores relíquias da música popular brasileira.

* * *

São muitas as passagens de Tim pela polícia. Doidão, chapado ou bêbado, está sempre sem os documentos do carro, sem a habilitação e com as taxas vencidas. Chega a entregar as chaves de um veículo para os guardas e seguir à pé, quando parado sem habilitação e com maconha na cueca. Dias depois, no momento em que passa por uma blitz, reconhece os policiais. Então, Tim para o carro, desce e pede alguns trocados para tomar uma gelada. Os guardas emprestam a grana e Tim segue direto para o bar.

Após a fase Racional, o cantor está sem um puto no bolso. A grande banda

Seroma Musical foi reduzida a apenas três músicos. Mas, disposto a recomeçar, faz shows em clubes e quadras do subúrbio, onde toca seus maiores hits. O público delira com esse Tim Maia popular, e o sucesso volta com tudo. Os músicos retornam e a banda cresce a ponto de contar com dois baixos e três guitarras. A Seroma Musical agora se chama Vitória Régia, nome da rua onde mora.

O ano de 1977 é marcado pela invasão da onda disco e, com ela, a glamorização da vodca com pó. Tim, o rei das pistas, não tarda a incorporar as duas novidades ao seu já variado cardápio de drogas. Mas o consumo de tantas substâncias trará as mais graves consequências. Sua situação financeira só piora, com indenizações, processos, investimentos e penhoras. Está devendo mais do que antes. Assim, consegue um adiantamento da Som Livre, através de Gutto Graça Mello, e começa a gravar o disco nos estúdios da Seroma. No entanto, uma obra inesperada tem início no terreno ao lado. A intensidade das britadeiras é incorporada ao som, marcando o ritmo do metrônomo. O disco não decola. Cansados das loucuras de Tim, que cancela shows e coloca a todos em perrengues constantes, os músicos vão trabalhar com outro artistas.

Pouco tempo depois, Tim Maia volta a assinar com André Midani. O midas agora está na Warner. Amparado pelo executivo, o gordo entra em estúdio com uma seleção de ouro, e a participação de músicos consagrados, como Pepeu Gomes, Hyldon e Lincoln Olivetti. Assim, *Disco club*, lançado em 1978, traz arrasa-quarteirões como “Acenda o farol” e “Sossego”. Logo, Tim Maia volta a ser o rei das pistas. Mas o sucesso não o acalma. Ele briga e troca de gravadoras sem parar. Por fim, sua presença só é admitida na Seroma Discos, da qual é dono.

Disposto a fazer sucesso com as próprias mãos, investe pesado em si mesmo. Primeiro, lança um compacto com duas músicas. O lado B estoura com o sucesso “Do Leme ao Pontal”. A receita obtida com as vendagens permite investir na gravação do LP *Nuvens*, lançado em 1982. *Nuvens* é um disco perfeito em todos os sentidos, um dos melhores de sua carreira, mas praticamente não chega às mãos do público, porque a Seroma não entende nada de mercado.

No ano seguinte, Tim volta aos braços da Philips/PolyGram, através do selo Lança. O álbum *O descobridor dos sete mares* tem mais dois sucessos radiofônicos, a canção-título e “Me dê motivo”. Um ano depois, o disco *Sufocante* não tem a mesma sorte, e Tim apela mais uma vez para a RCA. Com ela, pega um adiantamento de 40 mil dólares. Mas, na saída da gravadora,

encanta-se com um carro na vitrine de uma concessionária. Abre a maleta recheada de verdinhas, tira alguns maços e convence o gerente a lhe vender o carro sem precisar passar pelos trâmites legais.

No estúdio da RCA, tudo parece correr bem, até que uma noite, incomodado com a direção que o produtor Michael Sullivan tenta impor à sua interpretação, pega as fitas de gravação e sai com elas embaixo do braço. No dia seguinte, entrega o material a Lincoln Olivetti e conclui a gravação de mais um disco de sucesso.

Nas declarações à imprensa, Tim não cansa de esculhambar a RCA, menosprezando o estúdio da gravadora e acusando seus mandatários de lhe terem obrigado a gravar compositores de seu casting. Nessa mesma época, declara estar em processo contra a PolyGram, que havia lançado uma coletânea sem seu consentimento. Nas declarações bombásticas, sobra até para o então presidente do Brasil:

> *Sarney nunca tomou 300 LSDs nem comeu churrasquinho de gato com Ki-Suco como eu; não tem experiência para ser presidente, eu seria melhor do que ele.*

Nessa mesma época, o carro de Tim é parado com uma boa quantidade de tóxicos dentro dele. Levado para a 13a DP, em Copacabana, a coisa fica séria. Mas ele começa a cantar na porta da delegacia e, logo, uma plateia acompanha em coro os seus sucessos. Depois disso, cedendo ao apelo popular do acusado, o delegado ordena que liberem o encrenqueiro.

* * *

Na verdade, o que derruba Tim e o impede de fazer muitos shows é o “triatlon” – palavra que usou para batizar a mistura de maconha, cocaína e uísque. Outras vezes, não aparece simplesmente para sacanear o contratante. Assim, desliga o telefone e fica incomunicável. Também acontece de não comparecer aos compromissos por ter pânico de avião. A loucura não tem fim. E sua casa está sempre cheia – principalmente de baseados, carreiras e garrafas de uísque. Contudo, apesar da festa, Tim fica paranoico. Com síndrome de monarca, sempre fareja alguém querendo lhe passar a perna, roubar suas mulheres ou envenenar sua bebida. Quando compra pó, obriga o traficante a cheirar antes dele, para se certificar da qualidade do produto. Sozinho, passa longas noites com prostitutas, muitas vezes apenas conversando.

Em 1986, aos 44 anos, conhece Elizete, 25 anos mais jovem, que consegue invadir seu camarim durante um show no Palace. Tim cai de amores pela menina, que se faz de difícil. Quando finalmente cede aos apelos do sedutor, pede demissão do emprego e se manda para o Rio, onde, além de mulher, vira também sua secretária. É ela quem aguenta barras pesadíssimas, mas consegue promover uma faxina temporária na vida e nos negócios do cantor. Entre altos e baixos, Tim perde uma causa movida contra os seus músicos e é obrigado a pagar uma pequena fortuna referente a encargos trabalhistas. Também se encrenca com o Ecad, que retém todos os seus direitos autorais para pagamento de multas judiciais. E seu único carro, um Fiat Uno, é penhorado.

Além disso tudo, o caseiro de Tim, conhecendo o esconderijo onde ele guarda maconha, passa a revender o estoque do patrão para os moleques da vizinhança. Não leva muito tempo e a polícia aparece, botando o funcionário em cana. Com ele, ainda vai uma sacola da erva. Mas, na hora de prestar depoimento, o caseiro revela que a substância pertence a Tim Maia, e a notícia vai parar nos jornais. É mais um escândalo. Para piorar, o relacionamento com Elizete termina, e sua mãe, dona Maria, morre vítima de Alzheimer.

Nessa época, Tim é escalado para tocar na ECO-92. Quando uma repórter lhe pergunta sobre o que sua música tem a ver com ecologia, ele responde: “Tudo.” Depois, acende um baseado diante das câmeras e completa: “Eu adoro o verde. Sou militante do PVB - Partido Verde do Bão.”

Em 1993, o encrequeiro se reconcilia com a Rede Globo. Emplaca um hit na trilha da novela das oito e acerta o lançamento de seu disco *Romântico* no *Domingão do Faustão.* Logo cedo, a banda Vitória Régia está no palco, pronta para entrar ao vivo. Mas, diante da ausência de Tim, Fausto Silva começa a chamar o cantor pela televisão: “Ô, Tim, acorda que ainda dá!” No final do programa, tendo levado um cano em rede nacional, Faustão conclui: “Quem é vivo sempre aparece, menos Tim Maia!” Após o ocorrido, a direção veta oficialmente sua participação em qualquer programa da casa.

* * *

Aos 52 anos, o maluco está no auge do consumo de entorpecentes. Seu mais recente disco, *Voltou clarear*, lançado por seu próprio selo, Vitória Régia, é um fracasso. Assim como a Seroma, a gravadora não possui estrutura alguma para sobreviver na poderosa engrenagem que ainda é a indústria fonográfica. Além disso, a nova produção não chega aos ouvidos do público porque Tim não tem dinheiro para pagar o jabá que garantiria a execução do som nas rádios. Assim, afundado em dívidas e processos, o cantor não consegue crédito para prensar

milhares de cópias e depois distribuí-las pelo Brasil inteiro. No seu caso, a independência é a morte.

A saúde do músico também começa a piorar. Em setembro, ele e Adriana, a companheira da vez, desembarcam em São Paulo. Na ocasião, visivelmente alterado, Tim vai de carro até Avaré, onde fará um show. E, no hotel, fuma, bebe e cheira. Como está afetado, antecipa a apresentação – quer dizer, tenta cantar, mas não consegue. É preciso chamar um médico no camarim. A pressão de Tim está nas alturas, próxima a vinte. Diante disso, o cantor acende um baseado na frente do médico, do prefeito e do empresário do show. Em seguida, é carregado de volta ao hotel, onde desaba.

O ano de 1995 segue com Tim tentando se limpar. Ele se aproxima de Almir Chediak, com quem trabalha na seleção das trinta músicas e no elenco de cantores que irá interpretá-las em seu *songbook*. Fecha um milionário contrato com a Brahma para uma série de shows pelo Brasil. A estreia, no Riocentro, quebra todos os recordes de público, e as perspectivas para a turnê não podem ser melhores. No entanto, o músico põe tudo a perder quando, no palco, revela: “Eu tô aqui fazendo esse show pra Brahma, mas gosto mesmo é de Guaraná Antarctica.” Assim, com o contrato rescindido, Tim Maia é substituído por Roberto Carlos. Três décadas depois, ironicamente, Roberto, fã e “aluno” do gordão da Tijuca, volta a tomar o posto de Tim, assim como no início da carreira de ambos, no programa de Carlos Imperial.

Já pesando 142 quilos, Tim Maia está com o saco escrotal inchado e cheio de infecções. Sem saída, finalmente cede ao tratamento médico, mas o diagnóstico não pode ser pior. Ele corre risco de perder os testículos e o pênis. É operado, mas suas condições de saúde, de modo geral, estão péssimas. Como é desobediente, deixa o hospital antes mesmo de ter alta e, em casa, passa os dias fumando maconha e lutando contra a larica. Os doces se tornam, então, sua paixão proibida. Obviamente, a diabetes explode. Em seguida, ele opera os olhos e se livra de uma incômoda catarata. Em meio ano, emagrece vinte quilos. Depois, é obrigado a usar óculos. Sentindo a morte se aproximar, trabalha compulsivamente. No período de um único ano, chega a gravar quatro discos, pagos do próprio bolso e lançados pela Vitória Régia. As vendas não cobrem sequer os gastos de produção.

* * *

Dia 8 de março de 1998. Uma semana antes de morrer, Tim Maia sobe ao palco do Teatro Municipal de Niterói. A apresentação seria um acústico produzido

pelo canal pago Multishow, com direito a CD e DVD ao vivo. Finalmente o maluco teria uma gravação impecável e ótima distribuição. A possibilidade de um novo retorno parece real. Mas, assim como em toda a sua carreira, o Síndico também se atrasa para a última entrada em cena. A plateia, lotada de convidados especiais, espera. Mais de uma hora depois do horário marcado, a Vitória Régia sobe ao palco e executa um tema apenas com os vocais de apoio. Nada de Tim. Já na segunda música, "Não quero dinheiro", surge um homem imenso, suando enormemente dentro de um terno azul-claro. Aos 55 anos, ele não cabe em si, no pior dos sentidos, e reclama de uma nota fora do lugar. A plateia vibra, mas o cantor acaba deixando o palco. Todos caem na gargalhada pensando se tratar de mais um de seus "números". O público, aceso, segue cantando, enquanto nos bastidores Tim realmente passa mal. Seu último show não acontece.

Algum tempo depois, os sistemas de som convocam a presença de um médico. E, por sorte, Drauzio Varella está na plateia. Logo, a ambulância do corpo de bombeiros estaciona na saída do camarim. Diante disso, os fotógrafos fazem a festa, e também o possível para dificultar o trabalho da equipe médica. Cada passo trêmulo de Tim, cada respiração na máquina de oxigênio, tudo é exaustivamente documentado. Antes da meia-noite, o rei do soul brasileiro dá entrada no Hospital Antônio Pedro. Lá, as portas são gradeadas para impedir a invasão de fãs, jornalistas e curiosos.

Uma semana depois, com hemorragia digestiva, infecções pulmonares e renais espalhadas pelo organismo, o coração do músico não aguenta. Em 15 de março de 1998, Tim Maia se torna memória. No dia seguinte, a *Folha de S.Paulo* publica o depoimento de uma fã que explica um pouco a histeria causada pelo cantor: "Ele fazia músicas de homem, másculas, que tocavam a gente."

Tim Maia permanece vivo no imaginário de uma geração. Seus maiores sucessos seguem esquentando as pistas, provando que, mesmo depois de morto, o gordão da Tijuca continua sendo o rei do soul brasileiro. Até hoje, ainda não houve quem fizesse sombra à sua majestade.

RAUL SEIXAS



Foi um baiano o primeiro roqueiro brasileiro realmente popular. Ou o primeiro brasileiro realmente roqueiro. Porque, de Cely Campello, na virada dos anos 1950 para os 1960, a Roberto Carlos durante a jovem guarda, o que se produzia em larga escala no Brasil era música com forte pegada pop. Até Raul Seixas aparecer, não havia quem fizesse rock brasileiro por excelência.

Sua popularidade talvez tenha sido tão grande pelo fato de ele ter construído, naturalmente, uma ponte entre o rock e as tradições musicais nordestinas. É o caso de "Ouro de tolo" e seu canto-fala inspirado no repente, antecipando a estrutura do rap. Ou de "Rockixe", que já no título propõe uma fusão de rock com maxixe. "Mosca na sopa" é outro exemplo, com linhas progressivas misturadas ao baião. Também foi parceiro de Paulo Coelho, que colocou ainda mais lenha nessa fogueira ideológica, misturando ficção científica com as ideias satanistas de Aleister Crowley. Assim, Raul fez uma verdadeira salada política-alternativa-mística na música popular brasileira.

Careta até conhecer o Mago, viciou-se tardiamente em drogas. Talvez por isso tenha perdido o controle. Bebeu tudo o que foi capaz, perdeu os dentes e o dinheiro, mas sempre manteve em torno de si a aura do artista imortal. Para os padrões atuais, é provável que soasse machista. No fim, Raul é um personagem para lá de contraditório. É forte e frágil ao mesmo tempo. Um homem que não teve estrutura para lidar com o sucesso.

Da mesma forma que seu contemporâneo Tim Maia, Raul foi quixotesco na revolta contra o sistema que o colocou no topo. Conseguiu ser caricato e visceral, como seus *impersonators* não nos cansam de confirmar. Onipresente, os pedidos de "Toca Raul" estão definitivamente incorporados ao imaginário do rock nacional.

* * *

Em 29 de junho de 1944, nasce Raul Seixas, filho de Raulzinho e neto de Raulzão. O menino, desde cedo, será chamado de Raulzito. "E meu filho vai ser Raulzitinho", declarará anos mais tarde sobre a linhagem de Rauls da qual descende. Raul pai é um engenheiro maluco de estradas de ferro, que leva o primogênito, ainda criança, a conhecer todo o sertão da Bahia, viajando no

vagão especial destinado às autoridades ferroviárias. Surge ali a fascinação pelos trens, que, anos mais tarde, será cantada em sua poesia, muito influenciada pela forma como Bob Dylan exalta a paixão férrea em suas composições.

Plínio é seu irmão caçula e, desde cedo, os dois são grandes amigos. É para ele que Raul revela, pela primeira vez, o constante medo de morrer, que o acompanhará por toda a vida. É também para ele que escreve livros com histórias infantis, por meio das quais leva o irmãozinho para viagens incríveis através das galáxias. Afinal, os meninos vivem obcecados com a ideia da eternidade. Plínio quer ser levado para viagens que terminem, mas o irmão mais velho se perde no infinito. Futuramente, o pequeno Plínio será um bem-sucedido físico nuclear e Raul um dos maiores poetas da música brasileira.

Apaixonado por cinema desde a infância, seu maior sonho é chegar a Hollywood. Uma das suas brincadeiras preferidas é criar filmes, para os quais inventa cartazes e fichas técnicas, misturando seu nome ao de grandes estrelas internacionais. Nesses cadernos de infância, que mais tarde serão publicados, desenha *storyboards*, contendo as cenas dos filmes que fará. Raul ainda conta o roteiro para os colegas de escola, sempre em troca de algumas moedas.

Já aos nove anos, ele realiza gravações caseiras, cantando, à capela e com um inglês inventado, os maiores sucessos de Elvis Presley. Depois, em Salvador, funda um clube de rock, o Elvis Rock Club, composto por meninos da classe baixa. É um escândalo na família. Enquanto é *cool* gostar de bossa nova, trazer todos esses roqueiros para dentro de casa significa romper com o bom senso e testar os limites dos pais. Além disso, nessas reuniões, Raul inicia os garotos no álcool e canta com desenvoltura os sucessos do *popstar* norte-americano. Aos 12, já é um fumante inveterado, sempre carregando uma carteira de cigarro no bolso da camisa, assim como seus ídolos na telona.

Mas o garoto não anda só com a classe baixa. Desde muito cedo, convive também com os filhos de funcionários do Consulado norte-americano em Salvador, que são seus vizinhos. E, quando é convidado para as festas infantis na casa deles, o que mais lhe chama a atenção é a profusão de cigarros espalhados pelas mesas de comes e bebes, ao alcance de qualquer um dos adolescentes e das crianças ali presentes. Por fim, essa proximidade com pessoas ligadas ao mundo internacional o conecta ainda mais com a música feita fora do Brasil. Afinal, no mundo sem internet, ter acesso aos LP’s importados é fundamental para saber o que acontece longe da Bahia. Assim, discos que demorariam a ser lançados no mercado nacional, como os de Chuck

Berry e Little Richard, chegam primeiro aos seus ouvidos.

Ainda nessa intensa pré-adolescência, Raul inventa de montar uma banda, Os Relâmpagos do Rock, sem nem mesmo saber a diferença entre um contrabaixo e uma guitarra. Aos poucos, descobre a função dos instrumentos, e se apaixona por cada um deles. Porém, ao mesmo tempo em que cai de amores pelo rock, escuta obsessivamente Luiz Gonzaga, impressionado com a semelhança entre o ritmo brasileiro e o norte-americano. E mais: Raul toca Elvis com a mesma batida que usa para tocar Luiz Gonzaga, encontrando a pegada do rock no baião, e vice-versa. "O *country* americano e as músicas sertanejas de Luiz Gonzaga têm o mesmo sabor. O *feeling* é o mesmo", revelaria anos mais tarde.

* * *

A primeira apresentação de Raul na televisão baiana acontece no programa *Escada para o sucesso*, da TV Itapuã, um show de calouros no qual tira nota máxima. Essa performance é acompanhada por Gilberto Gil, então funcionário do programa, contratado para acompanhar os aspirantes ao sucesso. No entanto, na Bahia, Raul e Gil pertencem a grupos distintos. Gil frequenta o Teatro Vila Velha, mais ligado aos movimentos bossa-novistas, enquanto Raul faz parte da turma do Cine Roma, formada pelos roqueiros da classe baixa de Salvador. Isso porque, naquele início dos anos 1960, ao contrário da maioria da juventude brasileira, Raul não se identifica com Roberto Carlos e sua turminha da pesada. Seu barato é fazer rock e blues. E a princípio nem mesmo se interessa em criar letras. O que curte são os temas experimentais, progressivos e instrumentais.

O rock o coloca em uma posição naturalmente marginalizada. Raul vive nas "graxeiras", como são chamados esses ambientes frequentados por tudo o que há de pior. Mas é ali que se sente em casa. E, por volta dos 15 anos, cria a banda The Panthers, que será a primeira formação de Raulzito e os Panteras. Logo se tornam o grupo mais popular da Bahia, atraindo a atenção de astros da jovem guarda, como Roberto Carlos, que fazem questão de ser acompanhados por Raulzito e os Panteras sempre que desembarcam para uma temporada em Salvador.

Quando adolescente, namora com Edith, filha de um pastor protestante. Depois, presta vestibular e se casa com a garota, mas, no dia seguinte ao matrimônio, parte em excursão pelo interior da Bahia com Jerry Adriani, de quem se torna grande amigo e compadre. Nessas viagens com os Panteras pelo sertão nordestino, Raul percebe que as primeiras cadeiras da plateia estão

sempre vazias, e demora um pouco até descobrir o motivo. Na verdade, o público no interior da Bahia acredita que Raul Seixas cai ao chão e se contorce tanto durante os shows por sofrer de epilepsia. É por isso que afastam as crianças do palco, pois os pais temem que a síndrome do cantor contagie os filhos.

O rock, nessa época, é uma revolução comportamental que contamina quase todos os setores da sociedade. Na moda, por exemplo, levantar a gola da camisa é uma marca registrada de seus seguidores. E Raul, pouco a pouco, cria sua legião de fãs. Ao mesmo tempo, forma-se em Filosofia e parte para o Rio de Janeiro, onde pretende desenvolver um tratado de metafísica iniciado na infância. Mas, quando se dá conta de que o Brasil não gosta de ler, decide se tornar cantor de "iê iê iê realista", nome que inventa para o tipo de música que pretende fazer.

* * *

Assim que chega ao Rio, seu colega e amigo Mauro Motta está trabalhando como produtor na gravadora CBS. Naquele momento, a companhia de discos monta um time de jovens produtores e Raul é convidado. Mas a CBS é uma casa extremamente tradicional, bastante ligada aos fenômenos populares, e contrária às ideias avançadas de Raul. São muitas as dificuldades que o maluco encontra para realizar seu trabalho. O desajuste é tamanho que o baiano chega a tomar tranquilizantes para conseguir sair de casa e ir trabalhar na gravadora. O que o prende ali é o dinheiro, que não é pouco, permitindo-o levar uma vida confortável na Cidade Maravilhosa. Apesar de músico, sente muito receio em enfrentar os chefes. Considerando-se inferior, tem dificuldade para se relacionar com os cantores contratados. No fundo, sente-se um artista fracassado após os anos de sucesso na Bahia.

Mesmo compondo e cantando muito, a direção da CBS proíbe Raul de se dedicar à música. Mas quando Evandro Ribeiro, o presidente, sai de férias, Raul decide assumir a primeira produção também como cantor e investe num disco coletivo ao lado de Sérgio Sampaio, Miriam Batucada e Edy Star. Batizada de Sociedade Grã-Ordem Kavernista, a trupe lança o álbum *Sessão das dez*. Quando retorna ao seu posto, o executivo é seco e direto: "Você escolhe, produtor ou cantor. Os dois não dá."

Raul Seixas mora no Leblon com Edith e a filha Simone, mas o casamento não dura muito. Logo conhece Glória, irmã do guitarrista Jay Vaquer. Ela, nas palavras de Paulo Coelho, é uma "força da natureza". Raul deixa Edith para se

aproximar da força. E, como despedida do casamento, compõe “Medo da chuva”. Sua filha passa a ser criada pelo novo marido de Edith, um norte-americano ciumento que a leva para os Estados Unidos e a registra em seu nome. Assim, o pai perde o contato com a menina, e Simone passará a adolescência inteira acreditando que Raul a esqueceu.

Em 1972, aos 28 anos, Raul finalmente decide largar o emprego como produtor na CBS, onde segue proibido de cantar, para inscrever suas músicas no Festival Internacional da Canção. Raul Seixas classifica duas composições: “Let me sing, let me sing”, clara referência aos problemas que enfrenta, e “Eu sou eu, Nicuri é o diabo”. Mesmo não levando prêmio algum, todos ficam enfeitiçados com a mistura de rock norte-americano com o baião de Luiz Gonzaga. E, após o festival, Raul marca uma reunião na Philips, onde canta suas músicas e é imediatamente contratado por Roberto Menescal. Assim, seu sonho se realiza e ele passa a fazer parte de um elenco refinado, ao lado de nomes como Elis Regina, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Chico Buarque e Gal Costa.

Nesse momento, Raul, que costuma ler as revistas esotéricas que Paulo Coelho escreve e edita, decide procurá-lo, porque mesmo sendo mais próximo do ateísmo percebe a onda mística que toma conta do mundo. A princípio, Paulo resiste em trabalhar com música, mas, por insistência de Raul, a parceria acontece. Paulo inicia o cantor no esoterismo, e Raul ensina o escritor a compor. É Paulo Coelho quem apresenta praticamente todas as drogas a Raul. “Da maconha ao ácido. Do chá de cogumelo ao Mandrix”, como recorda o escritor no documentário *O início, o fim e o meio.* Até então, o baiano só havia experimentado cerveja. No fim, a única droga que Paulo Coelho não se lembra de ter apresentado ao parceiro é a cocaína.

Então, a obra de Aleister Crowley, um famoso satanista inglês do início do século XX, também começa a despertar o interesse de Raul, a ponto de ele se tornar seu seguidor. O que o atrai é o aspecto intelectual da corrente, muito ligada à contracultura. A ideia de demônio defendida pela Igreja é fortemente contestada pelo satanismo, que vê no diabo uma potência fortíssima. Assim, Raul Seixas participa do filme *Contatos imediatos do Quarto Graal* e entra para a ordem O.T.O., uma dissidência da maçonaria. Ao lado de Paulo Coelho, funda a Sociedade Alternativa.

Nessa fase espiritualizada, “Guita” é uma das músicas mais emblemáticas, que busca despertar nas pessoas a ideia de um “Deus como todo”. E Raul, cada vez mais imerso nessa procura, ganha um terreno em Minas Gerais, em 1974,

onde planeja construir a Cidade das Estrelas. Lá deve imperar uma nova organização. O advogado será o não advogado, o policial será o não policial, os conceitos e valores serão todos trocados. No entanto, antes que os planos de Raul e de sua sociedade sejam postos em prática, o artista, agora um dos mais populares do país, tem que deixar o Brasil. Com a ditadura militar correndo solta e os generais no poder, revela ter sido "convidado" a partir por questões relacionadas à Sociedade Alternativa. O cantor deixa um disco gravado, *Gita*, e se muda para Nova York.

* * *

Na Big Apple, Raul Seixas mora em uma espelunca no Greenwich Village e canta *country music* com chapéu de cowboy em troca de algumas moedas. Seu apartamento é um cubículo imundo, infestado de ratos e baratas. Aliás, em entrevista a Jô Soares nos anos 1980, Raul revela que, em Nova York, chegou a pegar comida do lixo, ao lado de mendigos. Isso porque, apesar de a Philips e André Midani tentarem repassar os honorários ao cantor, a transação internacional é dificultada por questões burocráticas. O dinheiro não chega e, longe de casa, o Maluco Beleza precisa se virar como pode.

Anos mais tarde, Raul contará a história de que, durante essa temporada norte-americana, passou três dias hospedado na casa de John Lennon, com quem já se comunicava através de cartas, tentando uma parceria entre a Sociedade Alternativa e a New Utopian, movimento ao qual o ex-Beatle seria ligado. A sós com Lennon, Raul Seixas contava em entrevistas ter conversado sobre grandes figuras da História. Esse encontro, por mais repetido que tenha sido pelo artista, jamais foi comprovado e permanece uma dessas lendas do rock, disseminadas pelo próprio artista. Hérica Marmo, em *A canção do Mago: a trajetória musical de Paulo Coelho*, conta que o escritor e Raul fizeram uma louca *trip* pelos Estados Unidos em fevereiro de 1974. Obcecados pela cultura norte-americana, visitaram a casa de Elvis em Memphis, sem encontrar o roqueiro. Nessa mesma viagem, os dois teriam tentado localizar John Lennon, fazendo plantão no edifício Dakota, mas só conseguiram conversar rapidamente com Yoko Ono na rua.

Enquanto Raul amarga em solo norte-americano, no Brasil, *Guita* vende 600 mil cópias. Mas o músico está absolutamente alheio ao que se passa em sua terra natal. Até o dia em que o Consulado Brasileiro envia um funcionário ao seu apartamento infestado de baratas, avisando que Raul já pode retornar ao país. Ele volta com saudades de casa e ainda se depara com seu disco vendendo

como água. Além disso, no palco do Canecão, Maria Bethânia canta “Gita”, para delírio da plateia.

* * *

Glória, sua mulher, está na maternidade na mesma época em que Raul conhece Tânia Mena Barreto. O envolvimento entre eles é imediato. Durante certo tempo, o cantor chega a morar com Tânia em Copacabana e com Glória no Leblon. O trio passa cerca de dois anos dessa maneira, até que Glória decide voltar para os Estados Unidos. Afinal, Raul está bebendo e cheirando mais do que nunca, e escolhendo as companhias em função da cocaína. Pouco a pouco, o cantor se afasta dos amigos limpos e mergulha cada vez mais no perigoso submundo do pó.

Distante de Paulo Coelho desde 1974, e ao lado de Cláudio Roberto, Raul compõe “Maluco Beleza” num quarto de hotel, criando, em 1977, o disco *O dia em que a Terra parou*. É a primeira vez que um parceiro seu entende de música e interfere nas melodias. Assim, os dois passam longos dias em sua casa de campo, compondo canções e bebendo sem parar. Nesse mesmo momento, Raul conhece Kika Seixas, por quem se apaixona. E, três meses após o primeiro encontro, o casal passa a morar junto.

Aos 35 anos, Raul é submetido a uma cirurgia para a remoção de um cisto no pâncreas. A operação é delicada e acaba amputando dois terços do órgão. Diante disso, os médicos são pessimistas e não consideram mais de dez anos de sobrevida para o músico, afinal, seu organismo está desgastado. Raul, assustado, tenta parar de beber, mas não consegue. O abuso de álcool faz o artista começar a faltar aos shows. Muitas vezes passa mal no camarim, nem mesmo consegue subir ao palco. Em outras ocasiões, realiza apresentações muito mais curtas do que o normal. Nesse período, a música “Rock das aranhas” é censurada, não podendo tocar em rádio ou TV, mas liberada para sair em disco e ser apresentada em shows. Trata-se de uma censura moral, e não política, por retratar uma relação lésbica.

Como Raul abusa cada vez mais da bebida, tanto os empresários quanto as gravadoras começam a fugir. Depois, o cantor é obrigado a passar uma nova temporada nos Estados Unidos, dessa vez para tratar de questões burocráticas envolvendo um de seus divórcios. Casado três vezes, sempre com norte-americanas, possui um vínculo muito forte com o país do rock e do blues. Inclusive, até o fim de sua vida, será normal usar expressões em inglês para pontuar seu discurso. Em seguida, no início dos anos 1980, cansado do Rio,

Raul se muda para São Paulo. Está há cerca de um ano e meio sem gravadora, mergulhado na droga e na bebida. Quando vai fazer um show no Teatro Bandeirantes, sua filha Vivian acaba nascendo na cidade, e ele decide morar definitivamente na capital paulista.

Assim, o cantor assina com a Eldorado, uma gravadora paulistana, cheia de jovens. Seu diretor artístico tem apenas 26 anos. Em entrevistas, Raul está eufórico com a nova casa e a nova cidade. Afirma ter finalmente descoberto seu Eldorado. Para ele, São Paulo é um local fantástico, cheio de influências e novidades. Mas, apesar de gostar de morar na grande metrópole, sente-se perdido longe do mar.

Nessa época, perguntado pelo jornalista Pedro Bial sobre os roqueiros que começam a surgir a partir dos anos 1980, Raul afirma sentir falta da "pegada comportamentista" que havia no rock de sua época. Segundo ele, antigamente o rock atingia todos os setores da sociedade. Não se tratava apenas de uma revolução musical, mas comportamental. Segundo o cantor, a década de 1980 é uma época caótica. Mas, sem se entregar ao pessimismo, acredita que o caos é o prenúncio de um novo tempo que está por vir.

Aos 38 anos, com dezesseis LPs gravados, já consagrado sucesso de público e crítica, a jornalista Marília Gabriela chama a atenção para a sua trajetória instável: "Você explode. Depois você some. O que é? É uma coisa sua, de cabeça? É uma coisa de público? O que se passa com a sua carreira?" Ao que Raul responde: "Eu chamo isso de reciclagem, que eu me dou para mim mesmo. Toda vez que eu desapareço, quando volto, estou com novos caminhos abertos. É incrível isso!" Ainda no mesmo programa, Marília revela perceber uma fase mais alegre em Raul. E essa sensação talvez se deva ao sucesso de "Plunct plact zum", que gravou para um especial infantil produzido pela Rede Globo. Mas o Maluco Beleza revela que a canção, apesar de direcionada às crianças, tem uma letra que remete ao filósofo francês Pierre-Joseph Proudhon e aos anarquistas.

Com o álbum *Raul Seixas*, o cantor lança também o livro *As aventuras de Raul Seixas na cidade de Tor*. O volume reúne trechos dos seus diários pessoais, que vão dos sete aos 15 anos. É um livro divertido, que revela uma face ingênua do artista, antes de ser consumido pela bebida, pelas drogas e pelo sucesso. Ainda apaixonado por cinema, coleciona pilhas e mais pilhas de livros sobre a sétima arte. E, mesmo com quase 40 anos, fala que sonha em fazer filmes em Hollywood. Em entrevistas, diz ser tão bom ator que finge ser cantor e compositor, o que todo mundo acredita. Depois, em São Paulo, planeja um

happening no metrô, com o pintor Ivaldo Granato e o jornalista, produtor e compositor Nelson Motta – uma proposta na qual os artistas devem trabalhar e criar dentro dos vagões. Mas, apesar de original, a ideia não toma forma.

* * *

Raul está mais desorientado do que nunca. Seu vício agora, além do álcool, é cheirar éter. Ele chega a comprar garrafões de cinco litros do poderoso e perigoso líquido. Por outro lado, seu casamento com Kika se torna insustentável, e, sozinho, ele retorna à Bahia. Algum tempo depois da separação, Raul conhece Lena Coutinho, com quem passa a morar em São Paulo, no Butantã. Em seguida, em um show no Parque Lage, no Rio, em 1985, já bastante alcoolizado, ele desaba no palco. Diante disso, o público, enfurecido, joga latas de cerveja. Raul está no fundo do poço. A esposa, preocupada, consegue interná-lo contra a sua vontade. Mas, na clínica, o cantor obriga a família a exigir a sua liberdade. Depois, ao sair e chegar em casa, o músico termina o casamento e volta à vida louca.

Num festival punk na Bahia, Raul é vaiado. Então, Marcelo Nova, líder da banda Camisa de Vênus, que se apresenta no mesmo festival, sobe ao palco e exige respeito da plateia. Com o microfone em punho, o jovem cantor afirma que, se não fosse por Raul, ninguém estaria ali cantando aquelas músicas. Assim, a partir desse momento, surge uma amizade entre os dois artistas. Inclusive, na época do lançamento de seu primeiro álbum solo, Marcelo Nova convida Raul a viajar até Salvador e participar de seu show. É 1988. E, após quatro anos sem pisar em nenhum palco, Raul reaparece ao lado de Marcelo no Teatro Castro Alves. Ao final do show, ambos estão empolgados e decidem repetir a parceria. Mas Raul está cada vez mais bêbado, definitivamente alcoólatra, sem empresário, gravadora nem produtor. Pobre e debilitado, não tem dinheiro sequer para se alimentar. Todos fogem dele. Segundo Marcelo Nova, “Raul Seixas era um mal a ser evitado”.

Antes de ir à Bahia, Raul realiza um tratamento completo na boca – arranca todos os dentes e os substitui por próteses. Com a nova dentadura, seu ego vai às alturas. Marcelo Nova e Raul Seixas formam uma dupla e chegam a fazer cinquenta shows em apenas nove meses. Pela primeira vez em muito tempo, Raul volta a receber algum dinheiro. Claro que, por outro lado, a turnê é estafante, ainda mais para um homem com a saúde já bastante degradada. Mesmo assim, o cantor está sempre com um copo de cerveja na mão.

Raul e Marcelo Nova comparecem ao *Domingão do Faustão*, em 1989, um

dos líderes de audiência da Rede Globo. Cambaleante, o músico canta “Carpinteiro do universo”, do LP ainda não lançado *Panela do diabo*. No palco do programa, a banda entra com tudo, mas Raul canta arrastado. Marcelo tenta manter o pique, mas, mesmo assim, é visível a diferença de energia entre os dois. Raul está introspectivo, revisitando uma popularidade experimentada no auge de sua carreira. Mais adiante, durante um show no Canecão, Paulo Coelho é chamado ao palco. Para surpresa de Raul Seixas, o mago canta “Sociedade Alternativa”, pela primeira e única vez. É o último encontro da dupla. No camarim, lembram que não se veem desde 1974 – quase quinze anos atrás.

* * *

O último show de Raul Seixas acontece em Brasília, na noite de 13 de agosto de 1989. De volta a São Paulo, na madrugada do dia 21, ele chega em casa completamente bêbado. O porteiro de seu prédio o coloca no elevador e o despacha até o seu andar. Dalva, a secretária, chega no dia seguinte e o encontra morto na cama, deitado e coberto pelos lençóis. Ao que tudo indica, Raul morreu sereno, como jamais foi a sua vida.

SÉRGIO SAMPAIO



Nessa turma de vida louca e criativa, Sérgio Sampaio é um dos personagens menos conhecidos e mais radicais. Ele apenas flertou com o sucesso popular, graças a “Eu quero é botar meu bloco na rua”. No entanto, por ter sido genial, sua obra é cada vez mais reconhecida e regravada. Mesmo sem ele, o bloco continuou.

Nascido em Cachoeiro de Itapemirim, conterrâneo de Roberto Carlos, Sérgio passou a vida obcecado pelo Rei da jovem guarda. Inclusive, foi uma obsessão que mais acentuou as diferenças entre ambos do que as eventuais semelhanças. Isso porque, enquanto Roberto sempre foi careta, perfeitamente inserido na indústria musical e absolutamente zeloso com imagem e carreira, Sérgio vivia doidão, brigava com o sucesso e era incapaz de prosperar no mercado fonográfico. Também obcecado pelos Rolling Stones, inspirava-se em Mick Jagger. Assim, sua atitude, seus cabelos e seu gestual pareciam querer remeter ao roqueiro inglês. E, em outro contraste, adorava Orlando Silva, outro vida-louca e uma de suas maiores influências como cantor.

Sérgio surge no início dos anos 1970, já com a geração dos festivais ocupando os maiores postos da MPB. Nomes como Caetano Veloso, Chico Buarque, Gilberto Gil, Milton Nascimento e Elis Regina dominam a cena musical. Junto de Sampaio, despontam novas figuras como Luiz Melodia, Macalé, João Bosco, Fagner, Djavan e Raul Seixas. A competição era forte. Sérgio Sampaio até consegue “botar o bloco na rua”, mas não segura a onda. Acaba rotulado como maldito e termina assim.

* * *

Sérgio Moraes Sampaio nasce em 13 de abril de 1947. Primeiro filho de cinco irmãos, o menino é, desde cedo, considerado um exemplo de criança bem-educada. Os severos pais fazem o possível para segurar as rédeas de quem será um dos loucos mais geniais da música popular brasileira, autor de frases como “Não há nada mais solitário do que ser inteligente”. Sua casa é comandada por dona Maria de Lourdes, professora primária que, para alimentar a família, dispõe de um modesto fogão à lenha. Nem mesmo refrigerador os Sampaio possuem. Mas, no rádio, a voz de Orlando Silva acalma as aflições da mãe, ao

mesmo tempo que fascina os ouvidos do pequeno Sérgio.

Precoce, aos 16 anos se torna locutor de rádio, aprofundando ainda mais os conhecimentos musicais, agora que dispõe de toda uma discoteca para pesquisar. Mas a conquista do ainda adolescente Sérgio Sampaio não é comemorada pela família. O pai, alegando que a profissão é um atestado de vagabundagem, opõe-se ao trabalho do filho. Então, assim que recebe o primeiro salário, o jovem deixa a casa paterna para morar numa república de estudantes. É ali que Sérgio aprende os acordes básicos do violão, com o qual toma parte em serestas noturnas, atravessando as madrugadas, cantando e tocando pelas ruas de Cachoeiro. Sua estreia nos palcos acontece por acaso, quando o baixista de uma banda que se apresentaria na rádio onde trabalha acaba faltando. Dessa forma, Sérgio é escalado, tomando gosto pela vida artística.

Sua estreia como cantor também acontece sem premeditação ou ensaio. Enquanto apresenta um show de calouros promovido pela mesma rádio, um dos organizadores do evento saca o microfone das mãos do rapaz e o anuncia como a principal atração do programa. Sem titubear, Sérgio canta “Chuê, chuá”, de Pedro Sá Pereira e Ary Machado. No entanto, apesar da intensa atividade boêmia e profissional, a vida em Cachoeiro de Itapemirim é pacata demais para o jovem que sonha em conhecer o mundo. Demitido da rádio, aproveita a liberdade para, aos 20 anos, tomar um trem com destino ao Rio de Janeiro.

* * *

Com a mala vazia, Sérgio desembarca na Cidade Maravilhosa carregado de sonhos e projetos. Mas a cidade não parece reservar os mesmos planos para ele. Sem um tostão no bolso, é obrigado a morar em pensões decadentes na Lapa, vivendo de bicos que arranja em pequenas emissoras de rádio. À noite, canta em bares para tirar mais alguns trocados. E, nos fins de semana, sobe os morros do Rio à procura das rodas de samba, em algumas das quais consegue mostrar as suas composições.

Aos 23, continua sem trabalho, sem dinheiro, sem ter onde morar nem o que comer. Sua única alternativa é viver na rua. Mas, após algum tempo como indigente, dormindo sob marquises ao lado de mendigos, é levado a uma espécie de ocupação na Lapa, onde encontra abrigo em meio a ativistas políticos, estudantes e artistas ligados à esquerda. Em 1970, participa do V Festival Internacional da Canção, em Niterói, classificando “Ei, você” entre as

vinte músicas finalistas.

Naquele momento, a polícia não para de bater no local onde Sérgio mora com o irmão, Jorge, recém-chegado de Cachoeiro. Assim, temendo a prisão e a tortura, os irmãos saem de lá para voltar a viver nas ruas do Rio. Nessa mesma época, Sérgio é chamado por um conhecido para acompanhá-lo ao violão numa audição na gravadora CBS. O teste não empolga o produtor da companhia, um ainda desconhecido Raul Seixas. Mas, antes de ir embora, Raul pede que Sérgio cante alguma coisa. Como vai bem na performance, é convidado a retornar no dia seguinte. Raul, vindo de Salvador e ganhando a vida como produtor na CBS, se encanta com o rapaz e se torna o padrinho musical de Sérgio. É ele quem consegue pequenos bicos para que o garoto possa viver com um mínimo de dignidade na Cidade Maravilhosa.

A música “Sol quarenta graus” é sua primeira composição gravada, pelo Trio Ternura, garantindo seus rendimentos iniciais com direitos autorais. Nesse começo, Sérgio Sampaio assina as composições, por sugestão de colegas da gravadora, com o pseudônimo de Sérgio Augusto. Já com Raul Seixas, ele compõe “Vê se dá um jeito nisso”, gravada novamente pelo Trio Ternura, e “Amei você um pouco demais”, interpretada por José Roberto. Assim, enquanto Sérgio emplaca na voz de outros cantores, aguarda o momento de gravar o próprio compacto, o que acaba acontecendo no começo de 1971. É Raul Seixas quem convence a direção da CBS a dar uma chance ao estranho rapaz.

Sérgio Sampaio lança um disquinho com as canções “Coco verde” e “Ana Juan”, retornando, em seguida, para Cachoeiro de Itapemirim. As músicas tocam nas rádios da cidade, e todos recebem de braços abertos o filho que caminha para a fama. Aproveitando que, na mesma época, acontece o II Festival de MPB de Cachoeiro, Sérgio inscreve duas novas canções: “Pequeno mistério (Little mistery)” e “D. Maria de Lourdes”. O júri aprova e o rapaz abocanha o primeiro e o quarto lugares.

Já em agosto de 1971, chega às lojas o LP *Sessão das dez*, creditado à Sociedade da Grã-Ordem Kavernista. O disco só acontece por causa da ousadia de Raul Seixas que, aproveitando a ausência do presidente da CBS, decide gravar esse trabalho coletivo. Raul e Sérgio cantam juntos em três faixas. O disco, um fracasso retumbante na época, será considerado um clássico anos depois. Além da dupla, o grupo era composto pelo cantor, ator, dançarino, produtor teatral e artista plástico Edy Star e pela cantora Miriam Batucada. Guitarras distorcidas, vinhetas e narrações conferem um tom ao mesmo tempo

circense e roqueiro à produção. O disco fecha com aplausos, vaias da plateia exigindo seu dinheiro de volta e uma providencial descarga sendo puxada. Assim, em um Brasil marcado pela repressão militar, *Sessão das dez* é um marco libertário na MPB. Porém, a crítica se divide. Os conservadores execram o resultado, enquanto os modernos aplaudem a ousadia. O quarteto até se prepara para a estreia de seu show, uma ópera-rock a ser apresentada no Teatro Tereza Rachel, mas, antes que possam prosseguir com a aventura, a matriz norte-americana da CBS impede a continuação do projeto.

Ainda em 1971, Sérgio classifica a composição “No ano 83” entre as vinte finalistas do Festival Internacional da Canção, produzido pela Rede Globo. O cantor deseja a companhia do parceiro Raul Seixas no palco, mas ele é impedido pela CBS.

Sérgio Sampaio está otimista com o mundo da música, e procura Erasmo Carlos, na tentativa de realizar seu maior sonho: ter uma música sua gravada por Roberto Carlos. Durante o encontro, Sérgio reclama da censura que sofre dentro da gravadora e também por parte do governo militar brasileiro. O jovem diz que tem vontade de botar o bloco na rua, de botar para ferver. Então, Erasmo o incentiva a compor uma canção justamente sobre esse grito sufocado na garganta, essa sensação que toma conta de grande parte da classe artística brasileira naquele momento. Quando deixa a casa do Tremendão, Sérgio já tem pronto em sua cabeça aquele que será o refrão de seu maior sucesso.

Depois que Sérgio escreve “Eu quero botar meu bloco na rua”, Raul Seixas tenta emplacá-la na CBS, mas nenhum dos executivos acredita no potencial da música. Porém, Sérgio não desanima e inscreve a composição no Festival Internacional da Canção daquele ano de 1972, conseguindo ficar entre as vinte finalistas. Contudo, antes mesmo de o evento acontecer, André Midani, diretor da Philips, ouve “Eu quero botar meu bloco na rua” e contrata Sérgio Sampaio.

Enquanto a CBS, atual Sony Music, era uma empresa parada no tempo, apostando apenas em artistas de retorno rápido, a Philips, atual Universal Music, era aberta a inovações, dando tempo para os artistas desenvolveram seus trabalhos. Naquele início dos anos 1970, a empresa tinha sob contrato praticamente toda a MPB de prestígio. Assim, Sérgio Sampaio passa a ser colega de Caetano Veloso, Gilberto Gil, Elis Regina, Gal Costa, Maria Bethânia, Chico Buarque, Nara Leão, Erasmo Carlos e Tim Maia.

No entanto, a participação de Sérgio na primeira noite do festival não levanta a plateia, apesar de empolgar bastante Nara Leão, presidente do júri. Quando as dez canções finalistas são divulgadas, a música de Sérgio não consta, mas

Nara, indignada, exige que os jurados revejam os votos e pensem melhor. Após muita discussão, o número de classificadas salta de dez para doze, incluindo “Eu quero botar meu bloco na rua”.

André Midani, diretor da Philips e entusiasta de Sérgio Sampaio, percebendo que a música não empolga o público, pede que Roberto Menescal turbine os arranjos de cordas para a fase seguinte do festival. Na noite da nova apresentação, Sérgio encanta a audiência, que entoa a canção em uníssono, botando abaixo o Maracanãzinho. No momento em que o júri anuncia as duas músicas vencedoras do festival, “Cabeça”, de Walter Franco e “Nó na cana”, de Ary do Cavaco e César Augusto, a organização do evento decide demitir todos os membros da comissão julgadora e rever a premiação. O novo júri, composto por jornalistas internacionais, elege “Fio maravilha”, de Jorge Ben, e “Diálogo”, de Baden Powell e Paulo César Pinheiro. Apesar de não vencer o festival, Sérgio é requisitado para inúmeras entrevistas e apresentações. Todos estão empolgados com “Eu quero botar meu bloco na rua”.

* * *

Sem empresário, produtor nem banda, Sérgio Sampaio não sabe como administrar a fama súbita. Imediatamente sua condição financeira muda. A gravadora agora lhe paga quantias jamais imaginadas. O homem, que já havia morado na rua, transfere-se para um elegante apartamento no Flamengo. Compra carro, telefone e roupas novas. Até mesmo Roberto Carlos estaria propenso a gravar uma de suas inéditas. Mas, mesmo diante das alegrias que o sucesso poderia lhe proporcionar, Sérgio se torna cada vez mais arredio e desconfiado. Incapaz de lidar com o sucesso, descrente de si, transforma-se num homem temperamental e agressivo, um homem que diz não para tudo.

Em meio à avalanche do sucesso, ainda descobre estar com tuberculose. Doente, começa a gravar o primeiro LP solo, com produção de Raul Seixas e uma banda de peso. Todos esperam um novo sucesso nos moldes de “Eu quero botar meu bloco na rua”, cujos compactos vendem como água, tocados à exaustão em programas de rádio e televisão. É, sem dúvida, a música mais repetida no país e fora dele, chegando a toda a América do Sul, Itália, Espanha e Japão. Mas o corpo sucumbe à doença, e Sérgio precisa repousar.

Quando ele finalmente se recupera, a gravadora lança o disco que leva o nome *Eu quero botar meu bloco na rua*. Mas, para espanto geral, na semana do lançamento, o cantor simplesmente desaparece e se esconde em sua cidade natal. Sérgio não sabe lidar com o sucesso e o reconhecimento do público. E,

incapaz de digerir o que está acontecendo, afunda-se no álcool e nas drogas, complicando ainda mais sua saúde frágil. No grupo de loucos com quem anda, Sérgio é o que está mais entregue ao descontrole.

No fim, o disco não agrada a crítica, e muito menos o público, vendendo uma quantia irrisória, inferior a 5 mil cópias. Em São Paulo, para participar do Phono 73, evento em que o elenco da gravadora se reúne para mostrar as composições num grande show coletivo, Sérgio é muito aguardado. Mesmo no meio de artistas já consagrados, seu nome se destaca. Mas o cantor, mais uma vez, decepciona, e deixa o palco sob poucos aplausos. A aposta de um novo mito começa a dar lugar à figura maldita, que será sua marca registrada. Depois, em um show no Teatro Opinião, no Rio, sai do palco sem nenhum motivo aparente. E, na noite de premiação do Troféu Imprensa, apresentado por Silvio Santos, enquanto todos os artistas vestem elegantes trajes de gala, Sérgio escolhe uma peça de pijama sob um casaco surrado. Para espanto geral, ao receber o troféu de revelação do ano, o rapaz ainda desdenha do prêmio.

Além disso, o artista sofre imensa pressão dentro da gravadora, que já investiu pesado em sua carreira – cujo destino ainda permanece uma incógnita. Suas composições não empolgam, o disco vende pouco e as apresentações são sempre escandalosas, assustando cada vez mais o público. Em paralelo a isso, sua vida é investigada pelos órgãos de repressão. Sua casa é invadida pelos militares e suas músicas são constantemente vetadas. A alegação dos censores é de que as letras obscuras guardam mensagens ocultas.

Em 1974, Sérgio lança um compacto com “Meu pobre blues”, música feita para Roberto Carlos, que não a gravou. Nesse momento, a relação do artista com a Philips está estremecida, porque ninguém suporta seu estrelismo exacerbado, marcado por constantes atrasos, exigências e bebedeiras. Já em São Paulo, ao apresentar “A última esperança”, canção inspirada no incêndio do edifício Joelma, a forma que o cantor ousa brincar com a tragédia provoca a ira da plateia. Depois, em Cachoeiro de Itapemirim, onde se refugia em busca de alguma paz, sofre um estranho acidente de carro. Seu Corcel bate com tudo na traseira de um caminhão, em uma aparente tentativa de suicídio. Contudo, apesar da violência da colisão, Sérgio sai ileso. Nessa mesma época, reencontra Verônica, com quem vive um intenso romance. Pouco tempo depois, os dois se casam em uma cerimônia hippie. Em seguida, ele viaja para o Rio a fim de rescindir o contrato com a Philips.

* * *

O casamento acalma o cantor. Sérgio passa a encontrar seus amigos, a frequentar bares e a trocar impressões sobre a cena musical brasileira. Disposto a retomar a carreira, assina com a Continental, uma das raras gravadoras brasileiras ainda atuantes em um mercado dominado por multinacionais como Philips/PolyGram, EMI-Odeon, CBS e RCA. A Continental não mantém grandes nomes sob contrato, mas foi responsável pelo sucesso do grupo Secos e Molhados, e ainda abriga artistas como Tom Zé e Fagner. A princípio, o artista grava um compacto contendo "Velho bandido", um samba composto durante o retiro com Verônica. No lado B, há a parceria com Sérgio Natureza, "O teto da minha casa". Nesse mesmo ano, o músico escreve "Cantor de rádio" para o LP *Convocação geral nº 2*, uma coletânea de sambas inéditos lançada pela Som Livre. A partir daí, Sérgio realiza uma série de shows, cada vez mais calmo, tranquilo e centrado.

Em 1976, grava o LP *Tem que acontecer*, bem-aceito pela crítica, mas que não estoura junto ao público. As rádios o consideram elitista demais. Soma-se a isso mais um sumiço do cantor na fase de divulgação. Assim que terminam as gravações das vozes, Sérgio simplesmente desaparece, refugiando-se mais uma vez em Cachoeiro. Depois disso, em São Paulo e no Rio, as grandes casas de show não abrem para o seu trabalho, deixando-o restrito aos pequenos teatros da periferia. Nesse mesmo ano, termina o casamento com Verônica.

Sérgio entra em estúdio para gravar mais um compacto. Com a carreira em baixa, precisa desesperadamente acontecer, a qualquer custo. Seus amigos mais próximos o acusam de ser excessivamente hermético, escrevendo letras muito autorreferentes. Nesse disco, lança "Ninguém vive por mim", uma clara referência aos seus tempos na Philips: "*Fui tratado como um louco/ enganado feito um bobo/ devorado pelos lobos/ derrotado, sim*." A gravadora tenta trabalhar o compacto e acaba agendando a gravação de um videoclipe para o *Fantástico*, mas, pouco antes das filmagens, a emissora cancela o compromisso, alegando estar a procura de algo mais alegre e menos violento. É mais um balde de água fria, outro motivo para mergulhar no álcool. Apesar de tudo, "Ninguém vive por mim" é bastante tocada nas rádios.

Em seguida, a Continental cancela a gravação do novo LP, marcada para a segunda metade de 1977, e rescinde seu contrato. Sem gravadora, Sérgio entra de cabeça no lado sombrio da vida. Bebe cada vez mais, vara as noites acordado e só sai da cama no meio da tarde, já turbinado pelo álcool. Não comparece aos compromissos, não compõe e não toca. Está profundamente decepcionado com o rumo de sua carreira.

Por volta de 1978, uma forte crise de pancreatite quase põe fim à sua vida. Sozinho em casa, à beira da morte, é salvo pela chegada do amigo Sérgio Natureza, que o encontra agonizante, deitado no chão. Internado na UTI do Hospital Miguel Couto, é dado como morto pelos amigos, mas, surpreendentemente, consegue sobreviver. Após o episódio, decide se recolher na Região dos Lagos. Nesse retiro, Sérgio compõe “Homem de trinta”.

* * *

De volta ao Rio, passa a morar com mais três amigos no bairro das Laranjeiras, entre eles Dropê, que se torna seu empresário. A parceria dá certo, e Sérgio emplaca uma bem-sucedida temporada no emblemático Teatro Opinião. Sozinho no palco, ele canta, toca violão e recita poemas de Augusto dos Anjos. As apresentações dão origem a mais duas séries de shows. Mas, apesar do relativo sucesso *underground*, Sérgio Sampaio não é mais capaz de falar às massas. Está queimado no mercado fonográfico. Assim, algum tempo depois, muda-se para o distante bairro de Vila Isabel e faz pequenos shows no circuito alternativo. A cada dia que passa, a aura de artista maldito se intensifica: ele canta nas mesas de bar, rodeado de amigos, que bebem até o último copo. Numa dessas rodas conhece Ângela.

A nova namorada logo toma as rédeas da sua carreira. Com ela, ele abandona a vida hippie e encontra certo foco. Realiza uma série de apresentações pelo sul do Brasil ao lado de Erasmo Carlos, para quem compõe “Feminino coração de Deus”. Gravada pelo Tremendão no LP *Mulher*, a música arranca fervorosos elogios da crítica. No começo dos anos 1980, Sérgio ainda começa a compor para um novo disco de inéditas, mas o mercado está cada vez mais fechado para artistas considerados alternativos. Convencido pelos amigos do meio musical e patrocinado pela família de Ângela, com quem continua firme, grava o disco *Sinceramente*, lançado no começo de 1982. Apesar de ter boa qualidade e ser acompanhado por uma banda primorosa, a tímida tiragem de 4 mil cópias acaba quase toda encalhada em seu apartamento.

Sérgio Sampaio se apresenta em um circuito de bares e teatros cada vez mais modestos, já ciente de seu caráter maldito dentro da MPB. Aos poucos, seus shows vão minguando, e ele chega a passar cinco anos sem se apresentar em nenhum teatro do Rio ou de São Paulo. Seu afastamento da cena musical parece acontecer por vontade própria e sem maiores queixas. Em casa, ele compõe muito, criando material para mais um disco de inéditas. No entanto, mesmo com a produção intensa, apenas Ângela e os amigos mais íntimos têm

acesso às composições do cantor.

Desse modo, quase tudo o que Sérgio vive acaba gerando música. Nessa fase, escreve “Polícia, bandido, cachorro, dentista”, uma canção que só será lançada em seu disco póstumo *Cruel*. A letra diz muito sobre como o próprio artista se percebe dentro da sociedade em que vive: “*Eu tenho medo de polícia, de bandido, de cachorro e de dentista/ Porque polícia quando chega/ vai batendo em quem não tem nada com isso/ Porque bandido quase sempre quando atira/ não acerta no que mira/ Porque cachorro quando ataca/ pode às vezes atacar o seu amigo/ Porque dentista policia minha boca como se fosse bandido…*”

Em 1983, ainda do casamento com Ângela, nasce o filho João. Ele sente uma intensa alegria, que é registrada na música “Menino João”, mas sua principal companhia volta a ser o álcool. É a bebida que o acalma, o alegra, o faz querer viver. Porém, quando o descontrole se instaura, Sérgio pede a Ângela que o interne numa clínica de reabilitação. Assim, sem solução, o casamento acaba. Em seguida, ele viaja para o Espírito Santo, onde cumpre uma pequena turnê. Mas, em uma cidade próxima a Cachoeiro de Itapemirim, atrasa a apresentação para ficar bebendo nos bastidores. E, ao pisar no palco, é atingido por uma chuva de latas de cerveja, levando-o a deixar o espaço logo nas primeiras músicas. Nem mesmo a providencial execução de “Eu quero botar meu bloco na rua” acalma os ânimos da audiência.

* * *

Sérgio acaba tendo de pedir abrigo na casa de amigos por estar falido e sem ter onde morar. Sua rotina consiste em dormir o dia inteiro e depois atravessar a noite bebendo, tocando violão e cantando. Em 1986, já sem a menor condição de se manter no Rio, retorna a Cachoeiro de Itapemirim. Nesse tempo, apresenta-se para pequenas plateias em cidadezinhas nos arredores de sua terra natal, em shows precários. Enquanto isso, segue compondo freneticamente. Um ano depois, Sérgio está de volta ao Rio para cantar em um bar na Barra da Tijuca. No mesmo ano, Luiz Melodia grava “Que loucura”, em seu LP *Claro*. Assim, no Rio, os amigos o amparam, hospedando-o em suas casas. É quando Sérgio passa a se relacionar com Cristina, uma professora de balé e passista de escola de samba.

Logo no começo do relacionamento, Sérgio se muda para a casa da moça, em Vila Isabel. Ainda em 1988, ele realiza dez apresentações no teatro da Funarte, no Rio, ao lado de Jards Macalé. A temporada é um sucesso, com a casa cheia todas as noites, obrigando a dupla a fazer sessões extras para dar conta da

demanda de público. Contudo, a rotina de fracasso logo volta. Também novamente solteiro, mais uma vez Sérgio retorna à terra natal, onde vive em total decadência, vagando pelos bares da cidade. A morte de sua mãe, no ano seguinte, piora ainda mais a situação. É quando encontra dois amigos de longa data que decidem ajudá-lo.

Assim, é convidado para uma temporada na Bahia, sendo bem-recebido pelo público. Numa noite, conhece Regina, a quem pede em casamento no meio da apresentação. Mas logo sofre mais uma crise de pancreatite. A mulher o leva para a casa de um amigo, onde o cantor pena durante quinze dias, sofrendo com dores terríveis, mas se recusando terminantemente a ir para o hospital. Por fim, consulta um médico que lhe receita repouso absoluto. Com Regina, Sérgio passa uma temporada em Itapuã. Seu organismo melhora e ele decide ficar de vez em solo baiano.

Em Salvador, Regina também se torna sua produtora e começa a marcar shows, sempre com um público relativamente pequeno, mas com certo destaque na imprensa local. As apresentações de Sérgio passam a despertar a atenção de outros estados do Nordeste, que procuram Regina em busca de mais shows. Desse modo, o sucesso se espalha e o cantor retoma uma agenda que o coloca de novo na ativa musical. A sala Funarte o convida para mais uma apresentação no Rio, novamente com sucesso de público e crítica. Sérgio ensaia uma reabilitação e, cada vez mais limpo, começa a compor como nunca e a cantar mais ainda.

No ano seguinte, já separado de Regina e morando com um amigo, sofre um assalto e tem o violão roubado. Mas, apesar de perder seu companheiro, segue fazendo shows. Passa por Brasília e Goiás, sempre com casa cheia e destaque na imprensa. Diante disso, os amigos relatam um Sérgio abstêmio. No repertório, além dos clássicos, toca algumas das cerca de 45 composições inéditas que não para de criar. Em Vitória, para onde viaja a fim de realizar uma apresentação, hospeda-se na casa da irmã, Mara. Durante a estada, Sérgio se queixa de dores nas costas. Após essa temporada, volta ao Rio para cumprir mais alguns compromissos e passar o aniversário de 47 anos ao lado do filho João. Alguns dias depois, Sérgio Sampaio é acometido por mais uma forte crise de pancreatite crônica, causada pelo abuso do álcool, cigarro e da má alimentação. Apesar de relutar em ser internado, Sérgio acaba levado ao Hospital IV Centenário, em Santa Teresa, onde é obrigado a usar um balão de oxigênio.

* * *

No dia 15 de maio de 1994, aos 47 anos, no Rio de Janeiro, já com o organismo profundamente comprometido pelos anos de abuso, chega ao fim a intensa vida louca do para sempre genial Sérgio Sampaio. Após a morte, pouco a pouco acontece a redescoberta de sua obra. Isso começa graças ao amigo e parceiro Sérgio Natureza, e prossegue nas mãos de um fã declarado, o cantor e compositor maranhense Zeca Baleiro. Os dois contribuem para que a obra de Sérgio Sampaio volte a circular, a ser regravada e citada como referência por vários novos artistas.

Natureza idealiza e produz o show e o CD *Balaio do Sampaio*, tributo com Alceu Valença, Jards Macalé, Luiz Melodia, Elba Ramalho, Chico César, Erasmo Carlos, João Bosco, Lenine, Zizi Possi, Eduardo Dussek e Renato Piau. Baleiro ainda finaliza o disco inacabado *Cruel*, editado em 2005. Em 2009, estreia no Rio o musical *Velho bandido – O bloco de Sérgio Sampaio*. Os jovens artistas capixabas Juliano Gauche & Duo Zebedeu gravam um álbum com doze canções de Sérgio, chamado *Hoje não!*. Além disso, em São Paulo, Tatá Aeroplano conduz uma série de shows apresentando ao público boa parte de sua obra. Assim, mesmo sem ele, o bloco de Sérgio Sampaio segue na rua.

ITAMAR ASSUMPÇÃO



Itamar Assumpção nasce ao som do samba, na cidade paulista de Tietê, em 13 de setembro de 1949. Cresce perto do rio, do mato, escutando pássaros e com os pés no chão de terra. Corta os pés com lata enferrujada, empina papagaio e corre muito. Na verdade, desde bem cedo é tomado por esse ímpeto de liberdade que o acompanhará até o último instante de vida. É filho de Xangô, orixá coroado rei, aquele que tem a família, os seguidores e o poder. Assim, sempre cercado de admiradores acostumados a reverenciar sua genialidade e bisneto de escravos angolanos, cresce ouvindo os batuques do candomblé no jardim de casa. Nesse terreiro, atua como Ogã.

Ainda muito pequeno, Itamar passa a ser criado pela avó, zeladora do grupo escolar da cidade, enquanto seus pais moram em Santos. Com o irmão mais velho, frequenta o jardim de infância já na tenra idade de dois anos. É quando esse mesmo irmão completa os sete que Itamar entra para o primário muito mais cedo, vindo a completá-lo antes dos nove. No entanto, como não pode entrar para o ginásio até fazer onze, precisa enfrentar dois anos de espera. É quando, pela primeira vez, vê-se obrigado a lidar com o tempo e a solidão. Dessa forma, muito jovem, é apresentado ao ócio criativo – nasce, então, um artista.

A avó de Itamar é fundamental para o seu entendimento sobre a raça negra. A matriarca africana é uma senhora impecável nas vestes, elegante nos gestos e de uma postura que a coloca em liderança na pequena Tietê. Nos fundos do quintal, tem um galinheiro repleto de carijós e, ao lado dele, a farta horta com legumes de todos os tipos. Não precisam ser milionários para ter uma ótima alimentação. O avô, senhor igualmente distinto, é um respeitado alfaiate, que também toca na banda da cidade. E é por meio desse avô que Itamar logo começa a se interessar em aprender música, aproximando-se da banda e de sua rotina.

* * *

Aos 14, Itamar se muda para Arapongas, no Paraná. Assim que chega, já começa a fazer teatro com os irmãos, entre eles a mítica atriz Denise Assumpção. Itamar sempre considerou Denise “uma das maiores atrizes do

mundo”, nas suas próprias palavras. Além disso, Denise é uma mulher de personalidade forte, que estará com ele em momentos importantes de sua carreira como cantor e compositor, e também trilhará um sólido trajeto como atriz, destacando-se em montagens do diretor Zé Celso Martinez Corrêa.

Depois, Itamar cursa contabilidade até o segundo ano, mas a vontade de viver da arte fala mais alto. Ele acaba abandonando os estudos formais para se dedicar exclusivamente à música, mudando-se, então, para Londrina, onde faz shows ao lado do amigo Arrigo Barnabé, outro parceiro que o acompanhará ao longo de sua vida. Mas é sozinho que aprende a tocar violão, muito influenciado pela sonoridade de Jimi Hendrix. Desde o princípio Itamar sempre pareceu talhado para o palco. Pouco tempo depois, louco para cair na vida da grande cidade, parte para São Paulo em 1973, aos 24 anos.

Chegar em São Paulo é como estar em uma terra de ninguém, mas isso não o angustia. Finalmente pode ser quem ele quiser. O anonimato desperta esse ímpeto de se destacar, de ser diferente, de atrair os olhares para a sua poesia e pessoa. Aos poucos, o menino do interior aprende a viver na cidade grande. Seu cabelo cresce até atingir a dimensão de um grande *black power*, mantido por meio de horas de escovação em frente ao espelho. Mora com o amigo Arrigo Barnabé e mais dois médicos. A alcunha para o grupo é “os médicos e os monstros”. Assim, essa pequena família que forma quando desembarca em São Paulo será fundamental para o seu bem-estar longe da cidade natal.

Arrigo é, desde sempre, a maior influência para que a esquisitice de Itamar possa se manifestar. Apaixonado pela genialidade do amigo, faz questão de endossar seu apreço pelo artista com quem convive. Os dois tocam juntos o dia inteiro, vivendo em comunidade, mais ou menos no mesmo estilo dos Novos Baianos alguns anos antes. Mas, em vez do Rio, o grupo se instala no bairro Santa Cecília, em São Paulo.

Nessa época, a ditadura militar corre solta. É normal a polícia fazer constantes blitze, sempre parando os elementos suspeitos para revistas à procura de qualquer subterfúgio que possa atestar a contravenção do cidadão. Itamar anda com a turma dos malucos, composta por figuras como o baterista Gigante Brazil, além da irmã Denise. Assim, quando são parados pela polícia, não têm qualquer registro na carteira de trabalho. E, sem ter como comprovar sua utilidade para a sociedade da época, são enquadrados como vadios.

Um belo dia, na rodoviária de Londrina, enquanto Itamar espera o ônibus para São Paulo, a polícia novamente se aproxima, desconfiada. Como sempre, o rapaz é alvo de uma constrangedora revista, que acaba revelando a posse de

um gravador em sua mochila. Negro e sem uma ocupação registrada, aos olhos da autoridade trata-se obviamente de um vadio. E não apenas vadio, mas, pior, um ladrão. Em seguida, é levado para a prisão, onde passa cinco dias.

Atrás das grades, Itamar implora para que avisem a algum conhecido que está na cadeia injustamente. Mas, sem acesso ao mundo, o homem sofre enclausurado em uma cela muito pequena, com mais quinze homens, pagando por um crime que nem mesmo aconteceu. A hiperlotação do cubículo obriga os detentos a ficarem de cócoras, uma vez que não há espaço para dormir. Quando um amigo finalmente chega à cadeia para libertar Itamar, alegando se tratar de um respeitado músico, prestes a realizar um show no Projeto Pixinguinha, na Funarte, a defesa gera mais confusão. Isso porque, para comprovar o testemunho, o amigo leva reportagens de jornal anunciando a apresentação de Itamar e da banda Isca de Polícia, nome que deixa os policiais ainda mais enlouquecidos.

Não são poucos os episódios nos quais Itamar é obrigado a enfrentar uma sociedade altamente discriminatória, em plena ditadura militar brasileira. Mas, apesar de sentir na pele a discriminação racial, o cantor jamais participará de algum movimento negro. “Eu sou o movimento negro”, repetirá, se movimentando no palco, nas ruas, na vida, sempre que questionado sobre as questões de raça.

* * *

No Festival da Música Brasileira da TV Tupi, em 1979, Arrigo Barnabé toca “Sabor de veneno”, trazendo Itamar Assumpção no baixo e nos arranjos da estranha composição atonal. Antes de começar a tocar, Itamar pergunta para a plateia, ao microfone: “Sabor de quê?” O público responde, aos gritos: “Merda!” Esse jogo de pergunta e resposta será repetido algumas vezes, para desagrado dos caretas de plantão.

Em São Paulo, Itamar é tocado pela vertente experimental da música. Entre público e jornalistas, começa um debate: quem será melhor, Arrigo ou Itamar? No entanto, a competição se dá apenas na esfera pública, porque entre os dois artistas impera a admiração e a colaboração mútuas. Itamar costuma dizer, inclusive, que nasceu ouvindo samba, mas que aprendeu a amar o atonalismo: “Bossa nova, jazz, música concreta... são coisas que tive que aprender, não são espontâneas.” E muito disso aprendeu com Arrigo.

Nessa época, fazer música independente no Brasil é extremamente complicado. Contudo, Itamar tem a sorte de encontrar muitos parceiros no Lira

Paulistana, espaço de performances e selo discográfico situado na praça Benedito Calixto. Nos primeiros shows, todos cantam presos atrás de uma jaula estilizada, feita de cordas. É uma referência clara tanto à prisão enfrentada pelo compositor quanto ao clima antilibertário vigente no Brasil. E, assim, em 1980, nesse país ainda dominado por ideias ufanistas, Itamar Assumpção lança o primeiro LP de forma independente, *Beleléu, Leléu, Eu*, que sai pelo selo Lira Paulistana. O disco será não apenas um clássico em sua carreira, como um importante marco da música popular brasileira.

* * *

Aos 32 anos, em 1981, Itamar se apresenta em um show televisionado no Teatro Bandeirantes, em São Paulo, novamente ao lado de Arrigo Barnabé, da banda Isca de Polícia, dos grupos Rumo e Premeditando o Breque, entre outros artistas da vanguarda paulistana. Não se trata propriamente de um movimento, mas de um momento da música brasileira. É uma época de grande efervescência, com músicas de todo tipo acontecendo ao mesmo tempo. Como a plateia está absolutamente lotada, com todas as cadeiras extras já disponibilizadas, sem qualquer ingresso à venda, o público, louco para testemunhar o acontecimento, quebra os vidros do Teatro Bandeirantes. Todos querem assistir àqueles jovens artistas brilhantes. Enfim, Itamar e sua turma se tornam relativamente populares.

Em seguida, Itamar lança mais uma produção independente, *Às próprias custas S.A.* Se hoje fazer um disco por conta própria se tornou corriqueiro no mercado da música, o mesmo não se pode dizer sobre o distante começo dos anos 1980. Isso porque, após a gigantesca e cara tarefa que é reunir uma banda, ensaiar repertório, alugar estúdio, pagar técnicos e, ainda por cima, sobreviver na metrópole, há ainda o trabalho de divulgar a obra e cavar seu lugar no igualmente disputado e precário circuito de shows. Por sorte, Itamar ganha espaço no programa *A fábrica do som*, apresentado por Tadeu Jungle.

Os shows de Itamar Assumpção são sempre teatrais e performáticos. Cada ação do artista no palco faz parte do espetáculo. Os textos entre uma música e outra, os gestos, as danças, tudo é estudado e ensaiado à exaustão antes de chegar ao público. O resultado de tamanho perfeccionismo é o domínio total da audiência. Não há como escapar do magnetismo de Itamar. Segundo Luiz Tatit, contemporâneo da cena e membro do grupo Rumo: “Cada show era uma guerra. Havia até certa rispidez. E a plateia adorava o que ele fazia, assim mesmo.” Por exemplo, quando alguém no público berra “Toca Nego Dito”, ele

responde: “Depois compra lá o CD e ouve direitinho.”

Sobre o processo de ensaio e gravação, os músicos revelam que sempre existiu o “estúdio A” e o “estúdio B”. O A é tanto o de ensaio quanto o de gravação, quando se manifesta o gênio perfeccionista de um artista disposto a tirar o melhor de si e de sua banda. Já o outro é o boteco, a mesa de bar, onde gostam de passar longas horas jogando conversa fora, lembrando os velhos tempos e germinando ideias malucas que, posteriormente, serão testadas em cena. Itamar e a banda ficam oscilando entre os dois estúdios, da manhã até a noite. Bebendo sem parar.

Um exemplo do gênio perfeccionista de Itamar é sua participação no Festival MPB Shell, da Rede Globo, em 1982, com “Denúncia dos Santos Silva Beleléu”. A apresentação de um único número foi ensaiada obsessivamente durante nada menos do que seis meses, todas as manhãs da semana. Nos últimos dias, já nos estúdios da Globo, Itamar avisa aos organizadores do evento que ainda não sabe o que será feito em cena. E, na transmissão ao vivo, há um momento da música em que a banda permanece estática, sem movimento algum, em absoluto silêncio. Diante disso, a equipe técnica entra em pânico. A direção cogita cortar a apresentação e chamar os comerciais. Mas, após algum tempo, a banda volta a tocar, em ritmo arrastado, a vinheta do festival. No fim, a música não leva nenhum prêmio, mas o júri cria uma categoria especial de pesquisa musical para a performance. Nessa apresentação destaca-se, mais uma vez, a presença magnética da atriz, cantora e irmã, Denise Assumpção.

* * *

Em 1985, Itamar inicia uma nova fase. À medida que começa a tomar gosto pela canção, vai, pouco a pouco, deixando de lado a performance. Segundo o artista, a preocupação agora está mais ligada à poesia, à métrica precisa e à beleza das letras. Devagar, ele se familiariza e se encanta cada vez mais com a palavra. Nesse clima, realiza um potente disco em parceria com os poetas Paulo Leminski, Galvão e Waly Salomão. Todo esse mergulho no mundo dos versos bem-construídos acaba por desembocar no lançamento de mais um elogiado, e independente, álbum, *Sampa midnight*.

Depois, ecos de sua obra começam a chegar ao exterior e cabeças estrangeiras passam a prestar atenção nela, interessadas em seu talento. Em 1988, Itamar é convidado a se apresentar na Alemanha, na conceituada mostra de artes de Kassel. Sua participação está ligada à comemoração dos cem anos

da Abolição da Escravatura. Assim, pela primeira vez, Itamar trava contato com uma cultura genuinamente branca, sem a miscigenação típica do Brasil. Esse aval europeu sobre o valor e a genialidade do seu trabalho é da maior importância para um artista acostumado às dificuldades da arte independente num país de terceiro mundo. Em função disso, quando volta da Alemanha, passa um tempo decidido a deixar o Brasil. É nessa fase que compõe a emblemática canção “Ir para Berlim”.

Demovido da ideia de partir, Itamar lança aquele que será seu primeiro e único LP por uma grande gravadora, a Continental, depois adquirida pela multinacional Warner. O título do disco é *Intercontinental! Quem diria! Era só o que faltava...*, uma clara e bem-humorada referência tanto ao nome da gravadora quanto ao fato de sua canção, pela primeira vez, haver transposto os limites do continente sul-americano.

Cansado dos músicos homens, com quem acaba tendo alguns desentendimentos, Itamar começa a se aproximar cada vez mais do universo feminino. O interesse pelas mulheres instrumentistas é tamanho que chega a formar uma banda somente composta por elas, batizada de Orquídeas do Brasil. A radicalização é tamanha que ele praticamente corta todos os homens de seu convívio social, relacionando-se apenas com mulheres. Quando perguntado sobre os motivos que o levam a se fechar para o universo masculino, afirma sentir que os homens não conseguem mais dar conta de acompanhar sua nova musicalidade.

Ainda nessa mesma época, por volta de 1993, Itamar não apenas mergulha nas orquídeas, como também passa cerca de três anos imerso na obra de Ataulfo Alves. A semelhança física entre os dois é impressionante, sem contar que o sambista também vivia rodeado de mulheres. Assim como Itamar é cercado pelas Orquídeas do Brasil, o sambista mineiro surgido nos anos 1930 se apresentava sempre acompanhado de suas Pastoras. Sobre essa entropia, Assumpção revela que o mergulho na obra de outro compositor o permitiu passar três anos livre de si. O disco, editado em 1994, é o primeiro da trilogia *Bicho de sete cabeças*. No ano seguinte é a vez do tributo, *Pra sempre agora: Ataulfo Alves por Itamar Assumpção*, novamente creditado à banda Isca de Polícia. Por esse trabalho, o cantor recebe o prêmio de disco do ano pela APCA, Associação Paulista de Críticos de Arte.

* * *

Itamar retorna à Europa, onde se apresenta em Paris, mostrando suas

composições e, como sempre, arrancando muitos aplausos da plateia. A figura forte do artista dá a impressão de exótica, o que acontece até mesmo no Brasil. Afinal, é longilíneo, um preto retinto, com *dreads* no cabelo, roupas e acessórios extravagantes. Sua voz grave torna o conjunto ainda mais interessante.

Contudo, Itamar, que vivia uma fase saudável, começa a retomar o gosto pelas drogas e pela bebida após o lançamento do disco *Pretobrás*, pelo selo Atração, em 1998. O fato é que o cara sempre foi adepto de tragos, fumos e o que mais pudesse ajudá-lo a escapar de uma realidade nem sempre fácil de ser suportada. A falta de dinheiro é constante. Praticamente tudo o que ganha em shows é usado na produção de seus discos independentes que, apesar de venderem relativamente bem, não geram receita suficiente para que possa comprar uma casa própria, por exemplo. Assim, Itamar sempre morou com a mulher e as filhas numa modesta casa alugada no distante bairro da Penha, em São Paulo. Jamais teve carro nem desfrutou do glamour da vida de artista.

* * *

Quando Itamar completa 50 anos, a realidade dá as caras com seu lado mais sombrio. Dono de uma saúde de ferro, começa a sentir dores no estômago, que todos acreditam se tratar de gastrite. O ano de 1999 é marcado pela descoberta de um câncer. E maligno. No entanto, mesmo abalado com o temido diagnóstico, Itamar encontra forças para lançar e divulgar o disco *Loucos ou não, somos todos cidadãos*, mais uma vez por um selo independente, com pouco poder de distribuição e divulgação.

Um ano após a descoberta do câncer, o artista se submete à primeira cirurgia para enfrentar a doença. Aparentemente, a operação é um sucesso. Mesmo deitado na maca, ele não consegue parar de compor. Em seguida, entra em estúdio para gravar mais um disco, porém, é obrigado a interromper as gravações e passar por outras três operações. Agora o tumor, novamente do mal, encontra-se no intestino. Em novembro, já com dois meses de internação, Itamar recebe a visita das cantoras Rita Lee, Cássia Eller e Zélia Duncan, as duas últimas são intérpretes de muitas de suas músicas. À imprensa, Itamar declara: “Estou em processo de cura, vamos aguardar com calma minha recuperação. O disco está pronto, faltam apenas alguns detalhes.”

Enquanto se recupera das cirurgias, seus parceiros realizam um show em sua homenagem no dia 20 de dezembro de 2000, no Teatro Sesc Pompeia, em São Paulo, com Arrigo Barnabé, Ná Ozzeti, Cássia Eller, Chico César, Zélia

Duncan, Tetê e Alzira Espíndola. A Isca de Polícia é quem acompanha esse elenco de respeito. Os ingressos logo esgotam. Na noite do show, surpreendendo a todos, Itamar consegue marcar presença. E declara no palco: “Estou até desconfiado de que morri na mesa de operação. Quando acordar, vou ver se estou na Terra ainda.” Depois, bastante magro e abatido, o artista ainda canta “Dor elegante”. Ao final do tributo, que contou com um bis de quarenta minutos, ele dispara: “Espero que eu não tenha que encarar outra mesa de operação para que vocês voltem aos meus shows.”

Retornando aos palcos, numa apresentação em 2001, no bar Finnegan’s, em São Paulo, Itamar escolhe uma pessoa da plateia a quem dirige uma série de insultos. A banda conta que, em determinadas apresentações, há um momento em que Itamar desce do palco para arrumar encrenca com alguém do público. Nem mesmo os músicos sabem se é cena ou realidade. O fato é que, quando o assunto é Itamar, tudo é performance. Em show no Itaú Cultural, no ano seguinte, discute novamente com um espectador. Parece normal o cantor deixar o palco e passar cinco minutos frente a frente com uma só pessoa. Enquanto isso, a banda segue no palco, improvisando sem parar.

Apesar da unanimidade crítica, e com um público fiel e seguidor do seu trabalho, o sucesso popular de Itamar Assumpção não acontece. Seus discos nunca despertaram o interesse das grandes gravadoras. Amigos relatam um Itamar desconfiado do negócio da música, com um constante pé atrás em relação aos empresários e à parte mercantil da arte. Seus músicos ainda contam que, sempre que surge o interesse por parte de uma grande gravadora, Itamar acaba criando algum empecilho para que o negócio não avance.

Entre 1980 e 2004, ele lança dez discos, nove por selos independentes. Seu primeiro, *Beleléu, Leléu, Eu*, vende 18 mil unidades em apenas três meses, chegando a ter cópias em vinil pirateadas, um sucesso relativo para um artista com seu perfil. Mas o problema com as suas gravações independentes é que os discos acabam não reproduzindo a mesma vibração dos shows ao vivo. O que falta é uma boa produção musical que dê conta de registrar com maestria a genialidade de suas composições. Contudo, por ser muito radical e controlador, Itamar se isola, o que inviabiliza o contato com produtores interessados em contribuir com suas criações.

Itamar Assumpção é considerado maldito, mas detesta esse rótulo, assim como detesta todo e qualquer rótulo. Sabe que possui uma espécie de missão e tem plena consciência da importância de sua obra. Mesmo assim, sente grande vontade de tocar na televisão, chegando inclusive a fazer uma música falando

sobre esse desejo. Mas os programas de TV jamais lhe renderão o destaque desejado.

No que pode ser paradoxal, a maior loucura desse artista revolucionário em palco e estúdio talvez seja a normalidade no cotidiano. Itamar Assumpção sempre foi muito reservado, gostava de ver programas culinários e de testar receitas. Vivia com a família, com quem passava os dias em casa, encantado com o som dos passarinhos e cuidando das plantas, especialmente das orquídeas, sua maior paixão. Muitas vezes, angustiado com alguma letra que não conseguia terminar, se punha a caminhar pelas ruas da Penha atrás dos versos ideais. Seus porres e abusos das drogas sempre ficaram restritos ao âmbito privado, não sendo dado a grandes escândalos em público.

* * *

Pouco a pouco, Itamar vai ficando cada vez mais cansado. Esgotado, sente que sua doença não tem mais cura. Percebe o mercado fechado para as suas criações, com negativas bem definitivas. Mesmo com total noção do seu real valor, Itamar sabe que o sistema cultural não o irá absorver. Seu estado de saúde piora, obrigando-o a ser entubado no Hospital das Clínicas, em São Paulo.

Em 2002, após deixar a UTI, Itamar inicia um disco ao lado de Naná Vasconcelos. Conforme a gravação avança, ele muda os planos e também chama a banda Orquídeas do Brasil ao estúdio. Nessa fase, compõe “Sofrer vai ser a minha última obra”. Mas as sessões são muitas vezes interrompidas para que Itamar seja internado na UTI. Quando sai, telefona para Luiz Tatit, ditando letras para o amigo musicar, entre elas a de “Tão dodói”. Nesse mesmo ano, o artista empenha uma extenuante batalha judicial contra a Warner Music Brasil e a Atração Fonográfica, alegando que as duas gravadoras violaram seus direitos autorais.

Na sequência, o câncer dá um pequena trégua. Aparentemente, o tratamento começa a dar certo, e Itamar volta a tocar e a compor, evitando ao máximo abordar o assunto da doença. Mas, quando os sintomas do mal retornam, o desgosto é tamanho que ele extermina todas as orquídeas de seu jardim. Obrigado a se submeter a mais uma sessão de quimioterapia, declara que prefere as suas drogas, pois são mais leves: “Se eu como muito, passo mal. Se eu bebo muito, passo mal. Se eu não como nada, passo mal. Se eu não bebo nada, passo mal. Se eu fumo muito, passo mal. Se eu não fumo nada, passo mal. Se eu cheiro muito, passo mal. Se eu não cheiro nada, passo mal. É tudo

uma droga!”

O último show de Itamar acontece no Centro Cultural Banco do Brasil, em São Paulo, em 25 de fevereiro de 2003. Seu organismo está tão enfraquecido que ele é obrigado a tocar sentado. Quando termina a apresentação, exausto de dor, cai na maca. Mesmo assim, ninguém no público percebe o sofrimento enfrentado pelo artista.

Por fim, o cantor toma consciência de que o câncer já não tem mais qualquer possibilidade de cura. Itamar se despede dos melhores amigos e pede que não o procurem mais. Nos últimos dias de vida, o artista é acompanhado por uma enfermeira e conta com a presença constante da esposa. Fraco demais, desiste de se submeter à quimioterapia. Prefere encerrar a vida no conforto do seu ninho.

Assim, quatro anos após iniciar sua batalha contra o câncer, Itamar Assumpção é abatido. Discreto, aproveitando um momento em que a mulher deixa o quarto, ele morre. Aos 53 anos, sai de cena, mas entra para a história da música brasileira como um dos mais geniais compositores, epicentro da vanguarda paulistana.

Sua obra segue reverberando na voz de muitos intérpretes. Zélia Duncan, fervorosa admiradora de Itamar, não cansa de regravar e de trazer seu nome à tona. A cantora Anelis Assumpção, uma de suas filhas, também é cada vez mais reconhecida no meio musical. E, recentemente, *Caixa preta*, volume contendo todos os seus discos, foi lançada, bem como um documentário contando sua trajetória de artista independente. Mesmo marginal, Itamar Assumpção conseguiu ser imortal.

JÚLIO BARROSO



Entre esses dezessete personagens de vida louca e criativa na MPB, Júlio Barroso é o mais obscuro. Teve o sucesso mais restrito e a carreira musical mais curta – e quase bissexta, se pensarmos que, antes de arrombar a porta da MPB no início dos anos 1980 com o rock new-tropicalista da Gang 90 & Absurdettes, já tinha deixado grandes marcas e feito cabeças como jornalista alternativo e DJ. Três décadas após sua morte precoce e sem explicação na selva de concreto, ecos de suas canções reverberam e muitas de suas ideias foram seguidas ou aprimoradas.

Afinal, a lista de artistas tocados pela mente acelerada e iluminada de Júlio passa por contemporâneos no rock da década de 1980, como Cazuza, Renato Russo, Lobão, Titãs, Eduardo Dussek e Marina Lima... Ele ainda influenciou gente das décadas seguintes, de Ed Motta a Skank, de Pato Fu a Penélope, e até alguns dos seus ídolos iniciais, incluindo Caetano, Gil, Jorge Mautner, Luiz Melodia e Nelson Motta.

* * *

Escorpiano, nascido em 18 de novembro de 1953, no bairro carioca do Grajaú, Júlio Barroso é o primeiro de quatro irmãos. Neto de estivador, vive uma infância humilde na Zona Norte da cidade e, aos oito, a família se muda para São Paulo. Assim, quando estoura a jovem guarda, o adolescente está no epicentro, na maior metrópole da América do Sul. Logo, quer ser Roberto Carlos. Passa, então, a desenhar bandas imaginárias, sempre se colocando no centro do palco. E no quarto, em frente ao espelho, imita o Rei. A mãe testemunha a adoração do menino e o leva para assistir a uma gravação da TV Record. Júlio sabe que um dia será ele o ídolo adorado dentro do estúdio de televisão. Desde cedo, deseja cantar as próprias canções.

De volta ao Rio, o pai, seu Murilo, funcionário exemplar na multinacional 3M, tem a brilhante ideia de imprimir, no quintal de casa, adesivos com a estampa *smile*. Depois, funda a MW Barroso, imprimindo *outdoors* e painéis de publicidade para grandes empresas. Visionário e sortudo, no início dos anos 1970 consegue largar o emprego e enriquecer com seu negócio. Desse modo, a família deixa a Zona Norte e se muda para um elegante apartamento na Vieira

Souto, orla da praia de Ipanema.

Aos 17, Júlio estuda no tradicional colégio Santo Antônio Maria Zaccaria, uma instituição católica no Catete. A escola é mantida pela Ordem dos Padres Barnabitas e já havia educado personalidades importantes, como o humorista Chico Anysio e o arquiteto Oscar Niemeyer. Na época, Júlio é colega do futuro *popstar* Lulu Santos. Para desespero dos pais do futuro artista, o adolescente toma "bolinhas" derivadas de anfetaminas que aceleram o sistema nervoso central. Além disso, fuma maconha e sabe-se lá mais o quê. Diante dessa situação, endinheirados e cheios de preconceitos e medos, optam pela internação do menino. Sobre essa temporada no inferno, Júlio conta ter sido salvo da loucura por um pequeno radinho, que conseguia escutar escondido. Sem ser visto pelos supervisores passa quase o tempo todo com o aparelho no ouvido. Depois de um extenuante tratamento com eletrochoques, o adolescente está de volta às ruas da cidade. Frequenta bares, bailes de rock, volta a fumar e a beber. Tudo com seus amigos da Zona Norte.

Apesar da vida louca que leva desde cedo, seu visual é bastante careta para os padrões hippies da época. São calças sociais, camisas bem-cortadas e sapatos finos. Os cabelos estão sempre aparados. Também tem os olhos escondidos atrás de óculos de lentes grossas. Era um nerd, antes de o termo surgir. Mesmo assim, Júlio conhece tudo de rock e não tem medo de subir o morro para se infiltrar nas favelas em busca de um bom baseado. E a pinta de rapaz comportado não dura muito.

Em 1972, aos 18 anos, seus cabelos já estão compridos e o visual é completamente remodelado. Júlio Barroso agora é um hippie macrobiótico que não controla apenas a própria alimentação, como tenta converter os amigos ao seu estilo de vida. Torna-se um mestre zen tirano, adepto de bordoadas nos iniciados. No entanto, às escondidas, come carne e frequenta puteiros. Até que, no fim daquele ano, conhece Naiade Coelho, filha de um ex-governador do Amazonas que estuda no Rio. Assim como todo mundo, a menina logo fica fascinada pelo misto de genialidade e loucura daquele rapaz. A paixão é avassaladora, tanto que, antes de completar 20 anos, ela se torna mãe de Ra, o Rafael, único filho de Júlio.

Depois do nascimento da criança, o casal larga tudo para viver no mato, acompanhado de um amigo carioca que atende pelo apelido de Brother. A nova família se muda para Luziânia, nos arredores de Brasília, em terras compradas por Barrosão, como Júlio e os amigos chamam o pai apaziguado e agora parceiro. Lá, pretendem formar uma comunidade alternativa, autossuficiente e

totalmente livre do capitalismo. Contudo, um mês depois, cansados das agruras da vida rural, desistem do sonho hippie e se mudam para Sobradinho, uma cidade-satélite de Brasília, onde tomam parte de uma comunidade já estabelecida. Para sobreviver, fazem pães e biscoitos integrais, até que o baiano Wanderley Pinho Lopes, amigo de Gilberto Gil, convida Júlio e Brother para participar do jornal alternativo *Ordem do Universo*. E, nele, Júlio cria a coluna "Música do planeta Terra".

* * *

É início de 1974 e o doidão está de volta ao Rio. É nessa época que o então poeta marginal Tavinho Paes o conhece: "Ele tinha cabelos lisos até o meio do peito. Havia voltado de uma *trip-hippie* em Brasília, adotava um silêncio zen para discutir assuntos esotéricos e imaginava fazer uma revista de música, a *Planeta Terra*. A primeira vez que fui na casa de Júlio ele bebia água fervida e cozinhava verduras com água filtrada. Sua sala nunca foi entupida de móveis. O clima de estúdio sempre foi seu design doméstico. Na casa dele, como no Japão, ninguém entrava de sapatos."

Depois, certa manhã, ainda muito cedo, Júlio toca a campainha no apartamento do então estudante de jornalismo Antônio Carlos Miguel, em Santa Teresa. Isso porque o rapaz está decidido a fazer a publicação bancada pelo pai, e quer a ajuda de Antônio para dividir a edição dos números. Juntos, criam a *Música do planeta Terra*, uma revista totalmente amadora e caótica, bem ao estilo de Júlio. Assim, os dois rapazes batem na casa de personalidades como Jorge Mautner, Caetano Veloso, Ronaldo Bastos, Gilberto Gil, Rita Lee e Waly Salomão, apresentando a ideia e convidando-os a colaborar. No fim, todos concordam, sem cobrar nada em troca.

O primeiro número é distribuído pela editora Abril, indo parar nas bancas do Brasil inteiro. E vende muito bem. Já o segundo sai atrasado e a dupla perde seu canal com o mercado. À medida que melhoram o conteúdo editorial e gráfico, mais atrasados saem os exemplares e menor se torna sua circulação. Dessa forma, por incompetência administrativa, após cinco edições, a revista fecha as portas. Júlio passa, então, a colaborar com diferentes publicações alternativas de música e cultura em geral, conseguindo também um espaço na grande imprensa, como uma espécie de *ghost-writer* de Nelson Motta, que assina uma coluna diária no jornal *O Globo*.

Júlio é um cara ávido por informação. Na música, conhece praticamente tudo, de jazz de vanguarda a música africana étnica e pop, clássico

contemporâneo, os primeiros sambistas, reggae, *no wave*, *krautrock*, *glam*, punk e muito mais... Dono de uma mente ágil, é um constante sedutor. Claro, também é incômodo em muitos momentos. Fica pegando discos emprestados dos amigos, conhecidos, desconhecidos, de bibliotecas e, depois, os grava em fitas, espalhando para todos as novidades que descobre sem parar. Lê pouca ficção e prefere os livros de informação sobre os mais variados temas. Já politicamente é um tanto alienado, e no campo estético prefere as vanguardas. Oswald de Andrade, a tropicália e a poesia concreta são seus pratos preferidos.

* * *

Pouco depois, no Festival de Saquarema, em 1976, uma espécie de Woodstock brasileiro, Júlio conhece o cantor Lobão, que sente uma empatia imediata por aquela figura muito engraçada – de cabelo longo, óculos de fundo de garrafa, baseado na boca e com a revista *Música do planeta Terra* embaixo do braço. Júlio compartilha a maconha com Lobão e os dois começam a conversar como se fossem velhos conhecidos, sem sequer terem sido apresentados um ao outro. Assim, os futuros parceiros musicais trocam ideias por cerca de uma hora.

Mais para a frente, com o fim da revista e cada vez mais próximo de Nelson Motta, Júlio passa a mexer com produção de festas. É Nelson quem lhe dá o primeiro emprego como DJ, na Dancin' Days. Na pista, toca rock, reggae e disco, mas também Nino Rota e Eric Satie, além do que chama de "música pra pular brasileira". Logo, é requisitado nas casas mais fervidas do país. Além da Dancin' Days, bota os esqueletos para sacudir também na Noites Cariocas e, em São Paulo, na Pauliceia Desvairada. Mas o fim dos anos 1970 traz o sepultamento da disco music, e os modernos do Rio precisam de algo novo.

Por volta de 1977, ainda casado com Naiade, Júlio tem um romance escandaloso com Scarlet Moon. Os dois trabalham na equipe de Nelson Motta e não se desgrudam. Inclusive, normalmente o casal pede o quarto de amigos para transar, no meio do dia. Porém, o envolvimento não dura muito. Logo Scarlet, já com três filhos de pais diferentes, troca Júlio por Lulu Santos.

Depois de uma tentativa fracassada de montar uma banda performática no Brasil, Júlio parte para a República Dominicana, acompanhando um amigo que retorna ao seu país de origem. Lá, se apaixona pela salsa e escreve longos artigos a respeito desse ritmo. No fim, essa temporada no Caribe é o trampolim para a ida a Nova York. É de Santo Domingo que ele escreve um cartão-postal para o filho Ra: "Como foi? Por que foi? Você não saberá. Só eu sei. Um dia será sua vez de saber. O futuro que eu fiz é você. Só eu sei. Perdoe quando

errei sem querer errar. Meu filho, a vida é isso aí. O pai que há em mim pensa agora sábado uma noite no Caribe. Pensa em você. Sábado uma noite vazia. Mas pensar em você é tão bom. Meu futuro eu não sei. Mas sei que cresça e saberá. E vai me ensinar. Eu vou fazer uma canção. E a gente vai cantar e cortar o pão vai ser legal."

Um dia antes de voar para Nova York, escreve para um amigo no Rio: "Antônio, amanhã voo para NYC, dia 14, 12h50. *I'm very well and totally in love. With everything. I hope you and Kat come brief to the Apple to make some good good things together*. Vamos fazer uma onda aqui. Um *loft* para produções serigráficas fotomontagens cartazes cartões-postais capas de livros e discos trabalhando num mix de multimedias. Os bons contatos crescem e o lance do filme está cada vez mais em cima."

* * *

É cheio de planos que o maluco de Ipanema desembarca nos Estados Unidos em 1979. Mal coloca os pés em Manhattan e já se encanta com a mítica cena punk e *no wave* de bares como CBGB's, Max's e Mudd Club. Para pagar as contas, trabalha como cozinheiro num restaurante. E, terminado o expediente, sai em busca dos lugares onde a música acontece e as novidades fervilham.

Alice Pink Pank, uma holandesa belíssima que Júlio começa a namorar, é amiga de Bono Vox e de The Edge. É ela quem o apresenta às pessoas mais interessantes da Big Apple. Não demora muito para o sedutor enlouquecido se entrosar com essas figuras. Ele fica muito amigo do músico alternativo apaixonado por cultura brasileira Arto Lindsay. Ainda conhece e fica enlouquecido com Kid Creole and the Coconuts. Além disso, devora Bob Marley, os *beatniks* e *new wave*, vivendo cada vez mais perto do perigo. Bebe, fuma e cheira quase sem parar. Perde o incisivo lateral direito, criando um rombo em sua arcada dentária. Para alguns amigos, conta que o acidente aconteceu em um show da cantora Siouxsie, no CBGB's. No dia, ele teria esbarrado em um cara e, ao pedir desculpas, levado um soco na boca. Já para o amigo Lobão a versão é diferente. A perda teria ocorrido no dia em que morreu John Lennon. Arrasado, sozinho em Nova York, vai até um botequim para chorar e beber. E a bebedeira é tanta que Júlio já sequer consegue segurar a cabeça, batendo, no fim, a boca na mesa do bar.

Contudo, mesmo com um buraco no sorriso, Júlio consegue namorar as mulheres mais bonitas do Rio e de Manhattan. Seu charme é irresistível. Como Nelson Motta, que o visitou em NYC, relembra: "A gente comprando fumo em

Washington Square, apertando um no táxi e levando esporro do motorista. (...) E ríamos muito. Os óculos dele viviam se quebrando ou sendo quebrados: por ele mesmo ou por terceiros. Como naquela noite em que ele me chamou para ver Siouxsie and the Banshees. No Heavy Club 57. Ele adorava. Achava o máximo. Foi galantíssimo falar com ela nos camarins."

Nessa Nova York onde tudo acontecia, Júlio começa a produzir festas performáticas e alimentar o sonho de montar uma banda. No quarto de um hotel infestado de baratas, em Washington Square, junta o crítico Okky de Souza, também seu cunhado, casado com a irmã e "absurdette" Denise, a musa Alice Pink Pank e um amigo do Tennessee. Com eles, divide o plano de retornar ao Rio e montar a Gang 90, uma banda anárquica e *new wave*. Júlio Barroso escreve: "Gang 90 & Absurdettes, criação espontânea de uma noite de inverno de 1980 em Nova York, no quarto 818 do hotel Earle, chamado motel das baratinhas, 'cockroach motel', apelido aferido pela rapaziada do B-52's, que no começo da carreira hospedava-se nesse pequeno *New Wave* no Village. Bebendo Bourbon, o delicioso Jack Daniel's do Kentucky, ouvindo o som da fúria do rock na rádio de Manhattan, eu e Okky criamos a Gang."

Era o comecinho de 1981. E, decidido a montar a tal banda *new wave* em um país onde ainda sequer existia espaço para os grupos de rock, Júlio desembarca na Cidade Maravilhosa. "Eu estava, como estou até hoje, com os pés no Brasil e a cabeça no mundo", fala. Assim, o anarquista poeta carioca tem certeza de que é possível unir o novo rock anglo-americano que está nascendo com a música feita no Brasil. Afinal, Júlio é um homem de certezas. E uma delas é de que a música não precisa ser feita necessariamente por músicos. Desse modo, mesmo não tocando instrumento algum, escreve as letras e cria, na percussão e na cabeça, o ritmo das canções e as melodias, que depois apresenta aos amigos músicos. Sem saber, o nerd pirado é um dos precursores do novo rock brasileiro. Quase um mito. E, criando enlouquecidamente, ajuda a arrombar uma porta da música que vivia fechada.

* * *

Na Pauliceia Desvairada, Júlio Barroso encontra sua turma. É um período de ideias, conversa, simplicidade criativa e futurismo. "É melhor morrer de vodca do que de tédio", já dizia Maiakóvski, citado incansavelmente por Júlio. Um dia, boiando nas águas de Ipanema, com Tavinho e Guilherme Arantes, Júlio consegue passar o entusiasmo da ideia de ter uma banda para o grande baladista e tecladista, então no auge do sucesso. De volta à Pauliceia, o grupo

começa a nascer no estúdio de Guilherme, reforçado por profissionais como Lee Marcucci e Wanderley Taffo, da banda de Rita Lee. Rolam os primeiros ensaios e o conceito se completa com as Absurdettes, o grupo de vocalistas formado inicialmente pela irmã Denise, pelas amigas da noite May East e Luíza Maria, além de Alice Pink Pank, que acabava de chegar da Europa, onde havia gravado vocais para *Boy*, disco de estreia da banda irlandesa U2.

Só que Júlio precisa ganhar dinheiro. E, em paralelo ao projeto Gang 90, volta a atacar como DJ no Noites Cariocas, carregado dos discos que trouxe de Nova York. O cara é o rei das novidades. Inquieto e cheio de projetos, ser DJ é apenas mais uma de suas ocupações, mas é a que dá aporte financeiro. Já quanto ao nome, Gang 90 é uma variação criada por Júlio para a gíria "pedra 90", usada para se referir às pessoas admiráveis. É uma expressão que veio dos imigrantes italianos, jogadores da *távola*, uma espécie de bingo. Nesse jogo, a pedra 90 é a de maior valor. Em seguida, Júlio conta com a admirável ajuda de Nelson Motta, Guilherme Arantes e Leonardo Netto para montar a banda que tocará na estreia, em 14 de fevereiro de 1981, na Pauliceia Desvairada. A princípio, seria um único número, "Perdidos na selva", com arranjos de Guilherme. Mas o público curte. Curte demais. Júlio não pensa em profissionalizar a Gang 90, mantendo uma cara anárquica, como foi desde o início.

Mas existe um Festival MPB Shell no caminho. Promovido pela Rede Globo, em 1981, a coisa é grande. E, assim, tudo muda radicalmente. A banda inscreve "Perdidos na selva" e se classifica nas eliminatórias realizada em julho. O problema é que Guilherme, parceiro na composição, já possui outra música inscrita, "Planeta água". E as regras são claras: cada compositor só pode participar com uma criação. Contudo, Guilherme não quer ser um empecilho para os planos malucos de Júlio Barroso, e aceita retirar o nome da autoria.

A performance de Júlio na final, em setembro, no Maracanãzinho, televisionada para o Brasil inteiro, é bombástica. Ninguém entende aquele nerd, que poderia ter saído de uma repartição pública, dançando e cantando de um jeito desengonçado. Vencido o estranhamento, a plateia aprova e aplaude com entusiasmo. Para Lobão, o surgimento da Gang 90 & Absurdettes lhe remeteu aos Mutantes, um escândalo de novidade.

Depois do festival, "Perdidos na selva" começa a tocar nas rádios de todo o país, logo se tornando um poderoso hit. Na época, o Brasil ainda não tinha um movimento pop, o que torna o trabalho de Júlio impossível de ser classificado. Em tempos de ditadura, o humor e a alegria são artigos raros, embora

indispensáveis. Assim, cabe à Gang 90 & Absurdettes descontrair um pouco o panorama do quase inexistente rock brasileiro. Tudo isso antes mesmo de a Blitz assaltar as paradas com sua “batata frita”. É a Gang 90 quem dá o primeiro grito divertido do rock, com um nível inédito de loucura, criatividade e talento.

A gravação do primeiro compacto acontece durante os preparativos para o festival. De um lado, “Perdidos na selva”, rock na tradição da jovem guarda. Ou, nas palavras de Júlio, “uma narrativa de estórias em quadrinhos, uma *heavy* iê iê iê: um desastre aéreo com um *happy end* na veia. Zen commix composta em 1979 em homenagem à Rita Lee. Dois personagens perdidos na selva luxuriante, um pôr de sol apenas entrevisto, para na entrada da noite urros de animais selvagens se mixarem a sussuros de prazer, em contraponto ao brilho maroto da lua e ao sururu da luz de galáxias estelares”.

Sobre o lado B, “Lilik Lamê”, ele escreve: “É uma versão da canção ‘Christine’, de Siouxsie Sioux e John Severin, do grupo Banshees, um dos primeiros da onda de modernidade que assolou saudavelmente a Inglaterra em 1976. A letra de ‘Lilik Lamê’ foi escrita por mim em parceria com Antônio Carlos Miguel e Katy. É a história de Cristine, a garota deslumbrada com o brilho da noite (blá-blá-blá), enfim, um *thriller* em ritmo *noir* sobre a garota desfrutável, linda, que como um delicioso sorvete se derrete em meio ao saboroso e cruel turbilhão de emoções da juventude. Mais uma estória de sexo, drogas e *rock and roll*. Lilik era o nome de uma divina musa do poeta Maiakóvski.”

A partir daí, mordido pelo bicho do palco, com o sucesso do festival ecoando em rádios e programas de TV, Júlio segue compondo e ensaiando. No fim de 1981, a Gang faz uma temporada de quinze dias na meca dos independentes de São Paulo, o Lira Paulistana. O lance é moderno. E, tecnológico, Júlio espalha monitores de televisão pelo teatro. Depois, aprovada pelos antenados da metrópole, a banda segue para o Rio. E, em casa, cumpre dois fins de semana no Morro da Urca, atraindo a atenção da RCA e fechando contrato com a gravadora.

Os shows da Gang 90 são absolutamente caóticos e acontecem praticamente sem nenhum ensaio. A bebedeira corre solta antes, durante e depois das apresentações. E as performances são um reflexo do que habita a cabeça de Júlio. Sexualmente insaciável, ele entra em uma fase bi a partir do momento em que a cocaína passa a fazer parte do seu cotidiano. “Até fechadura ele comia”, afirmam amigos mais próximos. Contudo, apesar do apetite voraz,

Júlio também se apaixona loucamente. É um poeta do *rock and roll*, uma pessoa ótima de se conviver, alguém criativo ao extremo e, ao mesmo tempo, destrutivo, como na tradição dos grandes poetas românticos. Assim, vive hedonisticamente, em festas intermináveis, que sempre terminam ao amanhecer, muitas vezes na casa de pessoas desconhecidas. Dono de uma imaginação que dispara para tudo quanto é lado, cria tanto que, se não anota em um papel, acaba perdendo todas as ideias.

* * *

É normal os músicos se apresentarem com a Gang 90 sem terem participado de qualquer ensaio. Lobão conta que, num fim de tarde, está no Morro da Urca quando depara com Júlio Barroso contemplando o horizonte, antes do show. Os dois começam a conversar e Júlio revela estar preocupado com o atraso do baterista, Gigante Brazil, que já deveria ter chegado de São Paulo. Então, Júlio decide que é Lobão quem deve subir ao palco naquela noite. E, sem ter como escapar, o cantor sucumbe à vontade do maluco. Ao fim da apresentação, Júlio declara que aquele foi o melhor show da banda, e Lobão é convidado a permanecer na Gang 90.

No fim de 1982, Gang 90 & Absurdettes são chamados para tocar em Florianópolis, no Réveillon do iate clube da cidade. Apesar da sofisticação do salão, os equipamentos são péssimos. E, logo nas primeiras músicas, a bateria de Lobão arrebenta. Em seguida, os amplificadores não demoram muito para estourar. E, enfim, a banda percebe que não há como continuar a apresentação, porque as condições são precárias. É quando Júlio tem a ideia de se dirigir ao público e afirmar que a banda faz parte de uma seita religiosa, por isso precisa se retirar por alguns instantes para realizar um pequeno ritual xamânico antes da virada do ano. Só que os músicos deixam o palco e correm para o ônibus. Enquanto fogem, Júlio se recusa a voltar para onde estão hospedados e ordena ao motorista que os leve ao melhor hotel da cidade. Nessa madrugada, todos ficam no terraço bebendo champanhe, fumando charutos cubanos e celebrando a chegada de 1983, enquanto, pelas ruas de Floripa, com as sirenes acesas, a polícia procura pela banda fugitiva.

Nessa época, Júlio está cada vez mais alcoólatra, bastando uma taça de vinho para ficar alterado. Na sequência, entorna uma garrafa de uísque, outra de vodca, tudo misturado com pó e maconha. “Se você encontrar por acaso com o Júlio no fim da tarde, será arrastado num turbilhão de euforia até a madrugada”, afirmam amigos próximos. E ele é mesmo um furacão eufórico

que carrega todo mundo consigo.

Para gravar o primeiro LP, a figura de Herman Torres é fundamental. Assim como foi com Guilherme Arantes no compacto com “Perdidos na selva”, é o guitarrista e compositor alagoano radicado desde criança no Rio quem consegue criar os arranjos e trazer alguma consistência musical ao projeto. Na parte executiva, fazendo o meio de campo com a gravadora multinacional e também dando assistência estética, está o produtor Luiz Fernando Borges. E o resultado é *Essa tal de Gang 90 & Absurdettes*, um dos mais importantes registros *new wave* do Brasil.

Naquele momento, Nelson Motta tem uma forte atuação na Rede Globo e Ezequiel Neves trabalha na Som Livre, com Guto Graça Mello, que é quem decide sobre as trilhas sonoras da programação. Pois, numa reunião na emissora, Ezequiel mostra “Nosso louco amor”, e a canção não apenas emplaca o tema de abertura como dá nome à nova novela das oito. Assim, logo a Gang 90 assume o primeiro lugar em todas as rádios do Brasil. O curioso é que a música que estoura é justamente a mais questionada pela banda, por ser a mais comercial e a única que Júlio não canta. No entanto, apesar de terem uma postura antissistema e *underground*, o fato de estarem na Rede Globo os coloca completamente dentro do *mainstream*. Agora, famosos, são convidados a participar dos principais programas de TV, entre eles o especial da Rede Globo *Plunct, Plact, Zuuum* com “Será que o King-Kong é macaca?”.

Mas nem tudo é festa. Certo dia, Júlio procura Lobão para dizer que está louco por duas mulheres e que precisa da sua ajuda para fazer uma canção de amor para elas. O amigo revela também estar apaixonado, mas por duas garotas ao mesmo tempo. Júlio, então, pergunta quem são elas, e Lobão conta que uma é a cantora Marina Lima. Júlio ri da coincidência, pois Marina era exatamente a garota que o tirava do sério, mas se surpreende ainda mais com a revelação de que a outra paixão do amigo é Alice Pink Pank, justamente com quem ele mais sonha estar, depois da famosa roqueira. A saia justa poderia acabar em briga, mas, desse enredo real, nasce uma parceria, a belíssima “Noite e dia”, lançada por uma das musas, Marina Lima.

Depois disso, Alice Pink Pank não só troca Júlio por Lobão, como deixa as Absurdettes pelos Ronaldos, efêmero grupo do cara. Semanas depois, após um show da Gang em Santos, alguém comenta sobre uma garota *new wave* da cidade, uma tecladista chamada Taciana, que usa cabelos curtos e roupas prateadas. Ela toca piano elétrico na casa noturna Heavy Metal. Assim, Júlio aparece no meio da noite e, enquanto a moça se apresenta, ele começa a gritar

do meio da plateia, convidando-a para tocar na Gang 90. Do outro lado, sem parar de tocar, Taciana aceita o convite e grita seu telefone para Júlio, que anota o número em um caderninho. Na semana seguinte, ele telefona para a casa da tecladista, pedindo desculpas pela demora da ligação, pois não conseguia lembrar qual dos muitos números anotados seria o telefone da garota *new wave* de Santos.

* * *

Como os músicos têm dificuldade para trabalhar no ritmo frenético, caótico e anárquico de Júlio, a rotatividade do grupo é alta. Passaram pela Gang, entre outros, William Forghieri e Antônio Pedro (ambos da Blitz), Wander Taffo e Lee Marcucci (do Rádio Taxi), o baixista Tavinho Fialho (das bandas de Arrigo, Caetano e depois Cássia Eller), o baterista Gigante Brazil (Isca de Polícia, de Itamar) e o guitarrista Miguel Barella (Agentss).

Um tempo depois, sem ensaio algum e acompanhado de uma banda nova, Júlio tem show marcado no Sesc Pompeia, em São Paulo. Já na passagem de som, os ingressos se esgotam e a casa decide abrir uma segunda apresentação. Afinal, a fórmula de Júlio é infalível: dois acordes, algum gelo seco e muito *rock and roll*. Mas quando os músicos sobem ao palco, todos estão turbinados por fartas doses de álcool e drogas ilícitas, completamente alterados. Assim, à medida que a banda ganha estrada, mais caóticas vão se tornando as apresentações. Começam a ficar frequentes os episódios em que Júlio incita o público a quebrar o teatro, pedido que é prontamente atendido. Diante disso, seus empresários são os que mais se descontrolam, tentando manter a ordem e lutando para fugir das multas. Aos poucos, o nome de Júlio fica sujo. Músicos receiam subir ao palco com ele e produtores preferem distância. Enquanto os colegas do Barão Vermelho e da Blitz estouram e ganham muito dinheiro, a Gang 90 patina.

A tecladista de Santos, e nova namorada, Taciana é mais pé no chão e tenta organizar a bagunça. Convence Júlio a montar um grupo fixo e a cuidar melhor da saúde. As coisas parecem entrar nos eixos. Assim, Gigante Brasil retoma as baquetas, as Absurdettes deixam de fazer parte do pacote e o grupo passa a se chamar apenas Gang 90. O consumo de cocaína e álcool também é freado e Júlio Barroso está quase tranquilo. Porém, os amigos sentem sinais de desânimo. É surpreendente ver a pilha do artista desacelerando. Júlio percebe a chance de transformar a sua criação em profissão e toma parte em um tratamento contra a bebida. Ele finalmente reconhece que precisa de ajuda.

Disposto a limpar o organismo e a engordar, interna-se numa clínica de reabilitação, da qual acaba expulso por mau comportamento. Afinal, mesmo internado, faz amigos, monta parcerias e dá em cima das garotas. Diante disso, a direção o expulsa, afirmando que aquele ambiente não é um motel ou uma boate. O trágico disso tudo é que Júlio seria expulso da reabilitação para morrer no dia seguinte. Na ocasião, a banda estava prestes a voltar aos palcos e já trabalhava no repertório de seu segundo LP, *Rosas e tigres*, que seria terminado sem Júlio, a fim de cumprir o contrato com a poderosa Som Livre.

* * *

No dia 6 de junho de 1984, Júlio Barroso cai da janela do prédio onde mora em São Paulo. A morte é instantânea. A princípio a imprensa noticia sucídio, porém, amigos mais próximos têm absoluta convicção de que Júlio não se jogou. Lobão afirma que jamais percebeu qualquer perfil de um depressivo suicida. É importante levar em conta que a cama onde dormia ficava exatamente na altura da janela, no 11º andar. “É ótimo, pois, quando passo mal, basta abrir a janela e vomitar para fora”, tinha dito diversas vezes em tom bem-humorado.

Pouco antes da queda, o vizinho do apartamento de baixo escuta um barulho, vai até a janela e depara com Júlio pendurado, pedindo ajuda. Desesperado, tenta arrombar o apartamento do artista, que acaba despencando com o batente. É preciso chamar os bombeiros para resgatar o corpo de uma área de difícil acesso, perto do Minhocão, na zona central de São Paulo. Nas persianas da janela restam as unhadas e os arranhões de quem tentou se segurar à vida de qualquer jeito. Na noite do velório, no cemitério carioca do Caju, o bar em frente vira uma animada festa, como as que Júlio costumava organizar em vida.

CAZUZA



Cazuza sempre exagerou na dose. Em sua vida louca, a criatura engoliu o criador. Cantava as dores e as delícias de ser filho da burguesia, desajustado para os padrões da classe média. Cazuza foi uma das primeiras vítimas públicas do HIV no Brasil, tornando-se mais politizado após a doença e tratando de passar mensagens em suas letras. Sempre otimista, trazia boas-novas e enxergava a vida na cara da morte. “O tempo não para”, “Ideologia” e “Burguesia” viraram hinos da contracultura, que permanecem vivos até hoje. Ao viver seu tempo, Cazuza tornou-se atemporal. O doidão que pedia sem parar por “mais uma dose”, morreu protestando contra a caretice do mundo.

Fruto da Zona Sul carioca, um dos metros quadrados mais caros do Brasil, o rapaz sempre lutou com o fato de ser filhinho de papai. Mais do que rico, João Araújo foi um dos homens mais poderosos da indústria fonográfica brasileira. Cazuza, inteligente e autocrítico, sabia que tais evidências eram usadas contra ele, daí a necessidade constante de se superar e de ser transgressor ao máximo. Chocou a família e os amigos, criando o personagem do Exagerado, um pouco inspirado em seu guru e parceiro Ezequiel Neves.

Uma das grandes conquistas de Cazuza foi ter conseguido fundir o rock-blues à la Rolling Stones do Barão Vermelho com o samba do Rio que sempre escutou em casa. Além de rock, adorava Dolores Duran, Nana Caymmi e Noel Rosa. Sempre acentuou sem medo seu carioquismo, cantando com o inconfundível sotaque de rapaz criado entre as praias e os morros do Rio.

* * *

Em 4 de abril de 1958, uma Sexta-feira Santa, nasce Agenor de Miranda Araújo Neto. O parto é tão desgastante para Lucinha, a mãe, que ela nunca mais poderá ter filhos. O menino, quando crescer e se tornar um dos mais transgressores artistas do seu tempo, cantará o peso de ser filho único. Agenor, uma homenagem ao avô paterno, é nome sisudo demais para uma criança e, antes mesmo de ele nascer, já recebe a alcunha de Cazuza.

Filho de um pai poderoso, Cazuza convive desde muito cedo com grandes nomes da música popular brasileira na sala de casa. João Araújo é uma figura fundamental nos momentos iniciais das carreiras de Caetano Veloso, Gal Costa,

Elis Regina, Jorge Ben, Rita Lee, entre muitos outros. O todo-poderoso diretor e presidente da Som Livre, braço discográfico da Rede Globo, sempre gostou de andar junto dos artistas. Um episódio marcante na infância de Cazuza acontece quando o menino vê a casa ser tomada por um grupo de hippies, cantando e dançando entre os móveis da sala. São os Novos Baianos, que, recém-chegados ao Rio, apresentam-se para o empresário e passam algum tempo hospedados no apartamento da família.

Antes mesmo de completar três anos, é matriculado na Escola Brasileira da Criança, em Ipanema. Somente ali, fica sabendo que seu verdadeiro nome é Agenor, e não Cazuza. Uma descoberta que não lhe agrada. O menino só fará as pazes com o verdadeiro nome quando, já adolescente, descobrir que o sambista Cartola era quase seu xará, de nome Angenor. Aos cinco anos, concorre a uma disputada vaga numa das melhores escolas da cidade, o colégio Santo Inácio, mantido pelos padres jesuítas. Apesar de conquistar a vaga, suas notas são sempre baixas, o que incomoda a zelosa mãe.

No colégio, seu melhor amigo é Pedro Bial, hoje apresentador da Rede Globo. Bial lembra-se de uma das primeiras aventuras que viveu ao lado de Cazuza. Foi quando o professor pediu que os alunos entrevistassem algum profissional ligado à diplomacia brasileira. Então, João Araújo, para ajudar o filho, consegue marcar uma entrevista com Vinicius de Moraes. Cazuza e Bial vão à casa do poeta munidos de seus gravadores, e não demoram muito para se interessar pelo líquido amarelo que Vinicius sorve sem parar, imerso em sua emblemática banheira. Educado, o homem lhes oferece um gole, e os meninos aceitam, passando a tarde bebericando uísque *cowboy*. Quando voltam para casa, para espanto dos pais, Cazuza e Bial estão completamente bêbados.

Mesmo próximo de outras crianças, Cazuza é um menino que prefere passar a maior parte do tempo sozinho, criando um mundo somente seu. Exímio desenhista, sua maior habilidade é retratar mulheres seminuas. Seus desenhos são disputados a tapa pelos garotos da escola. Também é um incendiário, queimando praticamente todos os carrinhos de brinquedo. Em casa, sua diversão preferida consiste em jogar álcool dentro da privada e atear fogo. Antes mesmo de completar 12 anos, já sabe dirigir. Aliás, não demora muito para seus pais o autorizarem a ir dirigindo sozinho para a escola. O pré-adolescente se envolve em inúmeros acidentes, nenhum, porém, com gravidade. A polícia não cansa de prender Cazuza, e seus pais também não se cansam de ir até a delegacia livrar o filho das garras da Lei.

* * *

Em 1970, a família se muda para um apartamento no Baixo Leblon. É quando começam as saídas noturnas. Ali, Cazuza descobre as mesas da pizzaria Guanabara, os baseados e as delícias da vida boêmia. Para desespero de Lucinha, o menino de 14 anos não tem hora para voltar para casa. A mãe passa as noites debruçada na janela, esperando aflita. As brigas são diárias, assim como as pazes e o amor. Já no quarto ano ginasial, as notas muito baixas o impedem de continuar no Santo Inácio, e Cazuza é obrigado a mudar de colégio. Cada vez menos interessado em seus compromissos, inicia-se aí uma verdadeira peregrinação por várias escolas do Rio.

Aos 15 anos, a mãe descobre maconha entre as coisas do filho. Desesperada, joga tudo na privada. Cazuza não se dá por intimidado e xinga a mãe, acusando-a de ter jogado dinheiro no lixo. Aos 18, presta vestibular para Comunicação, é aprovado, mas não cursa. Prefere as areias, o vento do Rio, as noites intermináveis regadas à bebida, cigarro e muito sexo. Com garotos e garotas. Muitas vezes os dois ao mesmo tempo. Aos 20 anos, presta outro vestibular. Passa mas também não cursa. Lucinha tenta convencê-lo a se dedicar aos estudos, mas Cazuza está mais interessado em experimentar o lado delirante da vida. Cocaína, LSD e comprimidos de Mandrix – uma das drogas da moda, sedativa e hipnótica, depressora do sistema nervoso central, usada para dormir, mas que, combinada ao álcool, deixa os usuários molengos, “mandraques”, como diziam então os cariocas doidões. Aliás, foi por meio do Mandrix que, na mesma época, se iniciou no vício a alemã Christiane F., famosa pela autobiografia que escreveu e pelo filme que gerou. Não há limites para a curiosidade do rapaz. Com o pai, de vez em quando, Cazuza ainda toma alguns porres de uísque.

Em 1976, o garoto embarca para Londres. Longe de casa, vive uma imersão cultural. Frequenta os principais museus, assiste a grandes shows de rock e toma um porre por dia. Na volta ao Brasil, presta vestibular para jornalismo e passa. Enfim, alcança a recompensa prometida pelos pais e ganha um carro. Mas, assim que conquista o prêmio, Cazuza tranca o curso.

Ele tem 20 anos quando João Araújo lhe consegue uma vaga como assessor de imprensa da cantora Sandra de Sá, ao lado de Scarlet Moon, na Som Livre. Conhecendo bem o filho e com medo de se comprometer na empresa onde trabalha, o pai paga o salário com o dinheiro do próprio bolso, sem que ele saiba. Quando mal recebe o primeiro vencimento, Cazuza deixa a casa dos pais

para morar com um casal de viciados em heroína, perto da Lagoa. No ano seguinte, abandona a Som Livre e, novamente com tudo pago pelo pai, muda-se para São Francisco, onde pretende estudar fotografia. A vida longe de casa segue o mesmo rumo. Bebida, drogas e sexo. Retorna ao Brasil sete meses depois, com o material fotográfico comprado, mas sem haver feito o curso.

Aos 21 anos, Cazuza conhece o cantor Ney Matogrosso, uma estrela nacional que comove multidões. Ney e Cazuza vivem um intenso romance que dura cerca de três meses. Inclusive, em depoimento para a apresentadora Sarah Oliveira em seu programa *Calada Noite*, no GNT, Ney revela que gostava de "conceder" a Cazuza a sua presença na noite carioca. Apesar de caseiro, o "Pavão Misterioso" atravessa uma fase de intensa badalação durante o tempo em que passa com Cazuza. Depois disso, continuam grandes amigos e eventuais parceiros, até o fim da vida do rapaz. Ney gravará muitas de suas composições, e dirigirá um dos mais belos shows da música popular brasileira.

Trabalhando como fotógrafo *freelancer* para a RGE, comprada pela Som Livre, Cazuza aluga um apartamento em Ipanema, que logo se transforma num disputado ponto de encontro e consumo de drogas. A farra corre solta, 24 horas por dia. O entra e sai de artistas, surfistas, modelos, intelectuais e traficantes é tão intenso que a zeladoria procura a família do rapaz reclamando da confusão e ameaçando denunciá-lo às autoridades. Como João Araújo é o fiador do apartamento, qualquer problema com a Justiça pode lhe causar sérios transtornos. Para não correr maiores riscos, os pais rescindem o contrato e obrigam o filho a voltar para casa.

Por volta dos 23 anos, Cazuza conhece o jovem ator Sérgio Dias, o Serginho. Provavelmente foi com ele o seu namoro mais longo, chegando a durar quatro anos, entre idas e vindas. Fascinado pelo teatro, Cazuza se matricula no curso de Perfeito Fortuna, estuda com o grupo Asdrúbal Trouxe o Trombone e participa da fundação do Circo Voador, que é então apenas uma lona montada no Arpoador. Entra para o grupo teatral Nossa Senhora dos Navegantes, ao lado de Bebel Gilberto, com quem manterá uma profunda e duradoura amizade. Ao lado de Bebel e Serginho, atua na peça infantil *Parabéns pra você*, cantando "Odara", de Caetano Veloso, e "Edelweiss", da trilha de *A noviça rebelde*.

* * *

Ainda em 1981, Léo Jaime conhece um grupo de rapazes no Rio Comprido que acaba de montar o Barão Vermelho. Apesar de Frejat, o guitarrista da banda,

mandar bem nos vocais, os garotos estão em busca de um vocalista principal, o *frontman*. Precisam de alguém com postura de estrela. Cazuza chega, pega o microfone, rebola, canta e hipnotiza os componentes da banda. A química é imediata e a ligação com Frejat é intensa. Além de um cantor, o grupo ganha um ótimo letrista, com referências bem mais abrangentes do que as do iniciante rock brasileiro da época. Cazuza traz a poesia *beatnik*, os dramas dos sambas-canções de Dolores Duran e Dalva de Oliveira, além do jazz de Billie Holiday. Cazuza e Frejat passam a maior parte do tempo juntos, fumando baseado, curtindo a praia e, principalmente, criando músicas que entrarão para a história do rock brasileiro.

A estreia do Barão Vermelho acontece no playground de um condomínio na Barra da Tijuca, e dá uma ideia bastante clara do que será o futuro da banda. Cazuza, completamente bêbado, canta com a braguilha aberta. É óbvio que é vaiado pelo público careta. Sem se dar por vencido, o rapaz abaixa a calça e coloca o microfone no pau. Lucinha, a mãe, está na plateia e tenta conter os ânimos da audiência. O pai, João Araújo, irá assistir ao segundo show, na companhia de Moraes Moreira. Depois da apresentação, sugere que o filho estude técnica vocal, caso tenha planos de seguir na carreira artística.

O Barão Vermelho insiste e, por fim, grava uma fita demo num pequeno estúdio no Rio Comprido. Em seguida, as canções chegam às mãos do empresário Leonardo Neto, então parceiro de Nelson Motta, e de Ezequiel Neves. Encantado, Ezequiel, uma das figuras mais interessantes do rock carioca, telefona para Lucinha querendo saber quem escreveu aquelas letras cheias de juventude e de poesia da melhor qualidade. Ele vibra ao saber que Cazuza é o autor de todas. Empolgadíssimo, Ezequiel sabe que está diante de um fenômeno, e corre para apresentar a fita para Guto Graça Mello, que também adora. Juntos, Guto e Zeca precisam enfrentar o maior desafio da carreira do Barão Vermelho: convencer João Araújo a contratar a banda do filho. Enfim, muito a contragosto, João concorda em lançar o grupo pelo selo Opus, da Som Livre.

O LP de estreia do Barão Vermelho é gravado em apenas dois fins de semana, em 1982. Como a banda é absolutamente desconhecida e amadora, o que sobra são os horários vagos do estúdio. Assim como o Velvet Underground e Cat Power, em seus primeiros álbuns, o Barão grava um disco fundamental para o rock em pouquíssimas horas. Ezequiel acompanha as sessões com Cazuza, sempre entupido de uísque. Inexperiente, o rapaz se impacienta na hora de regravar as passagens problemáticas. O disco é lançado no fim do

mesmo ano, com críticas bastante favoráveis, anunciando a chegada de algo novo no rock brasileiro.

Em 4 de dezembro de 1982, no Circo Voador, acontece o show de lançamento do LP. A noite é de tempestade, mas, mesmo assim, a casa lota. Entre os curiosos dispostos a conferir a performance dos garotos, estão nomes como Angela Rô Rô, que se tornará grande amiga de Cazuza, e Caetano Veloso, que, na estreia do show *Uns*, no Canecão, canta "Todo o amor que houver nessa vida". Na ocasião, boa parte da plateia se encanta com a balada e pensa se tratar de uma composição inédita, até Caetano anunciar os autores, Frejat e Cazuza, saudado pelo mestre baiano como o melhor poeta da nova geração. No entanto, apesar do sucesso no Rio e das participações na Discoteca do Chacrinha, as vendas são decepcionantes, não passando de 8 mil cópias. Depois, em um show em Porto Alegre, na primeira viagem da banda ao Sul, o grupo toca para pouco mais de dez pagantes. As rádios vão na mesma direção e praticamente ignoram o Barão Vermelho.

Em 1983, o grupo volta ao estúdio para gravar o segundo disco, novamente produzido por Ezequiel Neves, dessa vez em parceria com Andy P. Mills, um técnico de som norte-americano que ficara pelo Brasil após a primeira turnê sul-americana de Alice Cooper. A relação no estúdio é complicada devido ao perfeccionismo de Mills, que incomoda Cazuza. Antes de o disco chegar às lojas, Ney Matogrosso escuta "Pro dia nascer feliz" e, empolgado com a preciosidade descoberta, decide incluí-la em seu disco. Cazuza proibe Ney de gravar, alegando que aquela canção será o carro-chefe da banda, mas Ney, outro desobediente por natureza, grava mesmo assim. Em pouco tempo, "Pro dia nascer feliz" estoura no Brasil na voz daquele que seria seu mais famoso intérprete. E, no fim daquele ano, as rádios, que até então ignoravam o grupo, finalmente descobrem a versão original da banda, e o Barão Vermelho avança mais um pouco em direção ao estrelato.

Na véspera do lançamento de *Barão Vermelho 2*, no Teatro Ipanema, Cazuza cai de cama, com febre altíssima. Mesmo assim, no dia seguinte, sobe ao palco, vestindo roupas de Lucinha, que ele personaliza cortando as mangas, encurtando o comprimento e fazendo nós para um melhor caimento no corpo. A mãe fica enlouquecida e tenta proteger seus modelos das garras do filho, mas Cazuza acaba sempre levando a melhor. No fim, a estreia é um sucesso.

Meses depois, em São Paulo, a banda tem os quartos de hotel revirados pelos policiais do Deic, em uma batida atrás de drogas. As autoridades encontram maconha com Guto, que é levado à delegacia. Mesmo sem ser intimado,

Cazuza vai junto. O *Jornal Nacional* acaba noticiando o ocorrido e o show seguinte do grupo lota imediatamente. O palco fica coberto de baseados, jogados pela plateia que vibra com a postura revolucionária dos meninos do Rio. Em outra noite da temporada paulistana, Frejat, preocupado com o fato de Cazuza estar trancado no banheiro com outro rapaz, provavelmente cheirando, tenta arrombar a porta. Por acidente, Cazuza acaba atingido pelo golpe, e precisa ser levado ao hospital, onde toma muitos pontos. Durante o show, eufórico, arranca os curativos e canta com o rosto coberto de sangue.

O segundo álbum da banda também vende pouco, não mais que 15 mil cópias. Mas o novo rock brasileiro é a bola da vez na indústria do disco e a Som Livre insiste no grupo de malucos. Em 1984, o Barão grava *Maior abandonado*. Segundo Cazuza, esse álbum promove o encontro do rock com Nelson Gonçalves, Lupicínio Rodrigues e Ataulfo Alves, cantores da vida boêmia e da fossa. Fato é que o público gosta, e *Maior abandonado* vende 100 mil cópias, garantindo o primeiro Disco de Ouro ao grupo. No entanto, a situação entre os parceiros não é boa: em Curitiba, Frejat e Cazuza caem na porrada após um show; já em Fortaleza, o cantor sai do palco no meio da apresentação. Antes de fechar o contrato para a gravação do quarto disco, Cazuza reúne os companheiros numa mesa de bar e avisa que está fora do grupo. Por sorte a Som Livre mantém o Barão Vermelho sem Cazuza, mas também acerta com o cantor um contrato como artista solo.

* * *

Na época, as febres de Cazuza ficam cada vez mais constantes. Uma semana após o rompimento com a banda, sofre fortes convulsões e precisa ser internado. No hospital, o exame para HIV tem resultado negativo – apesar disso, a revista *Veja* estampa uma foto do artista numa reportagem sobre a doença. Durante essa breve internação, um beija-flor entra e sai do quarto do hospital, o que inspira Cazuza a compor *Codinome beija-flor*, junto do fiel escudeiro Ezequiel Neves. Mais do que produtor musical, Ezequiel também é amigo de todas as horas e o primeiro e mais rigoroso crítico. É ele quem apresenta livros e discos fundamentais para a formação de Cazuza.

Em casa, o artista começa a trabalhar no repertório do primeiro disco fora do Barão. Entre as canções, estão “Exagerado”, parceria com Ezequiel Neves e Leoni, que será a música de trabalho e conferirá a alcunha através da qual o cantor será conhecido. Outra faixa que se tornará um clássico é “Só as mães são felizes”, que Cazuza escreveu inspirado pelo escritor *beat* Jack Kerouac,

para espanto de Lucinha Araújo. O álbum é bem-recebido, suas músicas tocam nas rádios e os shows lotam, mas a Som Livre passa por uma reformulação em suas diretrizes e resolve dispensar todo o elenco. Cazuza é contratado pela PolyGram no ano seguinte, onde faz o segundo solo, *Só se for a dois*.

Durante os ensaios para o novo show, o organismo de Cazuza volta a apresentar sinais de fragilidade. As febres são cada vez mais constantes, obrigando o garoto cheio de vida e energia a passar longos dias na cama. Para desespero de toda a família, após nova bateria de exames, o resultado dessa vez é positivo para o HIV. Os pais são avisados, mas preferem que Cazuza receba a notícia pelo médico. Acompanhado de Ezequiel, que já conhece o diagnóstico, o rapaz visita o consultório onde recebe a terrível notícia um dia antes da estreia de *Só se for a dois*. Na época o HIV é um vírus desconhecido por completo. Do quase nada que se sabe sobre a doença, a única certeza é a morte rápida. Profundamente abalado, Cazuza chama Ezequiel para caminhar na praia, e cancela o ensaio geral. Desesperado e sentindo a morte mais perto do que nunca, deseja voltar para onde tudo começou: a casa dos pais.

No primeiro semestre de 1987, após a turnê de *Só se for a dois*, Cazuza embarca para Boston, acompanhado dos pais e de Ezequiel, decidido a buscar ajuda no mais avançado centro de pesquisas sobre a doença no mundo. Lá, é alertado sobre o perigo das infecções oportunistas e sobre a importância de levar uma vida saudável. Quando retorna dos Estados Unidos, Cazuza se muda para um apartamento na Gávea, com vista para a lagoa Rodrigo de Freitas. Apesar das inúmeras recomendações médicas, o cantor mantém a rotina e o estilo de vida – louca. Assim, compõe muito, bebe todas e dá festas quase diárias. No fim de 1987, volta de novo ao hospital com febre altíssima. Durante essa internação, trabalha com Frejat nas novas canções, entre elas “Blues da piedade”. Na porta do hospital, a imprensa faz vigília. A febre não baixa e Cazuza tem que retornar a Boston.

Nessa segunda temporada norte-americana, o cantor experimenta o sofrimento decorrente dos efeitos colaterais dos muitos remédios que precisa tomar. Enfrenta convulsões fortíssimas e acaba amarrado à cama. Depois de um longo tempo na CTI, assina um termo em que aceita ser cobaia para um medicamento ainda em fase de experimentação. Por sorte, o remédio acaba fazendo efeito e Cazuza volta para o quarto, onde começa o tratamento com AZT. Assim, no fim de 1987, retorna ao Brasil. É quando reúne os amigos mais chegados e revela detalhes da doença, do AZT, além de contar sobre a temporada em Boston, sempre com muito bom humor. Revigorado, comemora

a virada do ano com uma festa de arromba.

* * *

No ano seguinte, os efeitos colaterais do AZT começam a se manifestar. Os cabelos perdem os caracóis e ficam cada vez mais ralos. Para disfarçar a situação, Cazuza adota bandanas, compondo um visual que se tornará sua marca registrada. Também escreve freneticamente e entrega as letras para amigos como Lobão, Angela Rô Rô e Fagner. Para Maria Bethânia, cria "Quando eu estiver cantando", que acaba sendo registrado em um show ao vivo por Renato Russo. Entre janeiro e fevereiro, grava o disco *Ideologia*, na PolyGram, que será lançado em abril, junto do seu aniversário de 30 anos.

Com *Ideologia*, Cazuza experimenta seu maior sucesso de público, chegando a vender a impressionante marca de 500 mil cópias. O rapaz está milionário. A crítica também se encanta pela força de suas composições. Empolgado com o sucesso, o cantor convida Ney Matogrosso para dirigir o show, que arranca gritos e aplausos de um Canecão sempre lotado, assim como ficarão lotadas todas as apresentações da turnê. Mas o consumo de álcool associado ao AZT complica a sua saúde, e uma ambulância passa a ser presença constante no lado de fora dos teatros. Em Belém, ao final de uma apresentação, não resiste, desmaia e é internado na CTI de um hospital local. Já em São Paulo, arruma confusão no hotel Eldorado Higienópolis, a ponto de quebrar uma porta de vidro. Diante da ousadia do astro, um segurança saca uma arma, mas o cantor não vacila em enfrentá-lo, abrindo os braços e o desafiando a atirar. Além dessa vertente porra-louca, a doença desperta um Cazuza mais politizado e descrente da sociedade careta. O artista vive a busca desesperada por "*uma idelogia para viver*".

Durante a segunda temporada de *O tempo não para*, no Canecão, Cazuza cospe em uma bandeira do Brasil, jogada ao palco por sua prima. Lucinha, ao ver que o gesto pode ganhar proporções gigantescas, com a imprensa disposta a tudo para fabricar notícias bombásticas, diz que o filho, ao receber a famosa chuva de rosas brancas no fim do show, precisou cuspir uma pétala que entrou em sua boca, e que, por acidente, acabou acertando a bandeira. No entanto, Cazuza logo desmente essa versão e afirma que, sim, cuspiu mesmo no maior símbolo nacional. Cada vez mais perto da morte, não tem medo de agir de acordo com seus impulsos e suas ideologias.

O ano de 1988 continua complicado. Em meio aos shows, Cazuza faz nada menos do que oito viagens a Boston. Além do tratamento, aproveita para

esticar até Nova York, onde cai na gandaia, abusando de tudo o que é proibido pelos médicos. Já no Rio, seu apartamento parece hospedar uma festa sem fim. Cazuza bebe, cheira, fuma e ainda encontra energia para experimentar uma nova droga, o ecstasy, que começa a ganhar popularidade também no Brasil. O pai, João Araújo, ao tomar conhecimento da rotina enlouquecida do filho, invade o apartamento e, possesso, quebra tudo o que encontra pela frente. A impotência dos pais é enorme, podendo apenas assistir à morte lenta do filho, muitas vezes sem compreender que seu processo artístico depende da autodestruição para acontecer.

* * *

Mesmo doente, Cazuza não para de produzir. Incansável, lança, no ano seguinte, *O tempo não para – Ao vivo*, um registro do show dirigido por Ney Matogrosso. Já bastante abatido, em 24 de janeiro, faz aquele que será seu último show, em Recife. A plateia se divide, como sempre costuma acontecer em muitas de suas apresentações. O artista chega a ser vaiado ao falar coisas sem sentido, esbravejando contra o público, a política e até contra si mesmo. Poeta, dispara frases aparentemente desconexas em inglês. Por fim, volta ao camarim, onde aspira oxigênio para se recompor. No Carnaval de 1989, o cantor precisa retornar a Boston.

Nessa fase, Cazuza fica obcecado por fotografias e bate instantâneos de cada detalhe que lhe chama a atenção. Sofre de delírios e alucinações cada vez mais intensos. A equipe médica acaba baixando a quantidade de AZT para driblar os efeitos colaterais. Depois, Cazuza ruma para Nova York, onde é procurado pelo jornalista Zeca Camargo, que o entrevista para o jornal *Folha de S.Paulo*. Ali, Cazuza assume publicamente a doença. Contudo, quando a reportagem é publicada, o Consulado norte-americano decide não revalidar seu visto de entrada nos Estados Unidos, impossibilitando a continuidade do tratamento em Boston. Um mês depois Cazuza é internado com hepatite.

O apartamento na Gávea, do qual tanto gosta, se torna impraticável. O duplex é pequeno, e a escada em caracol é incompatível com um dependente de cadeira de rodas. A solução é se mudar para o Leblon, onde vira vizinho do cantor Fagner, com quem mantém uma forte amizade. Cazuza mora com Bené, seu motorista, que o leva para banhos de cachoeira e de mar, enquanto duas enfermeiras se revezam nos cuidados e uma cozinheira é responsável por sua alimentação. Mesmo assim, segue dando festas regadas a maconha, álcool e pó. Para piorar ainda mais as coisas, e para desespero dos pais, começam a surgir

fortes indícios de que Cazuza está sendo roubado. Ao que tudo indica, alguns frequentadores se aproveitam da situação do cantor, furtando comida, peças de roupa, eletrônicos e objetos pessoais de sua casa. Quando avisado pela mãe, Cazuza afirma não dar importância aos bens materiais. Depois, tomado por uma euforia espiritual, se interessa pelo Santo Daime e, com o fiel companheiro Ney Matogrosso, participa de um ritual de profundo autoconhecimento junto à natureza.

* * *

Cazuza dá início a um novo disco, *Burguesia*. Já bastante enfraquecido, chega ao estúdio em cadeira de rodas e, muitas vezes, grava as músicas com um fiapo de voz, deitado no chão. Em 26 de abril de 1989, sofre o maior golpe por parte da imprensa: a fatídica capa da revista *Veja*, com a manchete "Cazuza, uma vítima da Aids agoniza em praça pública", chega às bancas. E, ao ler a reportagem, na casa de campo da família, a pressão de Cazuza desaba.

> *Cazuza não é um gênio da música. É até discutível se sua obra irá perdurar, de tão colada que está no momento presente. Não vale, igualmente, o argumento de que sua obra tende a ser pequena devido à força do destino: quando morreu de tuberculose, em 1937, Noel Rosa tinha 26 anos, cinco a menos que Cazuza, e deixou compostas nada menos que 213 músicas, dezenas delas obras-primas que entraram pela eternidade afora. Cazuza não é Noel, não é um gênio. É um grande artista, um homem cheio de qualidades e defeitos que tem a grandeza de alardeá-los em praça pública para chegar a algum tipo de verdade.*

Mas nem tudo é dor e desilusão. Ainda no começo desse atribulado ano, o artista recebe sete indicações ao Prêmio Sharp de Música, o atual Prêmio da Música Brasileira. *Ideologia* vence na categoria disco pop, e a canção-título, na de música pop-rock. "Brasil", na versão de Gal Costa, também é escolhida a música do ano. Além disso, na ocasião, a atriz Fernanda Montenegro lê uma nota de repúdio à revista *Veja*, assinada por mais de quinhentos artistas. O cantor, visivelmente magro, surge na premiação vestindo um turbante e empurrado na cadeira de rodas. Quando recebe o prêmio, declara: "O trabalho é a coisa que mantém a pessoa viva. Eu tô vivo por causa do meu trabalho."

Contudo, sua saúde piora. Mas, mesmo assim, em agosto, Cazuza lança o álbum duplo *Burguesia*, que vende quase 250 mil cópias, e para o qual parte da imprensa torce o nariz. Logo, o cantor volta a sofrer sérias crises de febre e sua imunidade despenca. Tanto que funcionários da Som Livre viajam até São

Paulo para doar plaquetas. Internado, o artista luta pela vida no Hospital Nove de Julho. Após inúmeras negociações, o Consulado norte-americano finalmente libera um novo visto para Cazuza e ele pode retomar o tratamento em Boston. O milionário Roberto Marinho oferece um jato particular, onde montam uma UTI para que Cazuza possa voar até os Estados Unidos. Ezequiel e Lucinha, incansáveis, não saem de perto. Lá, ele permanece em tratamento por quase cinco meses. Com muita dificuldade para comer, desobedece às ordens e fuma no quarto. Mesmo com a morte cada vez mais perto, Cazuza encontra forças para burlar as regras e seguir os próprios desejos.

Em março de 1990, o cantor retorna ao Rio. Seu quarto no apartamento dos pais é transformado em uma UTI. A casa está sempre cheia de amigos e, em seu último aniversário, Cazuza recebe Ney Matogrosso, Sandra de Sá e o inseparável Ezequiel Neves. O retorno ao Rio faz bem, e ele apresenta uma sensível melhora. Munido de suas últimas forças, ainda passa quinze dias em Petrópolis, depois segue para a casa de praia, em Angra dos Reis. E, disposto a aproveitar o que resta da vida, compra uma Veraneio preta, com ar-condicionado e capacidade para dez pessoas. Ao lado dos amigos mais íntimos, passeia pelo Rio, bebe água de coco, admira as vistas mais bonitas da cidade e, eventualmente, para num shopping para algumas compras. Prevendo que o fim está perto, quer aproveitar cada minuto na cidade onde cresceu e tanto curtiu. Também assiste à estreia do show *Estrangeiro*, de Caetano Veloso, no Canecão.

Em 7 de julho de 1990, Cazuza sucumbe ao vírus do HIV. Lucinha, sua mãe, encontra forças para fundar no Rio a Sociedade Viva Cazuza, destinada a ajudar crianças portadoras do mesmo vírus que levou seu filho, inaugurando uma nova postura no apoio às vítimas da doença. Apesar do vaticínio da revista *Veja*, sua obra permaneceu. Sua vida também foi transformada em musical, e a biografia *Só as mães são felizes*, escrita por Lucinha, virou best-seller e serviu de base para o longa-metragem *Cazuza – O tempo não para*, dirigido por Sandra Werneck e Walter Carvalho. Poeta muito acima da média, talvez o melhor de sua geração, como havia declarado Caetano Veloso, Cazuza não para de ser regravado desde então, numa lista que passa por Cássia Eller, Angela Rô Rô, Bebel Gilberto, Ney Matogrosso, entre muitos outros. Suas letras continuam servindo como um hino para jovens, e não tão jovens, desajustados e apaixonados pela vida.

RENATO RUSSO



A figura de Renato Russo explode num Brasil preparado para o rock. Banido nos anos 1970 de Rita Lee e Raul Seixas, o gênero é sucesso no início da década de 1980, pela primeira e única vez, nas mãos da geração de Júlio Barroso, Cazuza, Lulu Santos, Blitz, Titãs, Paralamas do Sucesso, Marina Lima e muitos outros. Rádios populares, novelas, programas de auditório e grandes casas de show estão ávidos por guitarras, baterias, vozes e letras transgressoras. Nesse cenário, a Legião Urbana é a banda ideal para ir além e virar a mais influente do período. O surgimento de Renato cria uma cisão no rock nacional: de um lado, os malucos de Cazuza, e, de outro, os fanáticos por Renato Russo.

Nos estertores da ditadura militar iniciada em 1964, são os jovens poetas do rock que encontram o tom certo para falar sobre o Brasil e para o Brasil em que vivem. Vão direto ao assunto, sendo curtos e grossos, distantes da profusão de metáforas usadas pela MPB, a fim de driblar a censura que imperava desde o surgimento do AI-5, em 1968. Em uma de suas tiradas certeiras, o produtor Ezequiel Neves, guru informal dessa geração, a quem chamava de “netos”, diz que, nesse momento, ninguém mais está interessado na “sensação das cordilheiras desabando”, referência a um hit na voz de Simone. Hoje, três décadas depois, tanto suas letras mais diretas quanto as filosóficas e metafóricas continuam vivas, e sua poesia tem lugar cativo no cancioneiro e no imaginário do Brasil.

Assim que a Legião Urbana estreia na EMI, Renato Russo já assume o posto de messias do rock nacional. Dita comportamento, destila poesia e faz política. Mas, assim como os contemporâneos Júlio Barroso e Cazuza, teve vida curta. Na verdade, uma morte que, principalmente no campo ideológico, poupou-o da decadência e dos vexames protagonizados por muitos de seus colegas de geração. Letras de sua autoria, como “Geração Coca-Cola”, lançada no fim do regime militar para denunciar a alienação daqueles que cresceram durante o período, foram da maior importância para compreender um país frente à nova democracia. Aos poucos, em seu trabalho, também deu pistas de sua ambígua sexualidade. Da declaração bombástica “*E eu gosto de meninos e meninas*” até o lançamento do primeiro disco solo, *The stonewall celebration*, claramente voltado às causas LGBT, Renato se tornou uma espécie de professor

sentimental de toda uma geração.

Ele sempre se achou feio. Inclusive, alguns fãs defendem que a Legião era ele, completada por jovens escolhidos mais pela aparência do que pela música. Influenciado pelo pós-punk, Renato preferia os músicos que “não sabiam” tocar, sempre fugindo dos virtuoses. O fato é que foi ele quem inventou conceitualmente a Legião Urbana, e quem tomou as dianteiras da banda até o fim. Nada acontecia com o grupo sem que estivesse de seu agrado.

Menino bem-nascido e bem-educado, foi professor de inglês e morou alguns anos fora do Brasil. Por certos invejosos rivais, era chamado de “o primeiro da classe”. Na adolescência, foi o que hoje chamaríamos de nerd. Enfrentou uma agressiva doença nos ossos e se tornou uma enciclopédia ambulante do rock, além de um aficionado por cinema. Já no – precoce – fim da vida, ao lado dos amigos Luiz Fernando Borges e Denise Bandeira, criou um cineclube com encontros semanais, para assistir e debater clássicos da sétima arte.

* * *

Mas essa história começa quando Renato nasceu, no Rio de Janeiro, em 27 de março de 1960, um ariano com ascendente em Peixes, filho do economista Renato Manfredini e da professora de inglês Maria do Carmo. Os pais são primos de segundo grau, descendentes de italianos provenientes da Cremona. Júnior é um autêntico filho da classe média católica brasileira, além de ser um prodígio que aos quatro anos já toca piano e aos cinco lê e escreve. Renato estuda no colégio Olavo Bilac, mora com a família na Ilha do Governador, Zona Norte do Rio, e acaba de ganhar uma irmãzinha, Carmem.

Em 1967, a família se muda para os Estados Unidos. Por ser funcionário do Banco do Brasil, o pai é transferido para uma agência em Nova York, e os quatro vão viver em Forest Hills, no distrito do Queens. Júnior, aos sete anos, é introduzido à língua e à cultura norte-americanas. Mas, após dois anos, todos voltam ao Brasil. Em 1973, a família troca o Rio por Brasília, indo morar numa mansão na Asa Sul, região de classe média alta. A mudança é um marco na vida do adolescente. É no Planalto Central que Renato encontra sua identidade poética e musical, depois de um trajeto difícil.

Aos 15, é diagnosticado portador de epifisiólise, doença óssea que compromete a cartilagem, corroendo-a. A partir daí, os ossos se desprendem e o fêmur de Renato se desloca. Assim, o menino manca e sente muita dor. Uma cirurgia para dar conta do problema é terrivelmente malfeita: os três pinos de platina enfiados em sua bacia pioram ainda mais a situação. O adolescente

passa um ano sem poder se movimentar. Em seguida, torna-se dependente da cadeira de rodas e, depois, das muletas. Apesar da dor, a pior fase de sua vida é bem produtiva – ele faz muitas aulas de violão, lê e ouve música compulsivamente, além de escrever e desenhar sem parar. Entre as criações nascidas em seu quarto está a The 42nd Street Band, grupo de sucesso no qual é o líder, Eric Russel, um *popstar* alto e louro. Morrendo de calor no verão de Brasília, Júnior/Russel passa horas respondendo às entrevistas que inventa enquanto se prepara para a faculdade. Mas, após fracassar no vestibular para a Universidade de Brasília (UnB), passa para o curso de jornalismo no Centro de Ensino Universitário de Brasília (Ceub).

Já curado da doença, divide-se entre a faculdade e o trabalho como professor na Cultura Inglesa. Ele, que até então se trancava em casa, agora circula com a turma da Colina, um refúgio cercado de gramados e bosques, onde os adolescentes estacionam os carros para ouvir música, beber vinho barato e curtir seus baseados. Além disso, aos 17, Renato é escolhido entre os professores do curso para saudar o príncipe Charles, que, em visita ao Brasil, participa da inauguração da nova sede da escola. O inglês impecável e a desenvoltura com que se expressa o favorecem na escolha. Por sugestão dele, a escola assina a *Melody Maker*, revista musical inglesa que o mantém informado das últimas novidades de Londres.

Mas nem tudo é festa na casa da família Manfredini. Nessa mesma época, o rapaz prodígio revela à mãe ser homossexual. Apesar do balde de água fria, dona Carminha aceita a condição do filho, desde que não receba os namorados em casa. No trabalho, o prestígio com a direção conservadora do curso de língua também dura pouco, e o jovem e alternativo professor acaba demitido.

Brasília, em 1978, é um tédio com um T bem grande. Renato e os amigos passam os dias planejando formar uma banda. Entre eles, Andre Pretorius, filho do embaixador da África do Sul, e André Muller, que criaria a Plebe Rude. É com eles que Júnior idealiza o Aborto Elétrico, banda que, com várias formações, duraria até 1982. No repertório, já constam os futuros hits legionários escritos por Renato, como “Geração Coca-Cola” e “Que país é esse?”. Entre os adolescentes fãs do Aborto, estão Dado Villa-Lobos e Marcelo Bonfá, que mais tarde farão parte da Legião Urbana. Aos poucos, Renato entra em atrito com os colegas do Aborto, e explode durante um show após o baterista Fê Lemos lhe jogar as baquetas nas costas. Furioso, aborta o grupo, troca a inspiração dos Sex Pistols por Bob Dylan, e renasce como o Trovador Solitário.

* * *

Sozinho e com o violão de doze cordas, apresenta músicas longas e de melodias simples, que conquistam admiradores. Para uma plateia estarrecida com a visceralidade de suas interpretações, canta os futuros clássicos “Eduardo e Mônica” e “Faroeste caboclo”. Ainda em 1982, com Marcelo Bonfá e os músicos Eduardo Paraná e Paulo Paulista, surge a primeira formação da Legião Urbana. A principal influência agora é o pós-punk de bandas inglesas como The Cure e The Smiths. Além disso, Renato Manfredini deixa de ser Júnior para se tornar Renato Russo. Novamente, é ele o compositor do grupo, que vive um troca-troca de músicos até se fixar num trio com Renato, no baixo e na voz, Dado Villa-Lobos na guitarra e Bonfá na bateria. No primeiro show, entre as novas canções, está “Ainda é cedo”.

No estúdio da EMI, no Rio, os Paralamas do Sucesso incluem uma música no repertório de seu álbum que não tem a assinatura de Herbert. Chama-se “Química”. Os executivos da multinacional logo percebem a força da composição e tratam de caçar Renato e sua banda. Meses depois, a Legião Urbana assina o primeiro contrato. Nesse meio-tempo, o cantor, deprimido, ansioso e compulsivo, corta os pulsos. E, quando já estão prontos para entrar no estúdio, tudo tem que parar. Russo precisa passar por fisioterapia para recobrar os movimentos das mãos. Tocar baixo, nem pensar. Assim, o instrumento vai para Renato Rocha, o Negrete.

Em 1984, a Legião finalmente entra no estúdio e briga para impor seu estilo de som. Os atritos com a direção artística da EMI são constantes, até a chegada do jornalista Zé Emílio Rondeau, que conhece mais de rock e tem algumas influências em comum com o grupo. Batizado como *Legião Urbana*, o disco sai em janeiro de 1985, mas só estoura no fim daquele ano. A EMI, que não esperava vender mais de 5 mil cópias, é pega de surpresa com as 50 mil unidades comercializadas logo de cara. Até a morte de Renato, em 1996, o disco de estreia ultrapassaria a marca de 550 mil exemplares. E continuaria vendendo. Depois, lançado em 1986, o disco *Dois* atinge a marca de mais de um milhão de cópias. Renato Russo agora é um ídolo das multidões, e muitos devotos se referem à banda como Religião Urbana.

A paixão se mantém ainda no terceiro trabalho, *Que país é esse?*, de 1987, recuperando canções que Renato escreveu nos tempos de Aborto Elétrico e Trovador Solitário. Nesse momento, a Legião Urbana deixa para trás os palcos de teatros e casas de show para se apresentar somente em estádios, levando os

fãs à loucura. Ali, ocorrem dois espetáculos simultaneamente: um no palco e outro em meio ao público. Tudo pode acontecer quando o messias pisa no altar: celebração, catarse, devoção.

No ano seguinte, aos 28 anos, Renato Russo assume publicamente a sua homossexualidade. “Isso faz parte da minha vida, não é um problema”, revela à revista *Istoé*. “Reafirmo a minha homossexualidade para evitar que as pessoas passem pelo que eu passei: achar que era doente, que era estranho, que ia morrer e seguir direto para o inferno. Para ter a liberdade de ser quem eu sou.” O público não se importa com a declaração, que em nada afeta a popularidade da banda. Enquanto a maioria dos artistas luta para esconder detalhes de sua vida íntima temendo que isso afete as vendas ou espante patrocinadores, Renato exercita a liberdade. Por jamais ter seu nome vinculado a nenhuma marca, exceto a EMI, pode viver de acordo com seus princípios.

Mas 1988 também é um ano complicado. Um show no estádio Mané Garrincha tem tudo para celebrar o retorno apoteótico da banda à sua cidade natal. Renato está empolgado. Mas ao entrar no palco, a banda percebe o caos instaurado. A polícia joga os cavalos em cima do público, machucando e assustando as pessoas. Além disso, há apenas uma entrada, que também funciona como saída. Para piorar as coisas, o show começa muito atrasado, com metade da plateia ainda do lado de fora.

A banda abre com “Que país é esse?”, e o público passa a jogar bombinhas no palco. Por volta da quarta música, um fã entra em cena e, possuído, salta sobre as costas do cantor. É a deixa para os seguranças começarem a abusar da truculência, tentando conter a plateia a qualquer custo. Diante disso, Renato discute com a produção e também repreende a audiência: “Isso é coisa de garoto que não consegue arrumar namorada e fica se masturbando no banheiro. Eu consegui chegar aonde eu queria. Eu tô rico! E vocês, o que vocês são? Vocês pagam para assistir ao show, e quem ganha dinheiro sou eu. Eu me dei bem na vida. Só que o show acabou! Acabou!”

Por fim, a Legião Urbana deixa o palco sob uma ensurdecedora vaia. No camarim, Renato ainda esbraveja contra Brasília, bate nas paredes, afirmando que existem candangos mortos ali, enterrados nas estruturas de cimento. Ele tem certeza de que se trata de uma cidade maldita. O que deveria ter sido um retorno triunfal termina em pancadaria e quebra-quebra. São quatrocentos feridos, sessenta presos pela polícia, 64 ônibus depredados e um estádio destruído. Os fãs queimam discos, camisetas e pôsteres da banda. Também deixam, pela cidade, muitas pixações: “*Fora Legião!*” Após o desastre, Dado e

Bonfá voltam para o Rio, mas Renato fica.

Tempos depois, ainda sobre o episódio, Renato declara para a Rede Globo: “Acho que existe uma maldade muito grande por parte de certas pessoas do público se elas saem de casa com bombas e entram no estádio com bombas para jogar no artista. O que nós fizemos foi nos defender. E colocar a nossa opinião. E eu não desminto nada do que eu falei.”

O incidente é um divisor de águas. Renato se torna ainda mais ressabiado e reluta em marcar shows. Além da violência que percebe na plateia, reclama com os fãs, ao vivo e a cores, da solidão: “Eu tô aqui, com vocês. Vocês vão para casa, dormir com a pessoa que vocês amam. Eu vou voltar para o meu quarto de hotel, sozinho.” Além disso, muitas vezes, após sair do palco, vira a noite e amanhece bêbado, na piscina dos hotéis por onde a Legião passa. Enquanto o resto da banda passeia com amigos e família, Renato se sente abandonado. Indignado, cancela as turnês e volta para casa, onde se afunda ainda mais na bebida e nas drogas – uísque e cocaína, depois, heroína.

É uma fase complicada não apenas para Renato, como também para todos os que precisam conviver com a sua agressividade. Ele é, definitivamente, um alcoólatra. Chega a passar 48 horas acordado, sem descanso, e se torna agressivo verbal e fisicamente. Mas em pouco tempo está de volta, lançando o belíssimo *As quatro estações*, que ultrapassa a marca de um milhão de cópias vendidas. O disco vem carregado de expectativas. Com a saída do baixista Renato Rocha, o grupo demora cerca de um ano para gravar o álbum. Quanto aos temas das canções, passam pela bissexualidade, em “Meninos e meninas” e “Maurício”, por religião, em “Monte Castelo”, uma letra que mescla trechos da “Primeira Epístola de São Paulo aos Coríntios“, da Bíblia cristã, e versos de um soneto de Luís Vaz de Camões. Há ainda uma crítica social em “1965 (Duas tribos)”, na qual menciona as torturas praticadas durante a ditadura militar, nos anos 1970. Sucesso de público e crítica, *As quatro estações* também é o álbum preferido de Renato Russo.

* * *

Giuliano, seu filho adotivo, nasce em 1989. Renato, vendo todos os amigos mais próximos tornando-se pais, sente também o desejo de constituir uma pequena família. Empolgado com a paternidade, apresenta o menino dizendo ser fruto da relação com uma fã. A princípio, Giuliano mora com Renato, mas passa grande parte do tempo com a babá. Dona Carminha, nas suas vindas ao Rio para visitar o neto, sente que Giuliano precisa de uma família estruturada e,

com o aval do filho, a criança vai morar com os avós e a tia em Brasília. É muito complicado para o *popstar* criar o garoto sem a ajuda de um companheiro. Para os jornalistas, declara que o menino é fruto de um relacionamento fortuito com uma modelo paulista, morta num acidente de carro. A moça tem até nome: Rafaela Bueno. Contudo, quando seu Manfredini sugere um exame de DNA, Júnior se nega terminantemente. “A relação com meu filho é complicada. Uma coisa que eu não resolvo, empurro com a barriga. Como eu vou falar para o Giuliano que eu sou roqueiro e gay?”, declara para o jornal *Folha de S.Paulo*.

Nessa mesma época, a atriz e escritora Denise Bandeira percebe a situação complicada que Renato atravessa. O cantor vira as noites entregue aos seus vícios, em um ímpeto criativo que contempla fortemente a autodestruição. A fim de ajudar o amigo, leva Renato para a Clínica Vila Serena, no Rio, onde passa 29 dias em processo de desintoxicação. É nessa temporada que ele escreve a belíssima canção “Vinte e nove”, lançada em 1993. É também durante essa internação que ele vive o pior pesadelo, ao descobrir que contraiu o vírus HIV. O diagnóstico será mantido em segredo por um bom tempo. Para a imprensa e os fãs, Renato jamais revelará a doença. Ao que tudo indica o cantor não quer repetir o calvário público vivido por Cazuza, que teve todos os estágios do vírus fortemente divulgados em cadeia nacional. O messias do rock prefere enfrentar sozinho as suas dores, assim como fez desde a adolescência.

Cada vez mais recluso e solitário, Renato Russo se muda para um apartamento em Ipanema, onde recebe apenas os amigos mais íntimos. Apesar da verdadeira fortuna que a Legião Urbana movimenta, o apartamento é bastante discreto, na rua Nascimento e Silva. Renato nunca foi dado a ostentações ou grandes luxos. Sempre encontrou a beleza na vida simples, e o prazer em não precisar viver com muito. Nunca teve carros nem grandes séquitos de empregados. Seu luxo era consumir bens culturais, como livros, discos e filmes. Nessa nova casa, oscila entre momentos de profundo bem-estar e cuidado de si com fortes recaídas, afundando em álcool e drogas.

Apesar do desejo de solidão, sua popularidade não para de crescer, obrigando a banda a refazer toda a logística de shows. Entre as medidas criadas, estão palcos cada vez mais altos, para afastar o ídolo do público, uma vez que a sua presença, incendiária, provoca nos fãs as reações mais inesperadas. Subir no palco, jogar objetos, bombas, enfim, tudo pode acontecer quando Renato Russo entra em cena.

Em 1990, em um bar em Nova York, Renato conhece aquele que será a sua

primeira, e talvez única, grande paixão, o norte-americano Robert Scott, um viciado em anfetaminas. Robert é o único rapaz por quem Renato declara publicamente o seu amor. O casal passa dois anos juntos, alternando temporadas no apartamento em Ipanema e em São Francisco. Na costa Leste, Renato pode levar uma vida anônima ao lado do namorado, sem a pressão que enfrenta no Brasil, onde é praticamente impossível caminhar tranquilamente pelas ruas ou frequentar lugares públicos como uma pessoa qualquer. Mas quando o relacionamento termina, em 1993, Renato fica arrasado. Para a imprensa, declara: "Acho que vou passar uns dez anos escrevendo músicas do tipo 'meu amor partiu.'"

Em 1991, chega às lojas o disco *V*, que venderá quase 500 mil cópias. O produtor Jorge Davidson revela que, nos bastidores, comenta-se sobre a doença de Renato, mas, mesmo assim, todos se recusam a falar com ele sobre o assunto. O cantor sempre soube manter uma distância em torno de si, impedindo que seus assuntos pessoais viessem à tona no ambiente profissional. O disco *V* traz uma sonoridade mais sombria e tensa, marcado pelas bebedeiras do cantor dentro do estúdio. Ele também considera esse disco o mais pesado e depressivo, algo mais próximo do que está sentindo.

Por outro lado, com a saída de Renato Rocha, a Legião convive com o problema de não ter baixista. Bruno, amigo de Dado e Bonfá, entra para a banda, mas sua relação com o grupo é complicada. Como Bruno é um músico refinado, sua forma de tocar não combina com a sonoridade da Legião. Renato precisa de um baixista que toque de maneira simples, quase como um amador. O líder do grupo não quer perder a energia adolescente que marcou o início da banda. Ele sabe a dificuldade que é tocar apenas três acordes durante uma música com mais de cinco minutos, mas é justamente essa simplicidade a marca registrada com suas canções. Nesse momento, a Legião passa muito tempo tentando resolver os problemas com o baixo, o que atrasa a gravação do disco de apenas oito faixas.

Na música "A montanha mágica", Renato canta pela primeira vez sobre sua experiência com heroína: "Minha papoula da Índia, minha flor da Tailândia. És o que tenho de suave. E me fazes tão mal." Depois, em entrevista à MTV, ele declara: "Eu peguei uma coisa recente minha, que foi mexer com substâncias que são coisas muito perigosas e terríveis e tudo. E escrever sobre isso. E tentar, como letrista, colocar nas músicas essa experiência, para ser um retrato daquele momento. Então, o disco é um retrato daquela época."

Mais para a frente, em 1992, a banda lança *Música para acampamentos*,

álbum duplo que apresenta um apanhado de gravações ao vivo e versões diferentes para alguns de seus sucessos. Já no ano seguinte é a vez de *O descobrimento do Brasil*, que o cantor afirma ser um disco sobre perda, com canções de despedida. Contudo, apesar do tema, é bem mais ensolarado que *V*, marcado pelo otimismo de Renato tanto a se livrar da dependência química quanto aos avanços no tratamento contra o HIV.

* * *

Aparentemente, o otimismo se confirma. Renato Russo vem a público contar ter se livrado da bebida graças ao programa "Os doze passos". Assim, aos 34 anos, sente que a época da loucura já passou: "Não quero ser mártir do rock, não. (…) No começo é muito bom usar droga e tudo. Tem algumas pessoas que podem. Mas tem algumas que não podem. Eu não posso." Além disso, em entrevista a Astrid Fontenelle, na MTV, a banda comenta o processo de regularização da marca Legião Urbana, que acaba sendo registrada apenas por Renato Russo em sua firma. Futuramente, depois da morte do vocalista, seu filho Giuliano será herdeiro do nome da banda, entrando em atrito com os legionários Dado e Bonfá.

Já para a *Folha de S.Paulo*, Renato se questiona: "Será que vou ter que ficar uma tia velha, será que vou ter que ficar sozinho? Será que tenho que desmunhecar, será que sou uma bicha louca? Eu já namorei mulheres, tenho um filho. Mulher é uma coisa fabulosa, mas por mulher eu sinto um respeito demasiado. Com mulher, parece que eu estou sempre transando com uma amiga."

Em 1994, Renato lança o primeiro projeto solo. Trata-se de *The stonewall celebration*, gravado com o tecladista e produtor Carlos Trilha. É um disco de intérprete, com uma seleção de *standards* e sucessos do pop anglo-americano que Renato costumava escutar com o então companheiro Robert Scott. Diz:

> Esse disco não é o começo de uma carreira solo. É uma necessidade pessoal minha, como artista e cidadão, de clarificar algumas coisas na minha cabeça, e dar uma resposta ao que eu tenho percebido que é uma coisa muito perigosa, na minha opinião, que é a estupidez com ideologia. A intolerância e a falta de respeito pelos direitos individuais dos habitantes deste nosso querido planeta, principalmente aqui no Brasil. O disco é uma série de canções de amor, sou eu cantando para um outro cara aquelas músicas de amor. *The stonewall celebration* é um disco sobre paixão. Eu precisava exorcizar aquela coisa de você se anular por uma pessoa. Eu escolhi canções que tivessem a ver com a grande paixão da minha vida. Eu vivi uma relação muito intensa, muito difícil com um

americano. Ele vivia no gueto de São Francisco – era gay de carteirinha.

Essa preocupação de Renato Russo adianta em quase duas décadas os problemas que seriam enfrentados no Brasil, com o avanço das bancadas fundamentalistas na política. Já o nome do disco, *The stonewall celebration*, é uma referência clara ao conflito ocorrido em Nova York, quando, pela primeira vez, gays se rebelaram contra a ação da polícia em um bar frequentado por eles. Mesmo sem shows, o disco vende 200 mil cópias, e comemora os 25 anos do surgimento do movimento gay nos Estados Unidos. O encarte traz ainda uma recordação deixada por Scott, a placa verde com os dizeres "Russ – California", bem como uma lista de ONGs dedicadas à defesa das minorias.

Por outro lado, em um país ávido por fofocas, os rumores sobre o HIV de Renato tomam conta do Brasil. Naquele momento, em entrevista à revista gay *Sui Generis*, ao ser questionado sobre o assunto, ele desconversa: "Eu me comporto como se fosse soropositivo? Isso é problema meu, não abro". E não abre mesmo. São pouquíssimas as pessoas que sabem o que se passa com a saúde do cantor. Especula-se, inclusive, que nem mesmo a família dele esteja a par da situação. Porém, ao perceber que a doença avança, Renato começa outro projeto individual. Editado em 1995, o álbum *Equilíbrio distante* também não traz repertório próprio, e sim canções pop italianas, que o cantor diz serem em homenagem à sua família, os Manfredini: "Descobri a música italiana por acaso. E fiquei muito surpreso, porque a temática das canções era muito parecida com a temática da Legião Urbana." Mesmo sem o resto da banda e cantando em italiano, o disco vende mais de 500 mil cópias.

Equilíbrio distante transborda romantismo e coincide com o rompimento de outra paixão do cantor, dessa vez com um carioca chamado Cristiano, um garoto da periferia com quem ele se envolveu até meados de 1995, mas cujo relacionamento jamais foi assumido publicamente por Renato. Aliás, Mari Stockler, diretora do clipe de "Strani amore", conta que as gravações precisam ser constantemente adiadas devido às crises depressivas de Renato, que, de uma hora para outra, como se tivesse saído de uma tormenta, melhora e se dispõe a gravar.

* * *

Em meio a seus projetos solo, Renato realiza o último show com a Legião Urbana, em Santos. Durante a apresentação, é atingido por uma lata de cerveja vazia. Performático, o cantor passa nove minutos "morto" no palco, enquanto a

banda toca “Faroeste caboclo”. É um *happening* que antecipa o que acontecerá com o líder, e fecha com chave de ouro a carreira ao vivo da maior banda de rock que o Brasil já teve.

No último ano de sua vida, Renato está profundamente cansado da rotina com o grupo. Obrigado a gravar discos, fazer shows e escrever letras, não consegue dar conta da demanda. Além disso, o HIV avança. No entanto, ele reluta em se internar para tratar das infecções oportunistas. Debilitado, já não consegue mais se dedicar à criação e, pouco a pouco, entrega os pontos. João Augusto, seu produtor, afirma que o cantor persiste no tratamento até o ponto em que consegue, mas não quer expor publicamente sua luta e evita se internar em hospitais com a imprensa toda na porta. Três meses antes de morrer, apesar de debilitado, ainda encontra forças para se juntar aos companheiros no estúdio e fazer o disco *A tempestade ou O livro dos dia*s, de 1996.

Esse último álbum da Legião Urbana vem repleto de passagens reveladoras sobre o estado de Renato: “*Quando tudo está perdido, sempre existe um caminho/ quando tudo está perdido, sempre existe uma luz/ mas, não me diga isso/ hoje a tristeza não é passageira/ hoje eu fiquei com febre a tarde inteira/ e quando chegar a noite/ cada estrela parecerá uma lágrima*.” Com o artista já sem forças para cantar, as gravações precisam ser interrompidas com frequência por seus acessos de tosse, faltas de ar e quedas de pressão. Praticamente todas as vozes são feitas num só *take*, com Renato relutando em regravá-las. Assim, quando termina a sua parte, decide retornar à reclusão em casa, onde monta um mini-hospital. Dado, que acompanha todo o processo, afirma ser muito triste e trágico perceber que o amigo está indo embora para sempre. O clima é de morte e dor. Mesmo assim, Renato se delicia com os caldos verdes preparados pela cozinheira do estúdio, com quem se diverte, tirando a mulher para dançar e elogiando bastante o seu tempero.

Para a banda, o álbum *A tempestade* é muito difícil de se ouvir. Carlos Trilha, produtor do disco, conta que, na época, não existiam muitos recursos para afinar e turbinar a voz, como acontece hoje em dia. O grupo gravou repertório de sobra, suficiente para outro álbum duplo, mas as vozes de muitas canções não estão com qualidade suficiente para serem lançadas. O material que resta é reunido no disco póstumo *Uma outra estação*, editado no ano seguinte.

O lançamento de *A tempestade* passa, e o estado de Renato piora. Ele sofre de anorexia nervosa. Incapaz de comer, enfraquece cada vez mais. Também está sem ânimo e abandona até mesmo os remédios. Percebendo a gravidade da saúde de Júnior, seu Manfredini vai morar com o filho no Rio e acompanha

seus últimos dois meses de vida. Renato está muito abatido, mas a maior parte da família não sabe da doença, tampouco os amigos da banda. Três semanas antes da morte, os vizinhos param de ouvir as melodias tocadas ao teclado.

Dado Villa-Lobos escuta um boato sobre o suicídio do amigo e, dois dias antes de sua partida, corre até o apartamento do cantor na rua Nascimento e Silva. Ao chegar, depara com o pai de Renato na sala, chorando e pedindo ajuda. No quarto, Júnior definha. Ele se recusa a comer, a falar e a se levantar. Ali, Dado e Renato Russo passam um longo tempo abraçados, chorando. Logo depois, dona Carminha marca uma viagem ao Rio, mas, ao chegar, o filho já está morto. Segundo o médico, o cantor teria apressado o próprio fim: “Não comia, se entregou à depressão e morreu.” Em seguida, a notícia é confirmada na abertura do VI Encontro Nacional de Pessoas Vivendo com HIV e aids.

O corpo de Renato é cremado e suas cinzas são lançadas no parque Burle Marx. Em 22 de outubro de 1996, onze dias após a morte do cantor, Dado Villa-Lobos e Marcelo Bonfá, ao lado do empresário Rafael Borges, anunciam o fim das atividades da Legião Urbana. Estima-se que a banda tenha vendido cerca de 20 milhões de álbuns no país durante a curta vida de Renato. Quase duas décadas depois, as vendas de discos e DVDs seguem expressivas. Afinal, suas letras ainda retratam a dura realidade do Brasil e o caos interno vivido por sua juventude. A frase em latim que o grupo usou nos encartes de todos os seus discos se confirma: *Urbana Legio Omnia Vincit* (*A Legião Urbana vence tudo*) – até mesmo a morte.

CÁSSIA ELLER



Cássia Eller foi uma das mais poderosas vozes femininas que o Brasil já teve. Voz de trovão, agiu politicamente em muitas esferas, não apenas na música. Lésbica assumida, sempre fez questão de escancarar as próprias diferenças. No palco, coçava o saco imaginário, mostrava os peitos e cuspia no chão. Já fora dele, era uma garota tímida e doce. Vale dizer que, no Brasil dos anos 1990, não era novidade alguma a preferência sexual de muitas cantoras de sucesso, mas poucas assumiam isso de forma tão natural. Assim, Cássia quebrou paradigmas de comportamento afetivo. Era a mulher oficial de Eugênia, ao mesmo tempo que circulava, nos últimos anos de vida, ao lado da baterista Lan Lan, apresentando-a como sua namorada. Também engravidou e virou mãe, mas não deixou a caretice se instaurar. Continou bebendo, fumando e, eventualmente, cheirando todas.

Essa persona política continua em ação mesmo depois da morte. Quando seu pai, um militar reformado, resolve lutar pela guarda do neto, a Justiça entrega a tutela do menino à Eugênia, viúva da cantora e mãe afetiva do garoto. É uma decisão inédita, e o caso Chicão, Cássia e Eugênia vira jurisprudência para disputas similares. Pela primeira vez, uma considerável parcela da sociedade, até então sem acesso a muitos direitos civis, começa a ganhar cidadania.

Cássia morreu cedo demais. Poderia ter gravado, e gravaria, muitas canções ainda. A parceria com o compositor Nando Reis prometia ir muito além dos dois discos nos quais o ex-Titã teve marcante participação. Porém, mesmo rápida, sua passagem deixou trabalhos vigorosos. Impossível esquecer a força de suas apresentações ao vivo. Afinal, ela era o tipo de cantora que sempre entregava mais do que prometia, independentemente do quanto se esperava de suas performances. Ela tinha um genuíno prazer em fazer música, vivia a música, para desespero de seus empresários. Assim, fazia shows gratuitos em bares em meio às turnês oficiais. E, apesar de arredia, antissocial e tímida quando longe dos amigos, em cena soltava tudo e se transformava nesse tal bicho-música, uma espécie cada vez mais em extinção.

* * *

Cássia vem ao mundo em 10 de dezembro de 1962, no Hospital Militar de

Campo Grande, no Rio de Janeiro, a fórceps, em um fim de tarde de intenso calor. De nome completo Cássia Rejane Eller, é a primeira filha de dona Nanci Ribeiro, então com 19 anos, e de Altair Eller, 26, oficial paraquedista do Exército. Desde bebê, a pequena arranca todos os penduricalhos com os quais a mãe a enfeita. Definitivamente, nunca foi uma garotinha feminina, trocando com facilidade qualquer boneca por uma ida ao quartel onde o pai trabalha. Ela despreza panelinhas e fogões para colecionar instrumentos musicais de brinquedo. Aos dez, ganha o tão sonhado violão, bem como a obrigação de fazer aulas particulares. Mas como é tímida, prefere abandonar o instrumento a ter que se relacionar com um professor desconhecido. Logo depois, contudo, ganha de aniversário uma marimba, que aprende a tocar sozinha.

As frequentes transferências do pai obrigam a família a viver como ciganos. Primeiro, vão para Belo Horizonte, onde Cássia descobre o futebol, a paixão pelo Atlético e a vibração das partidas no Mineirão. (Aliás, esse será um esporte que Cássia jamais abandonará, chegando a competir no MTV Futebol Clube, um torneio promovido pela emissora envolvendo grandes figuras da música brasileira, todos homens, com exceção de Cássia. Inclusive, nas chamadas, ela é apresentada como “um homem de peito”.)

Ainda criança, é vítima da perigosa febre reumática, a mesma doença que, anos antes, havia provocado a morte prematura da cantora e compositora Dolores Duran. Essa febre acaba causando uma lesão em seu coração, que, algumas décadas depois, será responsável por sua morte, pouco antes de completar quarenta anos. A partir de então, impedida de realizar atividades físicas intensas, a menina ocupa o centro das atenções e dos cuidados da família.

Em 1972, todos se mudam para Santarém, no Pará, onde vivem momentos de intensa alegria à beira-mar. Mas, apesar da farra constante, Cássia sofre com a febre, que provoca o inchaço de suas articulações e a impede de caminhar. Assim, aos 12, ela é diagnosticada com uma preocupante arritmia cardíaca. Mas nem tudo é problema. Ao mesmo tempo, a menina ganha o segundo violão, dessa vez um Giannini, que aprende a tocar por conta própria, apenas lendo as revistas compradas na banca pela mãe.

Já na adolescência, a família retorna ao Rio e se estabelece em Lins de Vasconcelos, subúrbio na Zona Norte. Cássia ainda é extremamente tímida, por isso passa os dias trancada no quarto, na companhia do violão e das músicas que não cansa de tocar. Aos 18, conhece Moema, uma garota da mesma idade, por quem se apaixona. No entanto, logo os pais descobrem o envolvimento,

tendo reações antagônicas – enquanto Nanci arranca os cabelos, desesperada com a reputação da filha, o pai aceita a decisão de Cássia e endossa seu amor. Inclusive, a fim de afastar o jovem e apaixonado casal, Nanci decide levar a filha para uma temporada em Belo Horizonte. Mas de nada adianta. Após o retorno ao Rio, as duas meninas voltam a se encontrar, levando a mãe, obstinada pela separação, a conseguir uma transferência do marido para Brasília, em 1981.

* * *

Na capital federal, Cássia frequenta o curso normal para professora. E, no período em que é obrigada a estagiar, tem como hábito levar a turma de crianças para o pátio, onde toca violão. Já um ano após chegar à cidade, Cássia faz um teste com Oswaldo Montenegro para o musical *Veja você, Brasília*. É aprovada e estreia como corista ao lado de Zélia Cristina, que mais tarde será conhecida nacionalmente como Zélia Duncan. Em seguida, tem seu início no primeiro Carnaval de Brasília, cantando em cima de um trio elétrico. No entanto, apesar de ser um sucesso no palco, é um fracasso na sala de aula: acumula quatro reprovações seguidas e, sem sequer completar o segundo ano, abandona os estudos.

A garota lê num jornal sobre outra audição, dessa vez para um grupo, Malas & Bobagens, de Dora Galesso, e consegue a vaga, cantando e tocando guitarra. Dora, encantada com a voz de Cássia, grava seu primeiro registro em áudio, “For no one”, composta pelos Beatles. Logo, as apresentações de Malas & Bobagens começam a gerar algum dinheiro. E, com o grupo, Cássia se apresenta no Rock Way 2, onde conhece os Paralamas do Sucesso, Raul Seixas e Lulu Santos. Também faz coros e grava *jingles*. Completamente pintada de preto, estreia no musical *Porgy and Bess*, passa a ser presença constante no bar da moda, o Beirute, e a fazer alguns shows solo pela noite de Brasília.

Nessa mesma época, aos 20 anos, aproxima-se de Elisa, uma jornalista dez anos mais velha. Além disso, seus pais se separam, e os problemas financeiros ficam ainda mais evidentes. Cássia quase não tem roupas, nenhum dinheiro, come de favor e depende da boa vontade dos amigos. Assim, aceita o convite de Elisa para morar em sua casa, uma república dividida com mais pessoas. Ainda durante esse tempo, a namorada testemunha alguns desmaios de Cássia, provavelmente devidos à febre reumática.

Em 1985, aos 22 anos, a artista participa do musical *Gigolôs*, de Marcelo Saback, em que conhece uma performer que será fundamental para sua

profissionalização e, em seguida, se tornará sua namorada. É ela quem cuida dos shows, controla as aulas de canto e a logística da iniciante carreira. O resultado desse trabalho é quase imediato, e Cássia começa a ser ainda mais reconhecida na cidade. Também nessa época, Eugênia, seu amor para toda a vida, passa a frequentar o apartamento que a cantora divide com a então companheira. As três mulheres se envolvem, mas a terceira logo sai de cena. E, assim, Eugênia, que até então nunca se relacionara com uma garota, se apaixona por Cássia, com quem passa a morar.

Por volta desse mesmo período, tem início a temporada de shows de Cássia no bar Bom Demais, um sucesso absoluto. Meninas mais jovens descobrem a cantora, e suas apresentações se tornam um encontro de apaixonadas, formando um fã-clube informal. Sempre turbinada pelo álcool mais vagabundo, Cássia canta por quase dois anos naquele palco.

É 1987. A produtora musical Deborah Dornellas é arrebatada por uma apresentação de Cássia no Festival Latino-Americano de Arte e Cultura. Deborah decide, então, produzir a cantora, gravando sua primeira fita demo. Para o material, aos 24 anos, Cássia escolhe “Já deu pra saber”, de Itamar Assumpção, “Labirinto”, de Marcos Faraco, “Ne me quitte pas”, de Jacques Brel, e “I ain’t got nothing but blues”, de Duke Ellington.

Nesse mesmo ano, o poeta, letrista e agitador musical carioca Tavinho Paes se encanta com a presença de palco de um rapazinho de Brasília, e volta ao Rio decidido a levar o cantor para uma pequena gravadora recém-lançada, a RKA. Em 1988, já sabendo que Cássia é mulher, Tavinho acena com uma proposta de trabalho no Rio. Dessa forma, a cantora embarca com Deborah Dornellas num Fiat 147 rumo à capital fluminense, onde assina contrato com a gravadora, mais tarde retornando a Brasília. Meses depois, Deborah decide se mudar para São Paulo. Cássia e Eugênia, acreditando que a cidade grande oferece melhores possibilidades de trabalho, fazem o mesmo.

Contudo, o contrato com a RKA é quase uma armadilha para a cantora. Cássia é proibida de opinar sobre o repertório e também fica acertado que ela não receberá qualquer adiantamento, ganhando apenas metade dos royalties que o mercado fonográfico costuma pagar. Piorando ainda mais as coisas, o contrato exige que ela lance um mínimo de três LPs, antes de renegociar qualquer cláusula.

Já 1989 é um ano ainda mais difícil para Cássia, então com 26 anos, sem disco gravado e nenhum figurão como padrinho de sua carreira. Em São Paulo, ela não consegue encontrar uma turma nem uma casa disposta a investir em seu

talento. Porém, é quando entra em cena Wanderson Clayton Eller, tio de Cássia e empresário musical da capital paulista. Ele investe numa fita demo gravada num bom estúdio. E, entre as músicas marcadas ali, está a antológica versão de “Por enquanto”, de Renato Russo.

Outro elemento importante nessa história é Ezequiel Neves, descobridor do Barão Vermelho e de Cazuza. Quando Cássia faz uma temporada no Mistura Fina de Ipanema, Zeca comparece aos dois dias. Tendo acabado de perder o amigo e parceiro Cazuza, vê Cássia quase como uma continuação dele. E, apesar de saber de todas as diferenças entre os dois artistas, dizia que Cássia ocupava o vazio deixado pelo amigo. No fim, Zeca não trabalhou diretamente com ela, mas sempre a acompanhou de perto, ainda mais nos primeiros anos. E sua opinião é decisiva para a rápida assinatura da cantora com a poderosa gravadora Universal.

* * *

Finalmente contratada por uma das maiores multinacionais do disco, a intérprete sai procurando compositores em São Paulo. Assim, seu primeiro LP traz músicas de Arrigo Barnabé, Itamar Assumpção, Cazuza, Bocato, John Lennon & Paul McCartney e Renato Russo, além de uma composição assinada por ela mesma, “Lullaby”, feita em parceria com Márcio Faraco, seu amigo de Brasília. Desse modo, em receita inovadora e ousada para a época, Cássia mistura a vanguarda paulistana com rock brasileiro e Beatles.

Porém, a tentativa da gravadora de reproduzir a versão demo de “Por enquanto” é frustrada. Optam por algo bastante incomum no perfeccionista mundo fonográfico das multinacionais, e o disco oficial sai com a própria versão gravada no pequeno estúdio em São Paulo. No fim, esse formato cru e visceral será a música do disco mais executada pelas rádios. E, em 1991, Renato Russo elogia a gravação, para o alívio de Cássia.

Depois disso, Wanderson decide que a sobrinha precisa morar no Rio, e ambos se mudam para uma espaçosa casa no Recreio dos Bandeirantes. Já Eugênia opta por retornar a Brasília, onde retoma seu cargo no TST. O casal apaixonado passa um ano distante, se vendo esporadicamente. Enquanto isso, Cássia e o tio criam a Eller’s Produções, que funciona na residência que dividem com seus músicos e demais produtores. Lá, montam uma estrutura com escritórios e um bem-equipado estúdio de ensaio e gravação. No local, a comunidade de loucos passa o dia fumando, bebendo e cheirando. E tocando, tocando muito. Mas um vizinho, incomodado com a farra, denuncia a casa.

Quando os policiais chegam, encontram quase dez pés de maconha plantados no quintal. Assim, todos os moradores vão para a delegacia, inclusive Cássia, que discute com as autoridades, turbinada por calmantes e cerveja. As coisas só não pioram porque Eugênia, em passagem pela cidade, consegue controlar os ânimos da mulher.

No começo de 1992, pouco antes de completar 30 anos, Cássia grava *Marginal*. Nesse segundo disco, destacam-se composições de Luiz Melodia, Itamar Assumpção, Rita Lee e Jimi Hendrix. Ela também participa do Free Jazz Festival, ao lado do guitarrista argentino-carioca Victor Biglione. A parceria com Biglione, em repertório basicamente de blues, prossegue com shows no Circo Voador, e um disco ao vivo é registrado, sem, porém, nunca ter sido lançado.

No entanto, pouco tempo após ser aberta, a Eller's Produções já apresenta os primeiros sinais de falência. Os moradores se desentendem, as finanças vão de mal a pior e a artista, descontente com o tio, abusa cada vez mais das drogas. A crise atinge o limite quando, em Brasília, onde estava para fazer um grande show, Cássia é proibida por Wanderson de dar uma canja no Bom Demais, onde tocou no início da carreira. Então, tomada de coragem, a cantora encerra a parceria e contrata Rafael Borges, empresário da Legião Urbana, para cuidar de sua carreira.

* * *

Nesse mesmo ano, em Salvador, surge um clima entre Cássia e Tavinho Fialho, um dos músicos de sua banda. O resultado do flerte com o baixista, que anteriormente tinha tocado nos grupos de Arrigo Barnabé e Caetano Veloso, é uma gravidez inesperada. Cássia, com 30 anos na época, vira um poço de felicidade e fertilidade. Ao lado de Eugênia, a cantora fica radiante com a chegada do filho, preferindo não obrigar Tavinho, casado e com uma família própria, a participar do nascimento. Inspirado pela gravidez de Cássia, Renato Russo compõe "1o de julho" especialmente para ela.

Antes de o filho nascer, Tavinho morre num acidente de carro. Já aos oito meses de gravidez, a bolsa de Cássia se rompe e, em 28 de agosto de 1993, nasce Francisco Ribeiro Eller, o Chicão. Sem verba e sem plano de saúde, o parto acaba sendo bancado pela gravadora. Cássia, então, registra o filho sozinha e omite o nome do pai. Depois, amamenta Chicão até os três anos, tempo em que se afasta das drogas, do cigarro e da bebida. Agora, como mãe, volta a ser criança – cai do skate, joga video game, vai à praia e dá as broncas

mais pesadas. Naquele momento, Eugênia abandona as viagens com a banda para ficar em casa cuidando do menino, e Cássia lança o terceiro disco, *Cássia Eller*.

Em 1994, sob a batuta de Rafael Borges, suas vendas ultrapassam a marca de 100 mil cópias. E, numa ida aos escritórios da gravadora, Cássia acaba conhecendo Marcos Maynard, o presidente todo-poderoso. Os dois passam um tempo sentados no chão de uma sala de espera conversando informalmente e, nesse encontro, Maynard convence Cássia a tentar um disco mais pop, com músicas que tenham perfil para tocar maciçamente no rádio. O presidente também sugere outro poderoso, Guto Graça Mello, para a produção das faixas. Assim, Cássia percebe, pela primeira vez, uma estrutura maior sendo investida em seu talento.

Maynard também faz a ponte entre Cássia e João Araújo, pai de Cazuza. Em seguida, Ezequiel Neves vasculha os arquivos do Exagerado atrás de uma canção inédita, e encontra "Malandragem", que Cazuza tinha escrito com Frejat pensando em Angela Rô Rô. Ainda nesse momento, Cássia grava, pela primeira vez, uma composição daquele que será seu grande amigo, Nando Reis. Trata-se de "ECT", composta em parceria com Marisa Monte e Carlinhos Brown. As sessões acontecem no estúdio Nas Nuvens, de Liminha, então um dos melhores do Rio. E o disco leva apenas um mês para ficar pronto, prazo que Cássia considera apertado demais, mas que condiz com o ritmo industrial imposto por Guto Graça Mello.

Por fim, o álbum vende 160 mil cópias e garante o primeiro Disco de Ouro de sua carreira. Finalmente Cássia começa a tocar para valer nas rádios do país. Mas, insatisfeita com a banda e com o tom profissional imprimido por Rafael Borges, decide não investir na turnê, passando a se dedicar ao seu projeto autoral *Violões*, que lhe trará alegrias e realização profissional.

A parceria entre Cássia e Rafael Borges começa a apresentar os primeiros sinais de tensão quando o empresário planeja uma estrutura de estrela, mas ela, ainda abalada pelo recente naufrágio da Eller's Produções, insiste em uma logística mais próxima do *underground*. Para dificultar ainda mais os planos do empresário, Cássia está em dúvida, indecisa entre a carreira artística e a maternidade. Assim, por um lado, Rafael espera que ela se comporte mais como a grande estrela da MPB, cercada de seguranças e atendendo somente a shows com estrutura condizente ao peso do seu nome. Mas, por outro lado, Cássia prefere farrear com a banda, fazer concertos intimistas de voz e violão em palcos menores, além de abusar das drogas, sem pensar nas consequências

para sua imagem.

Fato é que a gravadora não se mostra nada disposta a investir em *Violões*. A companhia espera que, antes, Cássia trabalhe o disco recém-lançado, com potencial para vender mais, só que ela, inquieta, cai na estrada, acompanhada dos violonistas Serginho Serra, Walter Villaça e Luciano Maurício, dando início ao projeto em que acredita e lhe dá mais tesão. O show traz um repertório parecido com o do disco, mas deixa de fora músicas que haviam sido impostas pela gravadora, como é o caso de "Partners", dos RPMs Paulo Ricardo, Luiz Schiavon e Paulo Pagni. Por outro lado, dois poderosos acréscimos são "Eu sou neguinha", de Caetano Veloso, e "Nenhum Roberto", de Nando Reis.

Assim, a turnê de *Violões* é sucesso imediato. Em São Paulo, lota o Palace, e no Rio, o Canecão. A gravadora, entusiasmada com a ousadia de Cássia, que peita a empreitada sem o apoio de ninguém, lança o disco com a versão do show ao vivo. E o sonho se realiza: nada feliz com praticamente todas as suas gravações em estúdio, a cantora, enfim, consegue fazer o tão sonhado registro de suas apresentações viscerais. No final é um sucesso: vende 180 mil cópias e toca muito nas rádios, enquanto prossegue lotando as maiores casas de show do país.

* * *

Em 1996, o empresário de Cássia, Rafael Borges, está abalado com a morte de Renato Russo, artista com quem trabalhou por muitos anos. E, aproveitando que Cássia está com todo o gás para começar um novo projeto, apresenta a ela Waly Salomão, responsável pela produção de discos clássicos, como *Fa-tal*, *Gal a todo vapor*, de Gal Costa, parceiro de Caetano e Macalé, gravado por Bethânia e incensado pela *inteligentsia* musical. No entanto, quando conhece Waly, Cássia se assusta. A dimensão do poeta parece grande demais para ela. Ele, bastante sensível, logo percebe que Cássia é o tipo de artista que só sabe fazer o que tem vontade. Pouco a pouco, deixa a produção a cargo da cantora e da banda, permitindo que tomem as rédeas do projeto. Por fim, Cássia e Waly decidem fazer um disco inteiro com canções de Cazuza, *Veneno antimonotonia*.

Contudo, quando volta de seu retiro após a morte de Renato Russo, Rafael Borges se decepciona. O disco, que deveria trazer clássicos da MPB e canções inéditas, tomou outro rumo. O empresário se sente desestimulado e se afasta da cantora sem guardar mágoas. Em *Veneno antimonotonia*, Cássia passa máquina nos cabelos e assume um visual punk. Além disso, a capa e o encarte trazem a

cantora vestindo roupas de homem. O disco também tem uma batida pesada, o que desagrada a gravadora. Mas Cássia está satisfeita. Pela primeira vez, consegue imprimir um jeito próprio a uma produção feita em estúdio. E, no fim, apesar de não vender tanto quanto o disco anterior, os números de *Veneno antimonotonia* não decepcionam.

Após o lançamento, Ezequiel Neves assina um *release* absolutamente insano e apaixonado. O parceiro de Cazuza vibra com a homenagem póstuma e com a nova roupagem dada aos clássicos, alguns dos quais ele mesmo ajudou a criar. Zeca afirma que Cássia é seu primeiro e único marido em 62 anos: "E, ainda por cima, (sempre) vulcanizou obras do meu mais querido neto, Cazuza. (…) Isto não é um CD, e sim o mais puro ESCÂNDALO. Se você não gostar, é porque não está com nada."

Depois disso, a parceria com Waly Salomão se estreita ainda mais, e ele dirige também a turnê que resultaria no disco *Veneno vivo*. O poeta consegue imprimir sua marca ao show, realizando façanhas antes impensáveis em se tratando de Cássia Eller. Por exemplo, convence a tímida cantora a usar maquiagem pesada no rosto, bem como a dirige em marcas precisas e teatrais que serão cumpridas religiosamente. Waly ainda insiste que Cássia recite trechos dos diários de Cazuza, costurando as canções do roteiro. O fato é que a experiência acumulada nos tempos de teatro em Brasília fornecem a técnica necessária para Cássia executar com maestria o performático espetáculo. Por fim, a crítica aplaude o amadurecimento da cantora, e o público vem abaixo. E, além das canções de Cazuza gravadas no disco, há, entre outras, "Todas as mulheres do mundo", de Rita Lee, "Angel", de Jimi Hendrix, "All along the watch tower", de Bob Dylan, "Black dog", do Led Zeppelin, e "Farrapo humano", de Luiz Melodia.

Em 1998, Cássia é convidada por Rita Lee a participar de seu *Acústico MTV*, com quem canta "Luz del fuego". No mesmo ano, é chamada para fazer os shows de abertura da turnê brasileira dos Rolling Stones. Ela aceita. Depois de Cássia, Bob Dylan sobe ao palco e, na sequência, os ingleses. Melhor, impossível. E, com o prestígio em alta, pode finalmente pedir o que merece no momento de renovar o contrato com a Universal. Diante disso, Eugênia exige que o adiantamento seja investido na compra de uma casa, pois pretende evitar futuros contratempos e garantir ao filho Chicão uma estrutura mínima, caso Cássia queira, ou seja obrigada, a se afastar dos palcos. Assim, Eugênia escolhe e compra uma cobertura em Laranjeiras, onde montam um estúdio com isolamento acústico no segundo andar.

Nesse momento, o novo empresário de Cássia é Leonardo Netto, que, na época, também gerencia as carreiras de Marisa Monte, Rita Lee, Adriana Calcanhotto e, na TV, de Regina Casé. Da mesma forma que os outros empresários da artista, ele deseja transformar Cássia numa *popstar* ainda maior. E ela avança com aquele que será o grande disco de sua carreira, o primeiro apenas com canções inéditas, como há tempos os executivos da gravadora já esperavam e pediam: *Com você... meu mundo ficaria completo*. A produção é assinada por Nando Reis, um dos autores do repertório, ao lado de Gilberto Gil, Caetano Veloso, Marisa Monte, Luiz Melodia, entre outros. Em "Pedra gigante", de Gil e Bené Fonteles, Cássia canta um belíssimo dueto com a mãe, dona Nanci. Depois de lançado, as rádios não param de tocar suas músicas, que ainda emplacam nas novelas. Essa é a primeira vez que Cássia se permite cantar de forma suave em todo o disco. Na capa, também surge sensual, vestindo apenas calcinha e camiseta, além de um aplique feito de longas madeixas.

Com você… vende 110 mil cópias. O carro-chefe é "O segundo sol", que Nando vinha reservando para o seu disco de inéditas, e que Cássia, como ela mesma declararia, roubou do compositor. Na época, no caderno do rapaz, as letras são escritas em duas cores, azul e laranja – as que estão em tinta azul fazem referência à cor dos cabelos de Cássia, e servem à voz da cantora; já os versos em laranja remetem aos cabelos de Nando, pensados para a voz masculina. Assim, entre os amigos, a dupla Cássia e Nando passa a ser conhecida como Azulão e Laranjinha.

Pensando na amiga, Nando escreve a sua mais rasgada declaração de amor, "All Star", que Cássia chegou a gravar, mas que só veio a público no seu disco póstumo, *10 de dezembro*. Na imprensa, correm rumores de que ela espera o segundo filho. E quem seria o pai? Nando Reis. Cássia conta, inclusive, que chegou a Nando por sugestão de Chicão. Uma curiosidade é que, certo dia, o filho teria dito que a mãe não era cantora, pois "cantora de verdade era a Marisa Monte". O encontro com Nando, antigo parceiro de Marisa, revela o desejo de Cássia de, cada vez mais, ser uma "cantora de verdade", como pede o filho.

A turnê de lançamento do novo álbum é gerenciada por Leonardo Netto. No palco, a doçura e a leveza recém-conquistadas se misturam com a habitual agressividade. Também entram no repertório "Corpo de lama", de Chico Science e, a pedido do filho, "Smells like teen spirit", do Nirvana – sucesso absoluto. A hora é de Cássia, que está em todas. Vestindo roupas masculinas e

femininas, participa de um desfile de moda no Rio. Canta em cima de trios elétricos no Carnaval de Salvador. A pedido de Jorge Furtado, ainda grava a canção “Nasci pra sonhar”, versão que Erasmo Carlos fez para “Born to cry”, da trilha do filme *Houve uma vez dois verões*. E, além disso tudo, a cantora acha tempo para exercer sua rebeldia – reclama de figurinos, rasga cenários e, volta e meia, marca showzinhos em bares de praia, por conta própria.

* * *

Em 2001, Cássia está calma. Ou busca estar. Entre os amigos, corre um pacto para evitar as drogas e o álcool. Por conta própria, decide procurar um tratamento clínico, pois, tomada por uma providencial lucidez, percebe que está arruinando a própria vida. Nessa época, chega a declarar para uma importante revista que chegou a ficar tão fora de si, que esqueceu o absorvente “lá dentro” por vinte dias, e só descobriu quando, já com fortes dores, foi procurar um médico.

Em 13 de janeiro de 2001, Cássia Eller vive a apoteose de sua carreira. É a sua consagração popular. No Rock in Rio 3, divide o palco, pela primeira vez, com o filho Chicão, de sete anos, que toca bateria. Ali, mostra os seios, coça o saco e cospe no chão. O público vem abaixo e a Rede Globo explora sua imagem à exaustão. Mesmo com problemas de som, segura o show até o fim. E, na mesma noite, invade o palco dos Foo Fighters para beijar Dave Grohl na boca. Depois, na coletiva de imprensa, reclama da produção do evento. Seus gastos para reunir todos os músicos foram maiores do que o cachê recebido, mas, ainda assim, o Rock in Rio é seu maior show, seu maior público e sua maior realização pessoal.

Anna Butler, executiva da MTV e grande amiga de Nando Reis, fica encantada com o disco *Com você... meu mundo ficaria completo*, e passa a alimentar o desejo de ter Cássia à frente de um dos mais bem-sucedidos projetos da emissora, o cobiçado *Acústico MTV*. Com o contrato acertado, a cantora, Nando – também produtor do projeto – e a banda passam 21 dias isolados ensaiando em Teresópolis. Na serra fluminense, até o consumo de cerveja é proibido. Todos precisam que Cássia esteja limpa. Principalmente ela, que segue à risca a orientação. A gravação é impecável, num roteiro aberto pela clássica “Non, je ne regrette rien”, imortalizada na voz de Edith Piaf. Finalmente no topo, o disco vende como água. A partir daí, Cássia cumpre a mais intensa agenda desde o começo de sua carreira.

Nessa época, começa também a namorar Lan Lan. A percussionista da banda

é apresentada como “a minha mina”, enquanto Eugênia era “a minha patroa”. Cássia vive publicamente um casamento mais do que aberto e, mesmo envolvida com duas mulheres, não deixa de flertar com outras garotas. Nesse período, concede uma entrevista para a revista *Marie Claire* que postumamente será usada como prova de seu desejo. Na reportagem, declara que é de Eugênia a guarda definitiva de Chicão, bem como de todo o seu patrimônio. Sem saber que, poucos meses depois, estaria morta, Cássia afirma categoricamente que Eugênia é a sua família.

Por outro lado, a cantora está confusa com o sucesso financeiro, experimentado pela primeira vez após anos de estrada. Sente-se culpada em meio a tantos amigos e familiares que passam por necessidades. Assim, preocupada em não se tornar escrava do dinheiro, leva uma vida austera, chegando a privar o filho de grandes luxos e mimos. No entanto, apesar da tensão, Cássia está aliviada. Sabe que sua carreira, com tantos altos e baixos, com tantas complicações, apesar de toda a sua timidez, ainda assim deu certo. Ao mesmo tempo, teme que a falta de planejamento a faça perder tudo outra vez.

Mais para a frente, no fim de 2001, contabiliza a impressionante marca de quase 110 shows num único ano. O Réveillon ainda guarda uma grande responsabilidade: comandar um show nas areias da Barra da Tijuca. Depois disso, planeja descansar e só retomar os compromissos em fevereiro, quando viajará para a Espanha e, provavelmente, para o Festival de Jazz de Montreux, palco que, desde meados dos anos 1970, serve de trampolim para a carreira de muitos artistas brasileiros na Europa. Antes das festas, Cássia ainda viaja à Brasília, onde se hospeda na casa dos cunhados, com Eugênia e Chicão. Já na noite de 24 de dezembro, não se sente bem, irritando-se com as formalidades que a data exige. É o fim do melhor ano da sua carreira e, apesar de exausta, sente-se realizada. Deu certo.

Na tarde do dia 25, vai sozinha ao aeroporto na tentativa de comprar passagens para a mãe e a irmã. Uma multidão de fãs a reconhece. Sem saber como agir, Cássia concorda em atender a todos. Quando retorna para casa, Eugênia se estressa, pois a mulher usou o cartão errado para efetuar a compra. Mas, apesar de estarem juntas há catorze anos, aquele tipo de tratamento não é comum no casal. Na sequência, Cássia se torna ríspida, tratando mal a família de Eugênia. Transtornada, bebe cerveja e, ao ficar alcoolizada, as coisas só pioram. Cássia, subitamente, é tomada por um ataque de fúria. Eugênia, sem saber como acalmar a mulher, cogita interná-la numa clínica, mas teme que,

assim, Cássia seja obrigada a cancelar o show de Ano-Novo. Tendo um ataque de nervos, a cantora se mutila, bate a cabeça na parede e não aceita qualquer aproximação. Por fim, Eugênia consegue administrar uma dose de um poderoso remédio à mulher, que apaga. Pelo corpo, pelos braços e pela cabeça ficam as marcas do descontrole, hematomas que Cássia irá esconder com um gorro e mangas compridas.

Muito envergonhada do ocorrido, a estrela toma um avião de Brasília para o Rio no dia 26 de dezembro. Eugênia fica impressionada com o estado de Cássia, beirando uma estranha ausência, quase catatônica. Eugênia pede que o empresário receba a cantora no Rio e não a deixe sozinha de forma alguma. Em seguida, Lan Lan a encontra no aeroporto. Cássia pretende ficar hospedada na casa da namorada na cidade.

O dia seguinte é dedicado aos ensaios, que transcorrem sem maiores problemas. No fim dos trabalhos, Cássia dispensa Lan Lan e vai sozinha para casa. Ali, ela pede pizza e muitas latas de cerveja. É tudo o que Eugênia mais teme e, assim, passa a acompanhar o estado de Cássia a distância, telefonando de hora em hora para saber se tudo está sob controle. Por fim, em 29 de dezembro, tomada por um ataque de fúria, a cantora destrói todos os telefones da casa, quebrando-os na parede. Na manhã seguinte, Lan Lan e Thamyma Brasil, também percussionista da banda, chegam ao apartamento e encontram a cantora transtornada. A fim de acalmar a namorada, Lan Lan leva Cássia para passear na orla e tomar água de coco. Antes de sair, telefona para Eugênia, que insiste para que Cássia não seja deixada sozinha de forma alguma. As duas retornam ao apartamento após o passeio e voltam a sair de casa pouco depois das dez da manhã.

Incapazes de acalmar a amiga, Thamyma e Lan Lan levam Cássia à Clínica Santa Maria. Ao chegar ao local, a cantora foge para a rua. Desnorteada e chamando a atenção dos transeuntes, ela chora muito. Mas um dos médicos consegue convencê-la a voltar à clínica, onde é internada ao meio-dia. Como Cássia havia ingerido álcool, preferem não administrar calmante algum, apenas soro fisiológico e Plasil. Uma hora depois, a cantora tem a primeira parada cardiorrespiratória. Então, é reanimada e internada na unidade coronariana e, em seguida, vai para o CTI, onde sofre uma segunda parada. No final do dia, a equipe médica diagnostica uma isquemia, entupimento de artéria, na mão e antebraço esquerdos. Depois das seis horas da tarde, tem mais duas paradas cardíacas.

Ao fim daquele 29 de dezembro de 2001, com 39 anos recém-completos, a

voz de Cássia Eller silencia para sempre. O Brasil fica mais triste. A MPB perde grande parte de sua loucura e poesia. Restam os discos, as gravações de seus shows, as poucas entrevistas concedidas e um vazio eterno nos palcos por onde passou. Por onde nunca mais passará.

AGRADECIMENTOS

Anor Antônio Caneppele, Antônio Carlos Miguel, Dan Nakagawa, Fernando Ramos, Francieli Spohr, Kati Pinto, Katia Suman, Luis Augusto Fischer, Luiz Fernando Borges, Maria João Costa, Marlene Wommer Caneppele, Martha Ribas, Matheus Oliveira Machado, Nicole Caneppele, Nanni Rios, Nelson Motta, Nora Goulart, Palavraria, Paulo Dalpian, Sarah Oliveira, Tuane Eggers e funcionários da Biblioteca Univates.

BIBLIOGRAFIA

CASTRO, Ruy. *Carmen:* uma biografia. A vida de Carmen Miranda, a brasileira mais famosa do século XX. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

BELO, Eduardo; LANDI, Ana Claudia. *Cássia Eller*: apenas uma garotinha – A história de Cássia Eller. São Paulo: Planeta, 2005.

ARAÚJO, Lucinha. *Cazuza - Só as mães são felizes*. Rio de Janeiro: Globo, 2004.

DUARTE, Ana; RIBEIRO, Pery. *Minhas duas estrelas*: uma vida com meus pais Dalva de Oliveira e Herivelto Martins. Rio de Janeiro: Globo, 2006.

BARROSO, Júlio. *A vida sexual do selvagem*. Rio de Janeiro: Siciliano, 1991.

GIRON, Luís Antônio. *Mario Reis*: O fino do samba. São Paulo: Editora 34, 2001.

LOGULLO, Eduardo. *Maysa*: Meu mundo caiu. São Paulo: Novo Século, 2007.

NOVAES, José. *Nelson Cavaquinho:* Luto e melancolia na música popular brasileira. Rio de Janeiro: Intertexto, 1999.

LEITÃO, Luiz Ricardo. *Noel Rosa*: Poeta da Vila, cronista do Brasil. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

AGUIAR, Jorge. *Nada além*: A vida de Orlando Silva. Rio de Janeiro: Globo, 1995.

MOREIRA, Rodrigo. *Eu quero é botar meu bloco na rua!* – a biografia de Sérgio Sampaio. Niterói: Muiraquitã, 2000.

MOTTA, Nelson. *Vale tudo:* O som e a fúria de Tim Maia. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

CASTELLO, José. *Vinicius*: o poeta da paixão. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

RICARDO, Alexandre. *Nem vem que não tem* – A vida e o veneno de Wilson Simonal. Rio de Janeiro: Globo, 2009.

Índice

CAPA
Ficha Técnica
SEXO, DROGAS, MPB E ILUMINAÇÕES
APRESENTAÇÃO
CARMEN MIRANDA
NOEL ROSA
MARIO REIS
ORLANDO SILVA
DALVA DE OLIVEIRA
NELSON CAVAQUINHO
VINICIUS DE MORAES
MAYSA
WILSON SIMONAL
TIM MAIA
RAUL SEIXAS
SÉRGIO SAMPAIO
ITAMAR ASSUMPÇÃO
JÚLIO BARROSO
CAZUZA
RENATO RUSSO
CÁSSIA ELLER
AGRADECIMENTOS
BIBLIOGRAFIA